



AS PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS DA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DE PROFESSORAS DA ESCOLA DOMINICAL DA IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL - (1970-2000)

Karen Laiz Krause Romig



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação



Tese de Doutorado

**AS PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS DA FORMAÇÃO E DA ATUAÇÃO DE
PROFESSORAS DA ESCOLA DOMINICAL DA IGREJA EVANGÉLICA
LUTERANA DO BRASIL (1970-2000)**

Karen Laiz Krause Romig

Pelotas, 2025

KAREN LAIZ KRAUSE ROMIG

**AS PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS DA FORMAÇÃO E DA ATUAÇÃO DE
PROFESSORAS DA ESCOLA DOMINICAL DA IGREJA EVANGÉLICA
LUTERANA DO BRASIL (1970-2000)**

Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação. Área de conhecimento: História da Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Patrícia Weiduschadt

Pelotas, 2025

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.”

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

R765p Romig, Karen Laiz Krause

As perspectivas pedagógicas da formação e da atuação de professoras da Escola Dominical Da Igreja Evangélica Luterana Do Brasil (1970-2000) [recurso eletrônico] / Karen Laiz Krause Romig ; Patrícia Weiduschadt, orientadora. — Pelotas, 2025.
309 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2025.

1. Escola Dominical. 2. Luteranismo. 3. Professoras. 4. Mulheres na IELB. 5. Habitus luterano. I. Weiduschadt, Patrícia, orient. II. Título.

CDD 371.1

Elaborada por Dafne Silva de Freitas CRB: 10/2175

Karen Laiz Krause Romig

AS PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS DA FORMAÇÃO E DA ATUAÇÃO DE
PROFESSORAS DA ESCOLA DOMINICAL DA IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA
DO BRASIL (1970-2000)

Tese aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 25 de julho de 2025.

Banca examinadora:

Prof. Dr^a Patrícia Weiduschadt (Orientadora)

Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Prof. Dr^a Terciane Ângela Luchese

Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Prof. Dr^a Marta Nörnberg

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof. Dr^a Vania Grim Thies

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas.

Prof. Dr^a Giana Lange do Amaral

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof. Dr. Elomar Antonio Callegaro Tambara

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Dedico esta Tese para minha mãe, Carla Fernanda Krause Romig, mulher trabalhadora e humilde. Ela não pôde realizar seu sonho de seguir estudando, mas é com o apoio e o incentivo dela que me torno Doutora em Educação. Esse trabalho também é dedicado a todas as mulheres professoras, que pelo ser e ensinar transformam o mundo.

Agradecimentos

No ano de 2004, quando entrei pela primeira vez em uma sala de aula, como estudante da 1ª série de uma escola multisseriada no interior de Canguçu-RS, iniciou-se uma longa jornada. Desde então se passaram 21 anos de estudos ininterruptos. Pouco mais de duas décadas de leituras, buscas, pesquisas, experiências e inquietações que me levaram até este momento. Quando entrei no mundo dos estudos não consegui mais parar, e cá estou, concluindo o Doutorado em Educação. Seria este o fim de uma longa jornada? Não! Com certeza a conclusão de um doutoramento é também a oportunidade de seguir novos caminhos, sonhos, perspectivas e escolhas que estão por vir.

Estes agradecimentos não são apenas sobre a tese, mas sobre uma vida, em que não estamos só, mas rodeados de afetos que nos consolam e nos impulsionam. Ao realizar o sonho de me tornar Doutora em Educação, tenho a total convicção de que isto não seria possível sem a ajuda de muitas pessoas que caminharam comigo.

Primeiramente, agradeço a Deus por guiar meu caminho e me proteger na caminhada. A fé é o combustível da vida.

Agradeço do fundo do meu coração à minha querida orientadora, Dra Patrícia Weiduschadt. Uma pessoa humilde, carinhosa, amiga e humana, todos estes anos de pesquisa e estudos sempre foram tão leves ao lado dela. À Patrícia, eu dedico uma gratidão sem fim, pois foi pela ajuda dela que eu acessei espaços e realizei sonhos que um dia foram inimagináveis. Nem todas as gestos e palavras do mundo seriam capazes de conseguir retribuir tudo o que ela fez por mim, abrindo portas no mundo profissional e também da sua casa em um momento que muito precisei. Gratidão pela amizade e pela orientação impecável.

Também trago um agradecimento especial para a minha família, minha base, por sempre me apoiarem e estarem junto de mim.

Agradeço à minha mãe, Carla Fernanda, que é minha melhor amiga, conselheira e me incentiva em todos os meus sonhos e se orgulha com cada conquista. Eu prometi a ela que todas as minhas conquistas seriam por ela, para que por meio dos estudos eu pudesse alcançar uma vida melhor.

Agradeço ao meu pai, Ildomar, por me apoiar e incentivar. Agradeço aos meus queridos avós, Ivo e Inalda, por sempre se preocuparem comigo. Sem nem

saber o que eu tanto estudava, sempre me ajudaram em tudo que fosse possível. Agradeço também ao meu irmão, Igor, pelo apoio.

Agradeço ao meu marido Jeniel, pelo amor e paciência em meus momentos de ausência. Obrigada por ser meu companheiro de longa data e por me incentivar nos momentos em que eu precisei.

Aos professores da banca, professoras Giana, Marta, Terciane, Vânia, e ao professor Elomar, agradeço pela leitura atenta e pelas contribuições tão necessárias para a pesquisa.

Ainda, meu agradecimento muito especial para as pessoas que participaram desta pesquisa, a contribuição de todos foi muito importante. Silvana, Loni, Hedi, Gessi, Ângela, Célia, Marilanda, Maria e Elmer, vocês são os protagonistas desta tese.

Agradeço, também, a Loni e Herbert Weiduschadt, pela doação de material para a pesquisa, por abrirem a porta de sua casa para que eu pudesse observar muitos materiais e me aventurar sobre os escritos da Escola Dominical.

Aos entrevistados Hedi, Maria e Elmer, pela doação e empréstimo de materiais que foram muito úteis para a pesquisa.

Ao Instituto Histórico da IELB, em especial à pessoa de Paulo Udo Kunstmann (*em memória*), pelo esclarecimento das dúvidas e pela recepção afetuosa.

Agradeço ao grupo CEIHE da UFPel e ao grupo de orientação da Professora Dra Patrícia Weiduschadt, pelas boas reuniões, conversas, contribuições e pelas amizades que lá firmei. Não citarei nomes para evitar equívocos, mas cada um sabe de suas contribuições e apoio. Alguns colegas me acompanharam em eventos, apresentações de trabalho e viagens, e muito conversamos sobre angústias e expectativas em relação às nossas pesquisas.

A todos os meus amigos e colegas que auxiliaram direta e indiretamente para a realização desta pesquisa

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPel, seus professores e funcionários, pela dedicação e atenção.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pelo apoio financeiro para a realização dessa pesquisa.

A palavra é Gratidão!

“O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim, terás o que colher”.

Cora Carolina

RESUMO

ROMIG, Karen Laiz Krause. **As Perspectivas Pedagógicas da Formação e da Atuação de Professoras da Escola Dominical da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (1970-2000)**. 2025. 309f. Tese de Doutorado – Doutorado em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2025.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender as perspectivas da formação e da atuação de professoras na IELB (Igreja Evangélica Luterana do Brasil) no período entre as décadas de 1970-2000. Logo, percebe-se que essa formação foi direcionada para o público feminino, proporcionando às mulheres um espaço de visibilidade dentro da igreja e da sociedade da época. A pesquisa se consolida no âmbito do estado do Rio Grande Sul, especificamente na região sul do estado, um contexto demarcado pela presença de descendentes pomeranos e praticantes da religião luterana, grupo que historicamente constituiu sua própria organização comunitária escolar. Nas proximidades da década de 1970, muitas escolas paroquiais tiveram suas atividades encerradas, e a partir de então a Igreja passa a organizar uma nova estratégia para manter as crianças próximas dos ensinamentos religiosos, fortalecendo assim a prática da Escola Dominical. Os conceitos que circundam a tese são: o papel das mulheres na Igreja, o processo de formação pedagógica e religiosa e a consequente constituição de um campo religioso e um *habitus* luterano que estabeleceu uma conduta que determinava a atuação das mulheres e a consequente formação dos fiéis envolvidos na Escola Dominical. Foram realizadas entrevistas de história oral com nove pessoas, no intuito de conhecer o contexto de formação de professoras da Escola Dominical. Além disso, foi feita uma análise documental de materiais produzidos pela IELB e pelas próprias professoras e formadoras. Pela estrutura administrativa da Igreja, foram pensados cursos para docentes e houve a produção e disponibilização de materiais para os alunos e professores. As mulheres assumiram tal posto na Igreja da IELB, pois a Escola Dominical visava estabelecer um vínculo entre igreja e comunidade infantil, mas ao mesmo tempo a Escola Dominical era também uma ação missionária com o objetivo de buscar e manter adeptos. A IELB tinha uma orientação teológica a ser seguida, mas as professoras estavam também preocupadas com o seu fazer pedagógico, em tornar suas aulas lúdicas e atrativas, e para isso tomaram de empréstimo elementos da cultura escolar da escola regular e utilizaram de influências pedagógicas que circulavam no Brasil na época. A IELB não seguia abertamente uma corrente pedagógica definida, mas as professoras, ao pensarem as aulas, construíam artefatos pedagógicos e adotaram uma prática lúdica e reflexiva com seus alunos, tornavam a Escola Dominical além de religioso, um momento pedagógico. Foi por meio da atuação das mulheres na Escola Dominical que as ideias pedagógicas adentraram a Igreja.

Palavras-Chave: Escola Dominical; Luteranismo; Professoras; Mulheres na IELB; *habitus* luterano.

ABSTRACT

ROMIG, Karen Laiz Krause. **Pedagogical Perspectives on the Training and Performance of Sunday School Teachers of the Evangelical Lutheran Church of Brazil (1970-2000)**. 2025. 309f. Thesis (Ph.D. in Education) - Postgraduate Program in Education, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2025.

The general objective of this research is to understand the perspectives on the training and performance of female teachers in the IELB (Evangelical Lutheran Church of Brazil) in the period between the decades of 1970-2000. It becomes clear that this training was directed toward women, providing them with a space of visibility within both the church and society of that time. The research is set in the state of Rio Grande do Sul, specifically in the southern region, a context marked by the presence of Pomeranian descendants and Lutheran practitioners a group that historically built its own community-based school organization. Around the 1970s, many parochial schools ceased their activities, and from then on, the Church began to organize a new strategy to keep children close to religious teachings, thereby strengthening the practice of Sunday School. The concepts that underpin the thesis are: the role of women in the Church, the process of pedagogical and religious training, and the consequent formation of a religious field and a Lutheran habitus that established a conduct regulating the role of women and the consequent education of the faithful involved in Sunday School. Oral history interviews were conducted with nine people to learn about the training context of Sunday School teachers. In addition, a documentary analysis was carried out on materials produced by the IELB and by the teachers and trainers themselves. Due to the administrative structure of the Church, teacher training courses were designed, and teaching materials were produced and made available to both students and teachers. Women assumed this position in the IELB because Sunday School aimed to establish a link between the church and the children's community, while also serving as a missionary action with the goal of attracting and retaining members. Although the IELB had a theological orientation to be followed, teachers were also concerned with their pedagogical practice, making their classes playful and engaging. For this purpose, they borrowed elements from the school culture of regular schools and drew on pedagogical influences circulating in Brazil at the time. The IELB did not openly follow a specific pedagogical trend, but when teachers designed lessons, created pedagogical artifacts, and adopted playful and reflective practices with their students, they transformed Sunday School into not only a religious but also a pedagogical moment. It was through the work of women in Sunday School that pedagogical ideas entered the Church.

Keywords: Sunday School; Lutheranism; Teachers; Women in the IELB; Lutheran habitus.

Lista de Figuras

Figura 1 - Lembrança das aulas Escola Dominical.....	26
Figura 2 – Registro da visita ao Instituto Histórico da IELB.....	40
Figura 3 – Mapa da Localização dos entrevistados da Pesquisa.....	47
Figura 4 – Esquema que representa os conceitos norteadores da pesquisa	52
Figura 5 - Grupo de formandos de professores de Escola Dominical, em uma comunidade na cidade de Curitiba, PR	56
Figura 6 – Revista da Escola Dominical. Orientações para professores	67
Figura 7 – Representação da Hierarquia da Escola Dominical da IELB.....	68
Figura 8 – Identificação da Campanha “Apascenta meus cordeirinhos”	87
Figura 9 – Notícias da 11ª Convenção Mundial das Escolas Dominicais de 1932. ..	95
Figura 10 – Descrições para o professor de Escola Dominical. Livro - Igreja Cristã.	98
Figura 11 – Definição do que é Escola Dominical, do material “Como ensiná-los - Manual para Escola Dominical” - Silvana Lehenbauer, 1986.	101
Figura 12 – Objetivos da Escola Dominical, do material “Como ensiná-los - Manual para Escola Dominical” Silvana Lehenbauer., 1986	102
Figura 13 - Elementos da organização geral da Escola Dominical. “Como ensiná-los do Manual para Escola Dominical” Silvana Lehenbauer, 1986.	103
Figura 14 – Definição de Escola Dominical – Material destinado aos professores, 1979.	104
Figura 15 - Publicação que trata sobre a substituição da escola paroquial pela escola dominical	107
Figura 16 – Atual símbolo da Escola Dominical da IELB.....	109
Figura 17 – Capas de materiais didáticos publicados pela Concórdia Publish House.	110
Figura 18 – Localização Alemanha, EUA, Rio Grande do Sul.....	111
Figura 19 – A abordagem cognitiva de Piaget e o Ensino Religioso. “O Jornalzinho” – Ano 12. 2º e 3º trimestre, 1996.....	121
Figura 20 – O método Paulo Freire no ensino religioso. “O Jornalzinho” – Ano 11. 2º trimestre, 1995.....	128

Figura 21 – A pedagogia Não-diretiva de Carl Rogers – “O Jornalzinho”, Ano 12. 1º trimestre, 1996.....	130
Figura 22 - Dicas de Reuniões que podem ser planejadas para o desenvolvimento da Escola Dominical.	137
Figura 23 – Esquema dos três grupos que fazem parte da consolidação da Formação Docente da Escola Dominical.....	139
Figura 24 – Coleção – “O professor em Ação”.	142
Figura 25 – Algumas capas do livro Com Jesus.....	144
Figura 26 - Evolução histórica das capas dos materiais utilizados na Escola Dominical da IELB.	145
Figura 27 – “Mensageiro das Crianças” - Suplemento do Mensageiro Luterano destinado à Escola Dominical. Edição Nº 1 - Janeiro de 1973.	147
Figura 28 – “Mensageiro Infantil” – “O Mensageiro Luterano”, julho de 1987.	148
Figura 29 – Livro “O Bom Professor: Curso de treinamento para professores da Escola Dominical”, de 1989.	150
Figura 30 – Faixas etárias e características dos alunos da Escola Dominical.....	151
Figura 31 – Cadernos das aulas da Escola Dominical.	153
Figura 32 – Caderno de anotações da Escola Dominical, Comunidade São João de Bom Jesus, 1987.....	154
Figura 33 – Capas de dois exemplares d’o “Jornalzinho”.....	156
Figura 34 - Incentivo aos professores de Escola Dominical – “O Jornalzinho”, 3ª edição de 1985.	157
Figura 35 – Coluna Usando a Criatividade – “O Jornalzinho”, ano 8, n.28, 2º trimestre, 1992.....	159
Figura 36 - Coluna “Vamos Cantar” – “O Jornalzinho”, 4º trimestre, 1990.	160
Figura 37 – Coluna: Preparando-me para ser professor. “O Jornalzinho no ML”. Dezembro, 1996.....	161
Figura 38 – Referência de autoria da APEC em materiais de Flanelógrafo.	164
Figura 39 – Ilustração da História da Mariana – Material da APEC.....	166
Figura 40 – Informe do DEP sobre Cursos para professores de Escolas Dominicais.	168

Figura 41 – Manual para professores de Escolas Dominicais, 1983.	169
Figura 42 - Convite para curso de Formação de Professores de Escola Dominical.	171
Figura 43 – Programação do Curso de Formação de professores – 1979.....	173
Figura 44 – Conteúdo a ser estudado no Curso de Formação de professores – 1979.	175
Figura 45 - Índice do Manual do Curso para Professores da Escola Dominical.	177
Figura 46 – Convite do 2º Congresso Nacional de Professores de Escola Dominical – UPLED.....	180
Figura 47 – Capa da pasta 2º Congresso Nacional de Professores de Escola Dominical – 1991	181
Figura 48 – Notícias sobre o 1º Congresso de Professores de Escola Dominical..	182
Figura 49 – Divulgação de cursos Distritais para professores de Escola Dominical.	184
Figura 50 - Como o professor se prepara, obra “Como ensiná-los do Manual para Escola Dominical” Silvana Lehenbauer, 1986.	185
Figura 51 – Anotações de professora Hedi sobre cursos distritais de professores.	187
Figura 52 – Anotações de curso distrital ministrado por Gessi Ferreira.	188
Figura 53 - Fatores que prejudicam a aprendizagem, obra “Como ensiná-los do Manual para Escola Dominical” Silvana Lehenbauer, 1986.	190
Figura 54 – Divulgação da Biblioteca da Escola Dominical.	192
Figura 55 – Esquema que demonstra os perfis das professoras de Escola Dominical.	194
Figura 56 – Métodos de Ensino no programa da Igreja.....	198
Figura 57 – Modelo de plano de aula. “Como ensiná-los do Manual para Escola Dominical”, Silvana Lehenbauer, 1986.	201
Figura 58 – Orientações para trabalhar com crianças em idade pré-escolar – Silvana Lehenbauer.	203
Figura 59 – Ordem e organização da aula. Caderno da Escola Dominical 1985 – 1986.	205
Figura 60 – Material para contar histórias – “Como Ensiná-los: Manual para Escola Dominical”, Silvana Lehenbauer, 1986.	207

Figura 61 – Tabela de marcação para uso de métodos de ensino da Escola Dominical.....	209
Figura 62 – Explicação do uso do quadro negro e flanelógrafo. “Como Ensiná-los: Manual para Escola.....	211
Figura 63 – Método do varal para memorização de versículos. “Como Ensiná-los: Manual para Escola Dominical”. Silvana Lehenbauer, 1986.	212
Figura 64 – palavras para a técnica da varal de versículos.....	214
Figura 65 – Dicas de Recursos Didáticos “Como Ensiná-los: Manual para Escola Dominical”. Silvana Lehenbauer, 1986.	216
Figura 66 – Convite para participar da Escola Dominical. “O Jornalzinho”, 4º trimestre, 1992.....	218
Figura 67 – Árvore da presença	219
Figura 68 – Campanha de presença, obra “Como ensiná-los do Manual para Escola Dominical”, Silvana Lehenbauer, 1986.	220
Figura 69 – Publicação do “O Jovem Luterano” que menciona o incentivo à presença do aluno.....	221
Figura 70 - Lembranças da Escola Dominical – incentivo à presença.	222
Figura 71 - Lembranças da Escola Dominical – incentivo à presença.	223
Figura 72 – Propaganda das Figuras de Incentivo à presença. “O Mensageiro Luterano”, 2005.	224
Figura 73 – Resumos de aulas da Escola Dominical com registros dos incentivos à presença.....	225
Figura 74 – Caderno de professora com alunos divididos do 2º ao 5º ano.	226
Figura 75 – Registro sobre o prêmio ao aluno mais frequente.....	228
Figura 76 – Primeiro Encontro de Escolas Dominicais – Outubro de 1986	229
Figura 77 - Recursos utilizados para ilustrar as histórias bíblicas.	233
Figura 78 – “Lições Concórdia”, Casa Publicadora Concórdia, 1964.	234
Figura 79 – Lições Concórdia, 1983.....	235
Figura 80 – “O Jornalzinho” – Histórias Bíblicas. 3º trimestre de 1994	237
Figura 81 – Estratégias de confecção de material auxiliar para as histórias bíblicas. “O Material Didático na Escola Dominical”. Silvana Lehenbauer, 1986.....	239

Figura 82 – Dicas de produção de fantoches e varais. Material: “Com Jesus”, edição 1999.	240
Figura 83 – “Caderno com histórias bíblicas ilustradas para crianças de séries iniciais e escola dominical”.	241
Figura 84 – Lembrança do Dia das Mães confeccionada em aula da Escola Dominical.....	244
Figura 85 – Orientações para atividades sobre o Dia das Mães. “O Jornalzinho” – 2º trimestre, 1986.....	245
Figura 86 – Datas Festivas. “O Jornalzinho”, edições de 1987, 1988, 1989.	247
Figura 87 – O tema da Páscoa n’o “Jornalzinho”, 2º trimestre. 1994.	248
Figura 88 – Comissão de Escola Dominical pede o envio de músicas.....	249
Figura 89 – Pedido de implementação de modificações em músicas. “O Jornalzinho”, 1ª trimestre, 1989.	250
Figura 90 – Anúncio da publicação do Hinário Infantil para a pré-escola e séries iniciais. “O Jornalzinho”, 1º trimestre, 1989.	251
Figura 91 – Capa do Livro – “Cânticos de Louvor – Hinário para crianças”.	252
Figura 92 – O canto na Escola Dominical - Material destinado aos professores – 1979.	253
Figura 93 – Na Escola Dominical em Três Coroas/RS – Crianças na aula de flauta. Década de 1980	254
Figura 94 – Dica didática – Versículos de Boliche. “O Jornalzinho”, 3º trimestre, 1996.	264
Figura 95 - Dica didática – Álbum seriado. “O Jornalzinho”, 1º trimestre, 1996.	266
Figura 96 – Recursos didáticos construídos pela professora Hedi.....	267
Figura 97 – Material didático para confecção de recursos didáticos – Editora Redijo, 1993.	270

Lista de Quadros

Quadro 1 – Origem e tipos de documentos da Pesquisa	41
Quadro 2 – Apresentação dos principais documentos utilizados na pesquisa.	42
Quadro 3 - Apresentação das entrevistas	45
Quadro 4 – Apresentação e contribuições dos Formadores da Escola Dominical. ..	48
Quadro 5 - Dados numéricos das Escolas Dominicais do Sínodo de Missouri na década 1961-1970.....	106
Quadro 6 - Números da Escola Dominical do ano de 2022.....	108
Quadro 7 – Características mentais e estratégias de trabalho com crianças em Idade Primária.	152
Quadro 8 – Materiais para docentes da Escola Dominical, ano de surgimento e circulação	154
Quadro 9 – Relação entre entrevistas, documentos e correntes pedagógicas na Escola Dominical.	196
Quadro 10 – Registros teóricos sobre o incentivo e controle de frequência dos alunos da Escola Dominical.....	230
Quadro 11 – Indicações de sugestões sobre as datas comemorativas. Edições do O Jornalzinho.	246

Lista de abreviaturas e siglas

APEC	Aliança Pró Evangelização das Crianças
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CEDOC	Centro de Documentação vinculado ao CEIHE da Universidade Federal de Pelotas
CEIHE	Centro de Estudos e Investigações em História da Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas
DEP	Departamento de Educação Paroquial
EBF	Escola Bíblica de Férias
ED	Escola Dominical
IECLB	Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
IELB	Igreja Evangélica Luterana do Brasil
IELI	Igreja Evangélica Luterana Independente
IEAB	Igreja Episcopal Anglicana do Brasil
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LSLB	Liga de Servas Luteranas do Brasil
LWML	Lutheran Women's Missionary League
MC	Mensageiro das Crianças
ML	Mensageiro Luterano
RS	Rio Grande do Sul
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UPLED	União dos Professores Luteranos de Escola Dominical

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1. PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	29
1.1 A constituição da tese	29
1.2 Metodologia.....	32
1.2.1 Apresentação de Fontes Documentais	38
1.2.2 Entrevistas	42
1.3 Revisão teórica.....	49
1.4 Conceitos da pesquisa	51
1.4.1 O Papel das Mulheres na atuação religiosa.....	53
1.4.2 Processo de formação e prática docente: o ofício de artesão e a materialidade escolar	65
1.4.3 A constituição de um Campo religioso e um <i>habitus</i> luterano.....	71
2. A ESCOLA DOMINICAL DA IELB	80
2.1 Educação e Luteranismo.....	80
2.2 História da Escola Dominical.....	88
2.3 A professora da Escola Dominical.....	97
2.4 A Escola Dominical da IELB.....	100
2.5 Ideias educativas e religiosas que ultrapassam fronteiras	109
3. O CONTEXTO EDUCACIONAL E AS INFLUÊNCIAS PEDAGÓGICAS (1970 – 2000)	113
3.1 Piaget e as fases do desenvolvimento	117
3.2 Educação Moral na Escola Dominical	124
3.3 As diferentes influências pedagógicas para a Escola Dominical.....	127
3.4 A Escola Dominical e seu objetivo missionário	133
4. A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS DA ESCOLA DOMINICAL	136
4.1 Materiais para os docentes da Escola Dominical	140
4.2 O Jornalzinho	155
4.3 APEC – Aliança Pró-Evangelização de crianças.....	163
4.4 Departamento de Educação Paroquial da IELB	166
4.5 Cursos de Formação de Professores de Escola Dominical	170
4.5.1 Modelo de formação multiplicador	184
4.6 O estudo da “didática” nos cursos de formação	189
4.7 O perfil das professoras e suas ideias pedagógicas	193

5. ESTRATÉGIAS, ORGANIZAÇÕES E TEMAS ABORDADOS NA ESCOLA DOMINICAL.....	197
5.1 Planos de aula.....	201
5.2 Recursos didáticos / artefatos pedagógicos	206
5.3 Incentivo à presença e controle de frequência	217
5.4 Histórias bíblicas	232
5.5 Datas comemorativas.....	242
5.6 O Estudo da Música	248
5.7 Letramento Religioso	255
5.8 A artesanaria pedagógica e intelectual.....	258
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	273
FONTES DOCUMENTAIS.....	281
FONTES ORAIS.....	283
REFERÊNCIAS	284
APÊNDICES.....	299

INTRODUÇÃO

Esta Tese de Doutorado se estrutura com o tema: As Perspectivas Pedagógicas da Formação e da Atuação de Professoras da Escola Dominical da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) no sul do Brasil, especificamente na região sul do Rio Grande do Sul, entre as décadas de 1970 e 2000. Dentro desse tema é analisada a formação docente¹ da IELB para a constituição da Escola Dominical como um espaço educativo e religioso, onde existem inter-relações entre os campos religioso e pedagógico.

Esta pesquisa possui relevância no meio científico, visto que se insere no campo de estudos da História da Educação, enfatizando a abordagem de assuntos direcionados para a instituição das Escolas Dominicais Luteranas, bem como para a formação docente de pessoas que estiveram à frente deste movimento. O estudo busca envolver conhecimentos acerca de processos educacionais do passado, na articulação e contextualização histórica e escolar luterana.

No contexto espacial da região sul do Rio Grande do Sul atuam três vertentes luteranas, que são as Igrejas Luteranas Independentes ou Comunidades Livres², a IECLB³ (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil) e a IELB⁴ (Igreja Evangélica Luterana do Brasil). Por questões de delimitação da pesquisa, optou-se por estudar especificamente a Escola Dominical da IELB, visto que a Escola Dominical foi uma ação mais presente na IELB e na IECLB.

O período de análise do estudo começa com o declínio das Escolas Paroquiais⁵, que aconteceu em meados da década de 1970, quando a Escola Dominical se fortaleceu e ganhou espaço dentro das instituições luteranas como a IELB.

¹ Na tese se usa a palavra formação como uma referência para a preparação, treinamento, aperfeiçoamento de docentes para atuação enquanto professoras.

² Comunidades que se mantiveram independentes, ou seja, que não se filiaram e não mantiveram vínculos com nenhum sínodo (Teichmann, 1996).

³ Vinculada ao Sínodo Sul Rio-grandense. Igreja de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), originária da Alemanha, instalada no Brasil em meados do século XIX (Dreher, 1984).

⁴ Vinculada ao Sínodo de Missouri, que vem dos Estados Unidos e se instala no Brasil no início do século XX (Weiduschadt, 2007).

⁵ Escolas particulares da igreja luterana com origens étnicas germânicas que funcionavam junto aos prédios das igrejas. Eram escolas que atendiam aos filhos dos membros da Igreja Luterana, suas atividades persistiram até aproximadamente o ano de 1970. Ver Dissertação de Mestrado de Romig (2021).

Para o estabelecimento do marco temporal da pesquisa são utilizados os postulados de Buss (2005), que escreve sobre as escolas paroquiais e dominicais trazendo números que sustentam o recorte temporal delimitado:

Contrariando a tendência declinante das escolas paroquiais, e sendo vistas, em parte, como uma alternativa para estas, as escolas dominicais multiplicavam-se na IELB e atraíam um número crescente de alunos. Aparentemente, a primeira escola dominical da IELB foi fundada no início de 1906, junto à congregação Cristo de Porto Alegre. Mas o crescimento das escolas dominicais havia sido bastante lento até a década de 1950. Em 1960, 240 professores de escolas dominicais da igreja atendiam a 3.890 crianças. Com a campanha Apascenta os meus cordeirinhos⁶ houve um acréscimo de 60 ou 70 novas escolas dominicais, elevando seu número para 199. A estatística de 1967 indicava a existência de 354 escolas dominicais, com um total de 11.652 alunos, atendidos por 560 professores. Dois anos depois, o número de alunos era de 14.218. Reconhecendo a importância da escola dominical na evangelização da criança brasileira, a Convenção da IELB resolveu, em 1965, instituir o Domingo da Escola Dominical. Este dia seria celebrado anualmente, no segundo domingo do mês de outubro, quando as escolas dominicais se reuniriam em congressos mirins paroquiais ou distritais (Buss, 2005, p.73).

A priori, percebe-se que os marcos temporais da Escola Dominical da IELB estiveram atrelados às administrações da Igreja. Tendo isso em vista, o período final definido na pesquisa é o ano de 2000, pois durante a década de 1990, especificamente em meados de 1995, a Comissão de Escola Dominical da IELB sofreu uma mudança na liderança administrativa. Foi também em meados de 1995 a finalização da circulação do periódico “O Jornalzinho⁷”, um informativo que, além de anúncios e informações sobre os acontecimentos dentro da IELB, trazia dicas didáticas para os professores da Escola Dominical. Percebe-se assim, ao longo da pesquisa, que é a partir dos anos 2000 que a IELB consolida e amplia a quantidade da produção de material didático para ser trabalhado nas Escolas Dominicais. A partir deste período surge o material “Com Jesus”, apoio didático pensado para alunos e professores que está em circulação até os dias atuais.

A Escola Dominical se firma no Departamento de Educação Paroquial da IELB, vinculada à Comissão de Escola Dominical. Essa Comissão surge como setor responsável por criar e traduzir materiais didáticos para alunos e professores e também pensar os cursos voltados para a formação e treinamento dos professores. Era principalmente composta por mulheres, fossem elas esposas de pastores,

⁶ Campanha criada dentro da IELB para estimular a participação das crianças nas atividades da Escola Dominical.

⁷ Foi um periódico informativo direcionado a professores da Escola Dominical da IELB. Trouxe informações sobre cursos para professores e dicas didáticas para serem utilizadas nas aulas da Escola Dominical. Sua circulação foi de 1985 a 1995, com edições trimestrais que eram distribuídas para as Paróquias.

pessoas atuantes na Igreja, professoras da educação básica adeptas da IELB, ou outras mulheres que se interessassem pela formação didático religiosa das crianças. A constituição da Comissão da Escola Dominical foi, portanto, o olhar pedagógico da Igreja com forte atuação feminina.

Para Weiduschadt (2007), as Escolas Dominicais, ou também as Escolas Bíblicas⁸, são espaços que podem ser definidos como “práticas desenvolvidas para envolver as crianças durante o culto. No momento do sermão, as crianças, em espaço reservado, recebem mensagens religiosas de forma lúdica” (Weiduschadt, 2007, p. 79).

Desta forma, a Escola Dominical Luterana é uma prática que visa a formação infantil. Ou seja, era um momento em que as crianças estavam em um ambiente preparado para elas, no qual, em seu entendimento lúdico, eram levadas a compreender os ensinamentos religiosos, sendo ações geralmente realizadas durante a celebração dos cultos. Isto significa, que no momento em que a família estava no culto, a criança poderia participar da Escola Dominical.

A Escola Dominical é um importante objeto de estudo pela significância que assume no contexto religioso, educacional e cultural. Historicamente, o número de Escola Dominicais no Rio Grande do Sul e no Brasil foi significativo, de modo que estudar acerca deste contexto fornece indícios do modo de vida de um grupo religioso.

O tema da Escola Dominical no campo de estudos da História da Educação é algo que merece uma determinada ênfase, pois inclui-se nos estudos de diferentes temáticas no ramo, representando uma inovação na área. Com base nisso, Lopes e Galvão (2010, p.31) argumentam que “nas últimas três décadas, diversas mudanças vêm acontecendo na área de História da Educação, seja em seus contornos teórico-metodológicos, seja na ampliação de seus objetos e fontes”. Atualmente, não se pode falar em apenas uma História da Educação, mas em problematizações que remontam às histórias da educação, no plural, tratando da diversidade de temas que podem ser abordados nesse campo do conhecimento. Ao encontro do que dizem as autoras sobre a ampliação da área da História da Educação, pode-se colocar a Escola Dominical como um tema inovador dentro do contexto.

⁸ Estudos direcionados para as escrituras do Livro da Bíblia. Com o conto de Histórias e atividades lúdicas voltadas para os estudos de Parábolas e Histórias Bíblicas. Em algumas Igrejas Luteranas, o termo pode ser um sinônimo de “Escola Dominical”.

Do mesmo modo, as investigações que vêm sendo realizadas neste campo não se restringem mais unicamente ao estudo do ensino e do pensamento pedagógico da disciplina. Elas vêm se aproximando de outras áreas da História e de outros ramos das Ciências Humanas, a fim de alargar suas possibilidades e conhecimentos (Lopes; Galvão, 2010).

Dentre os novos objetos de pesquisa na área da História da Educação nos últimos anos, estudos que envolvem instituições e pretensões religiosas, como é o caso das Escolas Dominicais, vêm sendo incluídos. Tal instância educativa é caracterizada como uma prática vinculada à Igreja, mas que tem o objetivo de formação didático religiosa de seus participantes e ministrantes, sendo uma instituição não voltada formalmente para legislações educacionais vigentes no país, mas que tem a função de auxiliar na formação da índole de crianças e jovens luteranos.

Segundo Monarcha (2007), no contexto acadêmico caracterizado pelo intercâmbio e internacionalização da pesquisa e impacto constante de novidades temáticas e metodológicas, foram sendo acolhidos e legitimados nos estudos históricos em educação, com outros temas e objetos de conhecimento, como por exemplo: gênero, infância, identidades, tempo, disciplinas e formas escolares, modos de ler, métodos de ensino, profissão docente, instituições escolares, periodismo pedagógico e, sobretudo cultura escolar; temas e objetos hoje amplamente discutidos no sistema intelectual acadêmico. A Escola Dominical pode ser entendida como uma instância de educação não escolarizada⁹, possuindo, assim, uma cultura escolar específica, merecendo seu estudo no campo acadêmico.

A IELB, em sua origem, estabeleceu-se no sul do Brasil com a denominação de Sínodo de Missouri, uma instituição religiosa fundada nos Estados Unidos por imigrantes alemães. Essa instituição procurou assentar suas primeiras bases nas regiões de Pelotas e São Lourenço do Sul, região localizada ao sul do Rio Grande do Sul, também conhecida como Serra dos Tapes¹⁰. Os missionários responsáveis vieram para o local a partir do ano de 1900 (Weiduschadt, 2007).

⁹ Para Severo (2015), a Educação Não Escolarizada é pensada como uma esfera que pode estabelecer interfaces de colaboração, complementaridade, associação e suporte para a Escola. Ela expressa um significado ampliado para a formação humana, com base em processos de ensino e aprendizagem diversificados, complexos, dinâmicos e interconectados, em espaços e tempos distintos da instituição escolar.

¹⁰ A Serra dos Tapes compreende a região serrana dos municípios de Canguçu, Pelotas e São Lourenço do Sul (Salamoni; Waskiewicz, 2013). A Serra dos Tapes também é reconhecida como o

Salienta-se que as Igrejas Luteranas localizadas na região sul do Rio Grande do Sul são caracterizadas como comunitárias justamente por terem características associativas, pois prestavam serviços para além dos cultos, em que subsidiavam religiosamente a sua comunidade. Conforme Nadalin (2001, p.183), “a igreja luterana é caracterizada por um associativismo típico, com instituições fundadas e organizadas pelos imigrantes que alimentavam a consciência étnica do grupo”. Esse associativismo compreende não somente os cultos das igrejas, mas também as diversas estratégias adotadas pelo luteranismo para formar pessoas fiéis aos preceitos luteranos e firmes em suas convicções religiosas.

O “termo ‘luteranismo’ é usado em sentido histórico-político, como conjunto dos desdobramentos do movimento reformatório, originado a partir de Lutero na Alemanha” (Rieth, 1990, p. 256). Movimento que se consolidou no Brasil a partir da chegada de imigrantes de origem alemã e pomerana¹¹ em território brasileiro.

As práticas educativas da Escola Dominical formaram sujeitos que desde cedo tiveram acesso à educação religiosa, sendo que a Escola Dominical foi palco para a atuação docente de muitas mulheres, que tiveram a oportunidade de sair de seus lares e ocupar outros espaços. Temáticas que envolvem educação e religião devem ser abordadas no campo de pesquisa, pois, como salienta Souza (2015, p. 77), “a prática da educação religiosa representa uma relação profunda com os primórdios da educação de um geral no Brasil”.

Sobre a consolidação e funcionamento da Escola Dominical, Freitas (2006) escreve que:

No espaço da Escola Dominical, os princípios educativos podem ser bem aproveitados, pois, cada professor tem sob sua responsabilidade um grupo menor de pessoas e pode se ocupar pessoalmente com a educação cristã de cada aluno. [...] um dos grandes objetivos da Escola Dominical é educar para a cidadania, ensinar a solidariedade e despertar na vida das pessoas o desejo de servir a Deus e ao próximo (Freitas, 2006, p.60).

Percebeu-se que no meio científico acadêmico pouco se estudou sobre as Escolas Dominicais Luteranas. Desta forma, sabendo-se dessa escassez de

lôcus da agricultura familiar no sul do Rio Grande do Sul. Em seu território, encontram-se presentes sujeitos históricos do campesinato brasileiro, como as comunidades quilombolas, os colonos descendentes de europeus não-portugueses, os pescadores artesanais e os assentados de reforma agrária (Salamoni et al., 2021).

¹¹ Os pomeranos eram provenientes do território da Pomerânia, região localizada no litoral do Mar Báltico. Eram descendentes de eslavos e wendes que trabalhavam principalmente na agricultura e na pesca (Rölke, 1996). É considerado um grupo étnico com características próprias e peculiares, mantendo língua e costumes diferenciados de outros grupos étnicos alemães (Weiduschadt; Tambara, 2014).

produções científicas voltadas para a denominação luterana, é reforçada a realização desta pesquisa.

Salienta-se que a presença cultural alemã e pomerana na região sul do Rio Grande do Sul, e o consequente estabelecimento da religião luterana, bem como das escolas paroquiais e Escolas Dominicais, trouxe uma formação escolar e religiosa diferenciada para os descendentes de pomeranos moradores dessa respectiva região, especialmente para os membros de comunidades luteranas.

Faz-se, também, necessário justificar as escolhas de pesquisa, pois, como salienta Luchese (2014, p.148), “ao eleger um objeto de pesquisa, o historiador da educação faz uma opção que é sua. Essa escolha é tangenciada pelas dimensões objetivas e subjetivas do contexto de vida e das experiências construídas”. Assim, ao se apontar a escolha do objeto de pesquisa, primeiramente, há que se levar em consideração as relações imbricadas com a trajetória de vida da autora da tese enquanto uma mulher, professora e pesquisadora.

O tema da Escola Dominical foi uma perspectiva que surgiu no final da minha pesquisa de mestrado, e quando eu¹² tive a oportunidade de ingressar no curso de doutoramento com a professora Patrícia, decidi me aventurar neste caminho. Mas ressalto que a cultura pomerana, a escolarização de grupos étnicos e as influências religiosas luteranas sempre foram de meu interesse no contexto acadêmico. Cito, por exemplo, meu trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Geografia da UFPel (2018), intitulado “A região cultural pomerana no sul do Rio Grande Sul”, em que enfatizei aspectos geográficos e culturais da cultura pomerana, contextualizei cartograficamente e culturalmente a referida região. O que corrobora para que ainda na atualidade eu me dedique a estudos interessados no sul gaúcho, mais especificamente na Serra dos Tapes.

Em seguida, busquei participação no grupo CEIHE, com o objetivo de uma formação acadêmica na área da Educação. Então, no ano de 2021 concluí a dissertação intitulada “O Rito da Confirmação Luterana e o Processo Escolar dos Pomeranos na Serra dos Tapes – RS (1938-1971)”. Já a partir desta última pesquisa me deparei com dados relacionados às escolas paroquiais, o que me fez pensar

¹² Neste momento irei falar em primeira pessoa do singular para trazer ao leitor minha justificativa pessoal sobre as escolhas da pesquisa. Por vezes, também irei me referir a “nós”, quando considerar que a professora orientadora está também implicada no movimento.

sobre o que viria após a escola paroquial e quais os agentes que colaboraram para a consolidação da Escola Dominical.

Na pesquisa do mestrado investiguei escolas das três vertentes luteranas e por meio disso percebi que a Escola Dominical tinha diferentes características em cada uma delas, por esse motivo optei pelo estudo dessa ação na IELB. O que mais me chamou atenção foi o fato de as mulheres assumirem o papel de professoras da Escola Dominical, enquanto a IELB é ainda um espaço que não permite que as mulheres ocupem a posição de pastoras ou outros cargos de maior prestígio dentro da hierarquia da Igreja.

Apesar de nunca ter participado como aluna e nem como professora de uma Escola Dominical, sempre tive curiosidade de conhecer o seu funcionamento, pois minha mãe, quando criança, teve ativa participação em uma Escola Dominical da IELB. Em suas memórias, ela relata e relembra fatos e histórias que aconteceram naquele espaço. Nos encontros da Escola Dominical, minha mãe recebia imagens (Figura1) que traziam reflexões bíblicas. Tais imagens são guardadas por ela até hoje, demonstrando apego especial a um artefato que simboliza a lembrança de seus momentos dentro da Escola Dominical.

Neste limiar, percebo no meio em que vivo que muitas mulheres que são professoras tiveram a sua formação docente iniciada por meio da Igreja, fato que merece ser observado com um olhar científico, visto que a docência foi permitida para as mulheres e cabe também ao meio acadêmico analisar e problematizar os espaços que foram ocupados pelas mulheres ao longo da história. Principalmente levando em consideração que a IELB ainda restringe a atuação das mulheres como pastoras e os cargos administrativos ainda são majoritariamente ocupados por homens. Assim, a Escola Dominical só surgiu e se consolidou na IELB pois muitas mulheres atuaram e resistiram neste campo.

Algumas das professoras entrevistadas na pesquisa falaram sobre as imagens/lembranças que eram entregues aos alunos nas aulas. A figura a seguir representa para minha mãe a lembrança de seus tempos de Escola Dominical. Mas veremos ao longo do trabalho que essa mesma figura era utilizada pelas professoras como forma de incentivar e registrar a presença dos alunos. Em cada encontro o aluno ganhava uma lembrança, sendo motivado a colecioná-las. Essa estratégia, além de estimular a participação na Escola Dominical, é um dos muitos artefatos pedagógicos que compõem o arcabouço pedagógico da Escola Dominical.

Figura 1 - Lembrança das aulas Escola Dominical.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Em relação à relevância social da pesquisa, considera-se importante a abordagem do tema, visto que na atualidade ainda há um número significativo de professores e alunos que integram as Escolas Dominicais Luteranas, sendo necessário que o meio acadêmico se valha de uma investigação numa perspectiva histórica, social, pedagógica e cultural que compreenda a consolidação do modelo educacional religioso das Escolas Dominicais.

Ademais, o resultado da pesquisa pode contribuir para que as pessoas que vivem nas regiões de abrangência das Escolas Dominicais Luteranas possam perceber a sua real importância, compreender seu processo de surgimento histórico, bem como refletir sobre como esse espaço interfere no processo de formação cidadã e cristã do sujeito. É necessário compreender que a Escola Dominical interfere no processo de alfabetização, letramento e preparo religioso dos fiéis luteranos, pois muito antes de virem a frequentar a escola regular as crianças desses grupos já têm contato com a Escola Dominical.

Outra significativa relevância acadêmica do tema justifica-se por se tratar de uma prática educativa consolidada no contexto de formação religiosa e cultural da região geográfica da Serra dos Tapes-RS. Integra a formação didático-religiosa de uma população praticante da religião luterana. Tal prática contribuiu na formação de muitas professoras de Escola Dominical e que muito se dedicaram a essa tarefa,

sendo que por meio de sua atuação docente que essas mulheres poderiam exercer uma “certa autoridade religiosa”, visto que o espaço do sacerdócio lhes é negado.

O tema da “Escola Dominical” merece ser discutido no campo de estudos da História da Educação na medida em que as renovações das investigações nesse campo extrapolam os objetos da educação escolarizada, ampliando as temáticas e instâncias que ajudam a formar sujeitos, neste caso, instituições religiosas de caráter educativo. Notaremos, neste sentido, que o tema Escola Dominical é pouco explorado na área da educação, pois a gama de trabalhos já produzida se restringe a áreas teológicas e outras denominações protestantes¹³, merecendo, assim, a Escola Dominical Luterana um espaço dentro dos estudos da área educacional.

Antes do fortalecimento da Escola Dominical na IELB, a educação das crianças era dada nas escolas paroquiais, sendo, majoritariamente, conduzidas por homens, em sua maioria, pastores da congregação. Com a Escola Dominical, as mulheres passam a ocupar um espaço docente e há, dessa forma, uma ampliação do campo religioso doutrinário para o campo pedagógico-educativo. Isto se dá devido a uma articulação de organização de cursos formativos, treinamento de professores, produção de materiais didáticos, reuniões entre docentes e demais recursos oriundos da educação básica, que tornaram a Escola Dominical um espaço de formação pedagógica, religiosa e moral. Essas estratégias, adotadas pela IELB, reforçaram um *habitus* doutrinário e educativo. Com base nestas afirmações, apresenta-se a seguinte tese: **Foi pela atuação das professoras de Escola Dominical da IELB que as ideias pedagógicas adentraram na instituição religiosa.**

Além do capítulo introdutório, esta tese está dividida em cinco outros capítulos. No primeiro capítulo, é abordado o percurso teórico-metodológico da pesquisa, em que é contextualizado o estudo, tratando-se sobre os caminhos trilhados para a construção do problema e dos objetivos, a metodologia, os levantamentos bibliográficos realizados, e os conceitos norteadores da investigação, bem como é feita uma discussão inicial da ideia de tese.

No segundo capítulo, é feita uma contextualização histórica e teórica sobre as Escolas Dominicais Luteranas, especialmente sobre o surgimento da Escola

¹³ A categoria protestante, engloba as diversas denominações cristãs vinculadas à Reforma Protestante, ditas históricas, a exemplo de luteranos, anglicanos, presbiterianos, metodistas, congregacionais, batistas, bem como os pentecostais e os grupos mais recentes designados de neopentecostais (Silva, 2015, p. 161).

Dominical dentro da IELB, bem como uma revisão teórica sobre professores de Escola Dominical.

O terceiro capítulo trata sobre o contexto educacional e religioso do período estudado, das décadas de 1970 a 2000. Nesse capítulo são discutidas algumas das teorias educacionais do período, que aparecem em meio aos resultados da pesquisa, como as fases do desenvolvimento infantil, de Jean Piaget, a Educação Moral, de Lawrence Kolberg, e demais influências pedagógicas contemporâneas à formação pedagógica da Escola Dominical da IELB.

O quarto capítulo aborda as análises das fontes documentais e entrevistas realizadas. Nesse capítulo, são trazidas as análises sobre a formação de professoras da Escola Dominical da IELB, abordando elementos que constituíram a formação e atuação docente das mulheres no meio religioso estudado. Nessa parte são discutidos assuntos como os cursos para professoras e os materiais destinados e utilizados pelas docentes; São decifrados elementos pensados pela Igreja para a formação das professoras.

No quinto capítulo são expostas e problematizadas as estratégias, organizações e os temas abordados pelas professoras da Escola Dominical. Percebe-se que a Igreja buscava preparar suas professoras, mas as condições e especificidades de cada comunidade exigiam uma adaptação com recursos e estratégias para tornar o trabalho efetivo. Nesse capítulo são abordados alguns temas, como os planos de aula, os incentivos de presença usados pelas professoras, as formas de organização das aulas, as histórias bíblicas, os estudos da música e as habilidades manuais/artesanais utilizadas pelas professoras para colocar suas aulas em prática e fazê-las mais atrativas.

Nas considerações finais é feito um apanhado geral sobre a pesquisa com reflexões que sustentam a tese apresentada. Cabe destacar que a tese não é um produto acabado, mas sim reflexões sobre a formação e atuação de Professoras da Escola Dominical da IELB.

1. PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

1.1 A constituição da tese

A presente Tese de Doutorado tem como problema de pesquisa o seguinte questionamento: Quais perspectivas pedagógicas circularam pela IELB para a formação e atuação didático-religiosa das professoras da Escola Dominical no período entre as décadas de 1970-2000?

Os desdobramentos da pesquisa, apresentam-se os seguintes objetivos específicos:

- a) Caracterizar, nas perspectivas históricas e teóricas, a definição de Escola Dominical;
- b) Conhecer o perfil das professoras e formadoras da Escola Dominical da IELB e o histórico papel das mulheres dentro da Igreja Luterana;
- c) Descrever os materiais didáticos, os cursos, as estratégias das professoras e as intencionalidades pedagógicas da Escola Dominical da IELB;
- d) Identificar as ideias pedagógicas do período estudado e como elas adentraram o espaço da Igreja;

Em se tratando de um tema imerso dentro de abordagens da religião luterana, cabe salientar que tal religião está presente no extremo sul brasileiro devido a presença étnica e cultural do povo alemão/pomerano, que se estabeleceu na região em meados do século XIX. Por não terem subsídio religioso e escolar no Brasil, as comunidades de imigrantes se organizaram de maneira a formar associações que abrangiam inicialmente a igreja e a escola¹⁴.

A partir do início do século XX, o Sínodo de Missouri chegou na região, consolidando as suas igrejas e escolas paroquiais. Mas, ao longo deste século, se deram acontecimentos como a Nacionalização do Ensino¹⁵, a Constituição de 1946, a LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961 e 1971, que

¹⁴ Na maioria dos países da América Latina as primeiras escolas foram construídas pelas igrejas. São as escolas confessionais ou comunitárias. As igrejas protestantes trouxeram a educação como um dos pilares fundamentais de sua missão (Ahlert, 2006).

¹⁵ As escolas baseadas em modelos étnicos comunitários, que eram confessionais ou de sociedades étnicas, sofreram com a nacionalização do ensino, e, portanto, tiveram que se adaptar a um novo modelo de organização (Weiduschadt, Amaral, 2016).

contribuíram para que as escolas paroquias, também denominadas de escolas particulares luteranas, perdessem força e acabassem sendo substituídas pelas escolas públicas rurais¹⁶.

Logo, a Igreja Luterana, como também o Sínodo de Missouri (atual IELB), buscaram estratégias para que as crianças e os jovens permanecessem em atividades educativas atreladas à Igreja. Dessa forma, ganha destaque a Escola Dominical¹⁷.

Conforme escreve Buss (2005, p.71):

A convenção da IELB, de 1962, decidiu promover a campanha Apascenta os meus cordeirinhos. O objetivo da campanha era mostrar a importância da escola paroquial e da escola dominical às congregações da Igreja. Artigos nos periódicos da igreja, cartas aos pastores e professores, panfletos para os pais e outros meios foram empregados para incentivar o interesse na educação cristã das crianças. **Para suprir, em parte, a lacuna da ausência da escola paroquial na vida da maioria das crianças da IELB, incentivava-se a criação urgente de escolas dominicais** e de outros programas de ensino religioso (grifo nosso).

Para a Escola Dominical, os professores eram instruídos e preparados para trabalharem histórias bíblicas e atividades que estivessem interligadas com as escrituras do Livro da Bíblia e das próprias pregações feitas na Igreja Luterana. Sendo assim, a Escola Dominical pode ser entendida como um espaço educativo que formava sujeitos voltados para as instruções religiosas.

Os cargos de professores de Escola Dominical geralmente eram (e são) ocupados por pessoas que se dedicam de forma voluntária a esse serviço. Durante muitos anos, nas igrejas luteranas, quem atuava à frente das Escolas Dominicais era a esposa do pastor da Igreja, ou seja, caracteriza-se como um papel exercido majoritariamente por mulheres no contexto. Mesmo quando essas mulheres não eram esposas de pastores, elas eram mulheres ativas e participativas na comunidade religiosa.

As Escolas Dominicais surgem com intencionalidades pedagógicas que poderiam estar mais em torno das intenções religiosas, de moldar um docente capaz de trabalhar de maneira fiel aos preceitos religiosos da doutrina luterana¹⁸.

¹⁶ Ver Dissertação de Romig (2021).

¹⁷ Podem também ser utilizados os termos Escola Bíblica e/ou Culto Infantil. Nesta tese é utilizado predominantemente o termo Escola Dominical (ED).

¹⁸ A doutrina luterana faz referência ao Livro de Concórdia, obra publicada pela primeira vez em 1580, que contém documentos em que os luteranos dos séculos XV a XVI explicavam no que acreditavam e o que ensinavam, baseados no Livro da Bíblia. A Doutrina Luterana é baseada na salvação pela Graça, em que os fiéis já estão salvos mediante a Graça de Deus, não sendo as obras que salvam a humanidade, mas a aceitação de Cristo. A Doutrina Luterana ensina que aqueles que receberam a fé

Percebe-se que nessas Escolas Dominicais havia a utilização de materiais didáticos de cunho religioso, como livros e revistas que traziam atividades para as crianças. Tais atividades eram lúdicas, voltadas aos ensinamentos doutrinários luteranos e também às escrituras sagradas da Bíblia.

Após o enfraquecimento e o declínio das escolas paroquiais, as vertentes luteranas precisaram pensar em estratégias para que seus fiéis continuassem a ser educados nos princípios luteranos. Dessa forma, fortalece-se a Escola Dominical como uma estratégia para educar os fiéis e controlar os seus comportamentos e engajamentos na própria comunidade. Desejava-se, também, que seus fiéis permanecessem firmes nos ensinamentos religiosos, por isso a igreja preparava e confiava tal tarefa aos professores de Escola Dominical, que eram orientados por um sistema de formação que será descrito de forma mais detalhada no desenvolvimento da pesquisa.

Os próprios materiais disponibilizados pela Igreja traziam consigo ideias pedagógicas que influenciavam a atuação docente dentro da Escola Dominical. Tais ideias eram carregadas de autores e correntes pedagógicas daquele contexto específico, assim a formação docente das Escolas Dominicais sofria também interferência de ações pedagógicas de fora da Igreja, de ideias pedagógicas que circulavam no meio educacional da época.

A partir da década de 1970, a IELB começou a organizar, dentro de um Departamento de Educação Paroquial, uma Comissão de Escola Dominical que tratou da formação de professores, em sua grande maioria, docentes mulheres. Nessa Comissão, havia a consolidação de Cursos, Congressos e materiais escritos elaborados com orientações para a atuação na Escola Dominical.

Ao olhar para a formação dos professores da Escola Dominical, deve-se enxergar toda a dinâmica que envolvia essa formação docente dentro da IELB. Pode-se fazer perguntas como:

- O que a IELB almejava com os cursos e as formações de professores?
- O que as professoras de fato colocavam em prática nas Escolas Dominicais?

pelo batismo estarão salvos. Um dos principais documentos que reúne aquilo que Luteranos creem, a luz da Bíblia, é a Confissão de Augsburgo, adotada desde 1530 como uma declaração pública de fé. Esse documento é parte integrante do Livro de Concórdia. O Luteranismo prega a ressurreição após a morte e incentiva a Santa Ceia como forma de perdão dos pecados. De acordo com o Livro de Concórdia, a Lei é uma doutrina divina que ensina o que é justo e agradável a Deus e reprova tudo o que é pecado e contrário à vontade de Deus (Livro de Concórdia, 2021).

- Quais as intencionalidades pedagógicas que permeavam essa formação docente?
- Qual era o perfil das formadoras e professoras que atuavam na Escola Dominical?

Todos esses questionamentos e reflexões foram permeados pela pesquisa, que tratou de pistas e evidências que mostram a realidade da docência feminina na IELB. Sendo assim, retoma-se a ideia de que as estratégias adotadas pela IELB reforçaram um *habitus* religioso e pedagógico dentro desta vertente religiosa. Foi pela ação das professoras da Escola Dominical da IELB que as ideias pedagógicas adentraram a Igreja.

1.2 Metodologia

Este estudo busca trabalhar com as metodologias da História Oral e da Análise Documental, com o foco nos seguintes instrumentos: entrevistas com professoras e pessoas que participaram da Escola Dominical na IELB, organização e análise de documentos de cunho didático e formativo, e, conseqüentemente, categorização de dados obtidos a partir dos caminhos metodológicos da pesquisa.

A tese busca apontar o olhar para as diferentes peças de um “quebra-cabeça”, que é a Escola Dominical da IELB, enfocando nos sujeitos que foram seus professores, especialmente mulheres que atuaram entre as décadas de 1970 e 2000. Desta forma, Certeau (1982) explica que:

Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em "documentos" certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. Este gesto consiste em "isolar" um corpo, como se faz em física, e em "desfigurar" as coisas para constituí-las como peças que preencham lacunas de um conjunto (Certeau, 1982, p.73).

Assim, ao final dessa pesquisa, não se chega a uma resposta pronta e concreta, mas são trazidas evidências que elucidam um contexto educacional religioso de um determinado tempo e espaço. A Escola Dominical surge com um objetivo traçado, mas a sua atuação ultrapassa esse objetivo, e traz diferentes conseqüências para seus participantes, sejam eles alunos ou professoras.

Por meio da História Oral, foram entrevistadas pessoas que estiveram envolvidas na consolidação da Comissão da Escola Dominical da IELB e

professoras que atuaram frente a essas instituições entre as décadas de 1970 e 2000. Cabe salientar que as entrevistas em História Oral foram realizadas com base em aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa, com submissão do projeto à Plataforma Brasil¹⁹.

Com a História Oral se trabalha com a memória, neste caso memórias de docentes, que foram mobilizadas por meio de entrevistas norteadas por um roteiro²⁰ previamente estabelecido. Para a realização das entrevistas, o roteiro foi elaborado com perguntas abertas, possibilitando que os entrevistados trouxessem as suas contribuições de maneira livre, mas dentro das perspectivas da pesquisa.

As pessoas que foram entrevistadas possuem alguma ligação com a Escola Dominical da IELB, sejam professoras ou pessoas ligadas à administração eclesial da Igreja. As entrevistas foram planejadas e gravadas, e posteriormente transcritas para compor uma das bases de dados da pesquisa. No momento das entrevistas, houve gravação mediante autorização do entrevistado, após, as transcrições foram entregues aos entrevistados para que pudessem lê-las e conceder a devida aprovação através de um Termo de Consentimento Livre Esclarecido em que davam autorização para o seu uso.

A metodologia de História Oral é idealizada com base em autores como Meihy (2014), Alberti (2005) e Ferreira e Amado (2006). Define-se essa metodologia principalmente a partir de Meihy (2014), que diz que a História Oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas.

Para Verena Alberti (2005), a História Oral é um método de pesquisa, seja ela histórica, antropológica ou sociológica, que passa a privilegiar a realização de entrevistas com indivíduos que testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo que podem trazer dados que aproximem o pesquisador de seu objeto de estudo. É um método que possibilita estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, movimentos e conjunturas à luz de pessoas que acompanharam esses fatos (Alberti, 2005).

A História Oral, como todas as metodologias, também estabelece e ordena procedimentos de trabalho, como entrevistas e a transcrição de depoimentos. Essa

¹⁹ Projeto submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pelotas. Com o número de CAAE: 75216523.0.0000.5316.

²⁰ Um roteiro utilizado nas entrevistas está apresentado nos apêndices da tese.

metodologia possibilita a reflexão sobre diversos fatos e indagações. Na História Oral, existe a geração de documentos (entrevistas) que possuem uma característica singular, são resultado de diálogo entre entrevistador e entrevistado, entre sujeito e objeto de estudo (Ferreira, Amado, 2006). Com essas entrevistas, muitos fatos e ações das Escolas Dominicais foram descobertos, indagados, revelados e problematizados por meios científicos.

Com o uso da metodologia de História Oral, a memória dos sujeitos que participaram e se envolveram com a Escola Dominical dentro do período de análise pode ser mobilizada. As memórias das pessoas são fruto do trabalho ao qual se dedicam, das vivências da infância, da escola onde estudam, da casa onde moram, de todas as práticas vividas, isto é, dos fatos sociais e históricos e religiosos inerentes às pessoas.

O conceito de memória pode ser caracterizado como as reminiscências do passado que surgem no pensamento de cada pessoa no momento presente, ou, ainda, como a capacidade de armazenar dados ou informações referentes a fatos vividos no passado (Halbwachs, 1990). Além disso, Grazziotin e Almeida (2012, p.44) explanam que, “os usos que se pode fazer do testemunho oral é um novo impulso para a superação e para o conhecimento recriado de uma possibilidade historiográfica”, que revela muitos detalhes do objeto estudado.

Torna-se necessário mobilizar a memória dos depoentes da pesquisa, pois seus relatos trazem o contexto em que a Escola Dominical surgiu, informações sobre os cursos que eram oferecidos, as formas de participação nesses cursos, os materiais didáticos utilizados em determinado tempo, as intencionalidades pedagógicas e religiosas da estrutura de formação de professores da Escola Dominical da IELB, entre outras informações relevantes. Conforme destaca Weiduschadt (2012, p.223), “o meio escolar está constituído de materialidade, apresentando significados através de recordações, especialmente quando se parte do pressuposto de que a memória advém de experiências vividas e materializadas”, e isso é justamente do que trata esta pesquisa. As entrevistadas narraram sobre suas vivências e também trouxeram resquícios de sua atuação, mostrando seus materiais, cadernos, e experiências materializadas por meio de diferentes documentos e artefatos que posteriormente serviram para as análises documentais.

Nas análises da tese, percebe-se que as narrativas se entrecruzam em informações. Portanto, utiliza-se da fala de Souza (2015), que ao pesquisar com entrevistas de professores escreve que:

A perspectiva do tempo das trajetórias dos professores investigados é compreendida a partir do sentido em que cada sujeito expressa para sua prática. Assim as trajetórias se entrelaçam e constituem posições codificadas e relacionadas à densidade das memórias (Souza, 2015, p.75).

Para que as entrevistas se consolidassem, foram observados alguns dos materiais da IELB produzidos e organizados para os professores de Escola Dominical. Ao observar esse material, chegou-se a nomes de pessoas que estiveram envolvidas na sua organização e à frente da Comissão da Escola Dominical. Além disso, um entrevistado indicou²¹ o nome de outra pessoa a ser entrevistada, e assim foi acontecendo até que o número adequado de entrevistas fosse alcançado. E quando se percebe que as informações relatadas começaram a se repetir, chega-se ao número final de entrevistados.

A pesquisa contou com o número de nove pessoas entrevistadas, entre organizadores de material didático, pessoas que integraram a Comissão da Escola Dominical e mulheres que foram professoras da Escola Dominical da IELB. O método de indicação de entrevistas é classificado como “bola de neve”, explicado por Vinuto (2014):

A execução da amostragem em bola de neve se constrói da seguinte maneira: para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador. Eventualmente o quadro de amostragem torna-se saturado, ou seja, não há novos nomes oferecidos ou os nomes encontrados não trazem informações novas ao quadro de análise (Vinuto, 2014, p.203).

Além da História Oral, também é foi uma análise documental a partir de documentos relacionados às Escolas Dominicais da IELB. Esse material é constituído por manuais e orientações voltados ao público docente da Escola

²¹ O tipo de amostragem nomeado como “bola de neve” é uma forma de amostra não-probabilística que utiliza cadeias de referência. Ou seja, a partir desse tipo de amostragem não é possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante, mas ela torna-se útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados (Vinuto, 2014).

Dominical. Para a contextualização da análise documental, utiliza-se inicialmente o autor Cellard (2014, p.304) quando diz que:

O encadeamento de ligações entre problemática do pesquisador e as diversas observações extraídas de sua documentação, possibilita formular explicações plausíveis, produzir uma interpretação coerente, e realizar uma reconstrução de um aspecto qualquer de uma dada sociedade.

Conforme Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 5), a análise documental é “um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos”. No caso desta pesquisa, utiliza-se de variados documentos, de cunho pedagógico e religioso, destinados ao público docente. O autor Cellard (2014) traz que o documento escrito se constitui como uma fonte preciosa para todo o pesquisador, oferecendo elementos que permitem uma aproximação com o passado.

Verificar os materiais didáticos utilizados nas Escolas Dominicais por meio da análise documental pode revelar as atividades desenvolvidas, temas dos cursos de formação de professores, as formas lúdicas abordadas para a fixação de temáticas, além de orientações do próprio Sínodo Luterano destinadas aos professores e alunos da Escola Dominical da IELB.

A escolha de pistas documentais nas possibilidades apresentadas ao pesquisador deve ser feita à luz do questionamento inicial. Porém, as descobertas e as surpresas que o aguardam às vezes obrigam-no a modificar ou a enriquecer o referido questionamento (Cellard, 2014). Desta maneira, o olhar desta pesquisa se destina a documentos voltados para a formação de professores da Escola Dominical da IELB. “É a qualidade da informação, a diversidade das fontes utilizadas, das corroborações, das intersecções, que dão sua profundidade, sua riqueza e seu refinamento a uma análise” (Cellard, 2014, p. 305).

Sobre a análise documental, Evangelista (2012, p. 8) também discorre que os documentos são produtos de informações selecionadas, sendo “de avaliações, de análises, de tendências, de recomendações, de proposições. Expressam e resultam de uma combinação de intencionalidades, valores e discursos”.

Para contextualizar os materiais utilizados como fonte de análise documental, é importante destacar que são oriundos de três momentos distintos. No início da pesquisa, houve a doação de materiais de uma professora aposentada²² que atuou

²² Posteriormente essa professora tornou-se uma depoente da pesquisa (Loni, 2023 e 2024).

em uma Escola Dominical cujas atividades aconteciam no município de Canguçu²³, situado na Serra dos Tapes e da Região Cultural Pomerana²⁴. A maioria das entrevistas ocorreu nesse município, também em virtude da proximidade da pesquisadora com o local.

O segundo momento da pesquisa que resultou em uma significativa gama de materiais documentais foi uma visita técnica realizada ao Instituto Histórico da IELB²⁵ em abril de 2022. O Instituto Histórico da IELB fica localizado na cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, e cedeu para a pesquisa a autorização do uso dos materiais lá encontrados. Nessa visita ao Instituto Histórico da IELB, fomos recebidas pelo, na época, coordenador, o senhor Paulo Udo Kunstmann, que explicou e detalhou muitos dos materiais que compõem o acervo da IELB.

O Instituto Histórico da Igreja Evangélica Luterana do Brasil é constituído por um acervo de publicações da instituição religiosa: dados estatísticos, livros didáticos, objetos, entre outros. O acervo do Instituto conta com: atas, manuscritos, biografias, livros, periódicos, mídias em geral, objetos, máquinas, equipamentos. O acervo está localizado no bairro Mont' Serrat, na cidade de Porto Alegre, junto ao Centro Administrativo da IELB, em um conjunto de edificações que eram, até 1983, utilizadas como Seminário para formação de Pastores. O acervo foi composto e auxiliado por pessoas que se preocupam com a salvaguarda da memória da instituição, assim como disponibilizaram documentação para pesquisas acadêmicas sobre imigração, religiosidade e História da Educação (Weiduschadt, Castro, Teixeira, 2019).

O terceiro momento que compôs o quadro de materiais documentais foi a realização das entrevistas, pois, nesse momento, os entrevistados doaram e disponibilizaram muitos materiais que serviram para as análises da tese.

²³ Município sul – rio-grandense localizado na serra dos Tapes, pertencente à região fisiográfica das Serras do Sudeste. Foi o 22º município gaúcho a ser criado, em 27 de junho de 1857 (Morais, 2007). O município tem uma população de quase 50 mil habitantes (IBGE, 2022).

²⁴ Como os descendentes de pomeranos têm uma forma particular de agir e de pensar, suas características se manifestam no espaço geográfico do extremo sul do Rio Grande do Sul. Ou seja, nessa região existe uma área cultural que possui características étnicas alemãs e pomeranas, como as igrejas da religião luterana, as práticas religiosas, os ritos de passagem, as festividades, as superstições, a prática linguística, a agricultura, a gastronomia, a construção de moradias, as formas de comemorar cada ocasião, as características dos indivíduos, todos esses aspectos são elementos constituintes do espaço (Romig, Pitano, 2020).

²⁵ O Instituto Histórico da IELB fica localizado junto ao centro administrativo da Igreja Evangélica Luterana do Brasil na cidade de Porto Alegre – RS. Bairro Mont' Serrat, Avenida Coronel Lucas de Oliveira, 894. Sobre seu acervo ver o artigo de Weiduschadt, Castro e Teixeira (2019).

As fontes apresentadas e utilizadas baseiam-se principalmente em materiais didáticos de cunho religioso, que eram utilizados nas aulas da Escola Dominical. A grande maioria desses materiais era publicada pela Editora Concórdia²⁶.

De maneira geral, observa-se que muitos desses materiais abordam o Antigo e Novo Testamento da Bíblia. Essa preparação e educação voltadas para a Bíblia são explicadas por Barbosa (2017, p.87), que escreve: “Lutero requer a criação de escolas que tenham a Bíblia como o centro do ensino e que formem bons cristãos para atuarem na sociedade”.

Esses materiais documentais são constituídos de forma variada, há desde planos de aula, até descrições de como realizar a abordagem da aula, manuais para professores de Escola Dominical, atividades como caça-palavras, ilustrações, atividades de colorir, histórias bíblicas para serem contadas, entre outras atividades que se demonstram lúdicas aos alunos. Além disso, o trabalho conta com análises de periódicos e livros, e até cadernos de registros de professores.

São apresentadas, também, imagens que serviram para a ilustração de histórias bíblicas, orientações didáticas, materiais da APEC²⁷, métodos de incentivo a presença, materiais produzidos para datas litúrgicas²⁸ e demais materiais que trouxeram pistas sobre a formação e atuação das professoras que atuaram na Escola Dominical da IELB.

A seguir, são trazidas, de maneira geral, algumas das fontes que compõem as análises desta tese.

1.2.1 Apresentação de Fontes Documentais

Ao longo da pesquisa, foi feito um amplo levantamento de material documental sobre as Escolas Dominicais da IELB, com um olhar especial para a formação docente que era oferecida pela instituição, especialmente no que diz respeito a cursos e materiais didáticos.

Para a apresentação e análise das fontes, faz-se uso da metodologia de análise documental, como já mencionado, baseada em Cellard (2014). Cabe

²⁶ A Editora Concórdia foi criada em 1923 com a missão de produzir e comercializar materiais que atendessem às necessidades religiosas dos adeptos da IELB (Weiduschadt, 2007).

²⁷ Aliança Pró Evangelização das Crianças. Ao longo do texto será utilizada a sigla APEC.

²⁸ Relacionado a datas religiosas. A liturgia pode ser entendida como temas e elementos relacionados com a prática religiosa.

salientar também que ao longo da pesquisa, quando se olhou os materiais didáticos e se fez a escuta dos relatos das professoras, surgiram também outros resquícios que constituem a materialidade da Escola Dominical.

Desta maneira, ao analisar a formação de professoras de Escola Dominical da IELB, faz-se um mergulho na história da Igreja, e na história da própria Escola Dominical, para olhar o passado e pensar como essas professoras se formaram, como os materiais e cursos se constituíram, e quais as influências pedagógicas que perpassaram por tal ambiente.

As fontes documentais que compõem o estudo são fruto de um constante processo de busca e salvaguarda de materiais documentais. A pesquisa começou com a doação de materiais feitos pela professora Loni, em seguida realizou-se uma visita ao instituto histórico da IELB e ao longo das entrevistas, algumas professoras foram doando e mostrando materiais para serem fotografados. Isso gerou para a pesquisa um acervo bastante diversificado de materiais, sejam de recursos didáticos, manuais de orientação, periódicos e cadernos de professoras. Esses materiais foram sendo vistos e analisados, conforme as inquietações da pesquisa.

A grande maioria das fontes utilizadas é publicada pela Editora Concórdia. Esse fato é inclusive mencionado e divulgado por Warth na obra “Crônicas da igreja”, em que é escrito: “Graças a Deus, já existe ótimo material didático para a escola dominical. Pode o mesmo ser adquirido na Casa Publicadora Concórdia de Porto Alegre” (Warth, 1979, p.199).

Como mencionado anteriormente, em abril de 2022 foi feita uma visita²⁹ ao Instituto Histórico da IELB.

²⁹ Visita feita pela pesquisadora e sua orientadora.

Figura 2 – Registro da visita ao Instituto Histórico da IELB



Fonte: autora, abril de 2022.

Na oportunidade, foi possível conhecer a administração da Igreja e o papel que a Escola Dominical ocupa na sua hierarquia administrativa. Além disso, teve-se acesso a um significativo arcabouço de fontes teóricas utilizadas nas Escolas Dominicais da IELB. Percebeu-se que houve também uma significativa produção de materiais didáticos para os professores, sejam eles de produção local ou produções vindas de Missouri, dos Estados Unidos.

Ao olhar de maneira geral para os materiais presentes no arquivo do Instituto Histórico, percebe-se que com o passar do tempo a IELB se organizou na consolidação de material didático para seus professores. Considera-se que é a partir do trabalho do professor que as intenções da Escola Dominical e consequentemente as ações da igreja se efetivavam.

Assim como Weiduschadt (2012) aponta, a Escola Dominical no Sínodo de Missouri se solidificou com o declínio das escolas paroquiais. A autora escreve que a revista “O Pequeno Luterano” foi uma forma de propagar este projeto de missão, que era a Escola Dominical, e incentivar a participação dos fiéis nesta determinada

prática. Além da revista “O Pequeno Luterano”, verifica-se que outros periódicos, como “O Mensageiro Luterano”, também foram responsáveis por estimular a participação de professores e alunos na ação da Escola Dominical.

Além da doação inicial e da visita ao Instituto Histórico da IELB, na realização das entrevistas foram obtidas muitas fontes documentais que eram de posse dos entrevistados. Esses materiais são compostos por cadernos de aulas, anotações de professores, revistas e livros de orientações pedagógicas, e edições de “O Mensageiro Luterano”³⁰, “Revista de Servas”, “Jovem Luterano” e outros periódicos que tratavam sobre a Escola Dominical. A seguir, é apresentado um quadro sobre os tipos de materiais utilizados na pesquisa.

Quadro 1 – Origem e tipos de documentos da Pesquisa

Origem dos documentos	Ano	Nome / Tipo de documento
Doações do acervo pessoal da professora aposentada Loni Weiduschadt.	2021	Diferentes edições do “O Jornalzinho”; Diferentes edições do “Com Jesus”; “Manual de formação dos professores”, de Horst Kuchenbecker; Coleções de outras denominações religiosas (“O Cultinho”; “Amigo das Crianças”; “Ensina a criança”; “Falemos de Cristo aos Pequenininhos”, etc).
Visita ao Acervo do Instituto Histórico da IELB.	2022	Coleção completa de “O Jornalzinho”; Muitos exemplares do “Com Jesus”; Diferentes livros orientadores de docentes; Materiais publicados em inglês sobre Escola Dominical da Concórdia Publish House; Manuais publicados por Oscar e Silvana Lehenbauer;
Doações realizadas por entrevistados no ato das entrevistas.	2023 e 2024	Cadernos de registros de aulas; Materiais didáticos utilizados; Coleção completa dos livros “Professor em ação”; Suplemento de “O Mensageiro Luterano”; Algumas edições de “O Mensageiro Luterano”; Materiais de flanelógrafo; Materiais da APEC;
Doações do acervo pessoal da professora aposentada Loni Weiduschadt. (2º momento de doação).	2024	Inúmeras edições de “O Mensageiro Luterano”, que iniciam na década de 1980 até a atualidade.

Organização: autora, 2024.

Além dos materiais diretamente relacionados com a formação de professores da Escola Dominical, também olhou-se para outros materiais que eram publicados pela IELB e circulavam entre seus adeptos. Estes documentos demonstram infinitudes de possibilidades de pesquisas, assim, concorda-se com Luca (2021,

³⁰ Periódico da IELB que circula entre os fiéis. Também demonstrado pela sigla ML.

p.95) quando este diz que: “é prudente afirmar que textos historiográficos e documentos não ensejam leituras imutáveis e definitivas, mas comportam infindas e imprevisíveis retomadas e decifrações, tanto quanto os próprios acontecimentos históricos”.

A seguir, apresenta-se um quadro discriminatório dos principais materiais analisados ao longo da tese:

Quadro 2 – Apresentação dos principais documentos utilizados na pesquisa.

MATERIAL / DOCUMENTOS	ANO
Manual dos professores da Escola Dominical - Horst Kuchenbecker	1978
Material Didático da Escola Dominical – Silvana Lehenbauer	1983
Como ensiná-los – Manual para Escola Dominical - Silvana Lehenbauer	1983
O Jornalzinho	1985 – 1995
Edições do Mensageiro Luterano	Período da pesquisa (1970 – 2000)
Edições da Revista das Servas	Período da pesquisa (1970 – 2000)
Edições da Revista O Jovem Luterano	Período da pesquisa (1970 – 2000)
Cadernos de professores e suas respectivas anotações	Período da pesquisa (1970 – 2000)
Fonte: obra “Como ensiná-los do Manual para Escola Dominical”, de Silvana Lehenbauer, 1986.	Período da pesquisa (1970 – 2000)
Outros / Diversos	Período da pesquisa (1970 – 2000)

Organização: autora, 2024.

No quadro anterior é apresentado um panorama dos principais materiais utilizados nas análises da tese. Não há um material e nem uma data específica, o enfoque foi no período de análise e em materiais didáticos gerais que auxiliaram a formação e atuação docente.

1.2.2 Entrevistas

Na pesquisa foram realizadas entrevistas com nove pessoas. Essas entrevistas foram direcionadas para professoras e pessoas que estiveram envolvidas em organizações da Escola Dominical da IELB.

Um número de três entrevistas foi realizado de maneira on-line, por meio da plataforma da Web conferência da UFPel. As demais entrevistas foram realizadas de maneira presencial. Contabilizou-se, ao final, oito mulheres e um homem.

A primeira entrevistada foi Célia Bündchen, um nome que muito apareceu na organização dos materiais documentais da Escola Dominical da IELB. A partir desta entrevista inicial, novos nomes foram surgindo e mais outras duas entrevistas foram realizadas, respectivamente, com Ângela Schünke e Silvana Lehenbauer, dois nomes que também apareceram muito nos materiais consultados.

O casal Silvana e Oscar Lehenbauer³¹ foram os precursores da consolidação da Escola Dominical, e foram autores de inúmeros materiais didáticos destinados à Escola Dominical. A entrevista com Silvana foi muito esclarecedora, no sentido de entender a dinâmica de surgimento e consolidação da Escola Dominical na IELB. Por ser Silvana um nome de destaque quando se trata da história da Escola Dominical na IELB, optou-se por dois momentos de entrevista: um momento inicial no ano de 2022 e outro na fase final da pesquisa, no ano de 2025.

Essas três entrevistas foram feitas de maneira online, pois as entrevistadas residem em municípios e estados diferentes do da pesquisadora, além do fato de que em parte foram realizadas ainda em um contexto de distanciamento social, resquício da pandemia de Covid-19³².

Em seguida, fez-se uma entrevista com a professora Loni Weiduschadt. Dona Loni é professora aposentada da rede estadual de ensino, com 40 anos de carreira no magistério estadual do município de Canguçu. Dona Loni atuou por muito anos como professora de Escola Dominical e doou muito de seus materiais para a realização desta pesquisa. Dona Loni é esposa de pastor e teve um envolvimento com a Igreja por toda a sua vida. A entrevista foi realizada na casa da entrevistada por dois momentos.

Em seguida, deu-se a entrevista com a senhora Gessi de Almeida Ferreira, que também é uma professora estadual aposentada e também atuou dentro do município de Canguçu. Dona Gessi não só ainda atua nas atividades da Escola Dominical de sua Paróquia, como também é professora particular de gramática em

³¹ Oscar é pastor emérito pela IELB. Silvana teve uma carreira consolidada como professora universitária. O casal foi precursor na consolidação da Comissão da Escola Dominical da IELB. Esse assunto será aprofundado nos próximos capítulos. Nesta pesquisa realizaram-se duas entrevistas com Silvana Lehenbauer.

³² A COVID-19 foi uma doença causada pelo Corona vírus (SARS-CoV-2), que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. Por ser uma doença contagiosa de fácil propagação, a única maneira de combatê-la inicialmente foi pela higiene pessoal e distanciamento social. Assim, durante o ano de 2021 e início do ano de 2022 ainda havia algumas restrições a encontros presenciais. Desta forma, nos primeiros meses desta pesquisa, algumas atividades foram realizadas de maneira remota/on-line.

sua residência. Dona Gessi possui um acervo de materiais significativo e organizado da Escola Dominical.

A próxima entrevistada foi Hedi Leitzke Blank, uma professora de Escola Dominical que não teve envolvimento com a docência na educação básica, formou-se em contabilidade e atuou com seu marido no comércio da família, reside na zona rural no interior do município de São Lourenço do Sul. Hedi contribuiu muito com a pesquisa pelo fato de ter muitos materiais guardados e organizados. Inclusive doou alguns de seus cadernos com anotações de aula. É uma professora atuante, começou a ser professora quando foi confirmada na Igreja, e depois de 50 anos ainda atua na docência da Escola Dominical.

A entrevistada Marilanda Neunfeld Wille exerce a profissão de agricultora, estudou até a 5ª série, também não foi professora de educação básica, mas ainda é uma mulher atuante na Escola Dominical, já acumulando mais de 30 anos à frente desta ação da IELB. Também relata que começou suas atividades a partir do momento em que foi confirmada, e depois seguiu ministrando aulas na Escola Dominical. Sempre atuou em uma comunidade na zona rural do município de São Lourenço do Sul.

As entrevistadas Hedi e Marilanda não são esposas de pastores e nem foram professoras de educação básica, segundo elas seu envolvimento na Escola Dominical se deu em função de suas famílias serem muito assíduas e envolvidas nas atividades da Igreja.

Em seguida, foi realizada uma entrevista com o casal Elmer e Maria Roll. Ambos tiveram uma forte atuação na Comissão da Escola Dominical. Elmer é pastor emérito da IELB, foi redator de “O Jornalzinho”, e tradutor de inúmeros materiais vindos dos Estados Unidos. Assim, produziu e traduziu muitos materiais utilizados por professoras de Escola Dominical. Possui muitos materiais ainda guardados em sua residência, dentre os quais alguns deles foram doados para esta pesquisa.

Maria Roll foi professora de educação básica e de escola paroquial, formada pelo curso normal, esposa de pastor, atuante por 34 anos como professora de Escola Dominical em diferentes locais da região sul do Brasil³³. Auxiliou seu marido em organizações junto à Comissão de Escola Dominical da IELB.

³³ O casal transitou entre os estados do Rio Grande do Sul e Paraná.

Com algumas das entrevistadas, ocorreram dois momentos de conversa. A opção pelo segundo encontro foi para esclarecer alguns pontos de suas experiências. Foi o caso das entrevistadas Loni, Hedi e Silvana.

Para a realização das entrevistas foi estabelecido um prévio roteiro de perguntas, que é apresentado nos apêndices. Esse roteiro prévio foi sendo adaptado de acordo com o andamento da pesquisa e com as características de cada entrevistado.

Alguns dos entrevistados pediram para conhecer a pesquisa, dessa forma foi feito o envio do projeto para que assim conhecessem os objetivos da investigação. Nesse sentido, também durante os momentos das entrevistas a pesquisadora sempre estabeleceu um diálogo mútuo, de modo a explicar as finalidades e objetivos da pesquisa, de maneira que os entrevistados se sentissem à vontade para participar.

Vejamos a seguir um quadro com a síntese das entrevistas realizadas na pesquisa:

Quadro 3 - Apresentação das entrevistas

Nome da entrevistada	Ano	Local	Atuação dentro da IELB
Célia Bündchen	2022	Web Conferência UFPel	Atuou na organização e no trabalho da IELB para com a Escola Dominical. Seu nome aparece na organização de vários materiais mais recentes da IELB. Escreveu o material “Auxílios para a Escola Dominical”. Integrou a Comissão da Escola Dominical a partir do ano de 1995. Esposa de pastor.
Ângela Schünke	2022	Web Conferência UFPel	Atuou na organização e no trabalho da IELB para com a Escola Dominical. Seu nome aparece na organização de vários materiais mais recentes da IELB. Esposa de pastor.
Silvana Lehenbauer	2022 e 2025	Web Conferência UFPel	Foi uma das precursoras da Escola Dominical dentro da IELB. Teve uma expressiva atuação na Comissão da Escola Dominical, especialmente entre os anos de 1984 e 1995. Ministrou vários cursos de formação de professores da Escola Dominical e produziu o “Material Didático na Escola Dominical” e “Como ensiná-los Manual para Escola Dominical”. É esposa de pastor. Trabalhou em municípios como Arroio do Meio, Santa Maria e Canoas-RS.
Loni Weiduschadt	2023 e	Presencial -	Professora aposentada de Escola

	2024	casa da entrevistada	Dominical e da rede estadual de ensino do RS. Foi participante de cursos oferecidos pela IELB. Esposa de pastor.
Gessi de Almeida Ferreira	2023	Presencial - casa da entrevistada	Professora aposentada da rede Estadual de ensino do RS, ainda na atualidade auxilia nas atividades da Escola Dominical. Foi participante de cursos oferecidos pela IELB. Não foi esposa de pastor.
Hedi Leitzke Blank	2023 e 2024	Presencial - casa da entrevistada	Agricultora e esposa de comerciante. Formou-se em contabilidade. Atua como professora de Escola Dominical há mais de 50 anos. Foi participante de cursos oferecidos pela IELB. Não foi professora da rede básica. A família tem um forte envolvimento com a Igreja, seu filho e seu irmão são pastores da IELB.
Marilanda Neunfeld Wille	2024	Presencial – em um local próximo à casa da entrevistada	Agricultora. Atua como professora de Escola Dominical há 35 anos. Foi participante de cursos locais oferecidos pela IELB. Não foi professora da rede básica.
Maria Letzow Roll	2024	Presencial - casa da entrevistada	Professora formada pelo Curso Normal e esposa de pastor. Atou como professora de Escola Dominical por mais de 34 anos. Auxiliou seu marido na Comissão de Escola Dominical.
Elmer Roll	2024	Presencial - casa do entrevistado	Pastor emérito. Foi redator de “O Jornalzinho” e tradutor de materiais didáticos vindos dos Estados Unidos (Concórdia Publish House). Integrante da Comissão da Escola Dominical entre as décadas de 1970 e 1990.

Organização: autora, 2024.

A seguir, é apresentado um mapa com a localização dos entrevistados dentro do estado do Rio Grande Sul:

Figura 3 – Mapa da Localização dos entrevistados da Pesquisa



Fonte: Adaptado pela autora, 2024.

Verifica-se que a maioria dos entrevistados teve sua atuação nas proximidades da Serra do Tapes, na região sul do estado gaúcho. Porém houve a presença de outros municípios no mapa, pois as professoras que foram esposas de pastores circularam por diferentes locais acompanhando os seus maridos nas atividades eclesiais. Mas por ser a IELB uma igreja presente em todo o território brasileiro, os relatos e achados da pesquisa fazem parte de um contexto nacional da Escola Dominical, aqui apenas se trata deles com um foco espacial para o Rio Grande do Sul.

Com a realização das entrevistas, muitas questões foram esclarecidas, o que facilitou a delimitação e o entendimento do contexto de pesquisa. Após a realização das entrevistas, como já adiantado, as gravações resultantes delas foram transcritas e enviadas para as narradoras, para que assim autorizassem o seu uso.

A seguir apresenta-se um quadro que está mais direcionado para os formadores da Escola Dominical, os que pensaram cursos e materiais para as professoras:

Quadro 4 – Apresentação e contribuições dos Formadores da Escola Dominical.

Nome da entrevistada	Formação³⁴	Materiais/Cursos Produzidos
Célia Bündchen	Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (1996) mestrado na ULBRA, em Canoas. Trabalhou em Balneário Camboriú com a Universidade do Contestado, era ensino a distância e eu coordenava o polo. Aposentou-se em meados de 2011, mas ainda seguiu com atividades após sua aposentadoria.	Professor em Ação; idealizadora do periódico “Com Jesus” (auxílio para alunos e professores);
Ângela Schünke	Foi professora durante 27 anos entre rede estadual, municipal e particular. Foi concursada pelo estado no município de Blumenau/SC. Formada em Letras e com habilitação em Ensino Religioso. Fez formação em Ciências da Religião oferecida pelo estado de Santa Catarina. Aposentou-se em três escolas da ULBRA, no município de Canoas-RS.	Participou da Comissão da Escola Dominical entre os anos de 2007 e 2008. Participando da escrita de partes do periódico ‘Com Jesus’.
Silvana Lehenbauer	Fez curso Normal, pedagogia, mestrado em educação especial e o doutorado em reformas e inovações de sistemas educacionais. Atuou principalmente como professora universitária.	Idealizadora e escritora do “O Jornalzinho”. Autora do Manual de professores da Escola Dominical. Formadora de diversos cursos de treinamento oferecido para professoras.
Elmer Roll	Formado como professor pelo Seminário Concórdia.	Redator da Revista “O Jornalzinho” e tradutor de materiais pedagógicos e religiosos vindos dos EUA.

Organização: autora, 2025.

³⁴ Dados compilados a partir das informações trazidos pelos próprios entrevistados e na plataforma Currículo Lattes.

No trecho a seguir, Silvana fala sobre sua longa trajetória em relação à Escola Dominical:

Eu tenho uma trajetória na educação desde que eu me conheço por gente, porque aos 13 anos enquanto professora de datilografia, e eu tinha uma madrinha que me influenciou muito como professora e naquela época já me colocou como monitora dela no jardim de infância e depois eu entrei na escola normal, então eu sempre brinco que quando eu costumo me apresentar eu digo: professora, esposa, mãe e avó, e o professora vem primeiro, porque antes de qualquer coisa eu fui professora a vida inteira. E a minha trajetória acadêmica toda, eu comecei lá no jardim de infância, como eu disse, depois na escola dominical e me aposentei como professora universitária, eu passei pela Federal de Santa Maria, pela PUC de Porto Alegre, pela Federal de Porto Alegre e pela Ulbra em Canoas e por aí vai. Então, eu fiz pedagogia, fiz o mestrado em educação especial e o doutorado em reformas e inovações de sistemas educacionais, o doutorado eu não reconheci, eu só tenho o reconhecimento da Universidade naquelas reuniões de conselho da Universidade e não me preocupei em reconhecê-lo nacionalmente, porque já tinha o reconhecimento da Universidade e era isso que importava (Silvana, 2022)

Neste relato a entrevistada Silvana fala sobre sua trajetória, em que se evidencia a atuação docente enraizada em sua vida, ou seja, ela define sua existência pela prática docente.

Um dos critérios adotados no momento da escolha dos entrevistados foi o de escolher professoras que estiveram pelo menos 10 anos ministrando aulas em Escolas Dominicais da IELB. Além disso, o objetivo foi entrevistar pessoas idealizadoras da Escola Dominical e pessoas que fizeram parte da Comissão da Escola Dominical. Optou-se também por entrevistar majoritariamente mulheres, pois estas foram as protagonistas da existência da Escola Dominical da IELB. Algumas entrevistadas também foram selecionadas quando seus respectivos nomes foram identificados na organização/autoria de materiais destinados para as aulas da Escola Dominical.

1.3 Revisão teórica

No decorrer da pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico de outras investigações relacionadas com a temática da Escola Dominical no campo de estudos da História da Educação. Foi feita uma busca pelo descritor “Escola Dominical” em sites e repositórios acadêmicos.

Conforme Barros (2009, p.103) a revisão da bibliografia pode ser uma maneira de justificar a escolha do tema a ser pesquisado:

Há ainda quem inicie o seu Projeto com uma introdução que apresenta uma espécie de revisão da bibliografia existente para depois justificar o seu Projeto em termos do preenchimento de uma lacuna qualquer evidenciada por essa revisão da bibliografia existente sobre o tema (Barros, 2009, p.103).

As buscas foram feitas no período de construção do projeto de pesquisa e foram sendo utilizadas na estruturação da tese final. Consultou-se os seguintes ambientes de repositórios digitais: Revista Brasileira de História da Educação, Revista Brasileira de História das Religiões, Banco de Teses e Dissertações da Capes, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Portal de Periódicos da Capes, Google acadêmico, Revista de Teologia do Seminário Concórdia (Revista Luterana) e repositório digital da Escola Superior de Teologia (Faculdades EST). Em um momento inicial, foi feita a leitura dos títulos e dos resumos das obras encontradas, que foram 16 trabalhos, sendo eles divididos em 4 artigos, 10 dissertações e 2 teses.

Como menciona Barros (2009, p. 103-104), “o mais comum é iniciar qualquer trabalho ou esforço de reflexão científica a partir de conquistas ou questionamentos que já foram levantados em trabalhos anteriores”. Dessa maneira, a busca de produções sobre a temática possibilitou o conhecimento do campo de pesquisa.

Conforme escreve Barros (2009, p. 104), ainda:

A revisão da literatura já existente sobre determinado assunto poderá contribuir precisamente para apontar lacunas que o pesquisador poderá percorrer de maneira inovadora, além de funcionar como fonte de inspiração para o delineamento de um recorte temático original.

No momento inicial da pesquisa, para que os trabalhos pudessem contribuir, optou-se por dividir os encontrados em quadros temáticos, para, assim, chegar a um panorama que auxiliasse a pesquisa. Os quadros com os trabalhos encontrados estão nos apêndices, suas contribuições teóricas aparecem ao longo da escrita.

De uma maneira geral, observou-se que há apenas três trabalhos que abordam o tema da Escola Dominical dentro da vertente luterana, e pouquíssimos trabalhos que tratam da Escola Dominical dentro da área da Educação, mais especificamente em História da Educação. A maioria foi produzido na área da Teologia e/ou Ciências da Religião. No momento do levantamento teórico, percebeu-

se que muitos trabalhos já produzidos sobre a Escola Dominical são de outras denominações religiosas, como da Assembleia de Deus³⁵ e da Igreja Metodista³⁶.

Quando se fala em formação de professores das Escolas Dominicais Luteranas, os achados se tornam ainda mais escassos. Desta forma, verifica-se que existe uma lacuna de pesquisas sobre a Escola Dominical na área da Educação e que trate sobre esse espaço educativo e a formação docente dentro do luteranismo.

Logo, a quase inexistência de trabalhos sobre a Escola Dominical Luterana no meio científico desperta a necessidade e o interesse de pesquisa deste tema no campo da História da Educação, ressaltando o ineditismo desta tese.

1.4 Conceitos da pesquisa

Para realização do estudo e para a proposta de análise de dados, precisam ser estabelecidos conceitos que fundamentem o objeto de pesquisa. A seguir, são apresentados conceitos que serão categorias de análise e, dentro de cada um, são abordados elementos que ajudam a entender e sustentar a tese.

Os conceitos preliminares são: o papel das mulheres na IELB, o processo de formação docente, o ofício de artesão e a materialidade escolar da Escola Dominical, e a conseqüente constituição de um campo religioso e pedagógico e um *habitus* luterano.

Desta maneira, entende-se que a Escola Dominical foi um projeto executado por mulheres, com empréstimos de práticas e instrumentos da escola regular. Muitas ações exercidas pelas professoras eram ensinadas em cursos oferecidos pela própria IELB, toda a atividade pedagógica e aquilo que era trabalhado nos cursos era regido pela doutrina luterana, ou seja, por um *habitus* que permeava as ações da IELB, buscando que as professoras e as crianças permanecessem nos

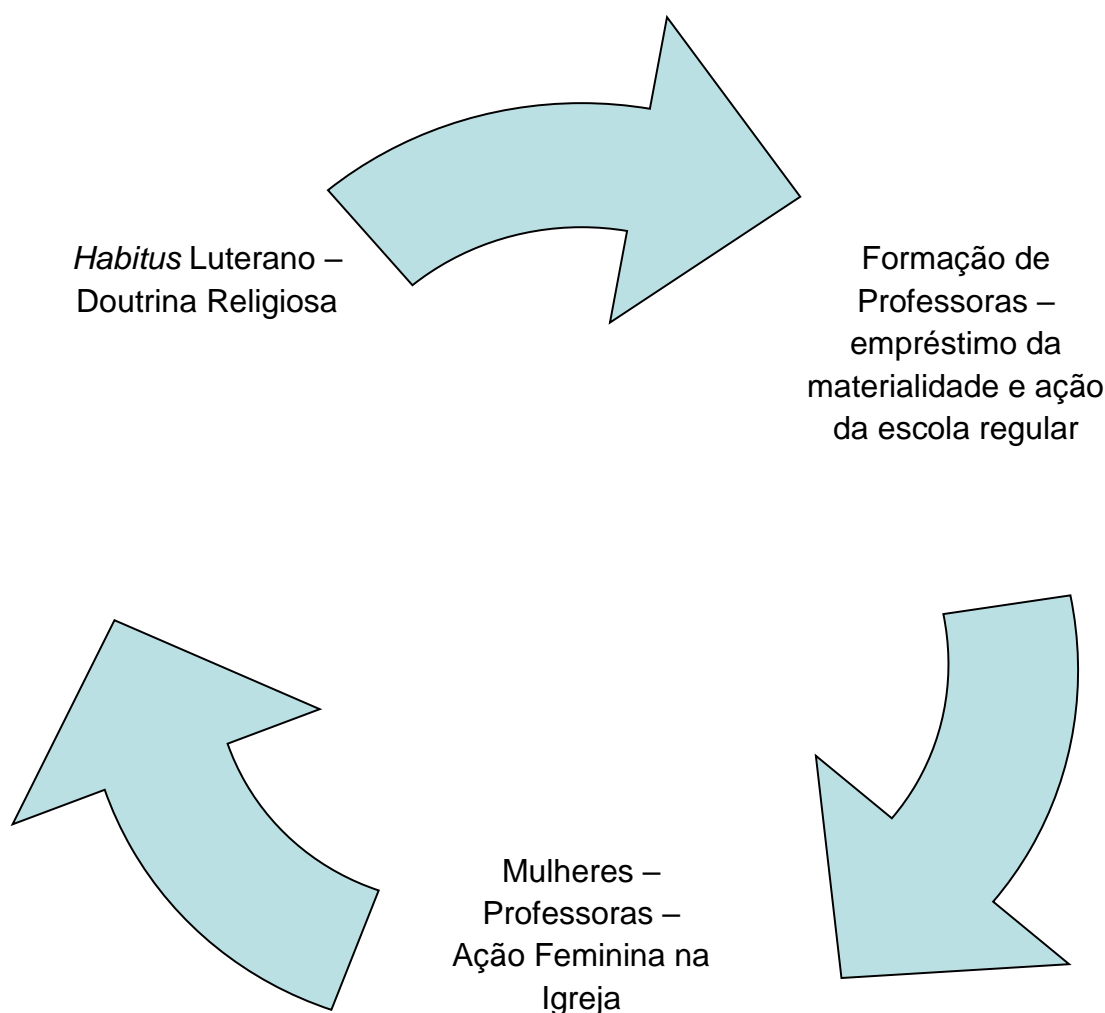
³⁵ A Assembleia de Deus no Brasil traz em sua trajetória de existência um histórico missionário sedimentado em todo o território nacional a partir de 1910, com seus fundadores, os missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren. Iniciada em Belém do Pará, no extremo norte do Brasil, dando forma ao que se tornaria o maior ministério pentecostal do país, dentre o conjunto de ações desenvolvidas por esta Igreja está a ação educacional através da Escola Dominical, ensinando o que seus adeptos chamam de a Palavra de Deus, uma referência ao seu livro sagrado (Bíblia), além de determinados valores sociais e políticos (Pereira de Deus, 2018).

³⁶ O metodismo foi iniciado na Inglaterra do século XVIII, com a consolidação da Igreja Metodista em 1739. Segundo Silva (2015), o Metodismo foi um movimento surgido a partir da Igreja Anglicana no século XVIII, oriundo de sociedades de temperança organizadas com o objetivo de exercitar a disciplina cristã e a devoção com práticas religiosas sistemáticas, esforços visando à santificação dos fiéis e o conhecimento bíblico estendido às camadas de trabalhadores.

ensinamentos religiosos e doutrinários deste espaço. Mas a própria atuação das professoras trouxe estratégias pedagógicas para além de sua formação, utilizando materiais de outras denominações religiosas e construindo seus próprios recursos para elaborar e executar aulas atrativas aos seus alunos.

Os autores Kuhn e Bayer (2017, p. 160) salientam que “para o Sínodo de Missouri, a doutrina só teria sentido se pudesse ser divulgada através de pastores e professores com formação na própria instituição”. Para tanto, vejamos o esquema a seguir:

Figura 4 – Esquema que representa os conceitos norteadores da pesquisa



No esquema anterior, estão demonstrados os três elementos que juntos compõem a constituição da Escola Dominical da IELB. Uma ação do público feminino, que se empresta de materialidades e ações desenvolvidas nas escolas regulares, formado por cursos doutrinários e pedagógicos. É por meio dessa conjuntura que as perspectivas pedagógicas adentraram na IELB.

1.4.1 O Papel das Mulheres na atuação religiosa

Silenciosas, as mulheres? – Mas elas são as únicas que escutamos, dirão alguns de nossos contemporâneos, que com angústia têm a impressão de sua irresistível ascensão e de sua fala invasora. “Elas, elas, elas, elas, sempre elas, vorazes, tagarelas...”³⁷ (Perrot, 2005, p. 9).

Durante a realização da pesquisa, verificou-se que foram as mulheres que prioritariamente ocuparam o papel de professoras da Escola Dominical na IELB. Essa situação gerou estranhamento, visto que esta instituição ainda restringe muitos de seus espaços às mulheres, pois elas não podem exercer o sacerdócio, além disso, muitos cargos administrativos da Igreja são ainda ocupados somente por homens. Então por que as mulheres ocupavam o espaço da Escola Dominical? Por que o espaço da escola lhes foi permitido? Tais questionamentos são reflexões trazidas ao longo da tese.

É necessário deixar claro que a pesquisa trata de um público feminino que se dedicava à família e ao trabalho missionário na Igreja, e que em alguns casos usava da oportunidade de docência no meio religioso para conquistar visibilidade naquele contexto e, conseqüentemente, em alguns casos se inserir no mundo do trabalho. Contudo, é necessário salientar, que se trata de mulheres brancas, com famílias estruturadas e em condições financeiras estáveis. Elas viviam em uma sociedade que considerava o lar, o cuidado dos filhos e do marido o mais adequado para a preservação moral e religiosa. Eram mulheres socialmente privilegiadas, diferente de mulheres negras, que ao longo da história tiveram outra relação com o trabalho³⁸. Sobre isso, traz-se para discussão os escritos de Davis (2016):

Embora a “dona de casa” tivesse suas raízes nas condições sociais da burguesia e das classes médias, a ideologia do século XIX estabeleceu a dona de casa e a mãe como modelos universais de feminilidade. Como a

³⁷ SARRAUTO, Nathalie. **Tropismes**. Paris: Gallinard, La Pléiade. 1996.

³⁸ Pela ideologia da feminilidade do século XIX, enfatizava-se o papel das mulheres como mães protetoras, parceiras e donas de casa amáveis para seus maridos. Por outro lado, a mulher negra escrava era uma trabalhadora em tempo integral para seu proprietário, e apenas ocasionalmente esposa, mãe e dona de casa (Davis, 2016).

propaganda popular representava a vocação de todas as mulheres em função dos papéis que elas exerciam no lar, mulheres obrigadas a trabalhar em troca de salários passaram a ser tratadas como visitantes alienígenas no mundo masculino da economia pública. Fora de sua esfera “natural”, as mulheres não seriam tratadas como trabalhadoras assalariadas completas. O preço que pagava envolvia longas jornadas, condições de trabalho precárias e salários repulsivamente inadequados (Davis, 2016, p. 219).

A autora discute que mesmo fora de casa e trabalhando em distintas condições, o trabalho feminino historicamente foi pouco valorizado por uma sociedade de igual forma historicamente patriarcal.

No contexto analisado, o homem que era o pastor tinha o destaque dentro da Igreja. Quando ainda haviam as escolas paroquiais, igreja e escola funcionavam juntas, e, na maioria das vezes, as atividades aconteciam no mesmo prédio, sendo o professor e o pastor a mesma pessoa (Teichmann, 1996). Com o enfraquecimento e extinção das escolas paroquiais, a IELB intensifica a criação das Escolas Dominicais, e em muitas comunidades ela acontecia no mesmo horário dos cultos, sendo uma atividade semanal, enquanto a escola paroquial era diária. Assim, o pastor não poderia exercer essa tarefa e foi neste contexto em que a mulher teve um espaço permitido, mas para elas não havia remuneração pois era um “trabalho voluntário”, e uma ação que lidava diretamente com as crianças da comunidade. Ao lidar com crianças, as características do cuidado e da maternidade também se sobressaem, seria um trabalho voluntário e missionário.

Sobre o papel da mulher na IELB, a tese de Albrecht (2024) reflete sobre as orientações do periódico “O Jovem Luterano”. Essas orientações moldavam os comportamentos masculinos e femininos considerados adequados pela visão da Igreja.

As diferenças biológicas entre homens e mulheres eram usadas para justificar e determinar seus respectivos papéis sociais. As mulheres eram, assim, frequentemente associadas à maternidade e aos cuidados domésticos; os homens, ao trabalho remunerado e à liderança (Albrecht, 2024, p. 185).

Na pesquisa de Farias (2011) aparecem discussões sobre o histórico papel das mulheres na IELB. Em 1942, foi organizada, no Sínodo de Missouri, a Liga Missionária de Senhoras Luteranas (Lutheran Women’s Missionary League - LWML). Alguns anos após a fundação dessa Liga Missionária nos Estados Unidos, surge também no Brasil a Liga de Senhoras Luteranas do Brasil (LSLB). Por meio de seus trabalhos e ofertas, a LSLB auxiliou a Igreja na construção de capelas em missões no Brasil, na doação de folhetos evangelísticos e material didático para

escolas bíblicas missionárias, custeando a formação de diaconisas e pastores no seminário da denominação. A partir da criação da LSLB e suas ações, as mulheres na IELB chamaram a atenção para seu papel imprescindível, assumindo novos cargos e responsabilidades, cobrando, quando necessário, o devido reconhecimento pelo conjunto da Igreja (Farias, 2011).

Desta forma, as mulheres tiveram espaços restritos, mas foram protagonistas nos espaços ocupados. Como é o caso da Escola Dominical da IELB. Porém, elas, se comparadas aos homens dentro da Igreja, ainda não conseguiram alcançar espaços que continuam unicamente masculinos. Como fala Silva (2006a, p.19), a mulher “é socializada pela religião para a submissão, a obediência, a dependência, o cuidado com o outro, enquanto o homem é socializado para dominar, ser obedecido e ser independente”. Nesse meio, o homem é considerado um ser autônomo e com poder, mulher é considerada um ser dependente e sem poder (Farias, 2011).

Em uma busca nas publicações da IELB sobre as mulheres, encontrou-se na revista “Servas do Senhor”³⁹, do ano de 1981, o seguinte dizer que reforça o papel de educadora da mulher:

Espero que a mulher da década de 80 faça fluir sua feminilidade até agora sufocada pelo orgulho e sentimento de competição com o homem, que recupere sua meiguice, sua sensibilidade, que seja mais cristã e sobretudo mãe, mais consciente e educadora, porque ninguém se educa sozinho (Servas do Senhor, jan/mar, 1981).

Conforme Rosado-Nunes (2005, p.364), as mulheres são a maioria em muitas das diferentes denominações religiosas que atuam no Brasil, são elas as responsáveis pela manutenção da igreja, porém seu papel dentro delas ainda é invisibilizado.

Ao adentrarmos uma das muitas igrejas ou templos que se espalham nesse Brasil de religiosidade plural e forçadamente ecumênico, notamos de imediato a forte presença feminina. As mulheres compõem, de fato, a maioria da população de fiéis. ‘Em nome de Deus’, tornam-se ativistas, freiras, obreiras, pastoras, bispas, mães-de-santo, políticas... Na sombra ou nos palcos e altares, grande parte das fiéis carrega para a igreja o marido, os filhos, a família, o círculo social e profissional onde atuam. Contudo, sua presença continua silenciosa e suas razões não ditas (Rosado-Nunes, 2005, p.364).

³⁹ Impresso oficial da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil (LSLB). Para ver melhor: FARIAS, Marilene Nascimento de. **Feminismo e Religião: as representações sobre o feminismo na revista Servas do Senhor (1960-2000)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados. 2011. 186 f.

Pode-se entender que a IELB utilizava as mulheres para operacionalizar seu projeto de Escola Dominical. Essa Escola pode até ter sido pensada por homens, aqueles que ocupavam o sacerdócio e a administração, porém a prática ficava com as mulheres, eram elas que articulavam, ensinavam e construía muitos materiais com suas próprias mãos. Pode-se aferir que o fato de muitas professoras da Escola Dominical serem esposas de pastores esteja relacionado com a proximidade que elas já tinham com a ortodoxia e a doutrina religiosa.

A seguir é apresentada uma das poucas imagens encontradas nos impressos da IELB sobre a Escola Dominical, trata-se de uma imagem que demonstra um grupo de formandos de professores de Escola Dominical em uma comunidade na cidade de Curitiba, PR.

Figura 5 - Grupo de formandos de professores de Escola Dominical, em uma comunidade na cidade de Curitiba, PR



Fonte: Mensageiro Luterano, junho, 1978.

Logo após a apresentação da imagem, “O Mensageiro Luterano” traz a seguinte explicação:

Realizou-se no dia 21 de agosto de 1977, na igreja SS. Trindade de Curitiba — Juvevê, PR, um culto especial de formatura de professores de Escola Dominical. Foi esta a primeira turma que, orientada pelo pastor local, Martinho Lutero Hasse, após três anos e meio de curso, conseguiu-se diplomar nas seguintes matérias: Antigo Testamento, Didática, Crenças

Fundamentais Cristãs e Novo Testamento (Mensageiro Luterano, Junho, 1978).

Percebe-se que dos oito formandos, sete eram mulheres, havendo, assim, apenas um homem que se formou nesta turma, o que já demonstra uma maior atuação feminina neste meio. A realidade apresentada nesta notícia é diferente daquela observada no estado do Rio Grande do Sul, onde os cursos não foram tão longos, mas a atuação foi também, maioritariamente, feminina.

A igreja e os espaços religiosos são pilares sobre os quais se assenta a relação hierarquizada entre os sexos. Através de representações, linguagens e palavra autorizada, a religião passou a reforçar ao longo dos anos as desigualdades de gênero, disseminando a ideia da inferioridade feminina através de seus discursos (Souza, 2007a). De acordo com Petry (2020, p.40), “a religião, não está livre desta dinâmica símbolo/práxis, pois os conceitos estabelecadores da ordem social são exprimidos também em doutrinas religiosas, que afirmam, de maneira categorizada, os significados de ser homem e mulher”.

Também, de acordo com a pesquisa realizada por Farias (2011, p. 62),

As discussões em torno da participação das mulheres nas atividades da Igreja, também tinham a intenção de reforçar que as funções desempenhadas pelo público feminino da IELB cumpriam com aquilo que a Bíblia determinava. Se não havia mulheres pregando nos púlpitos luteranos, era porque essa era uma vontade divinamente estabelecida, e que não cabia à Igreja alterar. Porém, ressaltava-se que as mulheres não podiam ser ordenadas pastoras, pois o ato de falar em público cabia unicamente aos homens, enquanto as atividades desenvolvidas pelas luteranas eram consideradas de extrema importância pela hierarquia masculina da Igreja. Assim, a IELB buscava distanciar as mulheres luteranas de possíveis influências do movimento feminista, ressaltando que se as feministas tinham motivos para contestar a realidade de “desigualdade” que viviam em relação aos homens, o mesmo não ocorria com as luteranas. Isso porque, tanto na Igreja quanto no lar, os papéis desempenhados por homens e mulheres se complementavam.

Desta forma, os papéis de gênero dentro da IELB se resumem no homem ocupar o espaço público e a mulher o espaço privado e reservado.

Na Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), em uma cultura interpretativa da realidade, da tradição e da Escritura Sagrada, a IELB não tem no seu “corpo teológico” oficial a presença dos olhares e das experiências do feminino. Mas possui em maior número a participação das fiéis mulheres (Petry, 2020).

A ocupação de espaços públicos por homens é uma questão histórica e social. Não sendo somente na IELB que a mulher ocupou um papel secundário, ao

longo da história a mulher sempre foi vista como o “sexo frágil”, aquela que deveria cuidar da casa, dos filhos e não tinha aptidões para outras funções.

Verifica-se que a partir da imigração germânica para o sul do Brasil, a organização do trabalho familiar também foi modificada, pelo menos em regiões rurais, pois a mulher da família de origem alemã e pomerana ajudava o homem nas atividades agrícolas. Diferentemente do contexto luso-brasileiro do século XIX, em que nas famílias de posse eram as mulheres que comandavam a casa sob o controle de escravos (Dreher, 2007).

Numerosos discursos, desde a Antiguidade, construíram a desigualdade de gêneros como natural, a fim de legitimar as diferenças entre homens e mulheres. Esses discursos integraram-se às práticas sociais, passando a determinar a vida das mulheres, estabelecendo uma “natureza feminina”, voltada para a maternidade e a reprodução (Tedeschi, 2008).

Para tratar sobre a história das mulheres, é necessário entender que entre os sexos existe uma relação de poder, e na igreja não é diferente, pois os meios religiosos historicamente reforçaram que o espaço da mulher era reservado ao lar. Como escreve Colling (2014),

As representações da mulher atravessaram os tempos e estabeleceram o pensamento simbólico da diferença entre os sexos: a mãe, a esposa dedicada, a “rainha do lar”, digna de ser louvada e santificada, uma mulher sublimada; seu contraponto, a Eva, debochada, sensual, constituindo a vergonha da sociedade. Corruptora, foi a responsável pela queda da humanidade do paraíso. Aos homens o espaço público, político, onde centraliza-se o poder; à mulher, o privado e seu coração, o santuário do lar. Fora do lar, as mulheres são perigosas para a ordem pública. Poderíamos arrolar e multiplicar as citações que conclamam as mulheres a não se misturarem com os homens, permanecendo em sua função caseira e materna. As transgressoras destas normas tornam-se homens, traindo a natureza, transformando-se em monstros. Estes limites da feminilidade, determinados pelos homens, são uma maneira clara de demarcar a sua identidade. Como se a mistura de papéis sociais lhes retirasse o solo seguro (Colling, 2014, p. 24).

Como escrito no trecho anterior, a mulher sempre teve seu papel muito atrelado ao lar e à maternidade, e se transgredisse esses espaços poderia oferecer risco à sociedade. A igreja teve um papel primordial nessa histórica inferiorização da mulher na sociedade, pois usou do pecado de Eva para justificar o papel transgressor e pecador da mulher, tendo sido ela a responsável por tirar a humanidade do paraíso, sempre enaltecendo a mulher como um ser frágil.

Visto que as primeiras profissões permitidas às mulheres foram aquelas que exigiam a ação do cuidado, como professora e enfermeira, de acordo com

Nascimento e Moraes (2018, p.59) “somente quando os homens não se interessaram pela profissão as mulheres adentraram. A ideia de extensão do lar, de vocação, de maternidade era o argumento para os baixos vencimentos”. Ou seja, ainda atualmente muitas mulheres lutam por melhores condições salariais, justamente pela sociedade enxergar as profissões atreladas historicamente a elas como um ato de cuidar, amar, e por isso algo que seria natural às suas índoles e não necessitaria de remuneração.

Ensinar crianças foi, por parte das aspirações sociais, uma maneira de abrir às mulheres um espaço público, uma extensão doméstica, que prolongasse as tarefas desempenhadas no lar, discurso que surge principalmente nos primeiros anos do século XX. Para as mulheres que vislumbraram a possibilidade de liberação econômica foi a única forma encontrada para realizarem-se no campo profissional (Almeida, 1998).

Ainda conforme Almeida (1998, p. 32), a posição feminina no magistério é “representada pelo equilíbrio entre a condição desejável e a possível de se obter”. O magistério foi uma das maiores oportunidades que as mulheres tiveram para atingir posições desejadas na sociedade. E, de certa forma, o magistério seria um meio em que elas também poderiam buscar sua independência e visibilidade. Desta maneira, podemos entender a ocupação feminina da Escola Dominical como uma forma da mulher ocupar um espaço permitido, uma forma de visibilidade, participação e protagonismo na Igreja.

Louro (1997) menciona que as mulheres que contrariassem as normas sociais, com um nível de instrução mais elevado ou tivessem independência financeira, eram vistas como uma ameaça às estruturas sociais e à hierarquia dos gêneros de sua época. A sua atuação como professoras poderia ser vista pelos homens como uma alternativa viável de trabalho, pois elas receberiam um salário simbólico que não ultrapassasse a renda dos seus maridos, dessa forma o padrão de submissão feminino estaria garantido e os homens não se sentiriam ameaçados com o lugar profissional das mulheres.

Nesta tese escreve-se sobre educação e religião e, como trata Souza (2004), a religião é uma construção sociocultural. Deste modo, falar em religião significa também discutir as transformações sociais, as relações de poder, de classe, de gênero, de raça e etnia permeadas por ela. Nesse sentido, a autora Michelle Perrot (2005, p. 271) acredita que “os vínculos entre mulheres e religião são antigos,

poderosos e ambivalentes. E nessa relação sujeição e liberação, opressão e poder, aparecem imbricados de maneira quase indissolúvel”. Segundo Perrot (2007, p. 83), a religião exerce um “poder sobre as mulheres” na medida em que coloca a diferença entre os sexos como um de seus fundamentos, prática comum entre as grandes religiões monoteístas. Essas religiões se fundamentam na hierarquia do masculino em relação ao feminino.

A própria moralidade cristã criou concepções e imagens sobre as mulheres, ou seja, representações que impõem modelos de comportamento religioso e doméstico às mulheres, representações a serem seguidas pelas figuras femininas. Como já mencionado, as características construídas e atribuídas ao feminino são aquelas necessárias ao cuidado do lar, da família e do bom desempenho da maternidade, negando à mulher outras possibilidades e reforçando seu fechamento no espaço doméstico. Verifica-se que o poder do discurso masculino reforçou as características do feminino, como: mansa, tranquila, dócil, sincera e calada (Tedeschi, 2008).

Os escritos de Tambara (2002) trazem que a profissionalização feminina por meio da escola normal e a obtenção do título de normalistas para a categoria significou a consolidação do magistério como uma atividade possível para as mulheres, pois junto ao trabalho doméstico ela poderia exercer a função de professora, e ainda poderia ser bem-vista moralmente pela sociedade que a cerca (Tambara, 2002).

Assim como escreve Almeida (2000, p. 8),

Abriu-se a possibilidade para as moças de, ao cursarem a escola normal e se habilitarem para o magistério primário, alcançarem também o desempenho de uma profissão, sem que grandes embates necessitassem ser travados com os controladores do seu destino. Para as aspirações sociais da época, exercer o ofício de mestra de crianças era nobre; os cuidados com alunos de tenra idade não fugiam das aspirações maternas.

Adentrando no viés da pesquisa, que é o contexto da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, a IELB, recorre-se a Farias e Tedeschi (2010, p. 152) ao afirmarem que “para a IELB, a mulher deveria ter uma participação ativa, mas discreta na Igreja, sem transpor o limite do privado, uma vez que o espaço público caberia aos homens, sobretudo a função de pastor”. Entende-se, assim, que a “permissão” para a atuação da mulher na Escola Dominical pode estar relacionada à aludida histórica feminilização do trabalho docente, sendo a escola o lugar do ensinar e do cuidar, uma extensão da casa e da família.

Corroborando com isso, uma das entrevistadas da pesquisa salientou que sempre foi muito importante o incentivo que ela recebia de seus familiares para poder atuar como professora de Escola Dominical, pois como mulher tinha muitas tarefas domésticas, e era necessário ter a liberação da família para poder exercer essa função extra. A mesma entrevistada ainda comenta que o compromisso não era apenas o de ir dar a aula, que também era necessário ter tempo para o planejamento e estudo da aula a ser dada, havia todo um preparo que exigia tempo e disposição da família para que a mulher estivesse longe de suas tarefas domésticas naquele momento (Hedi, 2023).

Entende-se, assim, que a sociedade passou a aceitar que as mulheres exercessem a docência, pois conseguiriam conciliar essa tarefa com as suas atividades domésticas, o que historicamente também trouxe uma “dupla jornada de trabalho” para o público feminino. Infelizmente essa ainda é a realidade da grande parte das mulheres contemporâneas.

A sociedade também entendia a profissão de professora como uma “missão divina” e não uma satisfação de desejos financeiros, tal situação também se reflete ainda nos dias atuais, em que os salários atribuídos para a classe docente, principalmente da educação básica, se mantêm em patamares muito baixos. Muitos profissionais da área lutam por anos para conseguir o pagamento de direitos que deveriam de antemão serem garantidos, como é o caso do piso nacional do magistério. Essa situação não é diferente da vivenciada na Escola Dominical da IELB, em que a maioria das professoras atuava enquanto “vocação divina”. A grande maioria não recebia e nem recebe nenhuma remuneração para liderar as atividades da Escola Dominical.

Tambara (2002) traz diversos dados sobre a feminilização do trabalho docente. O autor relata que “ao final do império, o magistério da instrução pública no Rio Grande do Sul apresentava-se majoritariamente feminino” (Tambara, 2002, p. 81). Esse dado que o autor traz é referente à educação primária, porém esse cenário se reflete em diferentes âmbitos da educação, como é o caso da Escola Dominical, que foi um espaço também prioritariamente comandado por mulheres.

O autor Tambara (2002, p.83) trabalha com dois conceitos, que são a feminização e feminilização, em que trata que a “a feminização do ensino primário foi o processo de feminilização do exercício de sua docência quando consolidou-se o processo de identificação entre a natureza feminina e a prática docente no ensino

primário". De acordo com autor, a feminilização foi histórica e socialmente construída sendo atrelada com a categoria de professores. Segundo Tambara (2002, p.87), "socialmente permitiu a mulher a ocupação de um turno de trabalho enquanto nos outros ela continuava a desempenhar normalmente os outros papéis sociais que lhe eram atribuídos". Desta maneira, as atividades enquanto professoras poderiam ser vistas como potenciais para as atividades domésticas, englobando o que se entendiam como obrigações femininas.

Ao olhar para o arcabouço teórico de materiais disponíveis para a formação de professores da IELB, a pesquisa buscou atentar para o aparecimento de nomes femininos. Ao observar "O Jornalzinho", foi verificado que em alguns momentos aparecem nomes femininos justamente atrelados com a parte do ensino e da didática.

Na edição de "O Jornalzinho" do 3º trimestre de 1989, aparece o título "matérias e professores em treinamento". No texto são apresentados os seguintes temas a serem abordados: Introdução à Bíblia; Adoração e música; Mordomia e Evangelho na Escola Dominical; Doutrina; Lei e Evangelho; Psicologia da Educação e Evolutiva; Metodologia e didática. Nestes dois últimos temas aparecem nomes femininos.

Como vem-se pontuando, a ocupação da mulher como professora, seja em espaços religiosos ou na educação primária, é fruto de uma histórica feminização do trabalho docente, pois essa profissão seria uma extensão do lar e consequentemente do ato de cuidar.

As mulheres, historicamente, foram vistas como aquelas que "cuidam", e que devem ficar no lar a serviço de sua família, pois seriam responsáveis pela formação da nova geração de trabalhadores. Entre as atribuições das mulheres estariam a gravidez, o parto e a amamentação, funções para as quais a mulher está biologicamente preparada. A essas funções, acrescentam-se tarefas que são culturalmente impostas e atribuídas ao sexo feminino, como o preparo dos alimentos, a limpeza da casa, o cuidado com as roupas e a proteção dos filhos (Bruschini, Rosemberg, 1982). Assim, Perrot (2007) também escreve que por muito tempo as mulheres estiveram em situação de silêncio e invisibilidade. Foram desapercebidas, pois sua atuação foi quase exclusivamente na privação da família e do lar.

Ainda, Conforme Tedeschi (2012, p. 37),

Uma das raízes da desigualdade de gênero está na educação informal, onde os pais empregam técnicas diretas e indiretas para tornar as filhas “femininas” e os filhos “masculinos”. Essa socialização passa a ser reforçada na escola, bem como através dos meios de comunicação (cinema, jornais, revistas). Uma vez que homens e mulheres são educados de forma diferente, em consonância com o que a sociedade define como “identidade feminina” e “identidade masculina”, homens e mulheres passam a agir, pensar, comportar-se, falar, discutir e enfrentar problemas de forma também diferente.

Desta forma, há uma construção histórica e social que coloca a mulher em determinados espaços. O cuidar, o educar e o ensinar, são algumas das funções socialmente destinada para as mulheres. Conforme escreve Matos e Borelli (2012, p. 68),

Até os anos 1930, o magistério era uma das poucas possibilidades profissionais atraentes para as mulheres das elites e dos setores médios da sociedade. Seduzia as jovens por proporcionar um ganho financeiro, mas também por conta do aprimoramento intelectual, acenando com as possibilidades de um maior status social e de aceitação em funções públicas e ambientes intelectualizados. Algumas, depois de formadas, exerceriam a profissão por toda a vida, enquanto outras a abandonariam em função do casamento ou da maternidade. O magistério também foi considerado adequado às mulheres por poder ser um trabalho de “meio período”, permitindo concatenar a atividade profissional com as obrigações do lar.

Ou seja, a profissão de professora foi uma das primeiras profissões permitidas para as mulheres ao longo da história, pelo fato de ser uma profissão atrelada aos cuidados. Matos e Borelli (2012) também escrevem que a identificação do exercício do magistério com um sacerdócio ajudou na difusão da ideia de que a “boa professora” não se preocupa com o pagamento, pois precisa se concentrar na formação de seus alunos (Matos; Borelli, 2012).

As mulheres ocuparam destaque na educação primária, principalmente na segunda metade do século XX. Como argumenta Almeida (1998), a profissão do magistério foi ideologicamente constituída como um dever sagrado por conta da tradição religiosa do ato de ensinar. Tornou-se, na segunda metade do século XX, uma profissão definitivamente feminizada e as mulheres professoras têm em suas mãos a responsabilidade de ensinar crianças nos seus primeiros anos escolares.

A maciça presença de mulheres no magistério do ensino primário refere-se a um longo processo que tem início durante o século XIX com as escolas de improviso⁴⁰ (Faria Filho, Vidal, 2000).

⁴⁰ No período colonial – séculos. XVIII e XIX - tinha-se um número muito reduzido de escolas régias ou de cadeiras públicas de primeiras letras, constituídas sobretudo a partir da segunda metade do

As mulheres dentro da IELB possuem alguns papéis definidos. Essa definição está entre o que é permitido e não permitido. Essas permissões e autorizações fazem parte de um *habitus* cultural e religioso que é vivido pelos participantes da IELB. Desta forma, a mulher poder estar ou não estar em determinados espaços ou cargos é visto com naturalidade dentro desta doutrina.

Ao longo da pesquisa, em observação dos muitos materiais didáticos e meios de comunicação da IELB, como vistas a diferentes edições do Mensageiro Luterano, pouco se verificam notícias sobre as mulheres, ainda mais quando se trata da docência. Na publicidade da IELB a mulher tem pouca representatividade, quando se fala em Escola Dominical, geralmente aparece o termo professores e não professoras, no feminino. Além disso, as mulheres aparecem quando se trata das servas e das atividades voluntárias que elas poderiam realizar. As publicações buscavam incentivá-las a permanecerem dedicadas à família e ao lar, longe dos ideais feministas⁴¹. As notícias femininas eram sobre as servas ou sobre orientações das atividades domésticas e familiares das esposas, mães e donas de casa⁴².

N'ó “Jornalzinho” do segundo trimestre de 1992, um excerto trata sobre o fato de que a função de professora de Escola Dominical era destinada ao público feminino da comunidade. No trecho destacado, Iracy Hoffmann escreveu:

Trabalhar na escola dominical é uma importante missão ‘destinada’ à ala feminina da Comunidade, que serve ao Senhor com alegria. É responsabilidade muito grande que nos delega o Pastor, é motivo de alegria por termos a confiança de pais em entregarem suas crianças aos nossos cuidados (O Jornalzinho, 2º trimestre, 1992).

A pesquisa de Farias (2011) traz um relato importante que a mesma encontrou n'ó “Mensageiro Luterano” de 1989. Na ocasião, Beatriz Raiman escreveu sobre a participação das mulheres na IELB. Os cargos ocupados pelas mulheres na Igreja, segundo Beatriz, resumiam-se, em: “cantar no coral, enfeitar o altar, lecionar na escola dominical, participar da LSLB, limpar, cozinhar, visitar doentes, arrecadar fundos, pintar e bordar” (Mensageiro Luterano, agosto, 1989).

Segundo Farias (2011), Beatriz usava este artigo para tocar em um tema delicado, pois questionava o porquê de não existir nenhum líder-leigo mulher, ou

século XVIII. As escolas de improviso funcionavam em espaços improvisados, como igrejas, sacristias, dependências das Câmaras Municipais, salas de entrada de lojas maçônicas, prédios comerciais, ou na própria residência dos professores (Faria Filho, Vidal, 2000).

⁴¹ Ver Dissertação de Marcilene Nascimento de Faria (2011).

⁴² A tese de Albrecht (2024) traz que a revista “O Jovem Luterano” orientava as mulheres da IELB a se tornarem boas donas de casa, educadoras e que cumprissem a missão de ser mãe, contribuindo para o reforço de estereótipos femininos.

ainda mais mulheres ocupando cargos de presidentes de congregação, participando de diretorias da comunidade, de comissões de estudo, de conselhos administrativos e, principalmente, de cargos de liderança na IELB (Mensageiro Luterano, agosto, 1989; Farias, 2011).

No curso da história muitos papéis foram negados às mulheres, mas o espaço de atuação nas Escolas Dominicais foi a elas permitido. Ao mesmo tempo em que a Escola Dominical foi um espaço “permitido”, foi aquele que “sobrou” para as mulheres, foi também uma forma de protagonismo feminino dentro de um contexto ainda muito masculinizada.

1.4.2 Processo de formação e prática docente: o ofício de artesão e a materialidade escolar

O assunto “formação docente” relaciona-se diretamente com o tema pesquisado, pois trata sobre o contexto que envolve a formação das professoras de Escola Dominical da IELB. Cabe destacar que ao longo desta tese a nomenclatura principal a ser utilizado é “professora”, mas sabe-se que em outras denominações religiosas podem ser utilizados outros termos para designar a pessoa que comanda e planeja a Escola Dominical. Optou-se pelo uso dessa designação, pois as mulheres entrevistadas na pesquisa se autodenominam como professoras de Escola Dominical. O termo professor/professora também é utilizado nos materiais documentais produzidos pela própria IELB.

Segundo Escolano Benito (2010), a escola e os atores que a constituem são responsáveis por produzir um patrimônio ergológico que demonstra a realidade em questão, essas realidades são permeadas por uma materialidade que porta marcas das práticas resultantes da cultura empírica e do hábito docente. Desta maneira, olhar para os recursos pedagógicos, para os materiais de estudos produzidos pela própria IELB, e compreender a prática das professoras mostrará a realidade pedagógica da Escola Dominical.

Assim, os materiais didáticos analisados na tese são recursos didáticos produzidos pela IELB ou pelas mãos das próprias professoras. Entende-se que os professores formados pela IELB carregam consigo os preceitos da instituição que os formou. Nos cursos de formação de professores buscava-se moldar e preparar os

docentes para a atuação frente as suas Escolas Dominicais e para o público que iriam receber.

O artigo de Albach e Graff (2020) concluiu que o planejamento de atividades adequadas aos diferentes progressos cognitivos das crianças proporciona um crescimento mental sadio e fortalecimento da fé cristã. O artigo traz excertos do Manual de Evangelização, definindo aos leitores as orientações da Igreja a respeito da formação dos professores da Escola Dominical. Em um desses trechos, encontra-se revelado que “além de conhecer as doutrinas fundamentais da fé cristã, é também necessário um conhecimento básico sobre as características das crianças que irão ser ensinadas” (Manual de Evangelização, 2000 *apud* Albach; Graff, 2020).

Albach e Graff (2020) trazem significativas contribuições ao escreverem sobre um olhar para o planejamento do professor da Escola Dominical da IELB, sinalizando que cada faixa etária infantil possui um ritmo diferente de abstração e aprendizagem. Essa produção traz relações com a teoria de Jean Piaget, que explica como a criança percebe a realidade e como ela pode agir frente às demandas do meio em cada momento do seu desenvolvimento (Ries, 2002; Albach; Graff, 2020). O mesmo artigo trata sobre as influências de Piaget para o planejamento da Escola Dominical da IELB. A influência piagetiana aparece ao longo desta tese, seja nas entrevistas e na análise do material produzido pela IELB.

Com o conceito de formação docente, poderão ser analisadas as ideias pedagógicas que circulavam na Igreja, no Departamento de educação paroquial e dentro da Comissão da Escola Dominical da IELB, assim como perceber como esses ensinamentos eram postos em prática no momento da docência na Escola Dominical.

Ao tratar sobre a docência, será enfatizado o tema “didática”, que aparece de maneira recorrente nos cursos de formação de professores e nos materiais distribuídos para as Escola Dominical. Ao observar os materiais percebe-se que muitas eram as orientações aos professores, como na revista de 1950, reproduzida na Figura 6, que se encontra no Instituto Histórico da IELB. Nota-se nela uma lista de tarefas orientadas para os líderes de Escolas Dominicais.

Figura 6 – Revista da Escola Dominical. Orientações para professores



Fonte: Instituto Histórico da IELB.

Revista da Escola Dominical – Intermediários

2º Trimestre de 1950

Ano I – Número 1

Uma palavra para você, Professor

1. Lembre-se de que a lição de cada domingo deve ser planejada e preparada durante a semana.

2. Oração, esforço, habilidade e interesse são indispensáveis nesse planejamento e preparo.

3. Cuide zelosamente de cada lição, mas não se esqueça de cuidar mais zelosamente ainda de cada aluno. Ele é o seu aluno.

4. A Bíblia é o livro texto da lição. Use-a na sua classe, você e seus alunos.

5. Não leia a história na Revista, durante a lição. Conte-a com simplicidade e naturalidade, usando a atenção de seus alunos.

6. No fim de cada lição você encontrará um questionário bíblico. Use-o como concurso dominical, pedindo aos alunos que organizem para copiá-los e dar as respostas. Para cada resposta certa, com indicações bíblicas, marque 2 pontos. Experimente prêmios ao vencedor e aos cadernos bem mais cuidados e... verá o resultado.

Provavelmente essa revista não tenha sido publicada pela IELB, mas foi usada por seus professores em algum momento, pois se encontra no domínio da Igreja. Nas orientações destaca-se sobre o cuidado que se deve ter com os alunos, pois estes são os protagonistas do processo de ensino/aprendizagem.

Nestas orientações já aparece a indicação de atribuição de prêmios para os alunos pelas atividades e pela organização do caderno. O que veremos em mais orientações pedagógicas, no seguir desta tese.

No bojo do conceito de formação docente, também serão analisadas as estruturas e ferramentas responsáveis pela formação das professoras, como os

curso para professoras ofertados pela IELB, bem como problematizada a estruturação de materiais didáticos destinados aos professores.

Figura 7 – Representação da Hierarquia da Escola Dominical da IELB



Fonte: organizado pela autora, 2023.

No esquema anterior, na Escola Dominical há a presença de três grupos que gerem as intencionalidades e planejam a estrutura da Escola Dominical da IELB. Mas mesmo que se tenha três âmbitos direcionados para a Escola Dominical, quem de fato colocará as intencionalidades da Igreja em prática é a professora, que de acordo com suas aprendizagens e entendimentos estará frente a seus alunos em sua missão.

É necessário contextualizar que o recorte temporal analisado, entre as décadas 1970 a 2000, permeia um período de transição entre a pedagogia tecnicista e a pedagogia histórico-crítica, que foram dois períodos da educação brasileira que conseqüentemente influenciaram na formação de professores dentro do contexto religioso luterano.

A formação docente possibilitou que algumas mulheres integrantes da IELB se colocassem como professoras da Escola Dominical. Essa função exigiu delas mais do que simplesmente ensinar os preceitos doutrinários. Elas tiveram que construir seus próprios recursos didáticos, criar formas de chamar a atenção dos alunos, planejar aulas e se adaptar às realidades de cada comunidade religiosa.

Essa característica se analisará na tese pela ótica da artesanaria pedagógica, observando essas professoras com artesãs, construtoras do seu fazer pedagógico.

Para tratar sobre a professora como uma artesã, consultou-se obras que falam sobre artesanaria, artesanato, artesanaria intelectual, artesanão, ofício e outras produções que ajudaram a entender e relacionar o assunto com o tema da tese.

A atuação do professor é um ofício, uma missão, e os seus recursos compõem a materialidade do seu ambiente educativo. Sobre isso, Oliari (2021) traz que o modo como o ofício é exercido pode depender das ferramentas que se tem à mão, compreende-se que essas ferramentas podem potencializar o saber do/a artesão/ã.

Quando se trata de ferramentas, “essas podem ser os inúmeros recursos, materiais utilizados para construir uma obra, no caso de uma aula, podemos citar: quadro, pincel, folhas, cadernos, lápis, caneta, fotocópias, livros, filmes, etc.” (Oliari, 2021, p. 109). Para Oliari (2021, p. 108), “é pertinente afirmar que o exercício de um ofício pode significar um vínculo a um mundo, fazer parte de um mundo que lhe é específico: a escola e, nesse mundo, encontrar os modos de realizar as suas tarefas e as suas ações”. O autor advoga que o exercício do ofício interliga o professor a um mundo, sendo este mundo a escola. Mas o ofício de professora de Escola Dominical interliga a mulher/professora com o mundo da educação e da igreja, fazendo com que conheça de maneira mais aprofundada a doutrina luterana.

É por meio do ofício do ensinar, interagindo com as influências pedagógicas da época, que as mulheres a que se refere esta pesquisa contribuíram para a constituição de *habitus* religioso entre fiéis luteranos. Elas utilizaram habilidades manuais e intelectuais para transpor os temas doutrinários e religiosos, para que houvesse uma abordagem mais didática e que fosse mais bem compreendida pelos alunos. Essa transposição do religioso para o didático só foi possível por meio da própria formação didática que a Igreja oportunizava. Através dessa formação foi possível a constituição de um campo pedagógico dentro de um campo religioso.

Para que a ação da Escola Dominical fosse exitosa, a Igreja planejou atividades lúdicas e que fossem adequadas para cada faixa etária. Ao olhar para os materiais utilizados pela IELB na sua Escola Dominical, percebe-se que havia uma preocupação com a ludicidade, para assim atrair a atenção das crianças. Muito se trabalhava com atividades mimeografadas, flanelógrafo, quadro-negro, contação de histórias com uso de fantoches e imagens.

Para tanto, o conceito de “materialidade escolar” é baseado em Alcântara e Vidal (2018), que revelam que a materialidade da instituição escolar oferece pistas dos modelos e das práticas pedagógicas, dos usos dos espaços e tempos escolares, como resultados dos elementos abstratos da cultura que se materializam.

Já o conceito de cultura escolar é destacado como: “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (Julia, 2001, p. 10). Os estudos sobre cultura escolar abarcam as temáticas do tempo escolar, do espaço escolar, dos discursos e encontros, de distintas realidades econômicas, evidenciando as diferentes práticas existentes no interior da instituição e as características que compõem a instituição escolar (Romig; Weiduschadt, 2023).

Para Chervel (1988), a escola fornece à sociedade uma cultura constituída de duas partes: os programas oficiais, que explicitam sua finalidade educativa, e os resultados efetivos da ação da escola.

Silva (2006b, p. 206) afirma:

Seja cultura escolar ou cultura da escola, esses conceitos acabam evidenciando praticamente a mesma coisa, isto é, a escola é uma instituição da sociedade, que possui suas próprias formas de ação e de razão, construídas no decorrer da sua história, tomando por base os confrontos e conflitos oriundos do choque entre as determinações externas a ela e as suas tradições.

Esses conceitos auxiliarão no entendimento das dinâmicas que envolvem as Escola Dominical Luterana e, conseqüentemente, o processo de preparo de seus docentes, a formação das crianças participantes dessa ação educativa e religiosa, e o entendimento do espaço

Desta forma, a própria organização da Escola Dominical, o espaço em que acontecia e os materiais que eram utilizadas pelos professores revelam pistas sobre a atuação e formação docente das pessoas que ali atuaram.

Tem sido pontuado na historiografia da educação que a escola não se faz sem determinada materialidade. Nesse sentido, temos estudos que falam de espaços/prédios escolares, de cadernos, de livros, de bancos, carteiras, armários, quadro negro e outros objetos da escola. Trabalhos que nos contam, entre outras coisas, sobre a história desses objetos, analisam sua inserção e produção; investigam sua circulação e de que forma foram utilizados nos espaços escolares; exploram as relações com os métodos de ensino, com as concepções pedagógicas; estabelecem aproximações com o contexto social e cultural de um espaço-tempo de outrora (Cordeiro, França, 2020, p. 96).

Para que se perceba as ideias pedagógicas exercidas pelas professoras de Escola Dominical, o olhar será para a sua formação em cursos da IELB, para as suas práticas como docentes, responsáveis por criar estratégias eficazes para a aprendizagem dos alunos, e para a análise do contexto e da materialidade que compunha esse ambiente educativo da Escola Dominical.

1.4.3 A constituição de um Campo religioso e um *habitus* luterano

Estes dois conceitos, campo e *habitus*, são originários do pensamento do autor Pierre Bourdieu (1996). Foram trazidos para a pesquisa, pois se entende que há uma predominância do campo religioso no contexto cultural analisado. Durante a pesquisa, verificou-se que a Escola Dominical proporcionou a constituição de um campo pedagógico imerso dentro de um contexto religioso. A preparação dos professores e alunos da Escola Dominical gerou um *habitus* religioso nestes sujeitos participantes, que tiveram contato doutrinário de forma mais lúdica e intensa.

De acordo com Weiduschadt (2012, p. 42), “a confessionalidade do Sínodo de Missouri está assentada em princípios bem definidos, como a aceitação irrestrita das Sagradas Escrituras e as confissões reunidas no Livro de Concórdia”. Neste ínterim, os líderes e adeptos de Missouri a consideravam como a verdadeira igreja luterana, sendo chamados de luteranos ortodoxos. Ou seja, a formação de professores também era dentro de um campo religioso que reforçava as práticas do que se considerava o “verdadeiro luteranismo”.

O conceito de “Campo” é entendido por Bourdieu (1996, p. 50) como “um campo de forças, cuja a necessidade se impõe aos agentes que nele se encontram envolvidos”; dessa maneira, o campo religioso luterano foi constituído pela Igreja e suas estratégias (Escola Paroquial e Escola Dominical) para se sobrepor aos aspectos culturais, pois o que a Igreja determinava era tido como lei dentro das comunidades.

Sendo assim, a Escola Dominical seria uma forma de educação dentro do campo religioso. O *habitus*, por sua vez, são modos de conduta a inculcar nos indivíduos por meio de disposições internas e que se constitui em práticas de todo um grupo social. Dessa maneira, a prática da Escola Dominical é um *habitus* dentro da comunidade luterana, sendo naturalizado como algo que devesse ser praticado e as suas ações, em grande maioria, não eram questionadas (Bourdieu, 1996).

Para Bourdieu, o conceito de *habitus* é definido como:

Um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas, que permitem resolver os problemas da mesma forma, e às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidas por esses resultados (Bourdieu, 1983, p. 65).

A Escola Dominical, portanto, pode ser entendida como uma forma de educação dentro do campo religioso. Já o *habitus* pode ser a conduta dos indivíduos que atuam na Escola Dominical, como uma prática dentro da comunidade luterana considerada relevante para a formação de fiéis dentro do campo religioso e educativo luterano. Além disso, a própria estrutura de formação dos professores de Escola Dominical já é tida como algo naturalizado e internalizado dentro do âmbito de vivência da IELB (Bourdieu, 1996).

O *habitus* é produto de todas as ações realizadas pelo agente, mas que passam por constantes reestruturações. Elas têm por matriz as disposições já incorporadas anteriormente, por isso são em parte permanentes, mas também mutáveis. A partir de Bourdieu, entende-se que a socialização da criança começa no campo familiar e sua socialização secundária ocorre na escola, além disso sua convivência na igreja certamente contribui para a formação de seu *habitus* (Knoblauch, Mondardo, Capponi, 2017).

O *habitus* religioso caracteriza-se por ser o “princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações, segundo as normas de uma representação religiosa” (Bourdieu, 1996). A partir do conceito de *habitus* religioso, Bourdieu demonstra a influência dos princípios religiosos na formação da identidade dos sujeitos.

Dessa forma, com a incorporação do *habitus* religioso, observa-se nos agentes uma disposição (tendência) para o desenvolvimento de práticas que são orientadas por princípios de determinada denominação religiosa. Importante esclarecer que o *habitus* religioso não é entendido como o único elemento influenciador das escolhas e ações a serem desenvolvidas pelas pessoas (Oliveira, Assis, 2023).

Entende-se que, ao valorizar princípios religiosos como elementos definidores de regras e dos comportamentos, a religião passa a ser considerada como um dos elementos para o estabelecimento da ordem social (Bourdieu, 1996). O *habitus*

religioso possibilita aos agentes ter o sentimento de pertencer a determinada ordem religiosa. Munida desse sentimento de pertença, a pessoa passa a reconhecer e compreender símbolos, práticas, pensamentos, condutas e regras que são próprias desse grupo (Oliveira, Assis, 2023). A partir da participação na Escola Dominical, em que as crianças participantes passam desde cedo a estreitar seus laços com a igreja, os costumes religiosos passam a ser vistos com naturalidade.

O *habitus* foi estruturado pelas condições sociais de existência, ele produz percepções, representações, opiniões, crenças, gostos, desejos e toda uma subjetividade independente do exterior. Essa subjetividade se expressa e se exterioriza na ação dos indivíduos e dos grupos, contribuindo para produzir e reproduzir as estruturas sociais e as instituições (Araújo; Waismann, 2018).

A Igreja Luterana no sul do Brasil se constituiu por meio de uma grande organização religiosa que amparou a fixação de imigrantes alemães e pomeranos e subsidiou, posteriormente, os seus descendentes. Dentro desse campo religioso, os fiéis encontravam junto à estrutura religiosa, a estrutura escolar, que contou primeiramente com a Escola Paroquial e posteriormente a Escola Dominical. Ambas foram e são parte fundamental da constituição do campo religioso luterano da IELB.

As práticas que eram ensinadas nas Escolas Dominicais também podem ser caracterizadas como hábitos “civilizatórios”, aqueles considerados como estritamente “corretos”, sem poderem sofrer questionamentos ou revisões. Desta maneira, muitos dos ensinamentos eram internalizados como hábitos que deveriam ser seguidos ao longo da vida daquele cristão (Elias, 2011).

Esses *habitus* que deveriam ser ensinados aos alunos da Escola Dominical eram primeiramente internalizados pelos professores. A formação que eles recebiam também era carregada de regras e simbolismos. Eram as professoras que deveriam entender e saber ensinar a doutrina e os ensinamentos religiosos da IELB para as crianças.

As professoras de Escola Dominical foram responsáveis por formar o *habitus* de seus alunos, mas antes e durante este processo também estavam em constante formação, possuindo, da mesma forma, um *habitus* religioso e social internalizado. Isto porque essas professoras eram mulheres atuantes e envolvidas nas atividades da Igreja.

Percebe-se, assim, que o modelo civilizatório vai além das práticas religiosas, pois está relacionado com o modo que as crianças deveriam se comportar em outras

instâncias da sociedade, como na escola, nas relações com os amigos, na família e na sociedade em geral. Assim, a Escola Dominical é um espaço de educação intencional e civilizatório, pois a mesma possui uma finalidade, que é a de educar as crianças nas perspectivas doutrinárias da IELB. Ao mesmo tempo em que ela educa para a religião, educa também para a vida, e prepara os agentes que estão na sua idealização, como os professores.

A civilização que a sociedade vive é simplesmente vivenciada e pouco questionada, como se os padrões fossem impostos. As formas de comportamento que permeiam as estruturas da sociedade integram as relações humanas, pressupondo uma hierarquização em relação ao que pode ser considerado como “civilizado”. Assim, as pessoas se encontram sempre vinculadas a um determinado grupo social e isso revela pistas sobre o caminho já percorrido por esse grupo social e que para tal é considerado “civilizado” (Elias, 2011; Garcez, 2022).

O projeto de preparação de professores das Escolas Dominicais contou com a participação de sujeitos que dedicaram suas vidas à Educação Religiosa nas igrejas, a partir dos seus lugares sociais, inspirando a circulação de discursos e de ideias educacionais e contribuindo com a conformação do campo religioso protestante na sociedade brasileira (Garcez, 2022, p. 82).

Quando a autora citada fala em “campo religioso” pensamos no conceito de campo, ao entender que a presença da Escola Dominical, da Igreja Luterana e dos *habitus* culturais de origem alemã/pomerana fazem com que a região sul do Rio Grande do Sul seja uma área específica e um “campo” diferenciado no quesito formação docente religiosa. E dentro desse campo há diferentes instâncias, como: a Igreja e sua administração, que atuava na forma de Departamento de Educação Paroquial, os formadores de cursos de formação docente e os professores que participavam dos cursos e de fato atuavam dentro da Escola Dominical.

A educação sempre foi um campo atuante dentro do luteranismo, a Escola Dominical e, antes dela, a Escola Paroquial foram espaços educativos relevantes para desenvolver *habitus* na formação luterana. O *habitus* religioso, neste caso, é constituído por uma educação cristã que faz parte da história e do desenvolvimento das práticas religiosas da IELB no Brasil.

A autora Rodrigues (2007, p. 23) discorre que:

A educação cristã intervém na vida das pessoas, implicando consequências pessoais, grupais e sobre a sociedade como um todo, se ela envolve a aquisição, a elaboração e a produção de conhecimentos, sensibilidades, valores, práticas e atitudes com base na vocação cristã, então ela abrange a totalidade do ser que comporta três áreas: o intelecto, as emoções e o

caráter, e desenvolve-se nas dimensões: cognitiva, afetiva e atitudinal (Rodrigues, 2007).

Nesta afirmação, percebe-se que a educação cristã, que é praticada nas Escolas Dominicais da IELB, mobiliza as dimensões cognitivas, afetivas e atitudinais dos sujeitos, podendo assim formar o caráter do indivíduo que participa desta ação. Desta forma, pensa-se que a Igreja pode intermediar a formação cristã de seus adeptos por meio do investimento na formação de um quadro docente que atuou em suas Escolas Dominicais, que são os seus espaços formativos.

A pesquisa de Pimentel (2005) traz que a educação cristã na infância e na adolescência tem a finalidade de aproximação com Deus, o objetivo de despertar nos indivíduos os sentimentos mais nobres da alma e proporcionar para as crianças e adolescentes uma vida plena e consciente, não apenas como cristãos, mas também como cidadãos, uma vez que terão condições de atuar em sua comunidade de forma ética e moral, pois terão o discernimento necessário para fazer suas escolhas e assumir a responsabilidade pelas suas consequências.

Na Educação Cristã, deve-se aprender a compreender o mundo, desenvolver capacidades individuais e coletivas, despertar a curiosidade intelectual, estimular o sentido crítico e permitir a aquisição de autonomia na capacidade de discernir com base em princípios da fé cristã. A Educação Cristã deve oportunizar os modos de expressão, cuidar das capacidades de pensar e agir em resposta à fé cristã em cada momento da vida (Rodrigues, 2010).

Nesse viés, o autor Nunes⁴³ (2018) traz que as escolas luteranas alteraram radicalmente a compreensão da educação no mundo depois de sua estruturação na Alemanha do século XVI, quando Lutero marcou profundamente a tradição educacional e escolar da modernidade antecipando o que se configuraria como um projeto de educação e de escolas modernas. Ou seja, as escolas, sejam paroquiais ou dominicais, em seu projeto religioso educativo, trazem consequências para os seus participantes, sejam eles alunos ou professores.

Conforme Nunes (2018, p. 84),

A pedagogia Luterana deriva de um amplo movimento histórico denominado Renascimento, no qual se fundamentava a perspectiva da defesa da condição humana e a redescoberta do protagonismo humano na cultura, na sociedade e na natureza. Esse fenômeno histórico, filosófico e cultural ficou conhecido como humanismo.

⁴³ Livro base que trata da pedagogia luterana: NUNES, César. **A Pedagogia Luterana: dois olhares**. Canoas: Editora ULBRA; Porto Alegre: Editora Concórdia, 2018.

Ainda segundo Nunes (2018, p. 102),

A escola, na visão luterana, integrada a família e à igreja ou comunidade religiosa. Trata-se aqui de uma importante distinção, as estruturas que guardam a missão de educar como dimensão de fé e de convivência, no intuito de anunciar a mensagem de Jesus na direção da salvação de todos. Essa se tornou a novidade teológica que sustentaria a prática educativa luterana.

Desta maneira, a pedagogia luterana estaria, assim, centrada na perspectiva de educar para a salvação, destacando uma perspectiva humanista. A Escola Dominical seria uma maneira de propagação da pedagogia luterana e da educação cristã, em que traria para seus participantes os preceitos da doutrina, que fala sobre a vida eterna e a salvação de todos os povos.

A pedagogia luterana constitui-se como um projeto educativo, e como projeto educativo ele tem ideais, defende valores, organiza procedimentos, pressupõem compreensões comuns, ao mesmo tempo que dispõem de estruturas materiais e didáticas que deveriam representar esse núcleo reflexivo e teórico que lhe confere sustentação (Nunes, 2018, p. 83).

Entende-se, assim, a Escola Dominical como produtora de educação cristã. O estudo de Albach e Graff (2020) aponta que o professor da Escola Dominical da IELB deve planejar e trabalhar com “atividades adequadas aos estágios em que as crianças se encontram, consolidando assim, progressos cognitivos através de aulas e modificações do pensamento de cada aluno, proporcionando um crescimento mental sadio e fortalecimento da fé cristã” (Albach, Graff, 2020, p. 62). Ou seja, a educação cristã é uma preocupação da Igreja, ao mesmo tempo que também é uma ação que acompanha a atuação docente, visto que o professor deve refletir sobre a formação daquele sujeito que ele ensina.

Balestreri (1999) traz que o despertar da consciência cidadã pode acontecer de forma mais ampla e não somente dentro da sala de aula ou da escola, podendo se dar também nas comunidades, nas igrejas, nas organizações da sociedade civil, nas famílias e nas diferentes associações. Assim, inclui-se, é claro, a Escola Dominical também como um espaço para esse despertar religioso.

Pretende-se problematizar e trazer à tona para o leitor a forma como o professor foi preparado para lidar com seu público e com as diferentes faixas etárias que o docente encontrou nas suas atividades da Escola Dominical. Neste ínterim, serão observadas as circunstâncias em que os professores eram formados dentro da IELB no período analisado. No livro Igreja Cristã, visto no Instituto Histórico da IELB, destaca-se uma oração e voto de professores, o trecho é transcrito a seguir:

ORAÇÃO E VOTO DOS PROFESSORES:

- 1- Nós, professores de escola dominical e de religião, somos gratos a Deus por ter remido e convidado a tão sublime ministério. Fomos remidos para servir.
- 2- Nós, professores de escola dominical e de religião, sabemos que por nossas próprias forças nada podemos, mas Deus chamou para sermos seus cooperadores e pela força do Espírito Santo, queremos usar todos os dons que Deus nos concedeu para glorificar seu nome neste ministério.
- 3- Nós, professores de escola dominical e de religião, queremos crescer constantemente no conhecimento da palavra de Deus e permanecer na confissão de nossos pais, para tanto solicitamos que Deus Espírito Santo nos assista.
- 4- Por isso pedimos ao Espírito Santo que nós firme na fé, e na vida santificada e nos conceda os dons necessários para o bom desempenho da missão que ele nos confiou. Nos assista nos momentos de desânimo e desorientação.
- 5- Queremos, como servos de Deus, e membros do corpo de Cristo, trabalhar em nossa comunidade e igreja, sob orientação de nosso pastor. Que Deus para tanto, nos fortaleça e assista. Amém!⁴⁴

Nestes votos fica claro que a Igreja via o professor como alguém escolhido por Deus para atuar na Escola Dominical, pois, segundo esses escritos, o Espírito Santo iria capacitar essas pessoas para que exercessem suas tarefas com êxito.

A educação cristã também pode ser entendida a partir do olhar de Pimentel (2005, p. 69), que escreve que “a educação cristã é um meio educativo que procura proporcionar ao indivíduo a transformação, a libertação e a capacitação dele e do meio no qual atua”.

Segundo Freitas (2006, p. 60), “no espaço da Escola Dominical, os princípios educativos podem ser bem aproveitados, pois, cada professor tem sob sua responsabilidade um grupo menor de pessoas e pode ocupar-se pessoalmente com a educação cristã de cada aluno”.

O trabalho de Rodrigues (2007) traz importantes discussões sobre a educação cristã e afirma que “a igreja/comunidade cristã precisa perceber-se e imaginar-se como um *ethos*⁴⁵ educacional, preocupado em promover a participação ativa de todos os membros na vida da comunidade de fé” (Rodrigues, 2007, p. 83).

Assim, entende-se que a igreja precisa pensar na articulação de ações que eduquem os seus fiéis, denotando que práticas como a Escola Dominical assumem um papel primordial na educação cristã das pessoas. Rodrigues (2007, p. 15) estuda a temática do culto infantil da IECLB, e para isso traz uma definição de educação cristã:

⁴⁴ Livro Igreja Cristã. Disponível no Instituto Histórico da IELB. Provável publicação na década de 1970

⁴⁵ *Ethos* diz respeito ao caráter, à credibilidade e à credencial do educador (Rodrigues, 2007).

Pode-se definir a educação cristã como a educação vista a partir e para a fé cristã. Ou seja, a ação que conduz o ser humano a um desenvolvimento mais igualitário, verdadeiro e eficaz na solução de conflitos, no recuo de realidades injustas e desumanas, e no alcance da qualidade de vida sustentável para todos e todas, através da intervenção deliberada e estruturada na maneira como as pessoas vivem, envolvendo a aquisição, a elaboração e a produção de conhecimentos, sensibilidades, valores, práticas e atitudes, com base nos fundamentos da fé cristã (Rodrigues, 2007, p. 15).

A educação cristã pode ser identificada em três tipos: educação cristã transformadora, que objetiva conhecer a realidade e promover mudanças dentro da própria comunidade, que visualiza de forma nítida a dimensão política de sua tarefa, utilizando a leitura da Bíblia como base para a leitura de sua realidade; educação cristã evangelizadora e missionária, em que o conhecimento da Palavra de Deus é utilizado como instrumento evangelizador com os grupos dentro da comunidade e nas atividades sociais dela; e a educação cristã mantenedora de comunidade, na qual a ênfase recai no bom andamento da comunidade através da transmissão de certos valores, tendo dimensão terapêutica, com suas atividades centradas na preservação e o ensino como forma de enfatizar a transmissão de conhecimentos (Pimentel, 2005; Streck, 1995).

A educação cristã deve ser entendida como uma ação desenvolvida não apenas para manter o indivíduo dentro de um determinado grupo religioso, mas para direcionar os indivíduos para os princípios apresentados pelo evangelho como base para a vida e a convivência social. O objetivo é direcionar o sujeito para uma conduta ética e moral considerada adequada para a sociedade, formando um cidadão capaz de viver na sociedade baseado em seus princípios religiosos (Streck, 1995).

Considera-se, a partir de Pimentel (2005), que a educação cristã tende a influenciar a vida das pessoas. Destaca-se que seus ensinamentos não necessitam ser doutrinas de uma determinada denominação, mas devem dirigir o indivíduo para a visão do que é ser humano e de qual é a sua participação dentro da sociedade a partir da fé despertada. A mensagem da educação cristã pode ser transmitida através das igrejas, escolas confessionais, mas também das famílias, que cumprem o papel de pequena igreja ao transmitir para as suas crianças ensinamentos considerados sagrados. A educação cristã e o ambiente da Escola Dominical influenciaram a vida e as escolhas morais dos cidadãos que delas participam.

Ao olhar para o campo pedagógico e religioso e a consequente formação de um *habitus* religioso, irá se observar a preocupação que a IELB tinha, em seu material, para com a formação de professores, no sentido da doutrina e dos ensinamentos dos princípios que a Igreja Luterana defendia.

Neste capítulo foram contextualizadas as bases teóricas, conceituais e metodológicas da pesquisa. A seguir, será tratado sobre a Escola Dominical dentro da IELB, sua história, missão e objetivos.

2.A ESCOLA DOMINICAL DA IELB

2.1 Educação e Luteranismo

A Escola Dominical é uma instituição que busca formar religiosamente o sujeito que nela se encontra inserido, fazendo com que o ensino e a instituição religiosa se mantenham interligados. Como menciona Barbosa (2017, p.75), “desde o século V, a instrução escolar passa a estar estreitamente ligada às ações da igreja, sendo ela responsável pela sua organização e manutenção”. Desta maneira, a relação entre escola e igreja possui uma significativa ligação histórica.

Ao escutar o termo “Escola Dominical”, o que primeiramente se pensa é no termo “escola”, mas logo se questiona: que escola é essa? Pensa-se de imediato que pode ser uma escola que contempla uma educação cristã, religiosa e uma educação luterana.

O termo “Dominical” pode estar relacionado ao fato de muitas dessas atividades acontecerem aos domingos. Mas em diferentes contextos e vertentes religiosas, a Escola Dominical pode ser renomeada como: culto infantil, escola bíblica, escolinha, escola da igreja, entre outras denominações. Mesmo que o nome se altere, o objetivo é o mesmo: manter as crianças ocupadas durante o culto e formá-las religiosamente.

A discussão referente à Escola Dominical é um tema também relacionado à imigração europeia, mais especificamente à chegada de imigrantes que vieram daquele continente para o território brasileiro a partir do século XIX, assunto ainda discutido atualmente e que traz consequências significativas para o dia a dia da população que vive nas regiões em que esses imigrantes se instalaram. A região sul do Brasil, como a Serra dos Tapes, foi palco desses processos migratórios, e essa população, ao se estabelecer em seu novo território, trouxe consigo as marcas culturais e religiosas de seu povo ancestral.

Também os últimos tempos têm sido marcados por levas de deslocamentos humanos, impulsionadas especialmente por guerras, fome, doenças, desastres naturais e divergências políticas. A bem da verdade, a e/imigração está em pauta, pelo menos, desde o século XIX. Naquele momento, a consolidação do regime capitalista promoveu excedentes populacionais na Europa que buscavam alternativas de vida em colônias europeias espalhadas pela África, Ásia, Oceania, ou

então nas nações recém independentes da América. Ao longo do século XIX e princípios do século XX, o Brasil figurou como o quarto maior destino de imigrantes que se deslocaram para a América (Fernandes, Costa, 2020).

A menção anterior trata das migrações recentes, porém sabe-se que os processos migratórios sempre ocorreram ao longo da história, o que não foi diferente no final do século XIX e início do século XX. Dentre imigrantes que se deslocavam para o Brasil, estavam os pomeranos e alemães, que com seus hábitos e costumes, e principalmente por sua religiosidade, deixaram marcas significativas nesta região meridional do Brasil (Salamoni, 1995).

As terras brasileiras destinadas aos imigrantes eram de difícil acesso, sem grande interesse do governo ou de estancieiros que viviam nas regiões. Infere-se que a imigração europeia foi incentivada para garantir a posse e a exploração de regiões até então pouco povoadas, possibilitando a produção de gêneros alimentícios para o mercado interno. Os imigrantes pomeranos e posteriormente seus descendentes tiveram uma dedicação quase exclusiva para a prática agrícola (Salamoni, 1995).

Dessa maneira, os imigrantes europeus, especialmente os alemães e pomeranos, dedicaram-se à prática da agricultura, pois ocuparam regiões de zona rural campesina. Ao chegarem no Brasil, estabeleceram-se em comunidades, pois tinham a característica de se agrupar. E dentro de suas comunidades sentiram a necessidade da constituição de suas igrejas. Com isso, surge no sul do Brasil o advento das igrejas luteranas, e conseqüentemente das primeiras escolas luteranas.

Nos primeiros anos após a imigração, pela desassistência do governo brasileiro, os imigrantes viram a necessidade de criar suas próprias instituições religiosas, e conseqüentemente criaram as suas instituições de ensino. Esse contexto de ligação entre igreja e escola não foi diferente na IELB. Conforme Kuhn e Bayer (2017), a criação e a promoção de escolas paroquiais foi uma das principais marcas da IELB no primeiro meio século de sua existência no Rio Grande do Sul. Ou seja, a educação na IELB surgiu pela escola paroquial e teve continuidade pela Escola Dominical. Conforme destaca Weiduschadt (2012), “pode-se perceber que a Escola Dominical foi se fortalecendo na medida em que a instituição Sínodo de Missouri foi perdendo as escolas paroquiais”.

De uma forma geral, esta pesquisa trata sobre a formação dos professores das Escolas Dominicais Luteranas na IELB no estado do Rio Grande do Sul, porém

o *locus* de pesquisa se concentra na região da Serra dos Tapes-RS, área localizada mais ao sul do estado gaúcho. Cabe destacar, como já foi referido inicialmente, que dentro da região da Serra dos Tapes, atualmente, tem-se a atuação de três vertentes⁴⁶ do luteranismo.

Inicialmente, por não ter o amparo de entidades eclesiásticas superiores, os imigrantes e seus descendentes criaram suas próprias instituições, favorecendo, assim, o surgimento das “comunidades livres”. Conforme os escritos de Rieth (1990), a reunião dos colonos em nome de Deus simbolizava a confirmação de sua fé. Dentro desses grupos surgiram os “pastores-colonos” ou “pastores-livres”, que tinham também a função de “mestre-escola”.

“As comunidades-livres (*Freigemeinden*) são aqueles núcleos eclesiais - comunidades ou congregações - que se mantiveram independentes, ou seja, que não se filiaram aos sínodos - organizações para reunir e unir as comunidades” (Teichmann, 1996, p. 1), o que simbolizava uma espécie de reunião de membros de fé luterana, originando, assim, as comunidades luteranas independentes, sem vinculação a Sínodos superiores.

Os pastores que atuaram nas comunidades livres foram fundamentais para o enraizamento do luteranismo no Brasil, favorecendo a continuação da religião e das associações religiosas escolares, especialmente no sul gaúcho.

Posteriormente, com a organização dos Sínodos, a região sul do Rio Grande do Sul passa a receber um número significativo de pastores com formação teológica, capacitados a fornecer o amparo religioso que os cristãos luteranos reivindicavam. Eles chegaram com a função de conseguir fiéis que se proclamavam luteranos, mas que anteriormente haviam se organizado de maneira autônoma nas comunidades livres (Oswald, 2014).

Para enfrentar o caráter independente das comunidades, as instituições eclesiásticas passam a ter interesse nessas comunidades no Rio Grande do Sul, o que facilitou a fundação do Sínodo Rio-Grandense, em 1886, por Wilhelm Rotermund, em São Leopoldo-RS (Kreutz, 1994). Posteriormente, tal organização originou a IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), que é uma instituição religiosa luterana influenciada por igrejas alemãs. Essa instituição se

⁴⁶ Atualmente entendidas como: IELB, IECLB e Igrejas Luteranas Independentes.

estabeleceu no Brasil no século XIX, a partir da reunião de pastores vindos da Alemanha para atuar nas comunidades de imigração luterana (Witt, 1990).

Após a instalação do Sínodo Rio-Grandense no Brasil, surge também, no início do século XX, a vinda de um Sínodo originário dos Estados Unidos, chamado de Sínodo de Missouri, que foi uma instituição que também procurou enfatizar a formação de um campo religioso a fim de demarcar uma escolarização expressiva dentre os sujeitos das comunidades (Weiduschadt, 2007). “Em 1904, foi fundada oficialmente a Igreja Evangélica Luterana do Brasil, como distrito sinodal da igreja luterana – Sínodo de Missouri” (Maske, 2013, p. 164).

O Sínodo de Missouri começou a inserir-se no território gaúcho no início do século XX, pois foi atraído pela possibilidade de se estabelecer na região sul do Brasil, onde muitas comunidades luteranas ainda não tinham atendimento eclesial, ou seja, ainda funcionavam como “independentes”. Segundo Rieth (1990, p. 261), “durante sua convenção em 1889, o Sínodo Evangélico Luterano Alemão de Missouri, Ohio e outros estados, decidiu iniciar o trabalho de atendimento a imigrantes protestantes no Brasil”. O Sínodo de Missouri chegou ao Brasil a fim de buscar fiéis. Steyer (1999, p. 24) menciona que os pastores luteranos do Sínodo de Missouri foram enviados ao Brasil “não para ‘converter’ católicos ao luteranismo, mas sim arrebanhar os luteranos dispersos em solo sul-rio-grandense”.

O Sínodo de Missouri, que é o *lócus* desta pesquisa, começou um trabalho missionário em território brasileiro a partir do ano de 1900 e sua vinda ao Brasil se deu em virtude de um sentimento de responsabilidade com seus “irmãos” luteranos que não estariam tendo um atendimento pastoral adequado. O pastor Broders⁴⁷ foi o primeiro missionário de Missouri que veio ao Brasil e começou seu trabalho de missão no estado do Rio Grande do Sul, pois um pastor do estado teria pedido ajuda ao Sínodo (Rehfeldt, 2003).

Neste sentido, o Sínodo de Missouri, consequentemente, ao buscar raízes em solo brasileiro, investiu também na consolidação das escolas paroquiais, que se situavam junto às igrejas. Conforme também destaca Steyer (1999, p. 36), “ao lado

⁴⁷ Christian J. Broders foi um pastor encarregado de avaliar as oportunidades missionárias no Brasil (Rehfeldt, 2003). Sua tarefa era analisar as condições de comunidades de imigrantes alemães/pomeranos que precisassem de atendimento religioso e espiritual ou, ainda, prestar atendimento a denominações religiosas que estivessem descontentes com a igreja que possuíam (Weiduschadt, 2007).

de cada congregação⁴⁸ uma escola' – este era o alvo do Sínodo de Missouri desde a sua fundação em 1847". Desta maneira, independente da orientação adotada pelas três vertentes luteranas, sempre foi unânime a preocupação educacional que mantinham.

Weiduschadt (2007, p. 96) também destaca que “a educação ocupou um lugar central na adesão dos fiéis, as escolas eram organizadas de uma forma que possibilitava uma aproximação entre a igreja e a escolarização”. Ou seja, a própria expansão do Sínodo de Missouri se deu por meio dos processos de escolarização por ele oferecidos.

Conforme destaca Manske (2013, p. 48), “cabe referir que além da função religiosa de criar os simbolismos, a igreja luterana alcançou outra importante representatividade entre os pomeranos ao assumir a educação escolar no grupo”.

Ainda nesse sentido, Streck (2016, p. 64-65) escreve que:

Os motivos para o seu surgimento podem ser explicados a partir de diferentes aspectos, como a realidade educacional brasileira, que não conseguia atender a todas as crianças em idade escolar, o fato de os imigrantes, na sua maioria, serem alfabetizados, e a questão confessional religiosa. Afinal, ser protestante implicava saber ler a Sagrada Escritura, estar apto a receber instrução religiosa, enfim, participar ativamente da vida comunitária.

No que tange a relação entre igreja e escola, são trazidas as afirmações de Barbosa (2017), que discorre que:

A história da Educação e a história da igreja mostram-se articuladas em determinados momentos, fonte de influências recíprocas. Foi na Idade Média que essa relação se mostrou mais intensa, com a Igreja encarregada da educação escolar, visando à garantia de instrução de seus religiosos e de seus clérigos, que buscavam formar crianças e jovens com aspiração a vida religiosa (Barbosa, 2017, p. 75).

Os princípios doutrinários luteranos advêm dos ideais defendidos por Martin Lutero, reformador da Igreja Luterana, o qual menciona, em suas obras selecionadas, sobre a educação, o incentivo para que as crianças frequentassem as escolas (Lutero, 2011). Nos mesmo escritos, Lutero reafirma que a escola é o espaço que destina a criança ao caminho de Deus.

Lúcio Kreutz (1999, p. 142) apresenta que “uma característica marcante destes imigrantes foi à importância dada à questão escolar. Na década de 1930 havia-se alcançado alto índice de alfabetização em mais de mil núcleos rurais”.

⁴⁸ O termo Congregação é também escrito por Steyer (1999). Refere-se, geralmente, ao Sínodo de Missouri, quando faz referência à comunidade ou à um agrupamento de Igrejas vinculadas ao Sínodo.

Kreutz (2000) também demonstra que o Brasil foi o país com o maior número de escolas étnicas na América. Segundo esse autor, na história da educação brasileira registra-se uma iniciativa singular de escolas comunitárias pelos imigrantes que, após a sua adaptação, perceberam a não existência de escolas no meio rural, providenciando a edificação de escolas para garantir a educação de seus filhos.

Na obra clássica de João Amós Comênio (1996), “Didática Magna”, o autor traz a afirmação de Lutero acerca da educação, o que esclarece as bases religiosas luteranas enraizadas na importância atribuída à escolarização dos sujeitos. Nessa obra, Comênio diz que em todas as cidades, vilas e aldeias deveriam ser fundadas escolas para educar as crianças, afirmando que mesmo os agricultores ou outros trabalhadores manuais deveriam ter acesso à instrução das letras, moral e religião. No mesmo sentido, Kreutz diz que “Comênio, no início do século XVII, entendia que a escola deveria ser posta também como uma instância privilegiada de formação para a cidadania” (Kreutz, 1994, p. 150).

O autor José Rubens Jardimino, discute também a influência de Comênio para a educação. Sobre isso, Jardimino (2009, p. 75) escreve que “a educação deve ser o lugar propício para colocar a criança em condições intelectuais e morais de exercer suas funções na sociedade do entorno”

Os imigrantes alemães e pomeranos e, posteriormente, seus descendentes receberam terras até então pouco habitadas para que pudessem construir suas moradias e estabelecer suas lavouras e suas organizações religiosas e escolares. Segundo Steyer (1999), a escola mantinha a congregação unida, e a regra era que os filhos dos membros da congregação frequentassem a escola paroquial.

As escolas paroquiais funcionaram junto às congregações religiosas desde o início das atividades da Igreja, muitas vezes o próprio pastor era o professor da escola. Essas escolas tiveram suas atividades concentradas em língua alemã até o período de nacionalização do ensino, e mesmo após a nacionalização muitas delas seguiram com suas atividades em língua portuguesa até diferentes períodos. Cada escola teve um período de fechamento diverso, a grande maioria teve suas atividades concentradas até as décadas de 1960 e 1970, quando as escolas públicas adentram as regiões mais rurais do Brasil. Conforme relata Buss (2005, p. 70-71),

O aumento do número de escolas públicas no país foi acompanhado por um considerável decréscimo de escolas paroquiais da IELB. Em 1957, a IELB contava com 149 escolas paroquiais. A partir de 1958 esse número

começou a diminuir, chegando a 120 escolas em 1961. Apenas 3.871 alunos, de um total de 14.550 crianças da IELB, em idade escolar frequentavam essas 120 escolas.

Consequentemente, com o fim das atividades das escolas paroquiais, a Igreja percebe que precisa criar outras estratégias para atrair a participação das crianças para as atividades desenvolvidas na congregação. Dessa maneira, a Escola Dominical ganha força no luteranismo, e o Sínodo de Missouri investe na prática das Escolas Dominicais (Weiduschadt, 2012).

Vista, então, a diminuição de crianças religiosamente atendidas, a Escola Dominical surge como uma alternativa para a formação cristã e religiosa das crianças da IELB. Assim, foi disseminada pelos meios de comunicação da IELB a campanha *Apascenta os meus cordeirinhos*, como maneira de divulgar a Escola Dominical entre os fiéis da IELB. Na imagem a seguir vemos uma publicação da revista “O Jovem Luterano”⁴⁹ que visa auxiliar na campanha:

⁴⁹ A revista “O Jovem Luterano” foi produzida pelo Sínodo de Missouri, atual IELB, sendo um veículo de comunicação vinculado à imprensa religiosa. Foi de circulação nacional, tendo por objetivo orientar a vida social e religiosa dos jovens e adolescentes adeptos da IELB e seguia recomendações da igreja cristã luterana. Ver tese de Albrecht (2024).

Figura 8 – Identificação da Campanha “Apascenta meus cordeirinhos”



Fonte: O Jovem Luterano. Casa publicadora Concórdia, ano XXIV, outubro de 1963.

Como ministrar o ensino religioso na escola dominical

Colaboração do Conselho Orientador da Juventude Luterana para a Campanha «Apascenta os meus cordeirinhos»
 “Educar é ensinar a viver.” Educar para Jesus é ensinar a viver para um mundo melhor, para a vida bendita e imperecível que Cristo preparou para todos os seus fiéis seguidores.

A tarefa de professores da Escola Dominical é grandiosa, sublime, cheia de responsabilidade. Ao ministrarem ensinamentos aos cordeirinhos de Jesus estão lançando em seus corações a preciosa semente da Palavra de Deus. A missão de nossos professores pode ser comparada à missão de um guia que conduz o turista através das verdades de uma grande cidade. Existem tantas atrações, tanta beleza... os enormes edifícios, os parques, as praças, as vitrinas enfeitadas, os museus. Mas existem igualmente as manchas, as nódoas, as trevas que não podem ser afugentadas apesar do brilho de inúmeras luzes.

Professores da Escola Dominical levam os pequenos cordeirinhos do Mestre a passeios espirituais. - Já existe o Jardim do Éden que Deus criara com tanta beleza e perfeição - os primeiros homens Adão e Eva perfeitos, vivendo em íntima e bendita comunhão com Deus. Veio o pecado - a desobediência. Os homens tornaram-se inimigos de Deus. São expulsos do paraíso, marcham ao encontro da perdição eterna. Mas “Deus é amor”. Os professores têm o imenso privilégio de conduzir os pequenos em espírito para junto da mangueira de Belém. Ali nasceu Jesus a Luz do mundo. Ele, unicamente ele, pode afugentar as trevas espirituais. As crianças em viva expectativa acompanham os seus professores que em espírito os levam para o mar da Galileia onde Jesus acalmou a tempestade, para a estrada de Jericó onde o Mestre abriu os olhos a um cego, para a casa de Jairo onde Jesus ressuscitou uma menina. Aí está o Filho de Deus tomando em seus braços as crianças, dizendo: “Deixai vir a mim os pequeninos...”. Depois levam os pequeninos em espírito para o Gólgota onde Jesus morreu como “o cordeirinho de Deus que tira o pecado do mundo” e a sepultura onde Ele ressuscitou como o grande Vencedor.

Professores da Escola Dominical devem despertar em seus alunos o desejo de herdarem a Pátria celeste e eterna. Infelizmente faltam-nos as palavras para descrevê-la em todo o seu fulgor.

É importante que os professores sigam um programa pré-estabelecido para os diversos domingos, observando as datas festivas da cristandade. As histórias sempre deveriam ser apresentadas de uma maneira interessante, procurando-se despertar a atenção através de perguntas, de ilustrações, de fatos atuais, conhecidos pelos alunos. As histórias não deveriam ser lidas, mas sim apresentadas sem o uso de manuscritos, para que os alunos notem que o professor realmente sabe e conhece (O Jovem Luterano, ano XXIV, out. 1963).

Na imagem anterior como adiantado, tem-se a reprodução de uma publicação referente à Escola Dominical na revista “O Jovem Luterano”. A matéria da Revista traz dados significativos sobre o funcionamento da Escola Dominical.

A publicação também expressa que além das belezas do mundo existem também muitos perigos, cabendo à missão dos professores guiar os pequenos no caminho correto. Sendo o excerto apresentado de uma publicação da Revista “O Jovem Luterano”, isto demonstra que a IELB tinha instrumentos de controle e de convencimento para todas as fases da vida de seus fiéis. Infere-se, que se buscava incentivar as moças que liam a revista dos jovens a aderirem à ocupação de professora de Escola Dominical valorando-a como uma missão importante.

Como deu-se a perceber, a Escola Dominical da IELB surge em um contexto educacional peculiar, em um período que as escolas públicas rurais estavam em expansão. Cabe salientar que seja pela Escola Dominical ou pela escola paroquial, o luteranismo deixou uma marca significativa no contexto educacional do século XX, como mencionado por Tambara:

É importante notar o aparecimento de estratégias de formação de professores vinculados às confissões religiosas. Tanto a igreja católica como os sínodos luteranos preocupavam-se com este problema, ou pelo menos, percebiam a importância que o domínio ideológico sobre tal aparelho implicava em seu proselitismo religioso (Tambara, 2008, p. 18).

O investimento na consolidação das Escolas Dominicais consiste também na estruturação de uma rede de formação de professores para atuarem nessas escolas, para que os mesmos soubessem de seus poderes doutrinários para com o seu público. Vejamos agora como que a Escola Dominical surge na sociedade e na história.

2.2 História da Escola Dominical

Para analisar a Escola Dominical, é necessário conhecer sua história, seu contexto de constituição e consolidação, bem como perceber os caminhos percorridos pela Escola Dominical até que chegasse ao Brasil. Considera-se a Escola Dominical como uma instituição educativa que, na percepção de Justino Magalhães, deve-se integrar à Instituição Educativa em seu contexto macro, no sistema educativo que a gerou (Magalhães, 1996), ou seja, precisa-se conhecer as

realidades que estão ao redor da Escola Dominical, por isso, se faz neste momento um escrito referente e história da Escola Dominical, seu surgimento, funcionamento e organizações.

As Escolas Dominicais são percebidas enquanto espaços educativos de cunho religioso. Também é importante observar que, conceitualmente, dentro das igrejas, elas são consideradas como capazes de preparar os fiéis para serem cidadãos que poderiam ter uma vida regida pelos ensinamentos de Deus.

Para esclarecer sobre o surgimento das Escolas Dominicais, foram consultadas autoras como Rodrigues (2007) e Junge (2004), que em suas respectivas dissertações trataram sobre temas voltados para a Escola Dominical, também denominada em alguns momentos pela expressão “Culto Infantil”. Conforme definições de Rodrigues (2007, p.28), “a Escola Dominical surge na Inglaterra no contexto histórico-social da revolução industrial, do desenvolvimento científico, da reforma agrária que impulsiona as famílias pobres a viver nas cidades”. Ainda, nessa perspectiva, a autora esclarece a intencionalidade com que surgem as Escolas Dominicais surgem:

Em 1780, na Inglaterra, Robert Raikes observa o grande número de crianças empobrecidas, brincando na rua, e é informado que aos domingos este número é ainda maior, porque também as crianças precisavam trabalhar muito durante a semana, sem oportunidades para aprender a ler e escrever. Raikes, que era gráfico, imprime livros de histórias e contrata mulheres⁵⁰ para contar as histórias às crianças. Sua preocupação com as crianças trabalhadoras abre-lhes uma possibilidade alternativa de alfabetização (Rodrigues, 2007, p.28).

Como mencionado na citação anterior, a Escola Dominical teve seu surgimento na Inglaterra e depois disso se difundiu por diferentes partes do mundo, chegando ao sul gaúcho por meio da imigração pomerana e alemã. Sobre a história de Robert Raikes, a autora Junge (2004, p. 17-18), trata que:

O surgimento da Escola Dominical é atribuído ao tipógrafo e editor Robert Raikes (1736 – 1811), que pertencia a igreja episcopal⁵¹ [...] Raikes iniciou este trabalho em julho de 1780, a partir da preocupação com o futuro das crianças de sua cidade. Muitas crianças trabalhavam nas fábricas durante seis dias da semana, não tendo a oportunidade de aprender a ler e escrever, uma vez que a obrigatoriedade da frequência escolar só passou a ser exigida a partir de 1870 na Inglaterra.

⁵⁰ O papel feminino de professoras de escolas dominicais/cultos infantis tem destaque. Esse também é um tema abordado na tese, trata da questão histórica de feminilização do trabalho docente.

⁵¹ Denominada também como Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB). A Igreja Anglicana é a mais antiga igreja não católica romana no Brasil. Há, no Brasil, quatro instituições que reivindicam a herança da tradição anglicana, embora apenas uma esteja, de fato e de direito, institucionalmente vinculada à Comunhão Anglicana Internacional. Trata-se da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB), sendo esta a mais antiga e a instituição mais bem organizada de todas (Calvini, 2005).

Na afirmação anterior, percebe-se que a Escola Dominical surge como uma ação e instituição que visava ocupar as crianças aos domingos, com atividades de alfabetização, como ler e escrever, que com o tempo evoluíram para atividades de formação didático-religiosa. Ainda, segundo Junge (2004, p. 19), “Raikes reuniu crianças pobres desamparadas e incumbiu voluntários a habilitá-las a ler, ensinar histórias bíblicas e o catecismo. Tratava-se de uma espécie de escola popular gratuita”.

Sobre esta história da Escola Dominical, uma edição do periódico “Com Jesus”, do ano de 2000, relata a seguinte informação:

Muitas vezes, é indicada a localidade de Roxbury, Massachussets, como local onde se estabeleceu a primeira escola dominical na América, no ano de 1674. Porém, como verdadeiro criador e pai da escola dominical, é aceito o nome de um editor de jornal na Inglaterra, no ano de 1780, de nome Robert Raikes. Ele deu início à escola dominical em Gloucester há mais de 200 anos. Ele requisitou quatro mulheres para instruírem, aos domingos, as crianças em leitura, escrita e estudo bíblico. Embora houvesse classes isoladas e dominicais em atividade antes dessa época, na Inglaterra e na América, é um consenso que a escola dominical foi organizada por Raikes (Com Jesus, 2000, p. 9).

N’o “Mensageiro Luterano”, em uma edição que fala sobre a história da Escola Dominical, Elmer Roll escreve que a primeira menção feita na revista do periódico data do ano de 1942. Nesta matéria, Elmer também destaca que as Escolas Dominicais na IELB ganharam força com o declínio das escolas paroquiais, “com o fechamento de diversas escolas paroquiais nas últimas duas ou três décadas, cresceu o número de escolas dominicais, chegando a 856, conforme dados de 1986”.

D’o “Mensageiro Luterano”, revista que circula entre os adeptos da IELB, o entrevistado Elmer Roll forneceu para a pesquisa uma matéria que trata especificamente sobre a história da Escola Dominical, a referida matéria foi escrita pelo próprio Elmer em março de 1989. Nela consta:

Muitas vezes é indicada a localidade de Rosbury, Massachussets⁵², como lugar onde se estabeleceu a primeira escola dominical na América no ano de 1674. Porém, como pai e verdadeiro criador da escola dominical é aceito um editor de jornal na Inglaterra em 1780, de nome Robert Raikes (Mensageiro Luterano, fev/mar, 1989).

⁵² Tanto as edições d’o “Mensageiro Luterano”, como do material didático “Com Jesus” utilizam dos mesmos escritos para trazer ao leitor a história da Escola Dominical.

A edição do “Com Jesus” do ano de 2000 traz que “os dados estatísticos da IELB, registraram 856 escolas dominicais em 322 paróquias no ano de 1986, e agora, registram 770 escolas dominicais em 335 paróquias” (Com Jesus, 2000).

A Escola Dominical constitui-se como uma característica das igrejas protestantes⁵³. Ela se configura como uma organização educacional caracterizada pelos ensinamentos bíblicos e pela doutrina de cada uma das igrejas protestantes. A Escola Dominical surgiu com o propósito de evangelizar crianças que ficavam sem atividade durante os domingos. Outro objetivo era o de alfabetizar por meio da Bíblia e do catecismo, além de ministrar aulas de religião, com a intenção de reformar a sociedade, modificando o caráter dela por meio dos ensinamentos bíblicos (Nascimento, Bertinatti, 1992).

A ideia inicial de Raikes era criar um ambiente para reunir as famílias aos domingos, principalmente crianças e adolescentes, que trabalhavam cerca de quatorze horas diárias, de segunda a sábado, e que em seu único dia de folga ficavam a vagar pelas calçadas e praças, podendo-se tornar vítimas da violência da época. Para mantê-los reunidos neste dia, Raikes propunha alfabetizar, ensinar noções de aritmética, moral e cidadania e instruir biblicamente a todos que tivessem o interesse de participar destes encontros. Com o passar do tempo a Escola Dominical deixou de atuar em áreas do conhecimento que acabaram sendo de responsabilidade por escolas regulares, e consequentemente o foco foi concentrado no ensino para os ensinamentos bíblicos, mantendo o seu olhar na moral, na cidadania e na ética cristã (Pimentel, 2005).

Após seu surgimento na Inglaterra, a ideia de instalar Escolas Dominicais se espalhou por diferentes países, e no Brasil o exemplo de Robert Raikes foi seguido inicialmente pelo missionário metodista Justin Spaulding em 1836, ao implantar no Rio de Janeiro a Escola Dominical Sul-Americana, com mais de 40 crianças e jovens distribuídos em um total de oito classes. Contudo, essa missão metodista encerrou-se no ano de 1841 (Nascimento, Bertinatti, 1992).

No dia 19 de agosto de 1855, o casal Sarah Poulton Kalley e Robert Reid Kalley implantam em território brasileiro, na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro, a Escola Dominical de modo definitivo. Em sua própria casa Sarah Kalley recebeu poucas crianças, ensinando-as cantos e orações, mas foi o suficiente para que o seu trabalho rendesse bons frutos e atingisse vários locais do Brasil. Em 1858, aquela Escola Dominical deu origem à primeira

⁵³ O Protestantismo surge em oposição ao Catolicismo no século XVI, composto pelas religiões protestantes. Martin Lutero foi um de seus líderes. O luteranismo, portanto, é uma religião protestante.

igreja protestante brasileira, a Igreja Evangélica Fluminense (Nascimento, Bertinatti, 1992, p. 98).

Sobre esse fato, Elmer Roll também escreve n'ó "Mensageiro Luterano" que:

No Brasil, tem-se como data de início das atividades da Escola Dominical o ano de 1855, na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro, pelo missionário congregacional Robert Kalley e esposa Sara Kalley. Eram escoceses. Sendo utilizada como instituição missionária e de educação cristã, a Escola Dominical foi implantada em muitas igrejas (Mensageiro Luterano, fev/mar, 1989).

No Brasil, as Escolas Dominicais surgem mais tarde, com iniciativas do que se chamou de Protestantismo de Missão ou protestantismo missionário, designação esta da qual se utilizam Mendonça e Velasques Filho (1990) quando escrevem que o protestantismo que se instalou no Brasil a partir de 1850, momento em que vieram missionários (principalmente norte-americanos) para o país com a finalidade explícita de propagar a sua fé. Foi através desses missionários que se instalaram no Brasil a Igreja Congregacional, a Presbiteriana, a Metodista, a Batista e a Episcopal (Mendonça, Velasques Filho, 1990).

Dentro do contexto luterano, as Escolas Dominicais são também entendidas pela expressão "Culto infantil". Weiduschadt⁵⁴ (2007) escreve que:

O que nos chama atenção é a realização de um culto infantil dentro dos princípios luteranos. Podemos supor que o trabalho da escola havia sido frutífero, já que muitas crianças participaram desta festividade. Era uma oportunidade de demonstração do trabalho escolar para toda a comunidade e de mostrar o diferencial que o Sínodo⁵⁵ queria ressaltar (Weiduschadt, 2007, p. 171).

Ao tratar da Escola Dominical como algo que ganha força após o enfraquecimento das escolas paroquiais luteranas, entende-se a importância que os luteranos atribuíram para a escolarização, atribuição vinda do reformador Martin Lutero⁵⁶. Conforme Lutero (2011, p. 329-330), "nosso amado Senhor Jesus Cristo diz em Mt [sc. 19.14]: 'Deixai vir a mim as crianças e não as impeçais, porque a elas pertence o reino dos céus, [...]'. Ao trazer esta consideração, Lutero expressa sua

⁵⁴ Neste trecho, Weiduschadt (2007) refere-se à comunidade de São Pedro de Morro Redondo - RS, sendo que no contexto de que trata, em 1900, havia uma preparação para as festividades de Natal e se usava o culto infantil para os ensaios deste programa de Natal. A Escola Dominical, além dos estudos bíblicos, privilegiava também momentos dedicados para o ensaio de peças teatrais para apresentações nos cultos.

⁵⁵ Refere-se ao Sínodo de Missouri.

⁵⁶ A partir da reforma protestante promovida por Lutero, um monge alemão, as doutrinas católicas vigentes na Idade Média foram questionadas nas 95 teses que Lutero afixou no castelo de Wittenberg. O alvo crucial era a cobrança de indulgências que ocorria na época. Lutero tinha o objetivo de organizar uma instituição religiosa em que o povo tivesse acesso à Bíblia, preocupando-se, também, com a questão educacional, criando e difundindo livros que preparassem as crianças para conhecer a doutrina e a Bíblia Sagrada (Weiduschadt, 2007).

afirmação de que as crianças devem estar presentes em ações e estudos voltados para Deus e suas escrituras sagradas.

Desta forma, José Rubens Jardimino, na obra “Lutero e a Educação”, escreve:

Para Lutero a Educação foi tarefa igualmente secular e religiosa. Com isso, pode-se dizer que educar é um dever dos pais e uma responsabilidade do Estado. Aos primeiros cabia a responsabilidade espiritual de dar oportunidade aos filhos a esse bem maior, pois não fazê-lo era pecado; e ao segundo cabia a instauração, a sustentação e o controle da escola pública, gratuita e obrigatória para todos (Jardilino, 2009, p. 49).

Para Lutero, pais verdadeiros, cristãos e fiéis deveriam preocupar-se com o sustento e com a alma dos filhos, e por isto reivindicar um ensino saudável e competente. Lutero defendia a existência de pessoas capacitadas para ensinar e educar a infância e a juventude da época (Lutero, 2000). Desta maneira, entende-se, com base na obra de Marlize Rodrigues (2007, p. 27), que “a preocupação com a educação está presente na história da igreja luterana desde a origem, com referência à importância e responsabilidade que Lutero inquiria aos pais para com a educação de seus filhos”, de modo que os Luteranos sempre traçaram estratégias para educar as crianças e jovens dentro dos preceitos da fé em Deus.

Segundo Becker (2018, p. 32),

Ao chegarem nas regiões do sul do Brasil, os/as imigrantes alemães já estavam bastante acostumados com um sistema de ensino público que garantia a escolarização mínima de crianças e jovens no seu país de origem. No entanto, no Brasil do século XIX, não havia qualquer sistema de ensino que pudesse atender as necessidades educacionais desses imigrantes. Logo esses imigrantes perceberam que se quisessem que seus filhos e suas filhas fossem alfabetizados deveriam por conta própria criar e manter escolas. Dessa forma, surgiram então as primeiras escolas comunitárias confessionais evangélico-luteranas, criadas e mantidas pela própria comunidade de imigrantes.

A consolidação das Escolas em meio ao local onde ocorreu a imigração germânica foi algo característico desse processo colonizador, sendo que esses imigrantes tiveram a influência de Lutero, que incentivava a educação das crianças e constituição de escolas.

Segundo Becker (2018), Lutero incentivou que as pessoas se empenhassem na promoção da educação para crianças e jovens, sendo a educação dos filhos e filhas um mandamento de Deus. Negar a educação é um pecado merecedor de castigo de Deus, na opinião de Lutero. Nenhum pecado exterior pesa tanto sobre o

mundo perante Deus e nenhum merece maior castigo do que justamente o pecado que cometemos contra as crianças, quando não as educamos⁵⁷.

Os princípios doutrinários luteranos advêm, portanto, daqueles defendidos por Martin Lutero, reformador da Igreja Luterana, que menciona em suas obras selecionadas sobre a educação. Segundo ele, quando as crianças são estimuladas e encorajadas a irem à escola, e ainda quando se contribui com dinheiro e conselho, isto é, sem dúvida, levar e encaminhar os filhos a Cristo (Lutero, 2011). Nos seus escritos, Lutero reafirma que a escola é o espaço que destina a criança ao caminho de Deus.

Ao tratar sobre a educação, Lutero (2011, p. 330) diz que “não mandem filhos à escola para aprender coisas dissolutas, levianas, imprestáveis e inúteis, mas para que sejam iniciadas em exercícios honrados, sérios, úteis, disciplinados e cristãos”. Corroborando o pensamento de que a escola seja um espaço sério, e que, por isso, prepara as crianças como cristãos verdadeiros.

Ainda para Lutero (2000), dentro do contexto familiar, os pais verdadeiros deveriam ser cristãos e fiéis, buscando se preocupar com o sustento e com a alma dos filhos, e tinham que reivindicar um ensino saudável e competente. Lutero defendia a existência de pessoas capacitadas para ensinar e educar a infância e a juventude da época, pois as crianças deveriam se fortalecer na fé desde cedo.

Nesse sentido, segundo Blank (2020), a escola paroquial luterana poderia ser considerada o antídoto à ignorância. Para que se desse o sucesso nesse intento, era necessária uma formação dos professores que estariam atuando nessas escolas. Desta maneira, além da escola paroquial luterana, a Escola Dominical seria uma forma de aproximar o fiel dos conhecimentos da doutrina luterana, afastando-o da ignorância.

No ano de 1790, a Escola Dominical começa a ser conhecida em Hamburgo, sofre um processo de adaptação à realidade alemã, e por algum tempo é considerada como complementação da educação elementar. Porém, somente em 1825 é iniciada a primeira Escola Dominical alemã, com os pastores luteranos Johann Georg Oncken e Johann Wilhelm Rautenberg. O ensino compreendia a arte da leitura e da escrita e eram utilizados a Bíblia, o catecismo e o cancionário (Rodrigues, 2007, p. 28).

Na citação anterior, percebe-se que a Escola Dominical alemã iniciou suas atividades no século XIX, fazendo uso de materiais de apoio, como a Bíblia e o

⁵⁷ LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**. São Leopoldo: Comissão Interluterana de Literatura, 1995, v. 5.

Catecismo. Essa realidade foi sofrendo alterações ao longo dos anos, pois no século XX, a igreja, especialmente da IELB, organiza seus próprios materiais de apoio, seja para alunos ou para professores, tendo estruturas administrativas superiores que pensam as ações da Escola Dominical dentro da igreja.

Ao analisar o atual organograma da IELB, verifica-se que Escola Dominical faz parte do Departamento de Educação Cristã da Igreja. Foi percebido em entrevistas realizadas que as práticas desenvolvidas para a Escola Dominical e para a formação dos professores que iriam atuar neste espaço passaram por uma organização denominada como Comissão de Escolas Dominical. Como mencionado em algumas das entrevistas, essa Comissão teria tido seu início a partir de meados da década de 1970, com ações do casal Silvana e Oscar Lehenbauer.

Percebe-se que efetivamente a Escola Dominical da IELB ganha mais força a partir do fechamento das escolas paroquiais e com o surgimento da Comissão de Escola Dominical. Mas percebe-se que a Escola Dominical já era um tema pensado dentro da Igreja, como visto no boletim da 11ª Convenção Mundial das Escolas Dominicais, material encontrado no Instituto histórico da IELB.

No boletim da 11ª Convenção Mundial das Escolas Dominicais, realizada no Rio de Janeiro em 1932, aparecem os seguintes dados, que se referem ao número de Escolas Dominicais presentes no Brasil, em seus respectivos estados:

Figura 9 – Notícias da 11ª Convenção Mundial das Escolas Dominicais de 1932.

O MOVIMENTO DE DELEGADOS À CONVENÇÃO MUNDIAL				
NOTICIA QUE INTERESSA A TODAS AS DENOMINAÇÕES EVANGÉLICAS				
Até o dia 5 de Maio corrente, haviam sido registrados pela Secretaria da Junta Executiva, apenas 311 Delegados Nacionais à 11.ª Convenção Mundial de Escolas Dominicais, quando a quota de inscrições para o Brasil é de 1000 representantes.				
Distribuidos estes 311 já inscriptos pelas suas respectivas Denominações e Estados Brasileiros, temos:				
DENOMINAÇÕES			ESTADOS	
Igreja	Methodista	126	Minas Geraes	76
"	Presbyteriana	112	Districto Federal	71
"	Baptista	23	São Paulo	83
"	Independente	17	Rio de Janeiro	30
"	Congregacional	18	Esp. Santo	12
"	Christã	2	Rio G. do Sul	13
"	Episcopal	1	Paraná	11
Colonia	Estrangeira	9	Bahia	6
Exercito da	Salvação	3	Santa Catharina	4
			Pernambuco	1
			Matto Grosso	3
			Goyaz	1
Total		311	Total	311

Fonte: Material disponível no Instituto Histórico da IELB.

O MOVIMENTO DE DELEGADOS À CONVENÇÃO MUNDIAL

NOTÍCIA QUE INTERESSA A TODAS AS DENOMINAÇÕES EVANGÉLICAS

Até o dia 5 de Maio corrente, haviam sido registrados pela secretaria da Junta Executiva, apenas 311 Delegados Nacionais à 11ª Convenção Mundial de Escolas Dominicais, quando a cota de inscrições para o Brasil é de 1000 representantes.

Distribuídos estes 311 já inscritos pelas suas respectivas Denominações e Estados Brasileiros, temos:

DENOMINAÇÕES	ESTADOS
Igreja Metodista 126	Minas Gerais 76
Igreja Presbiteriana 112	Distrito Federal 71
Igreja Batista 23	São Paulo 83
Igreja Independente 17	Rio de Janeiro
Igreja Congregacional 18	Espírito Santo 12
Igreja Cristã 2	Rio Grande do Sul 13
Igreja Episcopal 1	Paraná 11
Colônia Estrangeira 9	Bahia 6
Exército da Salvação 3	Santa Catarina 4
	Pernambuco 1
	Mato Grosso 3
	Goiás 1
Total: 311	Total:311

A foto faz referência a um evento que aconteceu no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, e que contou com a participação de Escolas Dominicais de diferentes denominações religiosas. Garcez (2022) traz o que a XI Convenção Mundial de Escolas Dominicais ocorreu entre os dias 25 e 31 de julho de 1932, tendo sido um espaço de circulação de ideias e redes de sociabilidades entre intelectuais protestantes.

Inicialmente, chama atenção que na lista já aparece um número expressivo de Escolas Dominicais independentes e de colônia estrangeira. Verifica-se que no momento já havia 13 Escolas Dominicais no Rio Grande do Sul que haviam se inscrito na convenção.

Assim, como escreve Pereira (2011, p. 17), “todas as denominações protestantes, que chegaram ao Brasil, organizaram uma Escola Dominical em sua prática de evangelismo e ensino”, e quando o autor menciona essas denominações protestantes, traz uma menção a Martin Lutero e a seu respectivo empenho em relação à importância das crianças terem acesso à escola.

Nesse sentido, as Escolas Dominicais visam preparar as crianças e os jovens para que, desde sua infância, possam viver fortalecidos nas questões de fé (Weiduschadt, 2012).

2.3 A professora da Escola Dominical

No coração de qualquer relato histórico, há vontade de saber. No que se refere às mulheres, esta vontade foi por muito tempo inexistente. Escrever a história das mulheres supõe que elas sejam levadas a sério, que se dê à relação entre os sexos um peso, ainda que relativo, nos acontecimentos ou na evolução das sociedades (Perrot, 2005, p. 14).

Esta tese de Doutorado em Educação busca oferecer um foco especial à formação docente de professoras que atuaram na Escola Dominical da IELB. A pesquisa olha para as mulheres da IELB e seu trabalho docente dentro deste ambiente com relações de gênero ainda muito desiguais.

A própria Igreja considera o ensino das crianças como algo primordial para a formação do cidadão. Lemke (2001, p. 47) diz que “a igreja sendo responsável pelo ensino espiritual, colabora com os pais e cumpre a vontade de Deus para preparar colaboradores de Deus a fim de pregar o evangelho e ministrar os sacramentos”. A Igreja considera que Deus capacita pessoas para atuarem frente ao seu ensino.

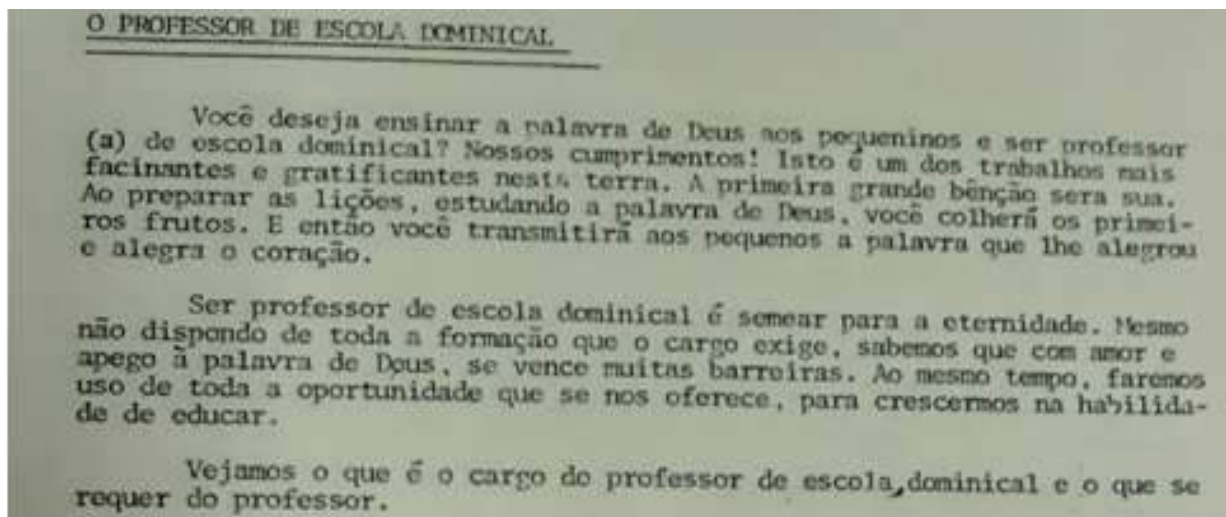
Por um bom tempo, uma grande parte das professoras de Escola Dominical da IELB eram as esposas dos pastores da paróquia. Com o passar dos anos, outras meninas engajadas no seguimento luterano também assumiram esse papel, que, portanto, majoritariamente foi ocupado por mulheres. Como destaca a entrevistada Maria Roll (2024):

Sempre foram mais as mulheres, e isso sempre foi muito cobrado das esposas de pastores, era como se fosse uma coisa que vinha dentro do “pacote⁵⁸”. Na nossa época, isso era meio que cobrado, era como se a esposa tivesse a obrigação de dar a escolinha, não importava se ela tinha o dom ou não, mas ainda bem que eu gostava muito da Escola Dominical (Maria, 2024).

Para Griffin (1990, p. 37), “os professores da Escola Dominical devem ser encorajados a estudar a Bíblia em casa, pois a intimidade com a Bíblia é essencial. Um professor não pode comunicar aquilo que não pratica e não crê”. O espaço da escola bíblica existe para prover condições para que o povo de Deus possa se reunir regularmente para estudar a Palavra de modo que, assim, oportunize-se o crescimento espiritual (Albach, Graff, 2020).

⁵⁸ A esposa do pastor ser direcionada para a docência da Escola Dominical é uma espécie de *habitus* luterano a ser seguido.

Figura 10 – Descrições para o professor de Escola Dominical. Livro - Igreja Cristã.



Fonte: Instituto Histórico da IELB. Sem data, década de 1970.

O PROFESSOR DE ESCOLA DOMINICAL

Você deseja ensinar a palavra de Deus aos pequeninos e ser professor (a) de escola dominical? Nossos cumprimentos! Isto é um dos trabalhos mais fascinantes e gratificantes nesta terra. A primeira grande bênção será sua. Ao preparar as lições, estudando a palavra de Deus, você colherá os primeiros frutos. E então você transmitirá aos pequenos a palavra que lhe alegrou e alegra o coração.

Ser professor de escola dominical é semear para a eternidade. Mesmo não dispondo de toda a formação que o cargo exige, sabemos que com amor e apego a palavra de Deus, se vence muitas barreiras. Ao mesmo tempo, faremos uso de toda a oportunidade que nos oferece, para crescermos na habilidade de educar.

Vejamos o que é o cargo do professor de escola dominical e o que se requer do professor.

A imagem foi retirada de um livro que foi utilizado na década de 1970, traz um chamamento para o professor que deseja atuar na Escola Dominical, reforçando que deve ter apego à palavra de Deus e estar disposto a exercer esta função.

Segundo Nascimento e Bertinati (1992), o professor da Escola Dominical deveria possuir algumas características, dentre elas:

Ter paciência, tato, firmeza e ser conhecedor profundo da Palavra de Deus, além de conquistar a confiança dos seus alunos. Em suma, o professor necessitava ter conhecimento da pedagogia, seus princípios e metodologias adequadas a cada sala de aula; ele era o ponto fundamental para o sucesso de uma Escola Dominical (Nascimento; Bertinati, 1992, p. 103).

Em sua escrita, os autores anteriores tratam que os professores são os protagonistas da Escola Dominical, e que necessitam conhecer o campo em que estão atuando.

Veremos que o próprio sínodo (IELB) produzia materiais destinadas à preparação dos professores que iriam atuar nas Escolas Dominicais. Como a coleção “Professor em Ação”, organizada por Célia Bündchen, que trata sobre como

ser um professor bem-sucedido, apresenta dicas para a dramatização na Escola Dominical, e outros escritos sobre a prática no referido contexto.

Vejamos algumas dessas orientações trazidas ao professor, no livro “O professor em Ação 3”, como Bündchen (2008):

O que o professor pode fazer para ajudar a criança na sua caminhada com Deus?

- Orar pelos seus alunos.
- Preparar bem sua lição.
- Ser um exemplo. O ensino da Palavra de Deus é dado através da transmissão de conhecimentos. Mas a maior parte da orientação é dada através de exemplos. Falar sobre sua confiança em Jesus, sobre sua certeza de ir ao céu, sua alegria de estar na igreja, falar sobre sua relação com a Bíblia.
- Jamais dizer: Deus não gosta de você quando você faz isso ou aquilo.
- Dizer: Deus não tem gostado que você fez de errado, mas ama você. O pecado nos afasta de Deus, mas Jesus nos aproxima dele. Anunciar a Lei e o Evangelho.
- Estar preparado para responder às perguntas que a criança faz. Uma criança normal faz 500 mil perguntas até os 15 anos. A maioria dos “porquês” e “como” são oportunidades para levar as crianças aos pés do nosso Senhor (Bündchen, 2008, p. 20-21).

O excerto em destaque mostra que esses materiais traziam dicas de como aproveitar as oportunidades do dia a dia das Escolas Dominicais para aproximar a crianças dos ensinamentos doutrinários.

Em um material destinado para um encontro de professores da Escola Dominical, a mesma autora, Bündchen⁵⁹, escreve:

Professor! Você é o instrumento na Missão de Deus. Você é muito especial para Deus. Ele o comprou⁶⁰ como santo e precioso sangue de Jesus. E escolheu para esta atividade tão sublime: ensinar os pequeninos sobre o amor de Jesus. Você tem a responsabilidade de transmitir verdades divinas aos seres que lhe são confiados. Tem a função de mostrar claramente o amor de Deus ao enviar seu Filho para salvar os homens perdidos e condenados, dos quais nós fazemos parte (Bündchen, sem ano).

De acordo com a pesquisa realizada por Pimentel (2005), é necessário que os professores dominem o seu conteúdo e procurem fazer uso de didática adequada para transmitir as mensagens deixadas pelas escrituras sagradas. Além disso, o professor deve ser o exemplo a ser seguido, pois assume uma posição de referência perante os seus alunos e, por isso, é fundamental que, além de conduzir os estudos bíblicos, seja um exemplo, colocando em prática a mensagem que transmite.

⁵⁹ BÜNDCHEN. Célia Marize. **Encontro de Professores de Escola Dominical**. Promoção Distrital. Comissão Nacional. Sem ano.

⁶⁰ O uso do termo “comprar” é recorrente nos materiais da Escola Dominical do Sínodo de Missouri (IELB). Ver as ideias de Weber (2004) sobre como o luteranismo se aproxima do capitalismo.

É evidente que o Sínodo considera a docência na Escola Dominical como um dom que seria advindo de Deus. Em uma publicação d'o "Mensageiro Luterano", são trazidas as habilidades que o professor de Escola Dominical deve possuir:

A escola dominical é o centro do ensino cristão que, em geral, recebe crianças e adolescentes – cristãos e não cristãos - a fim de ministrar-lhes a palavras de Deus. Ela se desenvolve quando há professores adequados – que são: conhecedores e estudantes permanentes da Bíblia; sacerdotes que colocam diante do trono de Deus as necessidades daqueles que estão aos seus cuidados; ouvintes para as perguntas feitas pelas faces ansiosas das crianças; amigos que dão de si mesmo para que outros cresçam em Cristo; colecionadores de histórias, materiais didáticos e recursos diversos para ajudar no ensino dos alunos (Mensageiro Luterano, maio, 1989).

Nessa publicação que circulou entre os luteranos, fica evidente as múltiplas funções que eram esperadas daquelas professoras que estavam à frente dos ensinamentos na Escola Dominical da IELB.

2.4 A Escola Dominical da IELB

Como já mencionado, a Escola Dominical é uma ação que ganha força em meados da década de 1970, com o consequente enfraquecimento das Escolas Paroquiais. Buss (2006, p. 192) escreve:

Ao final da década⁶¹, havia incertezas e preocupações na igreja quanto ao futuro das escolas paroquiais que ainda restavam. O Departamento de Educação Paroquial da igreja envidava esforços para incentivar o funcionamento de escolas dominicais e se empenhava na produção de materiais para uso nessas escolas.

Sobre as Escolas Dominicais da IELB, Warth traz revelações sobre as intencionalidades da presença nessas congregações religiosas:

Ao lado das escolas paroquiais existem também, em diversas congregações, escolas dominicais já desde o início do trabalho no Brasil. Muitas congregações, porém, não achavam necessário manter tais escolas, pois suas escolas paroquias eram frequentadas por quase todas as crianças da congregação. Ali e na doutrina de confirmandos⁶² as crianças recebiam a instrução religiosa necessária. As congregações, porém, que não tinha escola paroquial, cujas crianças frequentavam uma escola pública, quando muito só restava uma alternativa: criar escolas dominicais para servirem principalmente ao preparo das crianças para a doutrina (Warth, 1979, p. 198).

⁶¹ Se refere ao final da década de 1970.

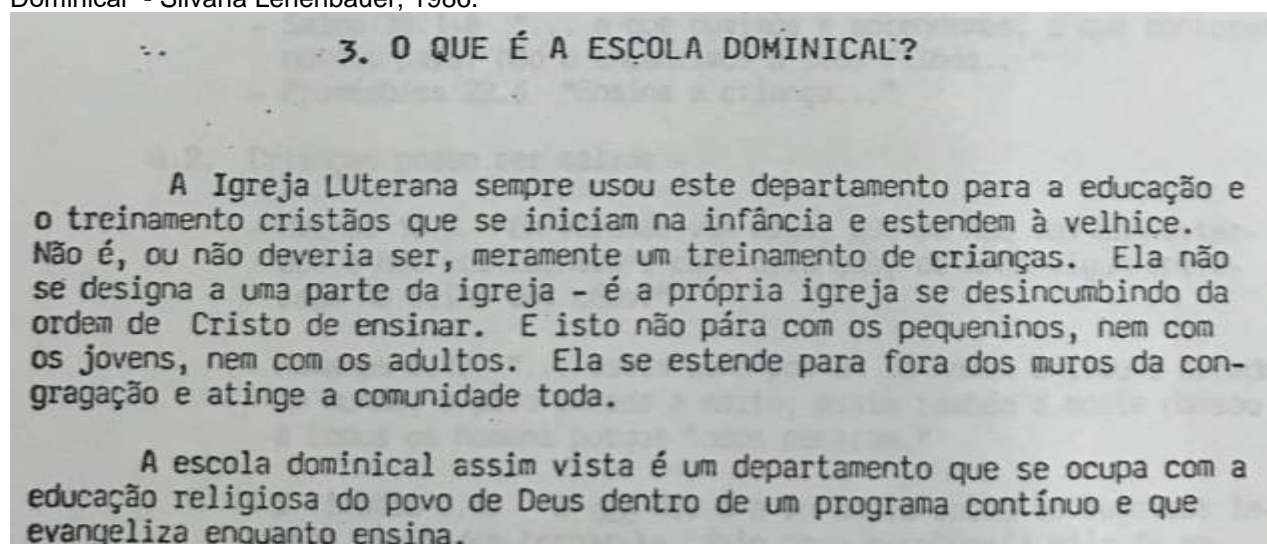
⁶² Termo utilizado para designar adolescentes que estão em processo de preparação para o rito da confirmação. A Confirmação Luterana é um rito de passagem que demarca a passagem da infância para a vida adulta, em que o jovem passa a assumir outras responsabilidades frente a sua família e perante a comunidade religiosa (Romig, 2021).

Partindo do escrito, torna-se evidente que o Sínodo de Missouri cria e mantém a Escola Dominical para preparar as crianças que faziam parte de suas congregações, para assim prestar o subsídio e orientação religiosa para essas crianças. Como completa Barreto (2023):

As Escolas Dominicais agem no intuito de tornar a formação religiosa das crianças mais lúdica e prazerosa por meio de atividades, leituras e reflexões que trazem a religião para o mundo infantil delas. Para isso, nas aulas, são utilizados materiais que orientam os professores ao trabalharem determinados conteúdos com as crianças (Barreto, 2023, p. 60).

Um dos materiais preparados por Silvana Lehenbauer e muito usado pelas primeiras professoras que atuaram nas Escolas Dominicais traz uma definição do que seria este tipo de escola:

Figura 11 – Definição do que é Escola Dominical, do material “Como ensiná-los - Manual para Escola Dominical” - Silvana Lehenbauer, 1986.



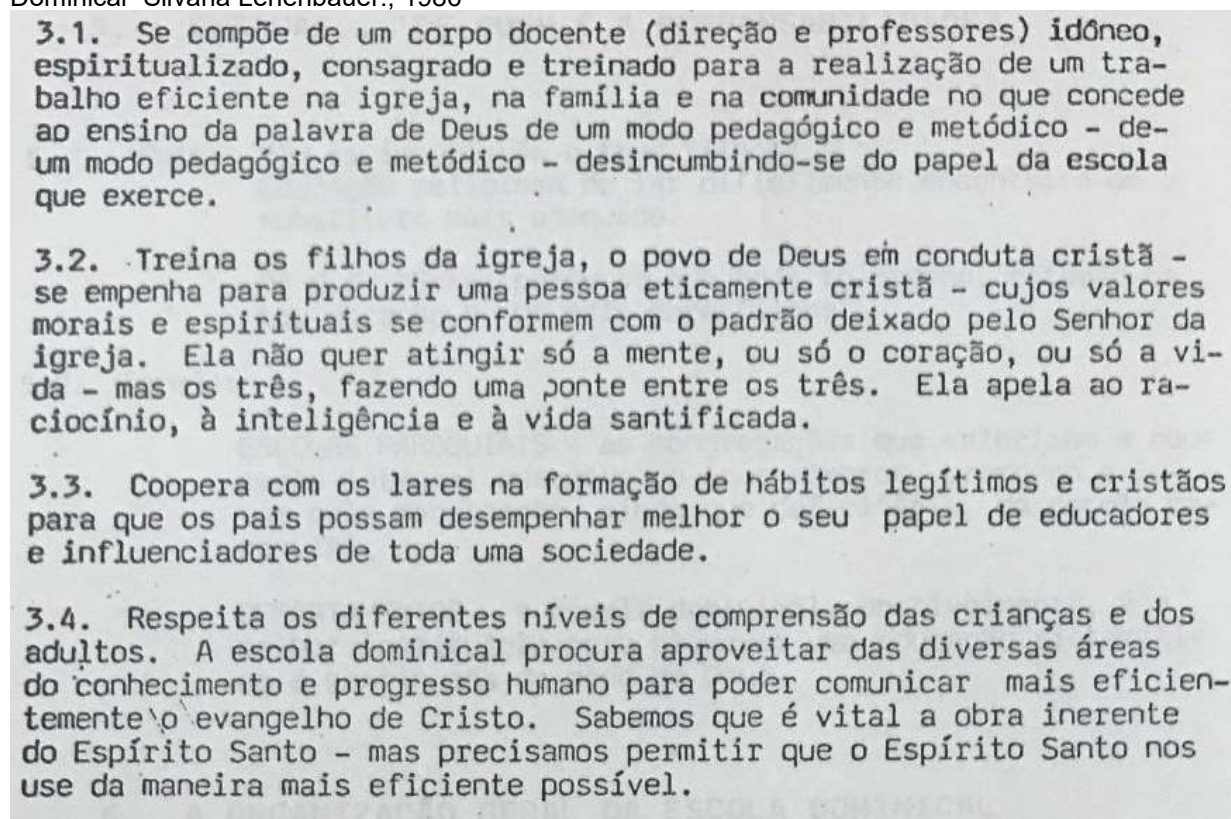
Fonte: Material disponível no Instituto Histórico da IELB.

3.O QUE É A ESCOLA DOMINICAL?

A Igreja Luterana sempre usou este departamento para a educação e treinamento cristãos que se iniciam na infância e estendem à velhice. Não é, ou não deveria ser, meramente um treinamento de crianças. Ela não se designa a uma parte da igreja – é a própria igreja se desincumbindo da ordem de Cristo de ensinar. E isto não para com os pequeninos, nem com os jovens, nem com os adultos. Ela se estende para fora dos muros da congregação e atinge a comunidade toda.

A escola dominical assim vista é um departamento que se ocupa com a educação religiosa do povo de Deus dentro de um programa contínuo e que evangeliza enquanto ensina (Lehenbauer, 1986).

Figura 12 – Objetivos da Escola Dominical, do material “Como ensiná-los - Manual para Escola Dominical” Silvana Lehenbauer., 1986



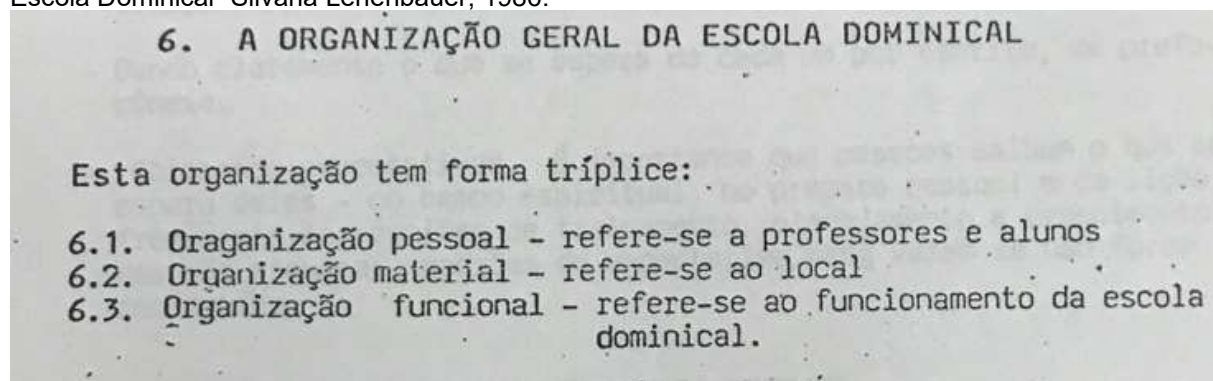
Fonte: Material disponível no Instituto Histórico da IELB.

- 3.1 Se compõe de um corpo docente (direção e professores) idôneo, espiritualizado, consagrado e treinado para a realização de um trabalho eficiente na igreja, na família e na comunidade no que concede ao ensino da palavra de Deus de um modo pedagógico e metódico desincumbindo-se do papel da escola que exerce.
- 3.2 Treina os filhos da igreja, o povo de Deus em conduta cristã - se empenha para produzir uma pessoa eticamente cristã - cujos valores morais e espirituais se conformem com o padrão deixado pelo Senhor da igreja. Ele não quer atingir só a mente ou o coração, ou só a vida - mas os três, fazendo uma ponte entre os três. Ela apela ao raciocínio, à inteligência e a vida santificada.
- 3.3 Cooperar com os lares na formação de hábitos legítimos e cristãos para que os pais possam desempenhar melhor o seu papel de educadores e influenciadores de toda uma sociedade.
- 3.4 Respeita os diferentes níveis de compreensão das crianças e dos adultos. A escola dominical procura aproveitar das diversas áreas do conhecimento e progresso humano para poder comunicar mais eficientemente o evangelho de Cristo. Sabemos que é vital a obra inerente do Espírito Santo - mas precisamos permitir que o Espírito Santo nos use de maneira mais eficiente possível. (Lehenbauer, 1986).

Nas imagens anteriores e em outras a seguir aparece seguidamente o termo “treinar”, esse treinar crianças e treinar professores, no sentido de preparar e moldar dentro das perspectivas cristãs.

O Manual da Escola Dominical escrito por Oscar e Silvana Lehenbauer traz orientações sobre como é constituída a organização da Escola Dominical:

Figura 13 - Elementos da organização geral da Escola Dominical. “Como ensiná-los do Manual para Escola Dominical” Silvana Lehenbauer, 1986.



Fonte: Material disponível no Instituto Histórico da IELB.

6. A ORGANIZAÇÃO GERAL DA ESCOLA DOMINICAL

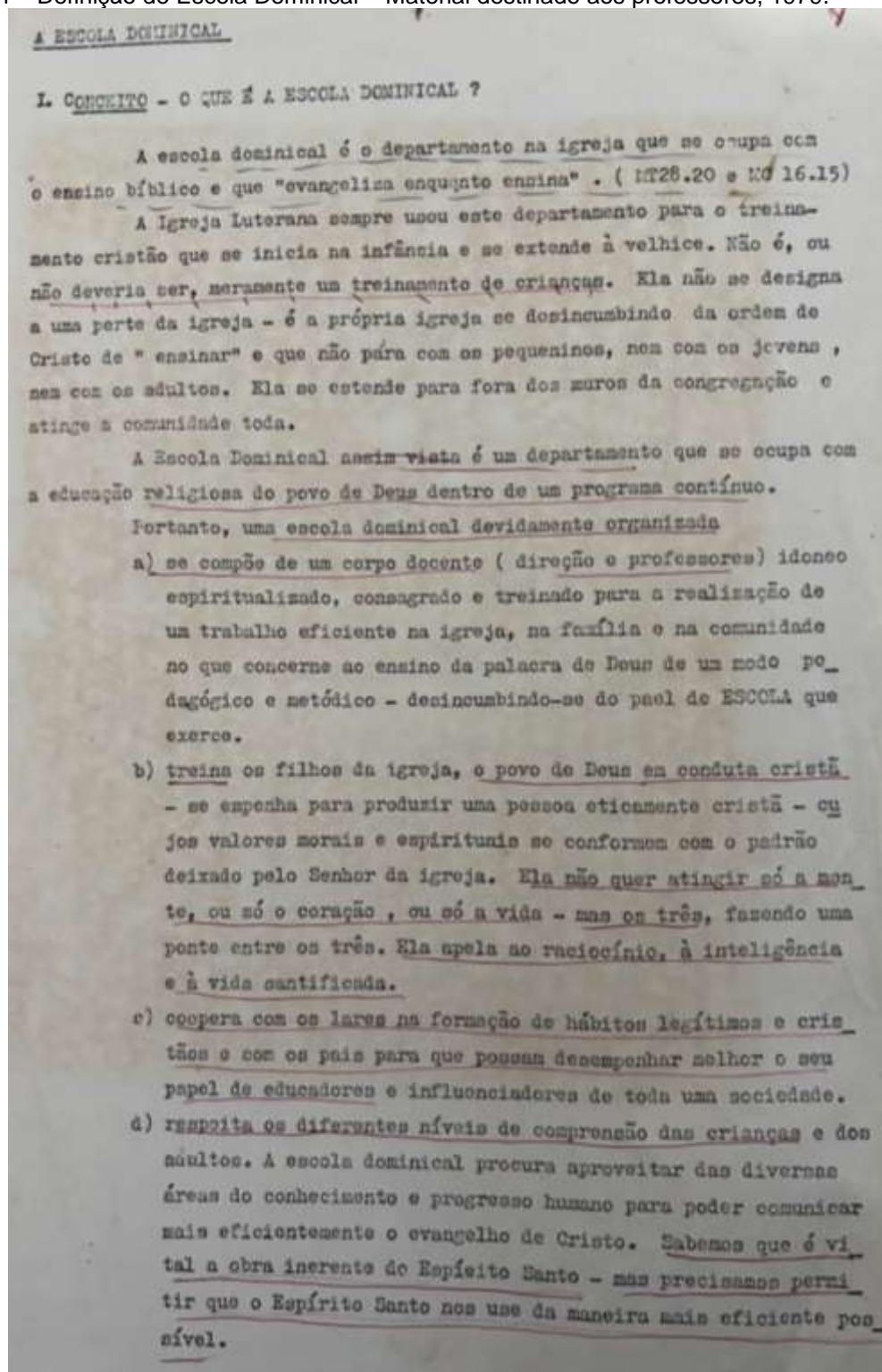
Esta organização tem forma tríplice:

- 6.1 Organização pessoal – refere-se a professores e alunos
- 6.2 Organização material – refere-se ao local
- 6.3 Organização funcional – refere-se ao funcionamento da escola dominical.

Pode-se observar que a estrutura da Escola Dominical se constitui de três elementos: organização pessoal, material e funcional. A organização pessoal refere-se aos professores e alunos que frequentam a Escola Dominical. Ao falar sobre o papel do professor, a autora do Manual referenda diversas orientações sobre como as crianças aprendem e quais os requisitos necessários para se tornar um bom professor. No material, a autora Silvana Lehenbauer oferece dicas de como os docentes podem estudar o seu aluno e também destaca a importância de conhecer as características sobre as diferentes fases e idades dessas crianças.

De acordo com uma matéria d'o "Mensageiro Luterano" do ano de maio de 1989, "a Escola Dominical é uma agência de ensino bíblico e cristão criada e desenvolvida pelas comunidades cristãs ou pela igreja. As comunidades as planejam, criam, estabelecem, desenvolvem e as mantêm" (Mensageiro Luterano, maio, 1989).

Figura 14 – Definição de Escola Dominical – Material destinado aos professores, 1979.



Fonte: Acervo pessoal de Hedi Blank, 2024.

A ESCOLA DOMINICAL

1. CONCEITO: O QUE É ESCOLA DOMINICAL?

A escola dominical é o departamento da igreja que se ocupa com o ensino bíblico e que “evangeliza enquanto ensina” (MT 28.20 e WC 16.15)

A Igreja Luterana sempre usou este departamento para o treinamento cristão que se inicia na infância e se estende a velhice. Não é, ou não deveria ser, meramente um treinamento de crianças. Ela não se designa em uma parte da igreja – é a própria igreja se desincumbindo da ordem de Cristo de “ensinar” e que não para com os pequeninos, nem com os jovens, nem com os adultos. Ela se estende para fora dos muros da congregação e atinge a comunidade toda.

A Escola Dominical assim vista é um departamento que se ocupa com a educação religiosa do povo de Deus dentro de um programa contínuo.

Portanto, uma escola dominical devidamente organizada

a) se compõe de um corpo docente (direção e professores) idôneo espiritualmente, consagrado e treinado para a realização de um trabalho eficiente na igreja, na família e na comunidade no que concerne ao ensino da palavra de Deus de um modo pedagógico e metódico, desincumbindo-se do papel de ESCOLA que exerce.

b) treina os filhos da igreja, o povo de Deus em conduta cristã – se empenha para produzir uma pessoa eticamente cristã – cujos valores morais e espirituais se conformem com o padrão deixado pelo Senhor da igreja. Ela não quer atingir somente o monte, ou só o coração, ou só a vida – mas o três, fazendo uma ponte entre os três. Ela apela ao raciocínio, à inteligência e à vida santificada.

c) coopera com os lares na formação de hábitos legítimos e cristãos e com os pais para que possam desempenhar melhor o seu papel de educadores e influenciadores de toda uma sociedade.

d) respeita os diferentes níveis de compreensão das crianças e dos adultos. A escola dominical procura aproveitar das diversas áreas do conhecimento e progresso humano para poder comunicar mais eficientemente o evangelho de Cristo. Sabemos que é vital a obra inerente do Espírito Santo - mas precisamos permitir que o Espírito Santo nos use de maneira mais eficiente possível.

Na imagem anterior são apresentadas orientações para professoras de Escola Dominical, sendo está definida como um departamento da Igreja que se ocupa com a educação religiosa dos seus fiéis. Essa educação deve acontecer por meio da composição do grupo de professores, da formação e treinamento das crianças participantes, da constituição de hábitos cristãos nas famílias participantes, e para isso deve respeitar os diferentes níveis cognitivos das crianças. Na imagem aparecem trechos “evangeliza enquanto ensina”, “treina os filhos da igreja”, “educação religiosa do povo de Deus”; como frases motivadoras que demonstram a importância do treinamento e o preparo docente para a busca do fortalecimento desse *habitus* luterano:

A escola dominical se compõe de um corpo docente (direção e professores) idôneo espiritualizado, consagrado e treinado para a realização de um trabalho eficiente na igreja, na família e na comunidade no que se concerne ao ensino da palavra de Deus de um modo pedagógico e metódico (Lehenbauer, 1986).

Além desses elementos de organização da estrutura da Escola Dominical, a Igreja também se preocupava em divulgar aos seus fiéis o crescimento do luteranismo no Brasil, bem como o número de Escola Dominicais e de professores que a Igreja formava. Isto se deu, por exemplo, a partir da obra de Warth (1979) – dentre outras –, que aponta dados numéricos relacionados aos avanços do Sínodo de Missouri no território brasileiro, trazendo dados da Escola Dominical, como demonstrado no quadro que compila essas informações, a seguir:

Quadro 5 - Dados numéricos das Escolas Dominicais do Sínodo de Missouri na década 1961-1970.

ANO	Nº DE ESCOLAS DOMINICAIS	Nº DE MATRÍCULAS	Nº DE PROFESSORES
1961	135	4.096	255
1962	139	4.113	275
1963	194	5.536	318
1964	241	6.835	388
1965	266	7.801	414
1966	278	8.177	477
1967	352	11.716	564
1968	385	12.483	634
1969	401	14.186	704
1970	410	14.924	787

Fonte: Warth (1979, p. 198-199).

No quadro apresentado acima, nota-se um aumento progressivo do número de Escolas Dominicais, do número de professores e do respectivo número de crianças matriculadas. Isto pode evidenciar a consolidação e a adesão das famílias, ao longo do tempo, às práticas das Escolas Dominicais. Em uma pesquisa n'ó "Mensageiro Luterano", encontrou-se algumas informações acerca dos números da Escola Dominical no ano de 1986:

Os dados estatísticos da IELB, conforme Anuário Estatístico de 1986, registram que havia então 856 escolas dominicais distribuídas entre 322 paróquias. Este número – 856 – ilustra que: 45 paróquias não possuíam escola dominical, 62 paróquias contavam com uma escola dominical, 77 com duas, 46 com três, 27 com quatro, 24 com cinco, 13 com seis, 12 com sete, 9 com oito e 1 com onze (Mensageiro Luterano, janeiro de 1989).

Warth (1979), ao falar sobre os números da Escola Dominical, também traz o objetivo que a Escola Dominical tinha para a IELB. O autor escreve que:

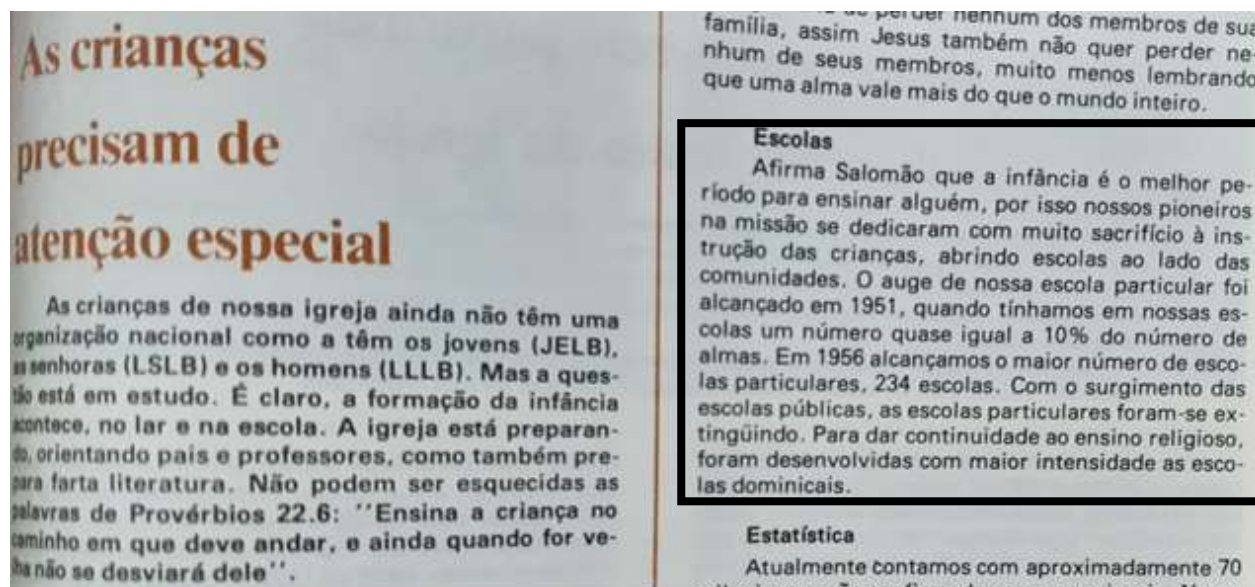
As Escolas Dominicais são um grande e louvável empreendimento de nossa igreja já visando a instrução religiosa dos filhos de nossos membros e servindo ainda como uma abençoada instituição missionária, pois sempre nelas matriculam-se também crianças que não são de nossa igreja (Warth, 1979, p. 199).

Como já foi referido, esse aumento progressivo do número de Escolas Dominicais está relacionado à diminuição das escolas paroquiais, que foram enfraquecendo a partir da política de Nacionalização do ensino e com o avanço das escolas públicas rurais nas regiões de presença de igrejas luteranas. Tendência esta que revela a atuação do Sínodo na preparação de seus fiéis, pois quando uma das estratégias, a escola paroquial, perde força, uma nova estratégia, a Escola Dominical, acaba se fortalecendo.

A Igreja considera a Escola Dominical como um ponto missionário, pois pode abarcar a participação de crianças que não frequentam a comunidade e que acabem migrando para a IELB em virtude da frequência na Escola Dominical.

O surgimento da Escola Dominical em substituição à escola paroquial é enfatizado no trecho destacado a seguir, texto publicado na revista “Mensageiro Luterano” no ano de 1980:

Figura 15 - Publicação que trata sobre a substituição da escola paroquial pela escola dominical



Fonte: Mensageiro Luterano, jan/fev, 1980.

Escolas

Afirma Salomão que a infância é o melhor período para ensinar alguém, por isso nossos pioneiros na missão se dedicam com muito sacrifício à instrução das crianças, abrindo escolas ao lado das comunidades. O auge da nossa escola particular foi alcançado em 1951, quando tínhamos em nossas escolas um número quase igual a 10% do número de almas. Em 1956 alcançamos o maior número de escolas particulares, 234 escolas. Com o surgimento das escolas públicas, as escolas particulares foram se extinguindo. Para dar continuidade ao ensino religioso, foram desenvolvidas com maior intensidade as escolas dominicais (Mensageiro Luterano, jan/fev, 1980).

O excerto permite dizer que fica clara a preocupação que o Sínodo teve com a formação de suas crianças, salientando a Escola Dominical como uma forma de continuidade de educação religiosa. Assim, pode-se afirmar que a intensidade da Escola Dominical na IELB se deu a partir do momento em que a escola pública ganha força no interior do território brasileiro.

Sobre os dados da Escola Dominical na época analisada, Buss (2006, p.192) escreve que no final da década de 1970, “a estatística apontava a existência de 52 escolas dominicais, onde 1.245 professores atendiam a 16 mil crianças”.

A seguir, é apresentado um quadro com os números atuais da Escola Dominical da IELB. Esses dados foram fornecidos pela entrevistada Célia Bündchen, com base em dados disponibilizados pelo centro administrativo da IELB:

Quadro 6 - Números da Escola Dominical do ano de 2022.

Dados relativos a Escola Dominical – 2022	Número
Escolas Dominicais no Brasil	885
Escolas Dominicais no RS	260
Professores de Escola Dominical no Brasil	3001
Professores de Escola Dominical no RS	990

Fonte: Dados repassados por meio da entrevistada Célia Bündchen, organizado pela autora, 2022.

Ao observar os dados apresentados, percebe-se que o número de alunos e professores de Escola Dominical no Rio Grande do Sul, se comparados com os do restante do Brasil, é bastante significativo. Este fato pode estar relacionado com a forte e longa presença da IELB, bem como da descendência alemã e pomerana no estado gaúcho.

De acordo com o Manual de Evangelização e o estudo de Albach e Graff (2020, p. 63),

A missão da igreja é reapresentar a Jesus Cristo provendo para as crianças a salvação e a confiança em Jesus. Um dos instrumentos que a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) utiliza para cumprir o seu mandado é a escola bíblica infantil, ou, Escola Dominical. Seu principal objetivo se constitui em ensinar a Palavra de Deus às crianças.

Atrelando o conceito de pedagogia com a Escola Dominical, são usadas as palavras de Libâneo (2010, p.26) de que “ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar”

(Libâneo, 2010, p. 26). Ou seja, em todos os espaços, inclusive na igreja, existem diferentes formas de educação.

Na imagem a seguir apresenta-se o atual logotipo da Escola Dominical da IELB.

Figura 16 – Atual símbolo da Escola Dominical da IELB.



Fonte: <https://www.ielb.org.br/>

A imagem que atualmente representa o símbolo⁶³ da Escola Dominical traz a referência a crianças diante do altar da igreja, sendo o altar simbolizado pela cruz. A observação da imagem infere que as crianças estariam, na Escola Dominical, próximas de Deus.

Após entender o viés historiográfico da Escola Dominical Luterana e compreender o processo de seu surgimento, são trazidas algumas percepções sobre os caminhos geográficos da Escola Dominical.

2.5 Ideias educativas e religiosas que ultrapassam fronteiras

A ideia de Escola Dominical surgiu na Inglaterra. O sínodo de Missouri vem para o Brasil para atender pessoas, inicialmente, de origem germânica (pomeranos

⁶³ O atual logotipo/marca da Escola Dominica foi desenhado por Elmer Roll, um dos entrevistados da pesquisa. Elmer foi integrante por longos anos da Comissão da Escola Dominical da IELB.

e alemães do sul gaúcho). Ou seja, houve um entrelaçamento de diferentes ideais, que circularam e vieram de diferentes espaços.

Ao visitar o Instituto Histórico da IELB, percebeu-se que houve muita produção de material didático para docentes em língua inglesa. A maioria desses materiais era publicado pela *Concórdia Publish House*, e alguns dos materiais foram traduzidos pela Comissão da Escola Dominical.

O entrevistado Elmer Roll foi por um longo período o responsável por traduzir esses materiais que o centro administrativo da IELB recebia dos Estados Unidos.

Figura 17 – Capas de materiais didáticos publicados pela Concórdia Publish House.



Fonte: Instituto Histórico da IELB.

Essa imagem apresenta algumas capas de materiais em inglês que foram enviados ao Centro Administrativo da IELB no Brasil e hoje fazem parte do acervo do Instituto Histórico da IELB. Aparecem duas capas do livro *Story Time*, que traz muitas imagens e ilustrações sobre crianças – inclusive, em um título aparece o seguinte questionamento: “*Why do we go to church?*”, que traduzido significa “Por que vamos à igreja?”. Na imagem também aparece a capa de um livro bastante citado por Silvana, de nome *Life in Christ*, “Vida em Cristo”. Esses materiais eram utilizados na Igreja nos Estados Unidos.

O Sínodo de Missouri foi uma instituição religiosa confessional luterana fundada nos Estados Unidos no ano de 1847, por imigrantes alemães originários da região da Saxônia. Estes luteranos saíram da Alemanha devido a uma série de fatores econômicos, sociais e religiosos (Steyer, 1999). Desta forma, percebe-se que o Sínodo de Missouri nasceu nos Estados Unidos, mas foi constituído por imigrantes alemães. Esse sínodo se deslocou para a Brasil por uma ação missionária, e aqui estabeleceu vínculos que perduram até os dias atuais. No Brasil, sua atuação se dá em maior escala na região sul do país.

A seguir é demonstrado um esquema que denota o movimento mundial da circulação de ideias luteranas. De forma mais ampla, foram identificados países como Alemanha, Estados Unidos e Brasil.

Figura 18 – Localização Alemanha, EUA, Rio Grande do Sul.



Organização: autora, 2024.

São apresentados os países por onde circularam as atividades luteranas. Cabe salientar que foi na Inglaterra onde surgiu a Escola Dominical. Isto nos aponta para, uma ideia que surgiu nos tempos da revolução industrial e se tornou uma estratégia educativa e religiosa que passa a circular por diferentes espaços, tempos e denominações religiosas.

O Sínodo de Missouri tinha um objetivo missionário, pois dedicou-se à expansão do seu campo de missão em direção a outros países. A América do Sul, especialmente o Brasil e a Argentina, apresentavam-se como um terreno fecundo para as pretensões missionárias do Sínodo de Missouri. No final do século XIX e início do século XX, havia, no Rio Grande do Sul, milhares de descendentes de alemães necessitados de atendimento educacional e confessional luterano (Rehfeldt, 2003). Assim, vendo nesta região uma possibilidade de expansão missionária, o Sínodo de Missouri se expandiu para o território Brasileiro.

Ao se instalar no Brasil, os objetivos do Sínodo eram, portanto, a expansão missionária e atendimento religioso e educativo de seus participantes. O Sínodo de Missouri passa a adotar o nome de IELB, Igreja Evangélica Luterana do Brasil, no ano de 1953.

Neste capítulo viu-se a histórica relação do luteranismo com a educação e a história da constituição da Escola Dominical dentro da IELB. No capítulo a seguir, será retratado o contexto educacional brasileiro no período estudado, que é de 1970 a 2000, e a influências pedagógicas que foram identificadas na Escola Dominical da IELB.

3.O CONTEXTO EDUCACIONAL E AS INFLUÊNCIAS PEDAGÓGICAS (1970 – 2000)

Para tratar sobre a formação de professores entre as décadas de 1970 a 2000, é necessário conhecer o contexto educacional brasileiro da época, que consequentemente influenciou na Escola Dominical da IELB. O contexto assume um lugar de produção de relações sociais e se caracteriza em campo de possibilidades, produções de história e cultura dos sujeitos que ali vivem e contribuem para traduzir modos de ser, saber e fazer suas comunidades (Souza, 2015).

No período em análise, as décadas de 1970 e 1980 foram marcadas pela Ditadura Civil-Militar, em que os acontecimentos cívicos e patrióticos foram marcantes no contexto da escola. Conforme escreve Saviani (2007, p. 405),

A década de 1980 foi caracterizada por uma significativa ampliação da produção acadêmico-científica, amplamente divulgada por cerca de sessenta revistas de educação surgidas nesse período e por grande quantidade de livros. As principais editoras criaram coleções de educação, abrindo-se, inclusive, editoras especializadas na área.

Ou seja, na década de 1980, a produção e elaboração de materiais sobre o tema educacional foi ampliada, fornecendo, assim, um subsídio para professores da época. Para tanto, entram em jogo a atuação artesã das professoras e seus recursos utilizados nas suas aulas. Na década de 1970, cabe salientar que a educação brasileira recebia influência da pedagogia tecnicista, muito baseada na técnica e na fragmentação do conhecimento e isso trouxe impactos também para os diferentes ambientes educativos.

Como escreve Silva (2019), a pedagogia tecnicista introduziu nas escolas brasileiras um currículo por áreas de estudo, com ênfase no desenvolvimento de habilidades, atitudes e conhecimentos necessários à integração no processo produtivo, buscava resultados uniformes, com ênfase em métodos e técnicas de ensino e na valorização da utilização de manuais, livros didáticos, módulos de ensino e recursos audiovisuais. O tecnicismo privilegiou uma dimensão marcadamente técnica.

Na pedagogia tecnicista, as atividades de ensino englobam variados recursos e exercícios caracterizados como estudo dirigido. Aos professores, cabem desenvolver essas atividades com base nos programas e nos manuais didáticos elaborados por outros, ou seja, os professores não participam das decisões curriculares. Os programas e os manuais didáticos destinados aos professores

incluem modelos de provas, planos de aula e material como apoio para a preparação das atividades de aula, uma na mecanização do processo (Saviani, 2007). Essa mecanização do processo educativo é percebida ao longo da pesquisa, pois pela Comissão da Escola Dominical eram produzidos materiais que ao mesmo tempo em que auxiliavam os professores também os enquadrava dentro da norma cristã luterana. Havia o grupo que pensava a Escola Dominical e aquele grupo de mulheres que executava as ações, como uma grande engrenagem que fazia o sistema educacional da IELB funcionar.

Na conjuntura histórica pós-64, as preocupações da literatura educacional, dos conteúdos curriculares e dos treinamentos dos professores deslocam-se principalmente para os aspectos internos da escola, para os “meios” destinados a “modernizar” a prática docente, para a “operacionalização” dos objetivos – instrucionais e comportamentais – para o “planejamento, e coordenação e o controle” das atividades, para os “métodos e técnicas” de avaliação, para a utilização de novas tecnologias de ensino, então referentes sobretudo a “recursos audiovisuais”. Tratava-se de tornar a escola “eficiente e produtiva”, ou seja, de torná-la operacional com vistas à preparação para o trabalho, para o desenvolvimento econômico do país, para a segurança nacional (Tanuri, 2000, p. 79).

Esse contexto mais técnico educacional também teve influências no contexto da Escola Dominical, o próprio treinamento dos professores e confecção de materiais mais objetivos e práticos, forma consequência deste contexto.

A Lei que regulamentava a educação brasileira no período de 1970 previa a formação de professores para atuar no 1º e 2º grau com perfis de formação diferenciados, não exigindo dos professores dos anos iniciais uma formação em nível superior:

A formação de professores e especialistas para o ensino de 1º e 2º graus será feita em níveis que se elevem progressivamente, ajustando-se às diferenças culturais de cada região do País, e com orientação que atenda aos objetivos específicos de cada grau, às características das disciplinas, áreas de estudo ou atividades e às fases de desenvolvimento (Brasil, 1971).

Pode-se aferir que a não exigência do ensino superior nas séries iniciais fez com que as professoras da Escola Dominical também fossem professoras nas escolas regulares, pois as exigências de formação eram mais brandas.

A LDB, Lei 5692/1971, surge no contexto da Ditadura Civil-Militar. Com a crescente necessidade de universalização do ensino, diante das altas taxas de analfabetismo no país e da industrialização e urbanização crescente, a LDB de 1971 consolida-se numa perspectiva tecnicista e força as escolas particulares a se tornarem públicas. A referida Lei prevê que a formação especial de currículo terá o objetivo de sondagem de aptidões e iniciação para o trabalho no ensino de 1º grau,

e de habilitação profissional no ensino de 2º grau (Brasil, 1971). A questão tecnicista se manifesta no objetivo de preparar o cidadão para o trabalho.

Neste contexto também esteve em alta a pedagogia tecnicista, Saviani a define:

Com base no pressuposto de neutralidade científica e inspirada nos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade, a pedagogia tecnicista advoga a reordenação do processo educativo de maneira que o torne objetivo e operacional. De modo semelhante ao que ocorreu no trabalho fabril, pretendia-se a objetivação do trabalho pedagógico (Saviani, 2007, p. 379).

Ou seja, o contexto da época exigia um professor que apresentasse resultados em seus alunos.

Na década de 1980 emerge como proposta contra hegemônica a concepção pedagógica histórico-crítica. Nesta ideia, a educação é entendida como mediação no seio da prática social. A prática social se põe como o ponto de partida e o ponto de chegada da prática educativa. Daí decorre um método pedagógico que parte da prática social, em que professor e aluno se encontram igualmente inseridos. Eles podem ocupar posições distintas, mas precisam buscar uma relação fecunda na compreensão e encaminhamento da solução dos problemas postos pela prática social (Saviani, 2005).

Segundo Imbernón (2010) a década de 1980 possui também resquícios da década de 70, como a massificação do ensino e elementos técnicos como: planejamento, programação, objetivos, avaliação. Para ser considerado um bom professor, bastava que se tivesse domínio do conteúdo a ser ministrado e das técnicas para expor os conteúdos.

Afere-se que no período estudado o acesso aos mais elevados níveis de escolaridade era raro, principalmente nos meios rurais e de presença colonial germânica, em que as crianças costumavam frequentar apenas até a 4ª série. Podendo a Escola Dominical ser entendida, inclusive, como uma forma de complementação do ensino religioso e de demais ensinamentos da escola regular.

A partir da década de 1990, com a Constituição de 1988, o acesso à educação se amplia, mas os desafios para uma educação mais universal ainda são grandes. A década de 1990 foi marcada pela redemocratização brasileira, e no contexto educacional as ideias tecnicistas da década de 1970 foram perdendo enfoque. Como destaca Saviani (2007), neste contexto educacional não se trata mais de iniciativas do Estado e das instâncias de planejamento visando a assegurar,

nas escolas, a preparação de mão de obra para ocupar postos de trabalho definitivos num mercado que se expandia em direção ao pleno emprego. Naquele momento o indivíduo que terá de exercer sua capacidade de escolha visando adquirir os meios que lhe permitem ser competitivo no mercado de trabalho.

Olhando para os materiais que foram amparo para os estudos dos professores, percebem-se mudanças de acordo com cada recorte temporal. No início dos anos 2000 surge o material “Com Jesus”, que é utilizado até os dias atuais na atuação docente e por alunos da Escola Dominical da IELB.

Em uma das entrevistas, Silvana (2022) afirma que quando esteve à frente do preparo dos materiais para os professores da Escola Dominical, apoiou-se em estudos de Jean Piaget. Relatou também que se apropriou da Teoria do Desenvolvimento Moral de Lawrence Kohlberg, denotando que a Escola Dominical da IELB se preocupou com a formação religiosa e moral dos seus fiéis, bem como com o preparo de seus professores.

Além de produzir materiais que foram utilizados na Escola Dominical, Silvana Lehenbauer foi responsável por ministrar cursos. Ela mencionou que autores e pensadores da educação não eram diretamente citados nos cursos ou materiais, mas ela e demais pessoas⁶⁴ que pensavam os cursos e que atuavam como professores tinham um embasamento pedagógico. Ela cita em sua fala alguns como: Jean Piaget e John Dewey.

Vejamos, a seguir, alguns dos autores pedagógicos que aparecem nas circunstâncias que tratam sobre a Escola Dominical.

Em uma edição d’o “Jornalzinho”, Cristian Hoffmann escreve:

Em nossa caminhada pedagógica encontramos muitos caminhos já trilhados e muitas vezes com orientações bastante seguras. Quem trabalha com educação e tem alguma familiaridade com o mundo teórico conhece o verdadeiro labirinto em que nos encontramos. Há teorias para todos os gostos. O que fazer diante de um quadro que se apresenta no mínimo confuso? (O Jornalzinho, 3º Trimestre, 1996).

Diante desse escrito, a pesquisa buscou garimpar registros de orientações pedagógicas que estiveram junto das Escolas Dominicais da IELB. Nesta mesma edição do Jornalzinho, faz-se a sugestão para que os leitores leiam o livro “Correntes Pedagógicas: Aproximações com a teologia”, de Danilo Streck.

⁶⁴ A entrevistada cita nomes de pessoas que integraram junto com ela a Comissão de Escola Dominical, como: Oscar Lehenbauer, Elmer Roll, Eli Prieto, Valdo e Léia.

Em uma consulta à obra sugerida, percebeu-se que ela busca trazer reflexões para educadores que realizam as suas tarefas em perspectivas cristãs, seja em contextos eclesiais ou em lugares pedagógicos da sociedade (Streck, 1994).

Vejamos a seguir algumas das principais orientações pedagógicas identificadas no contexto da Escola Dominical da IELB.

3.1 Piaget e as fases do desenvolvimento

Ao olhar o arcabouço documental de materiais didáticos utilizados na Escola Dominical ao longo do tempo, percebe-se a presença da teoria das fases do desenvolvimento, do autor Jean Piaget. De acordo com Mizukami (1986, p.70), “para Piaget, a educação é um todo indissociável, considerando-se dois elementos fundamentais: o intelectual e o moral”. Na Escola Dominical da IELB a educação moral ganha destaque.

Conforme traz Piaget (1991), a evolução do conhecimento é um processo contínuo, construído a partir da interação ativa do sujeito com o meio (físico e social). O desenvolvimento humano passa por estágios sucessivos de organização, no campo do pensamento e do afeto, que vão sendo construídos em virtude da ação da criança e das oportunidades que o ambiente possibilita a ela. Uma contribuição central de Piaget à área educacional diz respeito à ideia de que o ser humano constrói ativamente seu conhecimento acerca da realidade externa e de que as interações entre os sujeitos são um fator primordial para o seu desenvolvimento intelectual e afetivo.

A professora Silvana Lehenbauer, uma das precursoras da Comissão da Escola Dominical, menciona a influência de Piaget na confecção do material didático destinado aos professores. Silvana iniciou sua trajetória na Escola Dominical aproximadamente no ano de 1968, no município de Arroio do Meio, no estado do Rio Grande do Sul. Silvana conta que:

Bem, como eu disse, nessa época eu iniciei com a Escola Dominical e depois, quando eu entrei na escola normal⁶⁵, eu tentei transferir alguns desses conhecimentos da escola normal para o ensino religioso da Escola Dominical. Mas eram poucos os conhecimentos que se tinha, e muito pouca aplicação dessa área, o que me inquietava muito, era essa questão, de que nós estávamos muito longe do desenvolvimento infantil e daquilo que nós

⁶⁵ Cursos que tinham a finalidade de preparar professores primários. Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1971, ocorre a substituição das Escolas Normais pela habilitação específica de Magistério (Brasil, 1971).

fazíamos, nós éramos muito doutrinários, falando muito em pecado, em coisa errada, falando em como devemos fazer certo, e na época eu já havia começado a estudar um pouco da teoria piagetiana e me parecia um mundo completamente diferenciado aquilo que nós fazíamos daquilo que nós víamos na teoria (Silvana, 2022).

Nesta afirmação, a entrevistada menciona que o seu ingresso no curso normal mudou sua visão sobre a Escola Dominical. No decorrer da entrevista, Silvana fala sobre as contribuições de Piaget para a Educação da Escola Dominical e, para explicar melhor a teoria do desenvolvimento, a entrevistada relata:

Partindo do pressuposto de que uma criança pequena, quando eu digo pequena me refiro à primeira infância, ela aprende pela ação e pela experiência fortalecendo a sua ação, ela não aprende pelo discurso externo, ela aprende pelo discurso interno, pela formação de conceitos... então, nessa época, se tentou algumas formas diferenciadas de trazer experiências. Em vez de sentar as crianças, ficar todo mundo sentadinho cantando, ouvir uma história, mas fazer com que eles se tornassem os personagens das histórias, pegassem o material na mão, tentassem colocar o material no flanelógrafo, ver assim: quem será esse personagem? O que ele está fazendo? Com as músicas com letras não muito grandes, músicas mais pequenas, com a compreensão deles (Silvana, 2022).

Ela considerava muito importante o fato de os alunos se colocarem na ação e vivenciarem o momento por meio da experiência. Pois, para Piaget, o aprendizado acontece pelas descobertas que a própria criança faz ao longo do seu processo de aprendizagem. No decorrer da fala, Silvana traz um exemplo:

Me ocorreu um exemplo: Plin Plin a chuva cai... e aí vamos ouvir “Plin Plin a chuva cai” ta! E de onde vem a chuva? Onde ela se forma? Quem fez a chuva? Mas Deus que faz a chuva por conta disso e daquilo... então primeiro toda uma explicação da letra e do porquê, aí toda colorida, usar os recortes, colar algodão e daí finalmente dizer: “Plin Plin a chuva cai, hum hum o vento vem, e foi Deus que fez tudo isso, então... viver a experiência primeiro com as coisas para depois transformá-las numa compreensão [...]”

Silvana volta a falar da influência que Piaget teve sobre sua atuação e seus planejamentos para a Escola Dominical:

Minha atuação sempre foi com o Piaget como ponto central, na tentativa de realizar, digamos assim, uma ação pedagógica base, uma ação pedagógica de ensino religioso mais aproximado possível das idades das crianças. Ou seja, como nós vamos atender a nossa ideia, a nossa fonte central, de ensinar a palavra de Deus para esses alunos, dentro de um período muito curto de tempo e com idades tão diferenciadas? (Silvana, 2025)

Além das fases do desenvolvimento, Silvana menciona também a necessidade de uma transposição didática adequada:

Usava-se Piaget na ideia de desenvolvimento, a ideia de que se tu vai ter uma turminha de Escola Dominical de 4 ou 5 anos, não adianta tu parar lá na frente simplesmente falar uma história porque não vai ter significado se ele não souber fazer essa transposição e essa posição para a vida real, e essa transposição é papel do professor (Silvana, 2025).

Em um dos volumes da coletânea “Professor em Ação”, a autora Célia Bündchen também escreve sobre as fases do desenvolvimento de Piaget. Assim relata:

Destaque aqui para Piaget que pesquisou observando inicialmente seus filhos e descobrindo o desenvolvimento das fases pelas quais os seres humanos passam. Em sua descoberta ele destaca e salienta como acontece o aprendizado da criança. E nós, como pais e professores, podemos notar as diferentes fases e os diferentes comportamentos das crianças com quem temos contato (Bündchen, 2006, p. 10).

No decorrer deste livro, “Professor em ação”, a autora vai relatando e explicando aos professores as características das crianças nas diferentes fases do desenvolvimento. Ela cita as fases⁶⁶ do sensório motor, período pré-operatório, operações concretas e operações formais.

Além da coleção “Professor em ação”, outros manuais trazem orientações pedagógicas sobre as diferentes abordagens com as fases de desenvolvimento das crianças. Como no “Manual de Curso” para professores de Escola Dominical: a educação religiosa dada a qualquer idade exige linguagem, material, incentivos e abordagens adequadas ao estágio de desenvolvimento físico, intelectual, social e moral da criança. A não observância de tais características provavelmente resultará em desinteresse e até aversão pelos temas. É preciso, portanto, tornar atrativa a Escola Dominical (Manual para Professores de Escola Dominical, 1981).

O desenvolvimento mental das crianças impõe limitações definidas sobre o que podem aprender e sobre como (as condições sob as quais) aprendem. Um aspecto importante é saber que o conhecimento não pode ser dado às crianças. Ele tem de ser descoberto e reconstruído através das atividades dos alunos. As crianças aprendem melhor partindo de experiências concretas. As crianças, por meio de suas próprias atividades, podem conhecer o mundo e sua realidade (Manual para Professores de Escola Dominical, 1981).

De acordo com Piaget (2013), o aprendizado possui ligação entre adaptação, acomodação e assimilação de informações adquiridas no meio em que se está inserido. Assim, o desenvolvimento da aprendizagem está diretamente ligado aos estímulos que o ambiente oferece e como a criança se adapta a esses estímulos. Para Piaget, o conhecimento é fruto das trocas entre a criança e o meio em que ela está inserida.

⁶⁶ Fases do desenvolvimento com base em Piaget.

O artigo de Albach e Graff (2020) trata especificamente sobre o ensino cristão para crianças de 3 a 7 anos, levando em consideração as fases do desenvolvimento humano, baseando-se no autor Jean Piaget. Na realização de entrevistas e no olhar das fontes documentais da pesquisa, Piaget é um nome que recorrentemente aparece, desta forma suas contribuições pedagógicas no ramo da Escola Dominical são evidentes. Nas palavras dos próprios autores:

A obra de Piaget ajuda os professores a construir uma compreensão mais realista das crianças, de que maneira elas constroem o saber e da influência da afetividade e da atividade social sobre o desenvolvimento. Sendo assim, a perspectiva piagetiana é de grande valia para todos aqueles que exercem a função de professor, inclusive na escola bíblica infantil (Albach, Graff, 2020, p. 83).

Segundo Goulart (2005), o sistema piagetiano é denominado construtivista dialético. Piaget concluiu que cada criança constrói o seu próprio modelo de mundo, essa construção estaria relacionada com a própria ação do sujeito e como essa ação se converte em um processo de construção interna, a construção dentro de sua mente de uma estrutura contínua que corresponde ao mundo exterior.

A teoria piagetiana surgiu como uma grande contribuição em termos da reflexão sobre a formação de uma aprendizagem autônoma e protagonista de sua própria aprendizagem. A partir de muitas e muitas pesquisas, Piaget estudou como o conhecimento é construído, passo a passo, do nascimento a morte, numa interação entre sujeito e o objeto de conhecimento (Rangel, 2002, p. 10).

Desta maneira, a priori, percebe-se que a teoria de Piaget foi um tema estudado por professores que atuaram nas Escolas Dominicais da IELB. Como foi um autor muito discutido no Brasil na década de 1970, consequentemente as discussões piagetianas também alcançaram os estudos e planejamentos para a Escola Dominical.

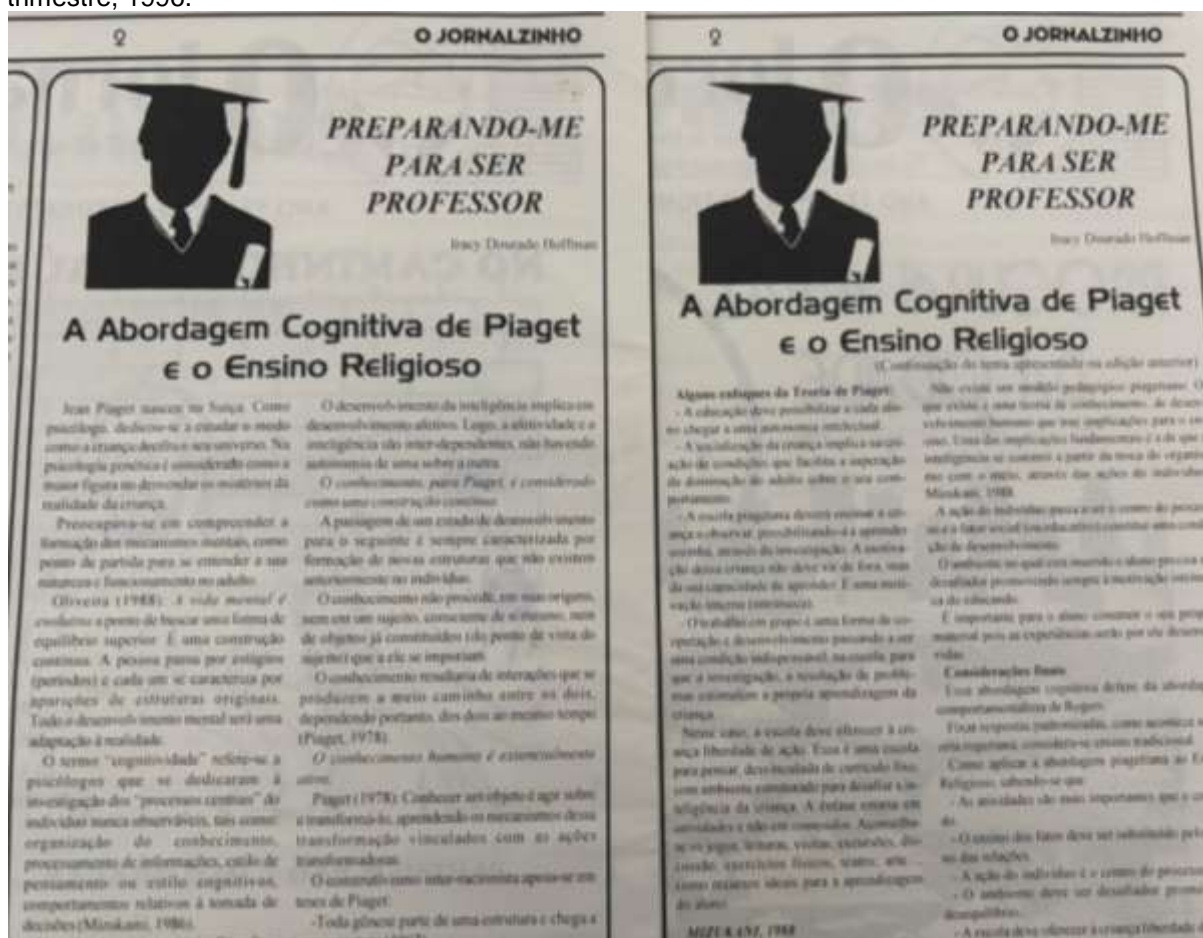
Este mesmo autor traz as fases do desenvolvimento, essa divisão do público infantil em fases é observada no O “Jornalzinho”. Este material era direcionado aos públicos pré-escolar (crianças de até 7 anos, que naquela época ainda não frequentavam a escola), escolar (as crianças que estavam em idade escolar, de aproximadamente 7 a 11 anos) e pré-confirmando (que seriam os pré-adolescentes, aquelas crianças entre 11 e 13 anos, que estariam próximas a concretizarem o rito da confirmação). Essa subdivisão entre o público das crianças da Escola Dominical visava colaborar com o professor no momento de propor suas atividades.

Sobre essa divisão dos materiais por faixas etárias, a professora Ângela traz algumas considerações, explicando que os materiais mais recentes para a Escola Dominical possuem essa divisão:

A gente partia sempre da experiência que a gente tinha com as crianças, sempre foi partindo do concreto, do dia a dia local da nossa Escola Dominical. A gente trabalhava, eu, inclusive, trabalhei muitos anos com várias faixas etárias ao mesmo tempo na Escola Dominical, e isso com o tempo se viu que não podia ser assim. E aí já começou o “Com Jesus” com níveis, nível 1, 2 e 3, que era por idade. O nível 1 era mais para os não-alfabetizados, para crianças que não sabiam ler e escrever, e o nível 2 e 3 para os mais avançados, para crianças, por exemplo, de nível 2, de crianças de 8 a 10 anos, e o nível 3 de pré-confirmando, de 10 a 12 anos (Ângela, 2022).

Em duas edições d’o “Jornalzinho” encontrou-se matérias sobre Piaget. Nessas matérias são trazidas explicações de sua teoria para os professores leitores do material:

Figura 19 – A abordagem cognitiva de Piaget e o Ensino Religioso. “O Jornalzinho” – Ano 12. 2º e 3º trimestre, 1996.



Fonte: Acervo pessoal de Hedi Blank.

O JORNALZINHO

PREPARANDO-ME PARA SER PROFESSOR

Iracy Dourado Hoffmann

A Abordagem Cognitiva de Piaget e o Ensino Religioso

Jean Piaget nasceu na Suíça. Como psicólogo, dedicou-se a estudar o modo como a criança decifra o seu universo. Na psicologia genética é considerado como a maior figura no desvendar os mistérios da realidade da criança. Preocupava-se em compreender a formação dos mecanismos mentais, como ponto de partida para se entender a sua natureza e funcionamento no adulto.

Oliveira (1988): *A vida mental é evolutiva* a ponto de buscar uma forma de equilíbrio superior. É uma construção contínua. A pessoa passa por estágios (períodos) e cada um se caracteriza por aparições de estruturas originais. Todo o desenvolvimento mental será uma adaptação à realidade.

O termo “cognitividade” refere-se a psicólogos que se dedicaram à investigação dos “processos centrais” do indivíduo nunca observáveis, tais como: organização do conhecimento, processamento de informações, estilo de pensamento ou estilo cognitivos, comportamentos relativos à tomada de decisões (Mizukami, 1986). Uma abordagem “cognitivista” implica, dentre outros aspectos, se estudar cientificamente a aprendizagem como um processo que é produto do ambiente, das pressões, ou de fatores que são externos ao aluno (Mizukami, 1986).

O desenvolvimento da inteligência implica em desenvolvimento afetivo. Logo, a afetividade e a inteligência são inter-dependentes, não havendo autonomia de uma sobre a outra.

O conhecimento, para Piaget, é considerado como uma construção contínua.

A passagem de um estado de desenvolvimento para o seguinte é sempre caracterizada por formação de novas estruturas que não existem anteriormente no indivíduo.

O conhecimento não procede, em suas origens, nem em um sujeito, consciente de si mesmo, nem de objetos já constituídos (do ponto de vista do sujeito) que a ele se impoiam.

O conhecimento resultaria de interações que se produzem a meio caminho entre os dois, dependendo portanto, dos dois ao mesmo tempo (Piaget, 1978).

O conhecimento humano é essencialmente ativo.

Piaget (1978): Conhecer um objeto é agir sobre e transformá-lo, aprendendo os mecanismos dessa transformação vinculados com as ações transformadoras.

O construtivismo interacionista apoia-se em teses de Piaget:

Alguns enfoques da Teoria de Piaget:

A educação deve possibilitar a cada aluno chegar a uma autonomia intelectual.

A socialização da criança implica na criação de condições que facilita a superação da dominação do adulto sobre o seu comportamento.

A escola piagetiana deverá ensinar a criança a observar, possibilitando-a a aprender sozinha, através da investigação. A motivação dessa criança não deve vir de fora, mas da sua capacidade de aprender. É uma motivação interna (intrínseca).

O trabalho em grupo é uma forma de cooperação e desenvolvimento passando a ser uma condição indispensável, na escola, para que a investigação, as resoluções de problemas estimulem a própria aprendizagem da criança.

Nesse caso, a escola deve oferecer à criança liberdade de ação. Essa é uma escola para pensar, desvinculada de currículo fixo, com ambiente estruturado para desafiar a inteligência da criança. A ênfase estaria em atividades e não em conteúdo. Aconselha-se os jogos, leituras, visitas, excursões, discussões, exercícios físicos, teatro, arte... como recursos ideais para a aprendizagem do aluno. Mizukami, 1988

O ensino que seja compatível com a Teoria Piagetiana, tem de ser baseado no erro, na prova, na pesquisa, na investigação da solução de problemas por parte do aluno, não consistindo em aprendizagem de fórmulas, nomenclaturas, definições. Piaget, 1978

Não existe um modelo pedagógico piagetiano. O que existe é uma teoria de conhecimento, de desenvolvimento humano que traz implicações para o ensino. Uma das implicações fundamentais é a de que a inteligência se constrói a partir da troca do organismo com o meio, através das ações do indivíduo. Mizukami, 1988.

A ação do indivíduo passa a ser o centro do processo e o fator social (ou educativo) constitui uma condição de desenvolvimento. O ambiente no qual está inserido o aluno precisa ser desafiador promovendo sempre a motivação intrínseca do educando. É importante para o aluno construir o seu próprio material pois as experiências serão por ele desenvolvidas.

Considerações finais

Essa abordagem cognitiva defere da abordagem comportamentalista de Rogers.

Fixar respostas padronizadas, como acontece na teoria rogeriana, considera-se ensino tradicional.

Como aplicar a abordagem piagetiana ao Ensino Religioso, sabendo-se que:

As atividades são mais importantes que o conteúdo. O ensino dos fatos deve ser substituído pelo ensino das relações. A ação do indivíduo é o centro do processo. O ambiente deve ser desafiador promovendo desequilíbrio. A escola deve oferecer à criança liberdade de ação. Não deve haver domínio do adulto sobre a criança. A teoria se baseia no ensaio e erro. Os conteúdos trabalhados na Escola Dominical devem ser mais importantes que as atividades realizadas pelas crianças. Porém, não impede que a criança faça investigações, perguntas em vários livros e documentos sobre aquela história bíblica.

Na imagem acima vemos duas edições d'o "Jornalzinho" com explicações sobre a abordagem cognitiva de Jean Piaget e o ensino religioso na IELB. São trechos que denotam as ideias de Piaget que contribuíram para a constituição da Escola Dominical. Em um momento do texto, lê-se: "O conhecimento para Piaget é considerado uma construção contínua" [...] "Para Piaget, a educação é um todo indissociável, considerando-se dois elementos fundamentais: o intelectual e o moral" (O Jornalzinho, 2º Trimestre, 1996). Ainda no mesmo título aparece: "O ambiente no qual está inserido o aluno precisa ser desafiador promovendo sempre a motivação intrínseca do educando" (O Jornalzinho, 2º Trimestre, 1996).

No mesmo material ainda é possível ler sobre a importância remetida às fases do desenvolvimento da criança. Na matéria, escrita por Iracy Hoffman, aparece: "Para Piaget, a noção de desenvolvimento do ser humano acontece por fases que se relacionam entre si e se sucedem para atingir estágios de inteligência (O Jornalzinho, 2º Trimestre, 1996).

O material de que se fala estava em posse de uma das professoras entrevistadas e provavelmente foi estudado durante o período que circulou entre os professores da IELB.

Os autores Albach e Graff (2020) escrevem que o professor deve moldar seus planos de aula e sua didática buscando sempre desafiar o aluno com problemas significativos ao nível desenvolvimento alcançado, propiciando um desenvolvimento e aprendizado cognitivo mais efetivo, baseado nas fases de desenvolvimento humano, com base nos estudos de Piaget. A atuação do professor de Escola Dominical é um trabalho voluntário, mas o professor precisa se empenhar em dar o máximo de si no preparo das aulas de maneira que sejam dinâmicas, lúdicas e contextuais, sempre pautado na Palavra de Deus, por meio da qual o Espírito Santo alimenta a fé e proporciona o crescimento espiritual.

Ao olhar os materiais que vêm sendo apresentados, inclusive os utilizados em cursos oferecidos pela IELB e escutar o relato de professores, percebe-se que Jean Piaget foi um dos autores que esteve envolvido na formação das docentes da Escola Dominical. Conforme destacam Fabril e Calsa (2009, p. 245), "a reflexão pedagógica não tivesse sido o interesse central da obra piagetiana, no Brasil, a recepção de

suas pesquisas ocorreu vinculada à educação, particularmente, no contexto de expansão do Movimento da Escola Nova⁶⁷”.

Ainda de acordo com essas autoras, Jean Piaget e seus colaboradores revolucionaram, por meio de seus estudos, o que se sabia acerca da criança, especificamente sobre o domínio do desenvolvimento da inteligência e da construção do conhecimento. Seus trabalhos também revolucionaram a epistemologia e a psicologia de sua época, possuindo reflexos até os dias atuais (Fabrill, Calsa, 2009).

Jean Piaget influenciou a educação ao postular que as crianças só podem aprender aquilo que estão preparadas para assimilar, ou seja, que o desenvolvimento intelectual é aprimorado gradualmente, dos pensamentos mais simples até que se chegue aos mais complexos. Segundo ele, os professores devem elaborar atividades considerando os conhecimentos prévios dos estudantes e respeitando os seus estágios de desenvolvimento (Baldiçera, 2020).

No decorrer da pesquisa será observado que o construtivismo, e essa relação mútua de aprendizagem, está presente nas práticas da Escola Dominical. De acordo com Becker (2001, p. 6), “o sujeito constrói - daí construtivismo - seu conhecimento em duas dimensões complementares, como conteúdo e como forma ou estrutura; como conteúdo ou como condição prévia de assimilação de qualquer conteúdo”.

No início da década de 1990, “O Jornalzinho” mantinha uma coluna que se chamava “Preparando-me para ser Professor”. Nessa coluna, em diferentes edições, havia escritos sobre os perfis das crianças que compunham o público da Escola Dominical, aparecendo textos sobre o perfil da criança de dois, três e quatro anos. Desta forma, percebe-se que o assunto das idades e fases de desenvolvimento da criança era tratado nos diferentes meios didáticos da Igreja.

3.2 Educação Moral na Escola Dominical

A educação moral, que é um aspecto recorrente tanto nas entrevistas quanto nas fontes documentais, toma a partir de agora algum protagonismo na discussão que aqui se empenha. De acordo com Silva (2011, p.40), “o desenvolvimento da

⁶⁷ A Escola Nova foi um movimento de renovação do ensino que surgiu no fim do século XIX e ganhou força na primeira metade do século XX. Está baseada nas individualidades do sujeito.

moralidade humana e seu desenvolvimento, na visão de Kohlberg e de Piaget, depende de vários fatores, como biológicos, psicológicos, sociais e culturais”.

A educação moral⁶⁸, na citação destacada, é mencionada a partir do autor Kohlberg, que constrói suas ideias com base em preceitos de Piaget, mas veremos algumas de suas semelhanças e divergências. Quando Silvana fala sobre Piaget, ela também fala sobre Kohlberg:

Entrou bastante também os estudos de Kohlberg, do desenvolvimento moral, porque Kohlberg é um estudioso que para mim e para Oscar, ainda não tinha nenhum outro autor que tenha atingido essas questões sobre como a criança aprende moralmente, ele é um autor norte-americano. E nessa época ele trabalha muito com Piaget, mas os estudos dele são sobre desenvolvimento dos conceitos morais das crianças, e daí se trabalhou muito essas ideias (Silvana, 2022).

Na afirmação anterior, a entrevistada traz uma fala sobre a preocupação da Escola Dominical com o desenvolvimento moral. Essa preocupação também aparece em um exemplar d’o “Jornalzinho”, do ano de 1992, em que se faz um pedido para que os professores utilizem a obra: “Promovendo o Desenvolvimento Moral”, de autoria Robert Sylvester, publicada pela editora Concórdia em 1988. Essa obra passa a ser sugerida para que os professores compreendam a formação moral da criança e o seu desenvolvimento espiritual (O Jornalzinho, 4º trimestre, 1992).

Jean Piaget menciona que concebia que as interações sociais têm um papel muito importante para o desenvolvimento da consciência moral, por oferecerem oportunidades para que os sujeitos se descentrem cognitivamente e sejam capazes de enxergar a realidade a partir dos pontos de vista de outras pessoas. Nesse sentido, as interações sociais são essenciais para o desenvolvimento moral, desde que as partes envolvidas sejam tratadas igualitariamente, que se reconheçam como dignas de serem respeitadas e se sintam comprometidas com o respeito às opiniões e valores dos outros (Sampaio, 2007). Se pensarmos naquilo que era trabalhado na Escola Dominical, fica possível relacionar com uma maneira de socialização e um momento de trazer lições que seriam úteis para a formação da criança.

Mizukami (1986) trata da abordagem comportamentalista dizendo que seu principal pensador foi Piaget. Para Piaget, segundo a autora, “a moral (lógica da conduta) é uma construção gradual que vai desde as regras impostas (heteronomia) até o contrato social, onde haveria deliberação coletiva livre em direção a uma forma

⁶⁸ Segundo Biaggio (2002), a moral, tanto para a psicanálise quanto para o behaviorismo, pode ser considerada como algo que vem de fora, da sociedade, e que é internalizada como algo que passa a ser próprio da própria pessoa.

conciliatória que satisfizesse ao máximo os membros do grupo” (Mizukami, 1986, p. 63).

Junto ao conceito de Educação Moral assinala-se também os pensamentos de Lawrence Kohlberg. Falecido em 1986, era cidadão americano e professor de Psicologia Social e de Educação da Universidade de Harvard, onde dirigiu uma grande quantidade de pesquisas sobre o desenvolvimento moral. Ao longo de suas pesquisas ele desenvolveu orientações que constituem a base de seis⁶⁹ estágios, definidos por ele, como estágios do desenvolvimento moral (Duska; Whelan, 1994).

Conforme Sampaio (2007, p. 587), para Kohlberg e Piaget, “o desenvolvimento da moralidade está ligado, sobretudo, ao desenvolvimento cognitivo e afetivo e às interações sociais estabelecidas ao longo da vida”.

Segundo La Taille (1992), a educação moral não deve se restringir a uma aula específica, mas estar interligada durante toda a rotina escolar. Declara que o desenvolvimento moral da criança depende de todos: adultos, pais, e também dos professores envolvidos na ação.

Para Pires e Amorim (2023), a questão da educação moral pode não aparecer nos vestígios escolares. Em determinados contextos acredita-se que não deva ser algo ensinado, mas sim vivido pelos alunos, especialmente na realização da cooperação social e no auxílio ao próximo, o que, em termos de aprendizagem coletiva, seria parte importante do cotidiano escolar.

Kohlberg fala que os seus seis estágios de sua teoria estariam muito relacionados com a justiça. Por outro lado, Biaggio (2002) também escreve que “Kohlberg reconhece que sua ênfase na justiça não reflete inteiramente tudo que pode ser incluído no campo da moral. Admite que além da justiça, a moral também inclui uma virtude enfatizada nos ensinamentos éticos cristãos”. Ou seja, os ensinamentos religiosos associados com a justiça formariam, assim, a moral. Nessa perspectiva, os professores deveriam também trabalhar com o aluno o que seria uma atitude correta ou não, e o que a criança deveria realizar em cada situação.

Segundo Pontes (2010), a maturidade moral, para Kohlberg, é atingida quando o indivíduo é potencialmente capaz de entender que a justiça não é a mesma coisa que a lei.

⁶⁹ Kohlberg identificou seis estágios de desenvolvimento moral que – dois a dois – constituem três níveis de julgamento moral: “Pré-convencional”, “convencional” e “pós-convencional”. Ver Duska e Whelan (1994).

A educação moral possui relevância no projeto de formação luterana, conforme escreve Beck (2005, p. 17):

Aprendemos com Lutero que a vida humana, que é sempre vida em sociedade está sustentada e, ao mesmo tempo, está sujeita sempre a imperativos morais. A sociedade constitui-se de relações morais entre seres humanos a se portarem moralmente, mesmo que não o percebem ou queiram.

Desta forma, a Escola Dominical pode ser um espaço em que os professores são preparados para a formação moral de seu público, onde as crianças são ensinadas a ter comportamentos considerados adequados pela Igreja e pela sociedade. O livro “Administrando a Sua Escola Dominical”, traz que:

O propósito da escola dominical é preparar e equipar o povo de Deus para atuar como cidadãos cristãos na sociedade como membros responsáveis da igreja. A educação para mordomia tem o propósito de levar os alunos à consciência da responsabilidade dada a Deus para cuidar dos recursos da criação e utilizá-los para o bem da humanidade. Deus criou as pessoas para serem administradores da criação. Tudo o que somos e temos são dons de Deus que devem ser usados de acordo com seus desígnios. Os alunos precisam ser despertados para o verdadeiro propósito das suas existências (Griffin, 1990, p. 44).

Sendo assim, Kolberg e Piaget aparecem como autores que podem ter influencias na estruturação da Escola Dominical da IELB ao longo do tempo.

3.3 As diferentes influências pedagógicas para a Escola Dominical

Ao analisar os materiais disponibilizados para as professoras de Escola Dominical e ao ouvir a narrativa das professoras entrevistadas, percebe-se que houve preocupação da IELB com a formação didático pedagógica para a Escola Dominical. As influências pedagógicas não eram explícitas, mas nitidamente observadas nos materiais e nos relatos de atuação pedagógica das professoras.

Como visto anteriormente, foram fortes as influências de Jean Piaget e Lawrence Kohlberg. Mas, além desses, outras contribuições pedagógicas para os professores da IELB também foram significativas. Em uma pesquisa em edições d’o “Jornalzinho” dos anos de 1995 e 1996, observa-se a presença de diferentes matérias que tratam de outros autores que podem igualmente ter influenciado o público leitor. Nomes de autores como Paulo Freire e Carl Rogers foram mencionados:

Figura 20 – O método Paulo Freire no ensino religioso. “O Jornalzinho” – Ano 11. 2º trimestre, 1995.

2º TRIMESTRE DE 1995
2
O JORNALZINHO



RECURSOS PARA O PROFESSOR

Christian Hoffman

Você já experimentou fazer um culto todo ele voltado às crianças e entendido por elas? Não abandonando a liturgia, mas utilizando músicas e linguagem de criança?

Utilizando auxílios visuais (slides, vídeo, figuras)? Já imaginou a criança montando o altar, do seu jeito? Como fazer a confissão dos pecados sem traumatizar a criança mas sim enfatizando a absolvição e o perdão recebido? Qual a importância de cada uma das partes do culto? Como conhecer mais cada uma dessas etapas e elaborar um culto onde a criança não fique restrita a participar na hora de colocar um dinheirinho no prato de ofertas, como é costumeiramente a única ação efetiva da criança num culto de “adultos”?

Sem sombra de dúvida, orgulhamo-nos, os liturgistas, de termos uma rica herança litúrgica. A liturgia é uma forma de comunicação espiritual entre Deus e a pessoa que adora.

Deus, por sua vez, manifesta-se através de sua Palavra e sacramentos. A liturgia litúrgica, digna e reverente, coerente e objetiva, está baseada na Escritura e centrada em Cristo.

Só que nem sempre essa comunicação acontece. Às vezes falamos em línguas diferentes. Tanto a linguagem utilizada, como a repetição demorada e a falta de explicações adicionais (essenciais, por assim dizer) fazem com que a liturgia de um culto torna-se rotina vazia, colocando obstáculos para a palavra de Deus ser comunicada e para haver uma autêntica adoração.

Por isso é necessário que cada liturgista (o professor de escola dominical e a criança também!) entenda e participe a liturgia. Somente assim poderá participar de maneira efetiva do culto público, tirar proveito real do mesmo e organizar cultos voltados à criança, elaborados junto com seu pastor e outros professores de escola dominical.

Uma espécie de “catecismo de liturgia” está à disposição de todos no livro intitulado **O CULTO CRISTÃO**. A liturgia não acontece automaticamente. Ela é ação, decisão, vida. Mas torna-se necessária conhecer a estrutura do culto e o significado dinâmico dos símbolos usados: gestos, objetos, cores, vestimentas, etc.

O CULTO CRISTÃO, através de perguntas e respostas, se propõe a explicar em breves palavras a tradição litúrgica da Igreja Cristã, fazendo com que esta precisidade dê-se de ser apenas mais uma peça, cativeira de museu para ser uma força ativa da fé do povo de Deus.

O CULTO CRISTÃO. George Schneider, Herman Zenne, R. Allan Zimmer. 56 pg., Concórdia Editora Ltda., P. Alegre-RS.



PREPARANDO-ME PARA SER PROFESSOR

Iraci Dourado Hoffmann

O MÉTODO DE PAULO FREIRE NO ENSINO RELIGIOSO

Paulo Freire é um recense, considerado um dos educadores mais respeitados do país, na atualidade. Foi exilado, no Chile, por causa de suas ideias inovadoras, durante o regime de 64. O mais importante para ele era a conscientização do aluno, a sua participação no processo educativo. Escreveu muitos livros defendendo sua teoria. Voltou ao Brasil com o respeito de todos os educadores que o aclamaram como um defensor da educação brasileira, tanto lá fora como aqui dentro no Brasil.

As universidades o convidam para palestras e para ser professor, foi secretário de Educação do Estado de São Paulo. Foi lido e estudado por muitos educadores que divulgaram suas teorias de educação. Hoje ele é reconhecido como um dos educadores que mais defenderam ideias próprias, de uma educação realmente nacional. (Pesquise sobre esse educador e irá ganhar experiências na sua prática educativa.)

O MÉTODO

Características:

- * **ativo** - alunos participam durante a aula;
- * **dialogado** - professor e aluno estão em constante debate e reflexão sobre temas da atualidade e da realidade do aluno;
- * **incentivador** - alunos buscam recursos, tarefas e debates incentivados pelo professor;
- * **rico em técnicas** - o professor procura alternativas para que o aluno alcance os objetivos educacionais;
- * **rico em materiais didáticos** - alunos e professores trazem para a sala de aula materiais que enriquecem o desenvolvimento do conteúdo;
- * **valoriza o conhecimento adquirido pelo aluno**. O conhecimento do aluno sobre qualquer tema é respeitado pelo professor; o aluno não pode ser considerado como uma folha em branco.

O diálogo é uma técnica indispensável em sala de aula, onde se procura desenvolver o sentimento de esperança, de fé, de humildade, de confiança, de solidariedade, de cooperação, de amor ao próximo ao Criador.

O desenvolvimento do diálogo oportuniza ao aluno participar e contribuir com informações importantes ao grupo. A criatividade é incentivada no desenvolvimento do diálogo.

Uma das características mais importantes do Método Paulo Freire é despertar no aluno a curiosidade e levá-lo a distinguir o mundo natural do mundo cultural.

Levantamento do universo vocabular

Os alunos participam do levantamento



O JORNALZINHO EXPEDIENTE

Responsável: Área de Ação Pastoral - CELB
Comissão de Escola Dominical
Caixa Postal 1078
90001-970 - Porto Alegre - RS
Comissão: Cristian Hoffmann e Elmer Peil,
Iraci Hoffmann e Ursula A. Neumann
Tiragem: 1700 exemplares - Distribuição Nacional

to de palavras mais usadas na sua comunidade. Essas palavras dão origem ao ensino da leitura e escrita, após um debate rico em informações.

Criação de situações.
Após selecionar as palavras do Universo vocabular, chamadas de “palavras geradoras”, situações são criadas com o debate e as demais informações.

APLICANDO PAULO FREIRE NO ENSINO RELIGIOSO

Após recebermos nossos alunos na escola dominical, devemos fazer uma sondagem sobre os conhecimentos bíblicos que eles já têm, de anos anteriores. Uma ficha pode ser montada, individualmente, e ali se faz a história do aluno: anota-se o que conhece e o que poderá conhecer durante o ano. Até ajustar ao professor ficar conhecendo a realidade do aluno que não é assíduo à escola dominical. Assim, se pode ajudar no sentido de rever a história que ele não aprendeu. Para nós, o ideal é que todos aprendam, não é?

Oportunizar a participação dos nossos alunos, deixá-los ativos e interessados em contar a história ou citar momentos de diálogo com professor e colegas.

O diálogo evita discursos solitários em que o professor parece o subdono de todas as coisas. Dar oportunidade para o aluno tirar dúvidas e acrescentar informações que podem contribuir para o enriquecimento da situação de aula.

Quando se oportuniza o diálogo o aluno fica mais ativo e atento à história, pois ele sabe que tem oportunidade de contribuir.

Aconselha-se informar ao aluno a lição do domingo seguinte para que ele possa se preparar durante a semana. Estamos dando ao aluno oportunidade de se preparar para melhor participar.

Quanto técnicas e materiais de apoio didático vão oportunizar maior participação e mais interesse nas lições bíblicas.

O aluno é valorizado pelo seu conhecimento e incentivado a aprofundar-se nele cada vez mais.

A pesquisa de histórias bíblicas entre os alunos é importante. Ao iniciar nossa unidade de trabalho, fazer um levantamento entre os alunos das histórias da Bíblia que gostariam de rever ou ouvir pela primeira vez. Esse procedimento não vai atrapalhar a programação já estabelecida para comunidade, pois há sempre um tempo para se contar mais uma história. Pode ser também uma tarefa marcada para casa, já que os alunos têm interesse em aprendê-la.

Interessante neste método é envolver todos os alunos nas situações de aprendizagem onde todos são importantes e participativos. Participe ao aluno as suas ideias e peça a ele sugestões para seu trabalho. Que material ele poderia trazer de casa para contar a história da ressurreição?

O método conscientiza o aluno da sua situação de pecador. Aluno e professor estudando a Palavra, descobrem o poder do Criador de todas as coisas, do Salvador do Mundo e como essa salvação chega até nós, de graça.

Fonte: Acervo pessoal de Hedi Blank.

O MÉTODO DE PAULO FREIRE NO ENSINO RELIGIOSO

Paulo Freire é um recifense, considerado um dos educadores mais respeitados do país na atualidade. Foi exilado, no Chile, por causa de suas ideias inovadoras, durante o regime de 64. O mais importante para ele era a conscientização do aluno, a sua participação no processo educativo. Escreveu muitos livros defendendo sua teoria. Voltou ao Brasil com o respeito de todos os educadores que o aclamaram como um defensor da educação brasileira, tanto lá fora como aqui dentro do Brasil.

As universidades o convidam para palestras e para ser professor; foi secretário de Educação do estado de São Paulo. Foi lido e estudado por muitos educadores que divulgam suas teorias da educação. Hoje ele é reconhecido como um dos educadores que mais defenderam ideias próprias, de uma educação realmente nacional. (Pesquise sobre esse educador e irá ganhar experiência na sua prática educativa)

Ao recebermos nossos alunos na escola dominical, devemos fazer uma sondagem sobre os conhecimentos bíblicos que eles já têm, de anos anteriores. Uma ficha pode ser montada, individualmente, e ali se faz a história do aluno: anota-se o que se conhece e o que poderá conhecer durante o ano. Até ajudaria ao professor ficar conhecendo a realidade do aluno não assíduo a escola dominical. Assim se pode ajudar no sentido de rever a história que ele não aprendeu. Para nós, o ideal é que todos aprendam, não é isso?

O diálogo evita discursos solitários em que o professor parece o sabedor de todas as coisas. Dar oportunidade para o aluno tirar dúvidas e acrescentar informações que podem contribuir para o enriquecimento da situação de aula.

O aluno é incentivado pelo seu conhecimento e incentivado a aprofundar-se cada vez mais.

A pesquisa de histórias bíblicas entre alunos é importante. Ao iniciar nossa unidade de trabalho, fazer um levantamento entre os alunos das histórias da Bíblia que gostariam de rever ou ouvir pela primeira vez. Esse procedimento não vai atrapalhar a programação já estabelecida pela comunidade, pois há sempre um tempinho para se contar mais uma história. Pode ser também uma tarefa marcada para casa, já que os alunos têm interesse em aprendê-la.

O interessante nesse método é envolver todos os alunos nas situações de aprendizagem onde todos são importantes e participativos. Participe aos alunos as suas ideias e peça a ele sugestões para o seu trabalho. Que material ele poderia trazer de casa para contar a história da ressurreição?

O método conscientiza o aluno da sua situação de pecador. Aluno e professor estudando a palavra, descobrem o poder do Criador e de todas as coisas, do Salvador do Mundo e como essa salvação chega até nós, de graça (O Jornalzinho. Ano 11. 2º trimestre, 1995).

A autora da matéria, Iracy Hoffmann, escreve sobre a pessoa de Paulo Freire, sobre os seus métodos, e enfatiza como as recomendações de Freire podem adentrar o ensino religioso na Escola Dominical. A reportagem recomenda que se faça uma sondagem sobre os conhecimentos que os alunos já possuem, orientando de forma que o diálogo seja sempre oportunizado aos alunos, destacando que todos os agentes são importantes e participativos. A publicação também recomenda que os professores se aproximem das ideias de Paulo Freire.

Percebe-se que ao longo da publicação, “O Jornalzinho” incentivou seus professores-leitores a refletir sobre a didática de Paulo Freire, tornando o aluno um protagonista, que pode auxiliar e opinar sobre o processo de ensino.

Outro texto da publicação que chama a atenção é este em que se fala sobre a pedagogia de Carl Rogers:

Figura 21 – A pedagogia Não-diretiva de Carl Rogers – “O Jornalzinho”, Ano 12. 1º trimestre, 1996.

1º TRIMESTRE DE 1996

Q

O JORNALZINHO

RECURSOS PARA O PROFESSOR

O professor precisa se atualizar. Vários "produtos" estão à disposição para professores e estudantes a qualquer hora que se possa encontrar a vida.

O professor de Escola Dominical encontra nos principais ambientes da Bíblia. Seu estudo diário, uma leitura planejada de todos os livros da Bíblia é só apenas alguns exemplos, uma metodologia mais detalhada acerca de um determinado tema bíblico, uma pesquisa em outros assuntos, tudo isso faz parte da rotina diária do educador cristão. Nem sempre é isso que acontece. As vezes falta-se a Bíblia apenas para preparar as histórias bíblicas mais complicadas. As outras, sem nenhuma atenção para a compreensão desde a época de Escola Dominical, a leitura da Bíblia pode tornar-se um fator profissional, e não só uma atividade para a vida cristã.

Os seguintes quatro livros estão todos disponíveis em alguns pontos, que por serem bastante na Bíblia, esperamos - que a Igreja Luterana possa. Estamos falando de *Livro de Concordia* e as premissas que ele contém em Toda Bíblia da Escondida, Confissão de Augsburgo, Apologia (explicação mais aprofundada, devida à Confissão de Augsburgo, Artigo de Verdade, Tratado sobre o Poder e o Primado do Papa, Catolicismo bíblico (não confunde), Catecismo Maior, Teoria de Concordia. É muito complicado. Na 4ª edição do Livro de Concordia (1913) foram incluídas introduções em cada parte para facilitar a leitura. Por que as devoções nos trabalhos de professores não podem estar baseadas apenas em textos e histórias documentais?

O *Manual Luterano* também está traduzido e alguns alunos e professores. Se em casa é muito pouco. Opcionalmente com uma família, colegas professores, amigos. Por que não utilizar todos os Manuais nas atividades com pré-convencidos? Crianças também vão ler isso porque são práticos e úteis do *Manual Luterano*.

Para concluir, se vai a publicação de um livro que tem algumas histórias bem interessantes: **BISCAGLIA, Leo. Vivendo, Amando e Aprendendo. Ed. Record.** Tradução, autor de histórias e histórias, professor de divulgação AMOR em Universidade dos Estados Unidos, de uma abordagem em uma tarefa de ensino. Atividade de experiências e situações de dia a dia, ele nos lembra da importância da amor e da vida em cada ato pedagógico-jornalístico. Não temos mais mais motivos ainda para amar Jesus - alunos, nossa atividade da Escola Dominical, nossos colegas professores - a qual ele nos mostra primeiro em Cristo Jesus. Esta obra não é religiosa mas tem grandes contribuições para nossa vida de educador, sendo mais quando educamos na perspectiva do Evangelho - a comunidade cristã.

Rev. Cristian Hoffmann.

PREPARANDO-ME PARA SER PROFESSOR

Imery Domask Hoffmann

A PEDAGOGIA NÃO-DIRETIVA DE CARL ROGERS

Carl R. Rogers (1902-1987), psicólogo norte-americano, foi o inspirador da pedagogia não-diretiva.

Em seu livro "Liberdade para Aprender", onde ele chama a atenção dos educadores para a mudança das crenças, da tecnologia, das comunicações, dos relacionamentos sociais de uma maneira saudável, com implicações nos métodos educacionais. Uma de suas premissas é a educar o indivíduo para sentir-se realizado.

Pressões externas às mudanças de métodos de ensino de ensino se tornam o primeiro desafio para os docentes.

O livro na sala de aula deve promover o ensino-aprendizagem, em uma forma de aprendizagem não dirigida.

Alguns aprendem com facilidade quando o professor oferece uma participação espontânea.

As principais características da pedagogia não-diretiva são:

- * Fomentar ao aluno em clima de auto-desenvolvimento a realização pessoal. O aluno deve sentir bem com os outros e consigo mesmo.
- * Os conteúdos devem facilitar ao estudante a busca do auto-desenvolvimento.
- * O professor deve ser um amigo facilitador da aprendizagem. Anunciar o conteúdo, não ensinar em sala de aula.
- * Não deve haver provas ou testes. A auto-avaliação substitui qualquer tipo de testes para medir o conhecimento do aluno.
- * A escola e o professor devem se adaptar ao processo de desenvolvimento do educando.
- * O desenvolvimento de toda pessoa do indivíduo implica na expansão e na realização de todas as possibilidades de uma pessoa.

Vimos nas características da pedagogia de Carl Rogers uma forma de educar com humanidade. Por isso tanto a pedagogia não-diretiva é uma educação humanística. Educar com amor, objetivando o desenvolvimento total do educando.

CARL ROGERS NO ENSINO RELIGIOSO

A educação religiosa visa a mudança de comportamento no indivíduo.

A pedagogia não-diretiva, além de ser a mais utilizada nos estudos Dominical por ser uma educação humanística.

Pelas características da pedagogia não-diretiva, alguns estudos, podemos fazer algumas considerações sobre a sua aplicação no Ensino Religioso:

- a) Falar para muitos estudantes de histórias bíblicas torna-se muito mais interessante e com eles aprendem a viver uma vida cristã. Com isso há uma mudança de comportamento e a necessidade de educação, formação. É a mudança de comportamento é a transformação de sua espiritualidade de vida.
- b) O clima de sala favorece a aprendizagem. É o aluno que aprende, educando dentro de um clima de amor, onde, para que se tenha sucesso e interesse nos conteúdos bíblicos. Os alunos devem se sentir bem em sala de aula, com o professor. O clima deve ser de amizade, confiança e participação.
- c) Clima de auto-desenvolvimento. O desenvolvimento do educando acontece num clima de participação, de trabalho, de confiança, de amor. O ambiente propicia a sala de aula, tornando o desenvolvimento do educando um prazer.
- d) Os conteúdos devem facilitar ao estudante a busca do auto-desenvolvimento e auto-realização. O estudo de uma história bíblica, a leitura de textos, o conhecimento da bondade de Deus, são um meio de estudo de nossas histórias bíblicas, de outros textos bíblicos que a Bíblia contém.

Como vimos, portanto, a pedagogia não-diretiva de Carl Rogers é uma forma de educar com humanidade. Por isso tanto a pedagogia não-diretiva é uma educação humanística. Educar com amor, objetivando o desenvolvimento total do educando.

CARL ROGERS NO ENSINO RELIGIOSO

A educação religiosa visa a mudança de comportamento no indivíduo.

A pedagogia não-diretiva, além de ser a mais utilizada nos estudos Dominical por ser uma educação humanística.

Fonte: Acervo pessoal de Hedi Blank.

A PEDAGOGIA NÃO-DIRETIVA DE CARL ROGERS

Carl R. Rogers (1902-1985), psicólogo norte-americano, foi o inspirador da pedagogia não-diretiva. Escreveu "Liberdade pra Aprender", onde ele chama a atenção dos educadores para a mudança das ciências, da tecnologia, das comunicações, dos relacionamentos sociais de uma maneira acelerada, com implicações nas técnicas educacionais. Uma destas preocupações era educar o indivíduo para aceitar as mudanças.

Pessoas abertas às mudanças são mais capazes de enfrentar as mudanças e procurar soluções para os diversos problemas.

O clima na sala de aula deverá favorecer a autoaprendizagem, em suma facilitar a aprendizagem autodirigida.

Alunos aprendem com facilidade quando o professor encoraja uma participação responsável.

As principais características da pedagogia não-diretiva são:

Favorecer ao aluno um clima de autodesenvolvimento e realização pessoal. O aluno deve estar bem com os outros e consigo mesmo.

Os conteúdos devem facilitar ao estudante a busca de aprofundamentos.

O professor deve ser um amigo facilitador da aprendizagem. Ameaças e castigos, não existem em sala de aula.

Não deve haver provas ou testes. A auto avaliação substitui qualquer tipo de testes para medir o conhecimento do aluno.

A escola e o professor devem se empenhar em promover o desenvolvimento do educando.

O desenvolvimento da vida plena do indivíduo implica na expansão e na maturação de todas as possibilidades de uma pessoa.

Vimos nas características da pedagogia de Carl Rogers uma forma de educar com humanidade.

Por esta razão a pedagogia não-diretiva é uma educação humanística. Educar com amor objetivando o desenvolvimento total do educando.

CARL ROGERS NO ENSINO RELIGIOSO

A educação religiosa visa a mudança de comportamento no indivíduo.

A pedagogia não-diretiva talvez seja a mais utilizada em escolas Dominicais por ser uma educação humanística.

Pelas características da pedagogia não-diretiva, acima citadas, podemos fazer algumas considerações sobre a sua aplicação ao Ensino Religioso:

a) educar para aceitar mudanças: As histórias bíblicas trazem lições maravilhosas, e com elas aprendemos a viver uma vida cristã. Com estas lições pretendemos mudar nossos velhos hábitos e viver à luz do evangelho. Para mudar há necessidade de educação, instrução. E a mudança deste comportamento é a comprovação de um aprendizado de vida.

b) O clima de aula favorece a aprendizagem: É sabido que nossos educandos devem se sentir bem em nossas aulas, para que se sintam adaptados e interessados nos conteúdos trabalhados. Os alunos devem se sentir bem em relação aos seus colegas e aos professores. O clima deve ser de amizade, confiança e participação.

c) Clima de autodesenvolvimento: O desenvolvimento do educando acontecerá num clima de participação, de trabalho, de confiança, de amor. O ambiente propício da sala de aula, favorece o desenvolvimento do educando, sem pressão.

d) Os conteúdos devem facilitar ao estudante a busca de aperfeiçoamento e aprofundamento: O estudo de uma história bíblica, a análise de fatos, o conhecimento da bondade de Deus, vão nos levar ao estudo de outras histórias bíblicas, de outros fatos relativos àquela história aprendida.

Como cristão consciente, responsável, o estudo da Bíblia deve ser feito durante toda a semana e não apenas no domingo.

e) O professor é amigo dos seus alunos: A confiança do educando em seu professor é uma característica conhecida na Escola Dominical. Sem pressão, sem julgar, castigos, reclamações, o aluno cresce e passa a amar os conteúdos trabalhados.

A pedagogia adaptada ao Ensino Religioso é a pedagogia do amor, da compreensão, da ajuda, do interesse, da participação, do desenvolvimento pessoal, logo tem pontos de identificação com a pedagogia de Carl Rogers (O Jornalzinho, Ano 12. 1º trimestre, 1996).

Lê-se que a Pedagogia Não-diretiva talvez seja a mais utilizada em Escolas Dominicais por ser uma perspectiva humanística de educação. São trazidas as seguintes considerações sobre a pedagogia Não-Diretiva: Educar para aceitar mudanças; O clima da aula favorece a aprendizagem; A aprendizagem do educando acontecerá num clima de participação; os conteúdos devem facilitar ao estudante a busca de aperfeiçoamento e aprofundamento; o professor é o amigo dos alunos.

Vimos nas características da pedagogia de Carl Rogers uma forma de educar com humanidade. Por esta razão a pedagogia não diretiva é uma educação humanística. Educar com amor objetivando o desenvolvimento total do educando.

Para Rogers, o fundamental não é o emprego de determinada técnica para ensinar, mas a adoção de uma certa atitude para com os estudantes. Atitude que de acordo com o caso, o grau de informação de cada estudante e do próprio professor, manifestar-se-á por meio de diversos procedimentos (Gasman, 1971).

Sobre a pedagogia de Carl Rogers, Becker (2001, p. 3) diz que “o professor é um auxiliar do aluno, um facilitador (Carl Rogers) explicando a metodologia indireta. O aluno já traz um saber que ele precisa, apenas, trazer à consciência, organizar, ou, ainda, recheiar de conteúdo”. Com base nisso, reflete-se que a professora da Escola Dominical não é auxiliar de seu aluno, ela era uma pessoa que estava próxima, que auxiliava, mas que estava disposta a trazer um conhecimento doutrinário que as crianças, por sua idade, ainda desconheciam.

Ao observar as sugestões escritas sobre Paulo Freire e Carl Rogers, percebe-se que ambos os autores traziam sugestões para uma educação mais voltada à autonomia do aluno, em que o estudante poderia dar sugestões e participar mais ativamente do processo de ensino. Essas influências pedagógicas podem se relacionar com a Doutrina da IELB, que resumidamente acredita na salvação pela Graça, por isso, o professor deveria apontar o caminho, sendo a ação do Espírito Santo que conduziria o aluno no caminho da fé.

No mesmo sentido, os estudos de Kohlberg também contribuem na compreensão do que vem se tratando, pois abordam a formação ética do sujeito; com a ética e a moral fortalecidas, a criança não iria transgredir os ensinamentos propostos pela Doutrina.

O Espaço da Escola Dominical era um ambiente em que aconteciam tensões entre o campo religioso e educativo. Ao ouvir as entrevistadas e olhar a estrutura dos cursos, percebe-se que os pastores priorizavam a educação religiosa e o reforço

da doutrina, enquanto as professoras estavam preocupadas com o fazer pedagógico e com a aprendizagem dos alunos. A doutrina da IELB acredita na salvação pela Graça, na ação do Espírito Santo para a salvação, desta forma, as crianças já estariam salvas, e a Escola Dominical seria uma ação que auxiliaria no trabalho do Espírito Santo.

Outra influência pedagógica foi citada por Silvana (2025), que menciona o pensador John Dewey, na perspectiva de construção de um ambiente de aprendizagem colaborativo: “Dewey, que continua sendo o meu ponto chave sempre em tudo, essa ideia de cooperar, que nós estamos no mundo para cooperar, para olhar para o lado, para saber o que esse sujeito que está do meu lado precisa” (Silvana, 2025).

Dewey foi o maior pedagogo do século XX: o teórico mais orgânico de um novo modelo de pedagogia, nutrido pelas diversas ciências da educação; o experimentalista mais crítico da educação nova, que delineou inclusive suas insuficiências e desvios; o intelectual mais sensível ao papel político da pedagogia e da educação, vistas como chaves mestras de uma sociedade democrática. Além disso, o pensamento pedagógico de Dewey difundiu-se no mundo inteiro e operou em toda parte uma profunda transformação, alimentando debates e experimentações e a reposição da pedagogia no centro do desenvolvimento cultural contemporâneo nos vários países [...], originou um intenso confronto em torno dos temas da política educativa e escolar, e também da teoria pedagógica, em chave ao mesmo tempo científica e pedagógica (Cambi, 1999, p. 546).

Silvana fala sobre o cooperar e ajudar o próximo em ações da Igreja. Mas Dewey traz muitas abordagens para o contexto educacional. Dewey (2002) revela que a escola deve se organizar para assegurar que o estudante possa aprender, para que tenha uma experiência que proporcione aprendizado, para assim transformar as experiências futuras.

3.4 A Escola Dominical e seu objetivo missionário

Deus confia as crianças para nós e a gente tem que lembrar que quem está ali não é apenas um ser humano, mas é também uma alma e uma alma não tem fim. Então, o que você ensina e fala de Deus para ela é sumamente importante, porque é uma alma que Deus me confiou (Célia, 2022).

A atuação na Escola Dominical tinha um objetivo missionário, era uma missão divina concedida para mulheres, que ao instruírem crianças no caminho da Igreja fortaleciam futuros adultos religiosos.

Uma das entrevistadas deu aulas de Escola Dominical fora do ambiente de sua igreja: na garagem de uma casa comercial e também no prédio de uma escola

pública. Tal ação caracteriza-se como missionária, pois busca-se a participação de crianças de outras denominações religiosas. Ao mesmo tempo, a professora também relata algumas dificuldades, pois havia, por vezes, uma baixa participação dos alunos. Ela narra que:

Ali a gente então deu aula, mas era diferente, tu vais lá dar aula e as crianças não tinham incentivo de casa e não eram da Igreja. Aí a gente leva a mensagem e uns escutam, uns talvez vão levar para o resto da vida, mas é assim... tu não semeia numa terra pronta que vai produzir e tem que ter muita paciência, eu sempre dizia para as crianças: “eu não importo que vocês se esqueçam de mim, mas não se esqueçam o que falo para vocês, não esqueçam da palavra de Deus”. E aí depois até teve uma aluna que me falou, e que me deixou bem emocionada, “meus pais não me ensinaram nada, na instrução eu não aprendi nada, o que eu sei foi o que tu me ensinou, e depois que eu casei o pastor da Igreja me ensinou e agora eu sei alguma coisa da palavra de Deus”. Ela falou isso porque muitos não tinham o conhecimento, e se os pais não tem o conhecimento, é importante falar a palavra, porque Deus promete que a palavra nunca vai voltar vazia, então a gente semeia, e nem a gente as vezes consegue colher os frutos, mas quando a gente já colhe um fruto, já dá um grande ânimo (Hedi, 2023).

Este último relato caracteriza que a dinâmica da Escola Dominical, ao buscar a participação de crianças fora da IELB, era também uma forma de buscar novos adeptos para as suas práticas. A entrevistada também revela que ensinar para as crianças que não eram da Igreja não era uma tarefa fácil, pois considerava que não tinham o mesmo embasamento daquelas que já vinham de uma família que frequentava a Igreja da IELB.

A entrevistada menciona que se preocupava muito em semear a Palavra de Deus, buscando deixar seus ensinamentos junto das crianças às quais ensinava, que cada pequeno gesto era visto com entusiasmo, pois simbolizava que alguns alunos levavam os ensinamentos religiosos para as suas vidas.

A entrevistada Célia ressalta que os professores de Escola Dominical eram instrumentos de Deus para transformar a realidade das crianças

É o Espírito Santo que vai agir no coração das crianças, dos professores, pela palavra de Deus. Então o que é importante na Escola Dominical? É colocar a criança diante da palavra de Deus, que entra a ação é do Espírito Santo, nós somos instrumentos, eu até digo isso em um dos livros, a gente é apenas instrumentos na mão de Deus como professores (Célia, 2022).

O caráter missionário da docência na Escola Dominical da IELB aparece em alguns registros d'o “Mensageiro Luterano”:

Com a nacionalização decretada pelo estado novo durante a Segunda Guerra Mundial, a escola paroquial passou a ser a escola dos luteranos. Destinava-se a manter e inculcar a identidade luterana aos filhos da congregação. Os alunos de fora eram minoria. Com a abertura de escolas públicas em toda a parte, esta “escola dos luteranos” entra em crise. Os pais se perguntam: Porque mandar os filhos à escola junto a igreja, se

podemos, por menos dinheiro, colocá-los na escola pública da vizinhança? Começa a aumentar o número de “alunos de fora”. Os membros da congregação perguntam: Por que sustentar escola para os filhos dos outros? A base destas e outras dúvidas; muitas escolas paroquiais fecharam as portas. Neste meio tempo alguns líderes descobriram a escola como agência missionária. O alvo da igreja é anunciar a boa notícia do senhor. Para anunciar a notícia é preciso fazer contato com as pessoas. É preciso estabelecer um relacionamento de confiança mútuo. Líderes luteranos têm observado que a escola propicia o contato humano entre professores e alunos e um relacionamento de confiança mútua entre a congregação e a família. Tem-se aí o terreno propício para semear a boa notícia do Reino de Deus. Neste sentido cabe a igreja investir na criação de escolas missionárias nos centros de afluência populacional; cabe a igreja colocar missionários que a partir dos contatos estabelecidos pela escola, procurem as famílias e as conduzam a Cristo (Mensajeiro Luterano, jan/fev, 1981).

“O Jornalzinho”, periódico para as professoras de Escola Dominical, dedicava um espaço para que as crianças mandassem correspondências. Observou-se que as crianças mandavam recados e abraços para as suas professoras, reafirmando a participação majoritária das mulheres neste papel. Em um desses recados sobressai fortemente o objetivo missionário da Escola Dominical:

Olá amiguinhos! Tudo bem? Meu nome é Edson, tenho 9 anos. Estou na 3º série [...] eu sei cantar muitas musiquinhas da escola dominical [...] o que tenho para contar é que participo em duas Escola Dominicais: uma na Congregação A Voz da Cruz e a outra aqui em casa, onde participam muitas crianças de outras igrejas. Isto é motivo de muita alegria, pois assim podemos levar Cristo para todos. As professoras se chamam Marli e Lenilda (Suplemento Mensageiro Luterano – O Jornalzinho, Dezembro, 1996).

Neste trecho aparecem os nomes femininos das professoras e o caráter missionário da Escola Dominical.

Este capítulo foi escrito para demonstrar o contexto educacional em que a Escola Dominical se fortaleceu no Brasil. Não é possível definir uma única influência pedagógica para a escola Dominical, pois a IELB não tinha escolhas definidas, mas cada professora e formadora tinha em sua formação subjetiva uma conduta com a qual se identificava, essa conduta era formada por experiências e estudos que refletiam no campo religioso. No capítulo que segue serão apresentados elementos que constituíram a formação das professoras, bem como os materiais, recursos e artefatos pedagógicos que auxiliaram suas práticas docentes.

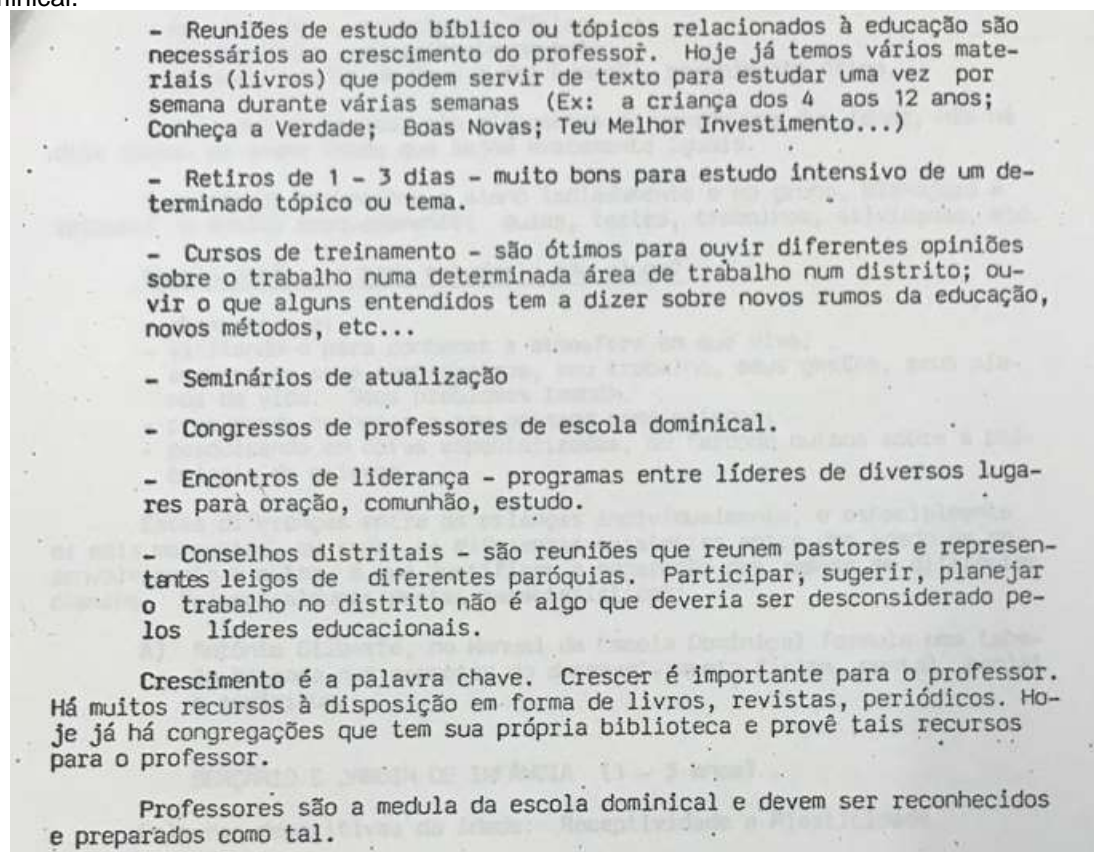
4.A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS DA ESCOLA DOMINICAL

Este capítulo apresentará uma análise acerca da formação das professoras que atuaram na Escola Dominical da IELB. Essa formação aconteceu por meio de cursos, congressos, reuniões e foi uma formação também muito subjetiva, pois dependeu das leituras de cada professora, do contexto ao qual estava inserida e o seu grau de envolvimento com a missão da Escola Dominical. O que se pode aferir é que a IELB, ao longo do tempo, consolidou espaços e instrumentos que favoreceram uma formação sólida para suas professoras. A Igreja tinha preocupação com a formação religiosa das professoras, enquanto elas próprias estavam preocupadas com seu fazer pedagógico.

As professoras de Escola Dominical estavam em constante capacitação profissional, em que aprendiam muitas técnicas para confecção de materiais e eram instruídas na doutrina para manter as crianças nos ensinamentos da igreja. E muitos dessas técnicas eram replicadas e adaptadas para cada contexto de Escola Dominical.

Na obra “Como ensiná-los do Manual para Escola Dominical”, de autoria de Oscar e Silvana Lehenbauer, material disponível no Instituto histórico da IELB, consta a seguinte frase: “Professores são a medula da escola dominical e devem ser reconhecidos e preparados como tal” (Lehenbauer, 1986, p. 10).

Figura 22 - Dicas de Reuniões que podem ser planejadas para o desenvolvimento da Escola Dominical.



Fonte: "Como ensiná-los do Manual para Escola Dominical", de Silvana Lehenbauer, 1986. Material disponível no Instituto Histórico da IELB.

-Reuniões de estudo bíblico ou tópicos relacionados à educação são necessários ao crescimento do professor. Hoje já temos vários materiais (livros) que podem servir de texto para estudar uma vez por semana durante várias semanas (Ex: a criança dos 4 aos 12 anos; conheça a Verdade; Boas Novas; Teu Melhor Investimento...)

-Retiros de 1 - 3 dias - muito bons para estudo intensivo de um determinado tópico ou tema.

-Cursos de treinamento - são ótimos para ouvir diferentes opiniões sobre o trabalho numa determinada área de trabalho num distrito; ouvir o que alguns entendidos têm a dizer sobre novos rumos da educação, novos métodos, etc...

-Seminários de atualização

-Congressos de professores de escola dominical.

-Encontros de liderança - programas entre líderes de diversos lugares para oração, comunhão, estudo.

-Conselhos distritais - são reuniões que reúnem pastores e representantes leigos de diferentes paróquias. Participar, sugerir, planejar o trabalho no distrito não é algo que deveria ser desconsiderado pelos líderes educacionais.

Crescimento é a palavra-chave. Crescer é importante para o professor. Há muitos recursos à disposição em forma de livros, revistas, periódicos. Hoje já há congregações que tem sua própria biblioteca e provê tais recursos para o professor.

Professores são a medula da escola dominical e devem ser reconhecidos e preparados como tal (Lehenbauer, 1986).

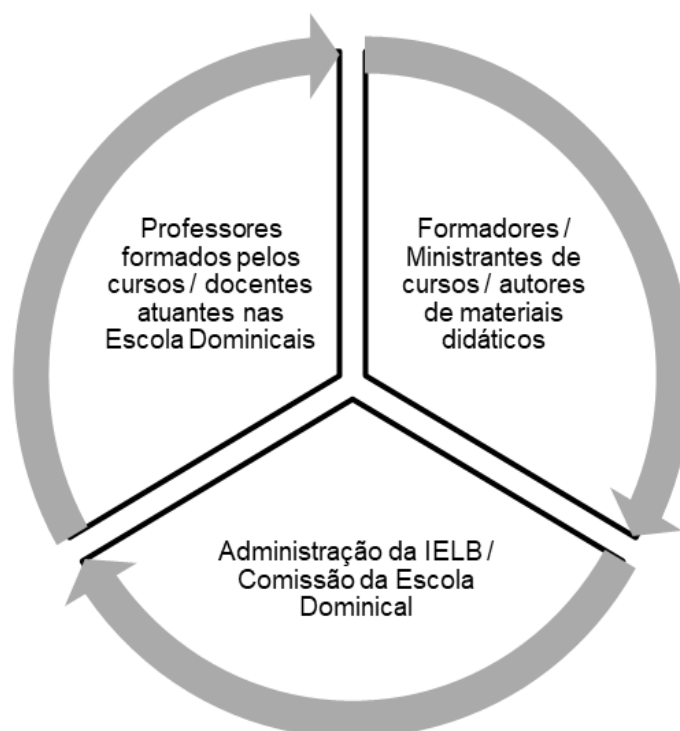
Cabe lembrar que esta tese tem o objetivo de analisar a formação e a atuação de professoras que estiveram à frente da Escola Dominical da IELB entre as décadas de 1970 a 2000. Pode-se aferir que cada professora que atuou na Escola Dominical teve uma formação e uma realidade específica, mas foi por meio das ações docentes que as ideias pedagógicas adentraram a Igreja.

Inicialmente, entende-se que além da formação doutrinária e religiosa que a Escola Dominical da IELB pretendia, havia também uma formação pedagógica e educativa. Percebe-se, assim, por parte da igreja da IELB, a organização de uma estrutura formativa que almejava a formação de um padrão de professoras. Muitas dessas professoras, da mesma forma, tinham formação docente e carregavam suas convicções para dentro da Escola Dominical. Pode-se aferir que professoras de escolas regulares se tornavam docentes de Escola Dominical, e que mulheres leigas ao atuarem nas Escolas Dominicais também seguiram o caminho da escola regular, logo, à docência entre esses dois espaços esteve entrelaçada.

No esquema abaixo são apresentados os três elementos que sejam concatenados para o desenvolvimento desta pesquisa. É importante tal abordagem para entender a Escola Dominical refletindo sobre seus diferentes ângulos. Para formular a tese, é preciso entender esses três perfis que fazem parte do entendimento da complexidade da Escola Dominical da IELB.

O esquema a seguir demonstra que a Escola Dominical é composta por três grupos de pessoas. Aquelas que pensavam e planejavam os cursos de formação e que integravam a Comissão da Escola Dominical, ou seja, as pessoas do âmbito administrativo. O outro grupo eram os formadores, pessoas que estavam entre docentes e administração, que formavam as professoras e ministravam os cursos. E por fim se encontravam as professoras, aquelas que executavam as ações, que de fato tinham contato direto com as crianças e que colocavam os ensinamentos em prática. Esses grupos mantinham correlações, mas havia também uma hierarquia entre eles.

Figura 23 – Esquema dos três grupos que fazem parte da consolidação da Formação Docente da Escola Dominical.



Fonte: Organizado pela autora, 2022.

O esquema traz reflexões acerca das relações entre as hierarquias da IELB. Observando os materiais publicados e a consolidação da Comissão da Escola Dominical, percebe-se que a IELB era também um ambiente de disputas políticas, pois havia aqueles que eram eleitos para cargos administrativos, havia administradores na parte do setor da educação da IELB, bem como outros cargos ocupados por pessoas que executavam as dicas que a Igreja fornecia.

Como vem-se reiterando, professoras de Escola Dominical, em muitos casos, eram também professoras das redes básica de ensino, e assim suas vivências de sala de aula e sua formação poderiam influenciar no meio de atuação da Igreja. Por outro lado, muitas mulheres eram encarregadas de trabalhar na Escola Dominical em função de suas atuações na comunidade religiosa ou pelo fato de serem esposas de pastores. Uma das professoras entrevistadas relatou, em seu depoimento, que ao se casar com um pastor da Igreja foi automaticamente encarregada de lecionar na Escola Dominical. Esse contato com a experiência docente lhe despertou um sonho antigo, que era o de ser professora, por isso acabou seguindo carreira na educação básica.

Verifica-se, que os ensinamentos da Igreja aos seus professores tinham características voltadas para a doutrina e para como esta deveria ser ensinada nas Escolas. Mas os professores, ao atuarem na prática, preocupavam-se com o alcance e a compreensão dos alunos, em buscar a ludicidade, a criatividade, em contação de histórias e atividades que fossem prazerosas e significativas aos alunos.

Mesmo que a mulher buscasse ocupar outros espaços dentro da Igreja, ela deveria demonstrar respeito, educação e recato, pois estaria ocupando um papel missionário muito importante na sua vida religiosa. Sobre isso, Hedi (2024) contou que em um curso, aprendeu que a apresentação do professor perante seus alunos é muito importante. Que não se deveria usar joias demais e nem roupas extravagantes, e de preferência roupas com tipografias da Igreja.

A seguir são apresentados subcapítulos que buscam demonstrar os achados da pesquisa e apresentar alguns fragmentos que unidos trazem a dimensão da formação da professora de Escola Dominical da IELB. Inicia-se pelos materiais destinados aos docentes.

4.1 Materiais para os docentes da Escola Dominical

A IELB tinha uma preocupação com a formação docente e o preparo das pessoas que estariam à frente da Escola Dominical, pois seriam essas pessoas que trariam os ensinamentos bíblicos para as crianças e assim preparariam o caminho desse educando para sua permanência enquanto fiel luterano. Esse preparo consistia em cursos de formação de professores e distribuição e venda de diferentes materiais que serviriam de apoio para as aulas. Entretanto, no decorrer da tese veremos que as professoras construía muitos recursos com suas próprias mãos, o que se define como artefatos pedagógicos.

Sobre a consolidação de materiais para a Escola Dominical, o entrevistado Elmer traz a seguinte fala:

Eu nunca fui professor de escola dominical, eu tinha sido contratado para produzir material para a escola dominical, por que não tinha material, e era muito difícil, por que não tinha o que traduzir e inventar não podia, então tinha que achar alguma coisa, e devagarinho ir juntando material, e com o tempo se foi fazendo alguns materiais, mas não se tinha muitos recursos (Elmer, 2024).

Silvana também fala da necessidade de se ter recursos, pois seria uma responsabilidade tirar as crianças do culto para colocá-las em um ambiente reservado e ensiná-las sobre a palavra de Deus:

Essa defesa da importância do recurso para trabalhar com as crianças, porque o recurso audiovisual, inclusive, um dos grandes objetivos, ele incentiva a criança e leva a criança a pensar porque ele explora todos os sentidos, a visão, audição, etc., então nesse sentido, a importância deste material, era a primeira coisa que a gente sempre abordava, mas não havia muito material pronto na época, havia alguma coisa vinda dos Estados Unidos e que não correspondiam a nossa realidade. E tinha alguns outros materiais isolados, antes de o Oscar assumir o DEP. E durante esse período de 84 a 95, enquanto o Oscar esteve no DEP, realmente nós produzimos muita coisa. Exatamente em termos de mostrar que essa ideia de chegar na frente de uma criança, tirando esta criança do culto e levando para um espaço especial, chegar na frente dela sem nada, ou com uma bíblia na mão e eu vou alcançar os resultados que eu quero, que eu busco, e isto, como eu disse, não quer dizer que a gente esteja duvidando a força do Espírito Santo, mas para que a gente busque isso, busque esse interesse da criança, busque a participação deles e todo o resto, precisamos de recursos (Silvana, 2025).

Nas entrevistas foi reportado que no início da Comissão da Escola Dominical havia uma escassez de materiais, sendo relatado que muito se utilizou o material da APEC, que era de outra denominação evangélica. As entrevistadas lembraram a parte teológica era adaptada para a doutrina da IELB.

Nesse sentido, retoma-se a palavras de Ângela, que diz que no início das atividades

Eram pouco materiais e aqueles materiais com fundo doutrinário perfeito, que faltava didática, da coisa mais pedagógica mesmo para as crianças e isso foi se aperfeiçoando... foi se colocando atividades, dinâmicas, porque o material antigo do meu tempo de criança e de início de professora a gente tinha que produzir tudo, a gente tinha a história e a explicação da história, mas o resto tinha que produzir tudo (Ângela, 2022).

Pela fala da professora Ângela, no início das atividades da Escola Dominical a ação e a criatividade das professoras foram exigidas, para que produzissem seus materiais e recursos aos alunos, ações que denotam a ação pedagógica artesanal dessas mulheres. Nas entrevistas formou-se uma espécie de rede que envolveu pessoas que se dedicaram para a Escola Dominical, pois os entrevistados se mencionam ao longo das falas, como Ângela, que fala da produção de materiais feita por Elmer: “ele produziu também bastante material para a escola dominical, inclusive alguma coisa ele traduziu, mas ele também produziu bastante material para os professores” (Ângela, 2022).

O que se percebe, assim, é que no início das atividades, as professoras estavam sempre em busca de materiais que as auxiliassem. A entrevistada Gessi

comentou que pegava materiais da escola em que trabalhava para utilizar na Escola Dominical:

Eu pegava material emprestado na Escola e trazia para usar na igreja e depois devolvia para a escola, lá tinha várias historinhas com aqueles blocos enormes e eu aproveitei aquilo na escola dominical, principalmente naqueles primeiros anos que a gente não tinha material [...] (Gessi, 2023).

No avançar da pesquisa, viu-se que a partir do final da década de 1990 e início dos anos 2000 foi criada e utilizada a coletânea do “Professor em ação”, um material destinado de maneira específica ao professor:

Figura 24 – Coleção – “O professor em Ação”.



Fonte: Acervos pessoais de Loni, Gessi e Hedi (entrevistadas).

Na imagem, vemos quatro exemplares do livro “O professor em ação”, material organizado por Célia Marize Bündchen. Ela relatou que essa coleção é composta unicamente por esses quatro volumes. Percebe-se que a coletânea foi

completamente direcionada para o professor e que traz temas relevantes para entender o contexto da formação docente religiosa. Algumas das entrevistadas tinham esse material guardado até os dias atuais.

Percebeu-se que os materiais destinados aos alunos e professores de Escola Dominical foram se aperfeiçoando ao longo do tempo, pois a Igreja foi se organizando de maneira a contemplar o trabalho dos professores, conforme menciona Ângela (2022):

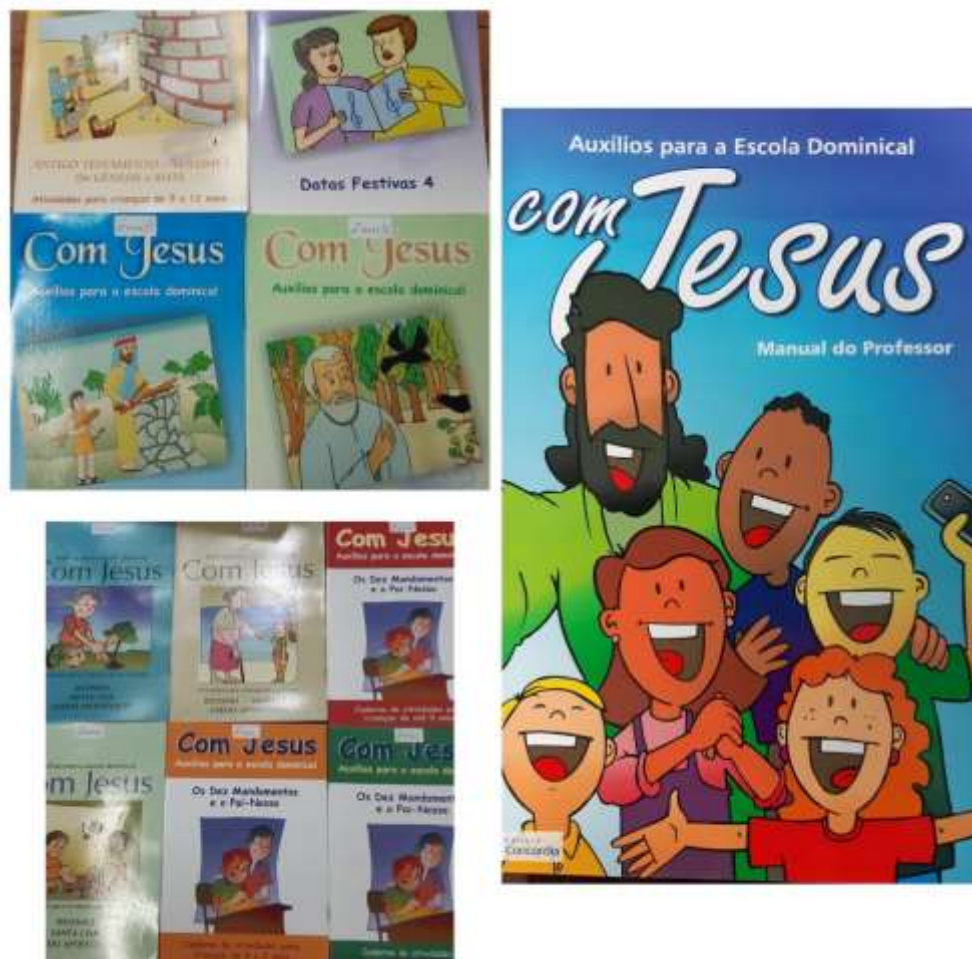
a gente não tinha muito material na igreja [...] mas hoje por exemplo o “Com Jesus” tem uma aula inteira, você pode pegar o “Com Jesus” seguir o passo a passo e você dá uma aula de escola dominical... a gente via muito professores perdidos, professores que tinham boa vontade, se dispunham que as vezes nem eram professores, eram pessoas da própria congregação que se dispunham, jovens como eu, que na época nem era professora também e se dispunham a fazer o trabalho, mas faltava uma orientação [...] Mas eu vejo assim que na igreja faltou material mas hoje a gente já tem uma coisa bem consistente, então eu acho esse material muito legal [...] a gente comprava muito material, eu mesma comprei muito material de outras igrejas para poder dar aula, até para a escola⁷⁰, porque eu precisava de um recurso maior, até para adolescentes e então a gente usava muito esses materiais de outras igrejas (Ângela, 2022).

A narradora menciona que quando começou a atuar como professora da Escola Dominical da IELB quase não havia uma organização e sistematização dos materiais didáticos para serem usados nas aulas. Relata que havia material doutrinário, mas que faltava um olhar pedagógico que facilitasse a compreensão do aluno e o desenvolvimento da aula pelo professor.

A professora Ângela (2022) menciona ainda, ao longo de sua entrevista, que buscava muito material pedagógico de outras denominações religiosas como uma forma de apoio para as aulas. Relata que, com o tempo, o material da IELB foi se adequando e melhorando o planejamento do professor, citando o “Com Jesus”, que é uma coletânea produzida até a atualidade pela IELB, um material específico para alunos e professores. Na imagem a seguir temos algumas das capas de exemplares do “Com Jesus”.

⁷⁰ A entrevistada Ângela Schünke atuou como professora e participante da Comissão da Escola Dominical da IELB e também como professora de ensino religioso na educação básica.

Figura 25 – Algumas capas do livro Com Jesus.



Fonte: Material disponível no Instituto Histórico da IELB.

Ao observar-se as capas, percebe-se que o material “Com Jesus” passou por modificações em sua materialidade ao longo do tempo, tinha o objetivo de demonstrar de maneira lúdica Jesus próximo das crianças, além de trazer diferentes temáticas a serem abordadas no planejamento da Escola Dominical se manteve.

[...] o nosso “Com Jesus” que eu acho que é uma benção para igreja, é um material bem estruturado dentro do que a igreja ensina, prega e com o advento da internet a gente percebeu que muitos professores estavam se baseando em material de pesquisas de outras igrejas, não que eles não sejam bons, a gente aprende muito com o material das outras igrejas, mas o cunho doutrinário, a unidade da doutrina a gente sempre gostou de manter, e esse era o objetivo do “Com Jesus” fazer com que todos dissessem a mesma coisa, por exemplo... eu vou contar uma história do Bom Samaritano e então existem, não é que existam interpretações diferentes, mas existem aplicações diferentes da história e as vezes essas aplicações podem não ser da nossa doutrina, a luterana, e o “Com Jesus” priorizou muito isso que tivesse esse cunho doutrinário único e se ensinasse em toda igreja a mesma aplicação para a história, o mesmo cunho doutrinário na verdade, não é o cunho religioso mas o cunho doutrinário, a doutrina da igreja (Ângela, 2022).

A professora Célia (2022) relata que a escrita do “Com Jesus” começou a se efetivar a partir dos anos 2000. Ou seja, percebe-se, que a partir dos anos 2000 houve um novo perfil de material publicado e distribuído entre os professores, com capas mais coloridas e mais sistematizado para diferentes públicos, fossem alunos ou professores. A professora Marilanda também comenta que o “Com Jesus” é um material mais recente:

A gente planejava junto o material para contar história, os fantoches, os bonequinhos, os desenhos, as coisas era tudo assim, compartilhado, mas agora não é mais assim, agora a gente se baseia naqueles Livros do “Com Jesus” que é o material mais atual e mais atualizado (Marilanda, 2024).

O “Com Jesus” é um exemplo de material organizado e atual, porém, para se chegar a um material estruturado é necessário preparo e tempo. A imagem a seguir demonstra a evolução dos materiais utilizados na Escola Dominical e da IELB.

Figura 26 - Evolução histórica das capas dos materiais utilizados na Escola Dominical da IELB.



Fonte: Acervo pessoal de Loni Weiduschadt.

É possível notar que ao longo dos anos as capas dos materiais foram sendo atualizadas com mais imagens e elementos coloridos, isto tanto para os materiais dos professores quanto dos alunos. Com isso, afere-se que a Igreja se organizou no

sentido de produzir um número maior de materiais destinados à Escola Dominical, bem como de aprimorar a organização gráfica buscando maior qualidade.

Com relação ao uso e acesso ao material que era disponibilizado para as aulas da Escola Dominical, uma das entrevistadas menciona que atualmente se tem muito mais acesso aos diferentes tipos de materiais, e que nem sempre foi assim:

Agora o acesso ao material é bom, antes era muito precário, não tinha muita coisa, bem no início eram aquelas figurinhas da APEC e alguns livros mais antigos, que às vezes ia passando de um professor para outro, às vezes usando o mimeógrafo⁷¹, a própria Bíblia, tinha que pegar a Bíblia e não era simplificada como tem Bíblia agora para criança, que conta em detalhes as coisas para a idade deles, naquela época exigia mais o esforço de você procurar, hoje tudo já vem mais pronto, tu só acessa ali e já tem o material, só que tem algo ruim é que tem muita coisa que não condiz com a Bíblia, porque tem muito livro, muito material pela internet, mas no fundo não combina com o que a Bíblia diz (Marilanda, 2024).

As entrevistadas mencionaram que fizeram muito o uso do flanelógrafo, e que reproduziram muitas atividades para seus alunos por meio do mimeógrafo, o que denota o uso de reprodução de atividades para os alunos. Muitas vezes, os materiais traziam imagens e dicas de alguma tarefa ou história bíblica que poderia ser reproduzida para o aluno.

Outro material utilizado foi um suplemento de apoio à Escola Dominical, esse material era uma espécie de anexo que estava dentro do Mensageiro Luterano. Para Roiz e Scherwinski (2008, p.227),

O Mensageiro Luterano passou a ser um órgão informativo oficial da Igreja Luterana do Brasil, regularmente publicada a cada mês. Sendo reflexo da Igreja e de suas ações no Brasil, o jornal foi ambiente de grandes discussões teológicas, doutrinárias e administrativas, entre outros assuntos ligados à formação dos luteranos no Brasil.

Verificou-se que dentro d'o "Mensageiro Luterano" eram disponibilizados suplementos que também auxiliavam o professor. Com o passar dos anos, foi "O Mensageiro Luterano" o principal veículo de comunicação da Igreja e responsável por informar seus fiéis sobre os acontecimentos que se davam nela.

Ao longo da pesquisa, ao observar exemplares d'o "Mensageiro Luterano" que traziam edições sobre as mulheres e sobre a Escola Dominical, percebeu-se que a IELB, na sua revista oficial, pouco mencionava sobre as atividades das mulheres, e ainda menos sobre as mulheres professoras. As figuras femininas são

⁷¹ As atividades mimeografadas são geralmente produzidas com escrita de próprio punho com o uso do papel hectográfico, comumente chamado de matriz. Para a reprodução eram usados o equipamento mimeógrafo ou duplicador, as folhas de papel e o álcool, que expressam nesta tipologia uma relação entre a produção e a reprodução das folhinhas (Monks, 2019).

tratadas como esposas de pastores, companheiras e missionárias, um discurso bastante conservador em relação ao papel da mulher na Igreja.

Porém, foram encontradas algumas matérias sobre a Escola Dominical e alguns congressos. Além disso, havia um suplemento da revista destinado às crianças. Nesta parte aparecem atividades e histórias com temas bíblicos.

Esse suplemento circulou antes do início das atividades d'o "Jornalzinho". Mesmo se tratando de um material mais enxuto, a entrevistada Gessi relata que no começo das atividades ele foi essencial, visto que quando começou a atuar na Escola Dominical o material também era muito escasso. Gessi mostrou todos os exemplares que utilizou desse suplemento⁷² para Escola Dominical. Levava o nome de "Mensageiro das Crianças". Este Mensageiro trazia histórias a serem contadas às crianças, sempre reforçando que estas deveriam frequentar a Escola Dominical.

O suplemento vinha no meio d'o "Mensageiro Luterano", eram duas ou quatro páginas que vinham, que duas páginas davam 4 lados, e ali vinha uma historinha e vinham histórias que também não eram bíblicas, vinham mensagens e aquele material a gente ia juntando para conseguir fazer material (Gessi, 2023).

Figura 27 – "Mensageiro das Crianças" - Suplemento do Mensageiro Luterano destinado à Escola Dominical. Edição Nº 1 - Janeiro de 1973.



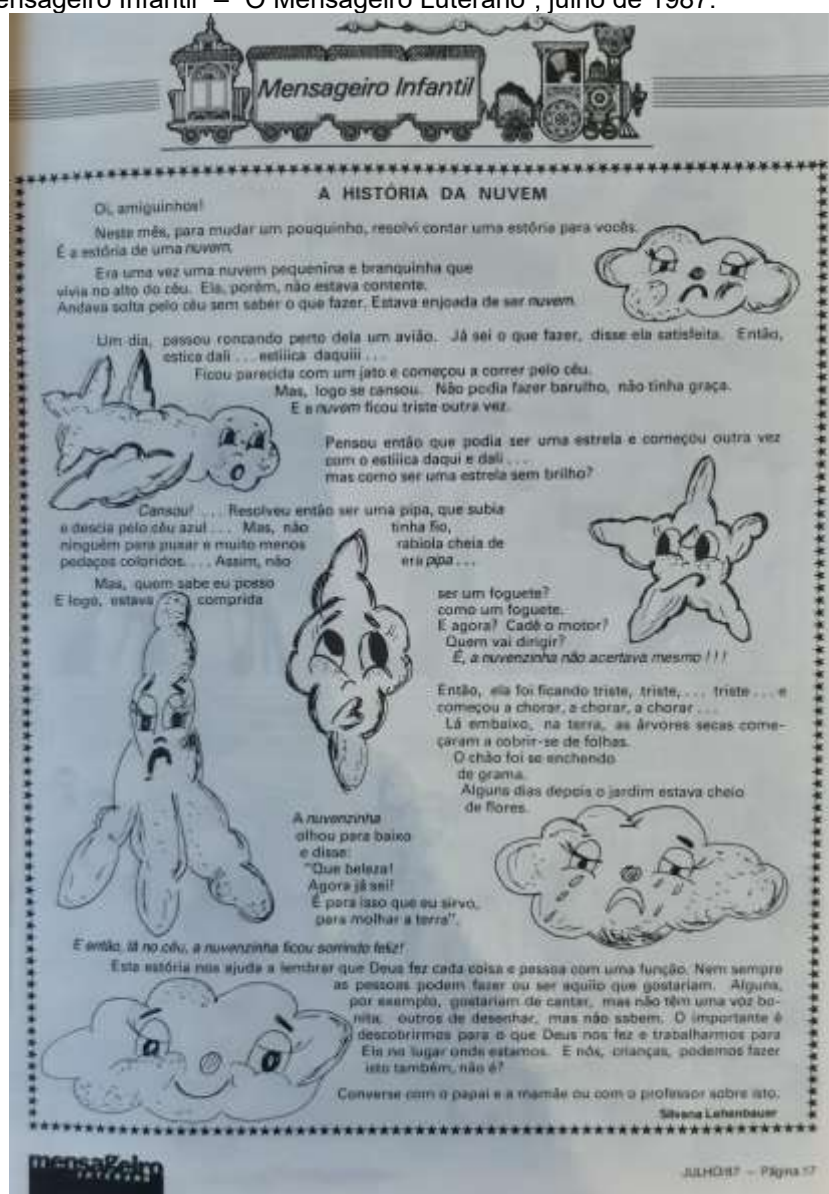
Fonte: Acervo pessoal de Gessi Ferreira.

⁷² O suplemento "Mensageiro das crianças" circulou n'o "Mensageiro Luterano" antes do início das edições completas d'o "Jornalzinho".

Ao longo desta pesquisa, buscou-se do Mensageiro Luterano⁷³ especialmente do período estudado, por matérias sobre mulheres, bem como por textos de divulgação de cursos e por materiais para a Escola Dominical.

Foi verificado que o periódico trouxe em seu conteúdo uma parte dedicada a professores e alunos, a qual continha atividades didáticas. A seguir, apresenta-se uma imagem d'o "Mensageiro infantil" que traz uma história bíblica ilustrada escrita por Silvana Lehenbauer.

Figura 28 – "Mensageiro Infantil" – "O Mensageiro Luterano", julho de 1987.



Fonte: Acervo pessoal de Loni Weiduschadt, 2024.

⁷³ O acervo das diversas edições d'o "Mensageiro Luterano" foi disponibilizado para consulta pela entrevistada Loni Weiduschadt.

Mensageiro Infantil

A HISTÓRIA DA NUVEM

Oi, amiguinhos!

Neste mês, para mudar um pouquinho, resolvi contar uma história para vocês. É a história de uma nuvem.

Era uma vez uma nuvem pequenina e branquinha que vivia acima do céu. Mas, porém, não estava contente. Andava solta pelo céu sem saber o que fazer. Estava enjoada de ser nuvem.

Um dia, passou roncando perto dela um avião. Já sei o que fazer, disse ela satisfeita. Então, estica dali... estica de lá... Ficou parecida com um jato e começou a correr pelo céu. Mas, logo se cansou. Não podia fazer barulho, não tinha graça. E a nuvem ficou triste outra vez.

Pensou então que podia ser uma estrela e começou outra vez com o estica daqui e dali... mas como ser uma estrela sem brilho?

Cansou!

... Resolveu então ser uma pipa, que subia e descia pelo céu azul... Mas, não tinha cabos, e ninguém para puxar e muito menos pedaços coloridos... Assim, não ... Mas, nem sabia ao certo o que fazer. E logo, estava bem comprida e sem um foguete?

Correndo, correndo. E agora? Cadê o motor? Quem vai dirigir?

... E a nuvenzinha não acertava mesmo!!!

Então, ela foi ficando triste, triste... triste... e começou a chorar, a chorar, a chorar...

E a chuvinha, na terra, as árvores secas começaram a cobrir-se de folhas.

O chão foi se enchendo de flores.

A alguns dias depois o jardim estava cheio de flores.

A nuvenzinha olhou para baixo e disse:

Que beleza! Agora já sei! É para isso que eu sirvo, para molhar a terra!

E então, lá no céu, a nuvenzinha ficou sorrindo feliz!

Esta história nos ajuda a lembrar que Deus fez cada coisa e pessoa com uma função. Nem sempre as pessoas podem fazer o que aquilo que possuem. Alguns, por exemplo, gostam de cantar, outros tem uma voz bonita; outros de desenhar, mas não sabem. O importante é conhecermos para o que Deus nos fez e trabalharmos para Ele no lugar onde estamos. E nós, crianças, podemos fazer isto também, não é?

Converse com o papai e a mamãe ou com o professor sobre isto.

Silvana Lehenbauer

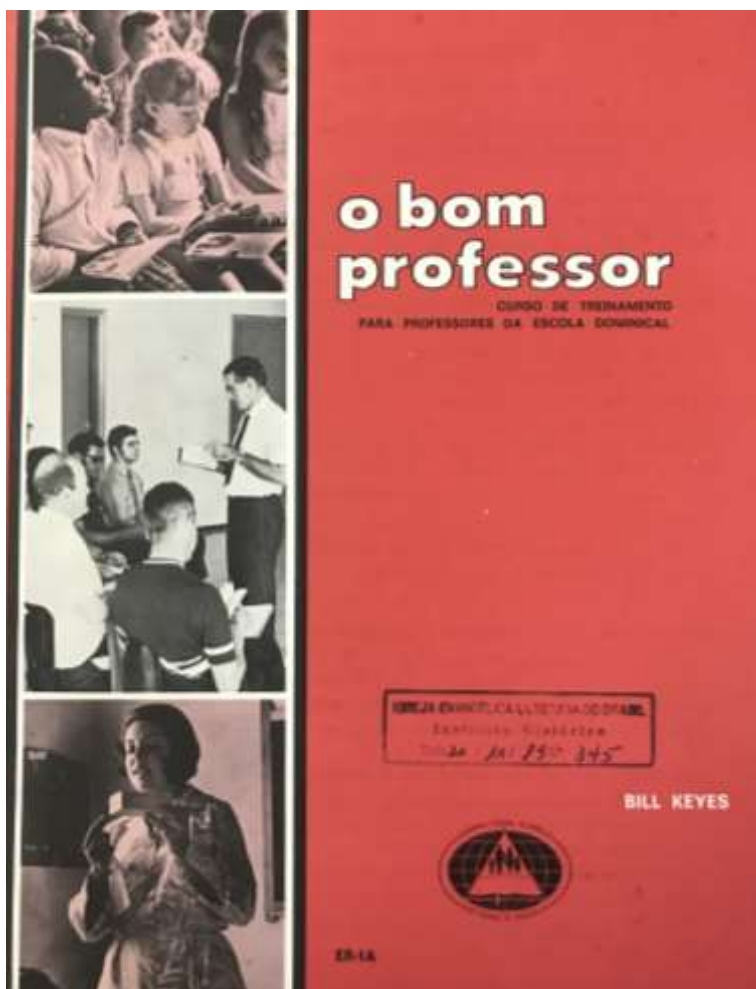
JULHO/87 – Página 17

Percebe-se que com o passar dos anos os materiais para os professores foram sendo aperfeiçoados e melhor adaptados para as suas respectivas realidades. Um desses materiais utilizados na Escola Dominical que merece destaque é “O Jornalzinho”, que será melhor discutido nos subcapítulos que se seguem. Este periódico foi sistematizado pela própria Comissão de Escola Dominical e circulou entre os professores nas décadas de 1980 e 1990. Foi um meio de divulgação de informações e dicas didáticas direcionado para os docentes dessa escola.

Na visita de pesquisa realizada no Instituto Histórico da IELB, em 2022, foi visto que a IELB possui um uma série de materiais que ao longo dos anos contribuíram para a formação de professores. Ao observar esses materiais é complexo dimensionar quais exatamente foram em maior escala utilizados. Porém, subentende-se que apenas pelo fato de existirem salvaguardados, eles podem ter sido utilizados em diferentes contextos e realidades. É o caso do livro “O Bom

Professor: Curso de treinamento para professores da escola dominical”, apresentado a seguir.

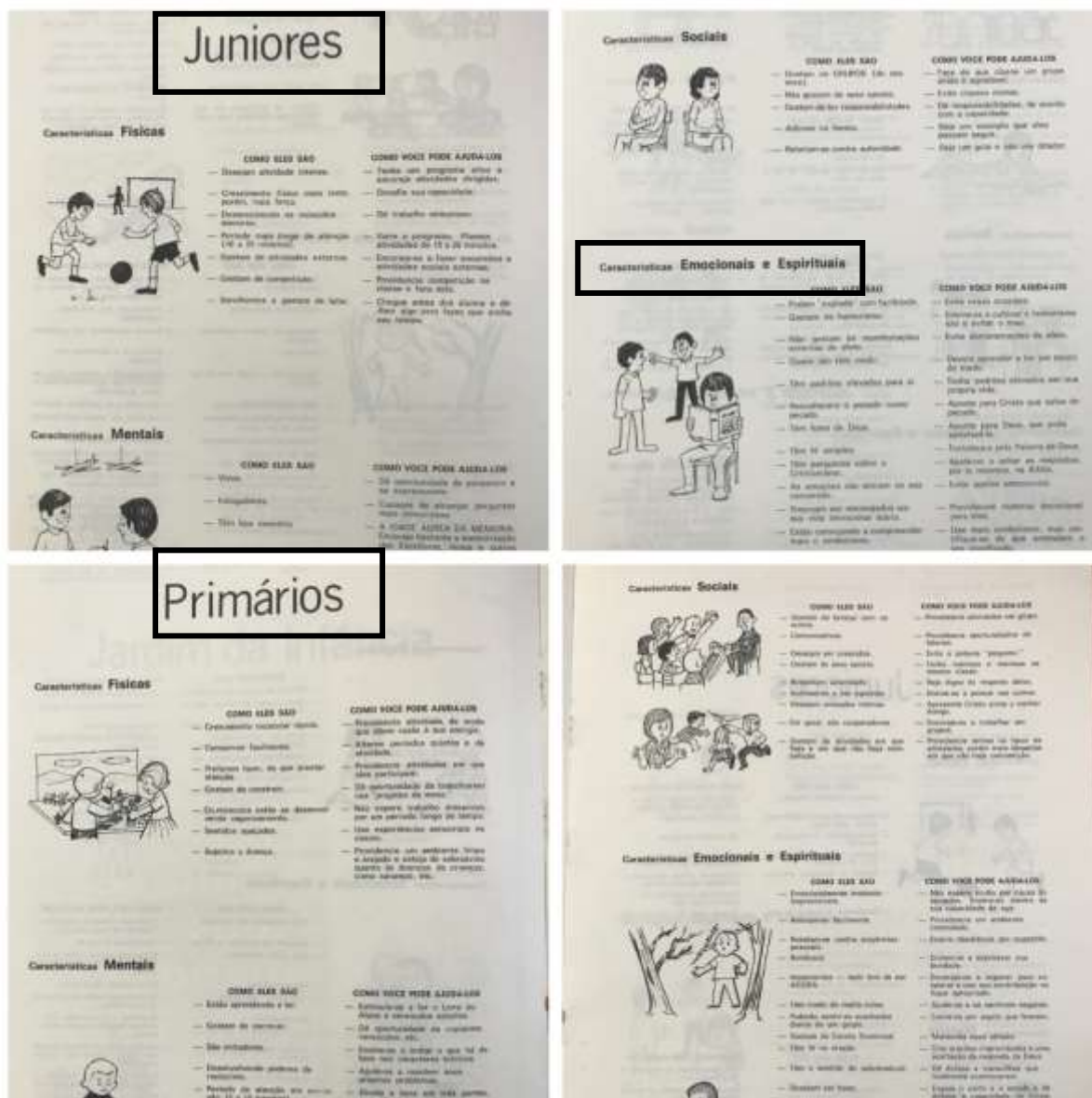
Figura 29 – Livro “O Bom Professor: Curso de treinamento para professores da Escola Dominical”, de 1989.



Fonte: Instituto Histórico da IELB, 2022.

Essa obra traz diferentes tópicos que elencam itens entendidos como importantes a serem estudados. O livro também traz uma divisão entre as faixas etárias (jardim de infância, primários, juniores, adolescentes, jovens e adultos) e suas características (físicas, mentais, sociais, emocionais e espirituais).

Figura 30 – Faixas etárias e características dos alunos da Escola Dominical.



Fonte: “O Bom Professor: Curso de treinamento para professores da Escola Dominical”, 1989. Instituto Histórico da IELB. 2022.

JUNIORES
PRIMÁRIOS
Características Físicas, Mentais, Sociais, Emocionais e Espirituais.

Na imagem apresentada aparecem características referentes aos estágios de desenvolvimento da criança. Ao lado da característica do período, a obra traz sugestões de como o professor pode ajudar o aluno nesta fase.

O quadro a seguir ilustra o que se apontou acerca dessas sugestões, com relação às características mentais das crianças em fase primária:

Quadro 7 – Características mentais e estratégias de trabalho com crianças em Idade Primária.

CARACTERÍSTICAS MENTAIS – PRIMÁRIOS	
COMO ELES SÃO	COMO VOCÊ PODE AJUDÁ-LOS
Estão aprendendo a ler.	Estimule-os a ler o Livro do Aluno e versículos simples.
Gostam de escrever	Dê oportunidades de copiarem versículos, etc.
São imitadores.	Ensine-os a imitar o que há de bom nos caracteres bíblicos.
Desenvolvendo poderes de raciocínio.	Ajude-os a resolver seus próprios problemas.
Período de atenção em expansão (5 a 15 minutos).	Divida a hora em três partes, com atividade variadas.
Gostam de fatos e fantasias.	Use ambos, mas faça distinção entre eles.
Limitada capacidade de se expressar.	Ajude-os a se expressarem em grupo.
Têm boa memória.	Cumpra as promessas e anime-os a decorar
Têm mente literal.	Evite simbolismo.

Fonte: “O Bom Professor: Curso de treinamento para professores da Escola Dominical”, 1989. Instituto Histórico da IELB, 2022.

A partir das dicas apresentadas anteriormente é possível observar que para cada característica do aluno recomenda-se uma ação docente.

Também é complexo dimensionar como cada professora organizava seu material e quais eram os mais utilizados em suas aulas. Em uma das entrevistas, uma das professoras emprestou para a pesquisa alguns dos cadernos em que registrava um resumo da sua aula e a frequência dos alunos. Esta entrevistada atua na Escola Dominical há mais de 50 anos, não é esposa de pastor e nem professora de educação básica, mas em seus cadernos é visível uma preocupação em organizar suas aulas e seus registros.

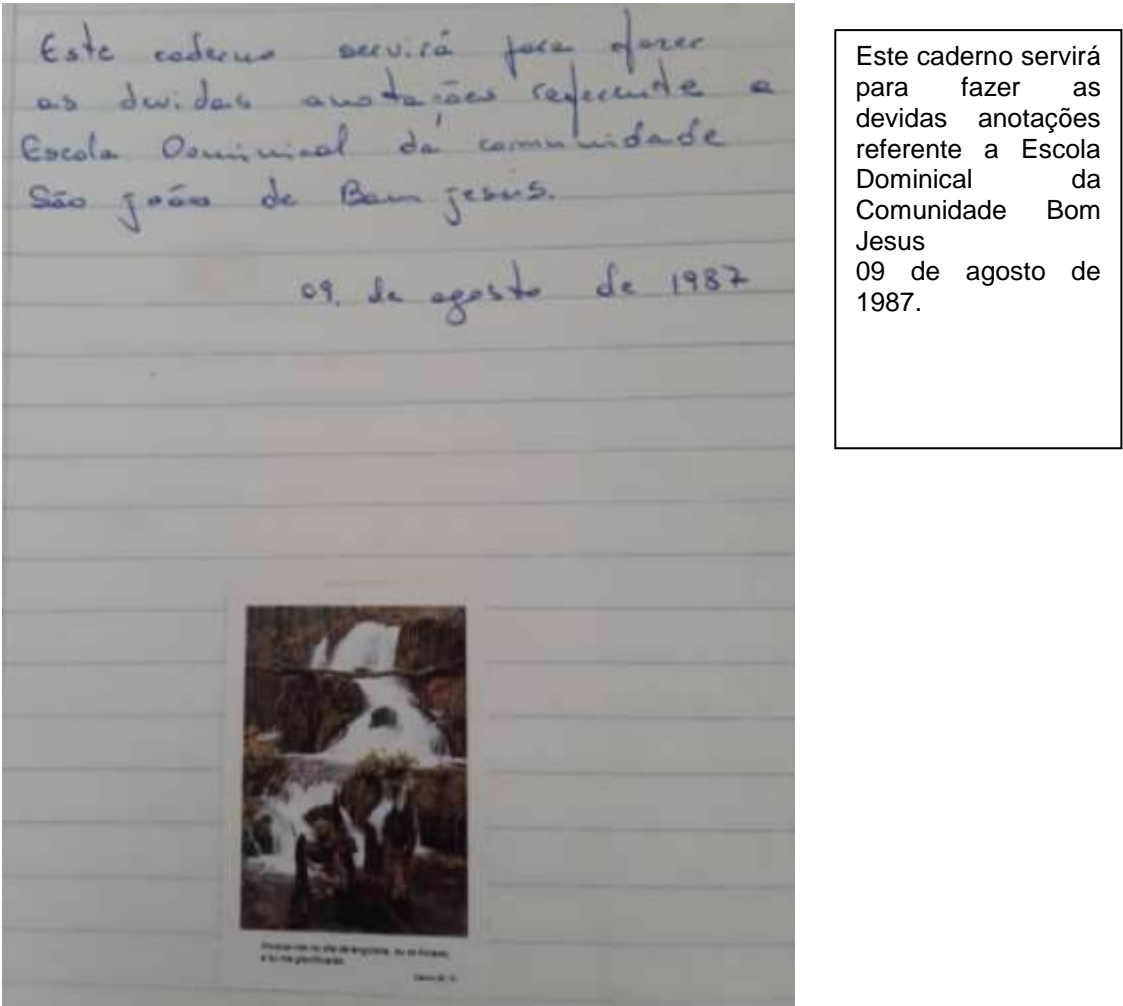
Figura 31 – Cadernos das aulas da Escola Dominical.



Fonte: Acervo pessoal de Hedi Blank, 2024.

Os cadernos da imagem anterior apresentam dados referentes aos anos de 1985 a 1995 sobre a frequência dos alunos, os resumos de aulas, resumos de histórias bíblicas, o valor de ofertas arrecadadas e alguns gastos feitos com materiais para serem usados nas aulas. A seguir apresenta-se, particularmente, um caderno da professora Hedi, do ano de 1987:

Figura 32 – Caderno de anotações da Escola Dominical, Comunidade São João de Bom Jesus, 1987.



Fonte: Acervo pessoal de Hedi Blank, 2024.

Elaborou-se, tendo em vista os achados da pesquisa, um pequeno quadro com o surgimento do material destinado ao professor e o seu respectivo ano de publicação:

Quadro 8 – Materiais para docentes da Escola Dominical, ano de surgimento e circulação

NOME DO MATERIAL	ANO DE INÍCIO / CIRCULAÇÃO
Suplemento Mensageiro das Crianças – Dentro do Mensageiro Luterano	Década de 1970.
Material da Silvana Lehenbauer	1986
O Jornalzinho	1985-1995
Coletânea professor em Ação	1997
Com Jesus	1999-2000

Fonte: organizado pela autora, 2024.

Verificou-se que com o passar dos anos a intensidade de produção do material foi crescendo, o que pode estar relacionado com o número de pessoas que

estavam dedicadas a essa função, bem como o investimento e a estrutura administrativa da IELB.

Ao encontro dos achados de pesquisa, as entrevistadas também mencionaram que ao longo dos anos houve uma significativa evolução nos materiais e que com o passar dos anos os materiais foram sendo confeccionados e organizados pelos próprios professores e pela administração da IELB.

Silvana (2022) fala que:

É interessante olhar esses materiais justamente para ver toda essa evolução, ver primeiro aquela questão de lá quando eu comecei em Arroio do Meio com meu sogro, aquela visão das teorias educacionais da época, aquela coisa bem mecanicista, aquela coisa de contar uma história e contar quem foi? Onde foi? Quem foi? E o que a gente aprendeu, como se eles pequenos tivessem condições de refletir sobre o que se aprendeu e o que isso aplica na vida da gente e a partir disso eles também foram evoluindo muito nos materiais e no desenvolvimento da ação educacional cristã relacionando a teorias educacionais, que foi o que sustentou muito. Eu acho que dá claramente para perceber essa evolução nos materiais.

No trecho, Silvana fala que a ação educacional cristã acompanhada das teorias educacionais traz uma evolução dos recursos e da ação que foi desenvolvida na Escola Dominical ao longo dos anos.

4.2 O Jornalzinho

Outro material muito utilizado entre os anos 1980 e 1990 na Escola Dominical foi “O Jornalzinho”, uma espécie de jornal destinado para professores de Escola Dominical, sendo um material produzido inicialmente pela Comissão de Escola Dominical, liderada por Silvana Lehenbauer. Vejamos a capa de alguns exemplares, a coleção completa encontra-se preservada no Instituto Histórico da IELB.

Figura 33 – Capas de dois exemplares d'o "Jornalzinho"



Fonte: Material disponível no Instituto Histórico da IELB.

Uma análise dos textos presentes n'o "Jornalzinho" torna possível perceber que este instrumento buscava incentivar aos professores para que se engajassem na sua atuação docente. Na imagem anterior, "O Jornalzinho" informa sobre a realização de um Congresso para professores de Escola Dominical, buscando incentivar a participação dos docentes neste momento formativo. Além de trazer informações sobre a organização da Escola Dominical, o periódico reservava um espaço para dicas didáticas ao qual os professores também podiam fazer sugestões de atividades, de maneira que fossem compartilhadas com os leitores interessados.

A imagem anterior mostra duas capas do periódico "O Jornalzinho", que surgiu com o objetivo de amparar o trabalho docente nas Escola Dominicais. Mas além das dicas didáticas sobre as aulas e confecção de materiais, eram também constantemente abordados temas religiosos, como no caso da primeira capa apresentada, que fala sobre os princípios luteranos:

Uma parcela de cristãos são chamados de luteranos porque sabem que os ensinamentos acerca de Jesus e da vida eterna, que são apresentados por Martinho Lutero, são ensinados da Bíblia; A escritura é seu único fundamento. Lutero descobriu ou redescobriu na Bíblia que o homem é salvo pela graça, mediante a fé no filho de Deus. A vida eterna é um dom

gratuito de Deus para aqueles que confiam em Cristo como o único a salvá-los do pecado e da morte (O Jornalzinho, Nº 30, 4º trimestre, 1992).

Desta maneira, “O Jornalzinho” tinha a função de trazer informações para o fortalecimento doutrinário e pedagógico de seus leitores. Assim como trazido em pesquisas Albrecht (2024), Barreto (2023) e Weiduschadt (2012), a produção de periódicos especificamente luteranos está relacionada com a consolidação do luteranismo, visto que esses periódicos carregam intencionalidades e objetivos comumente relacionados com a doutrina religiosa.

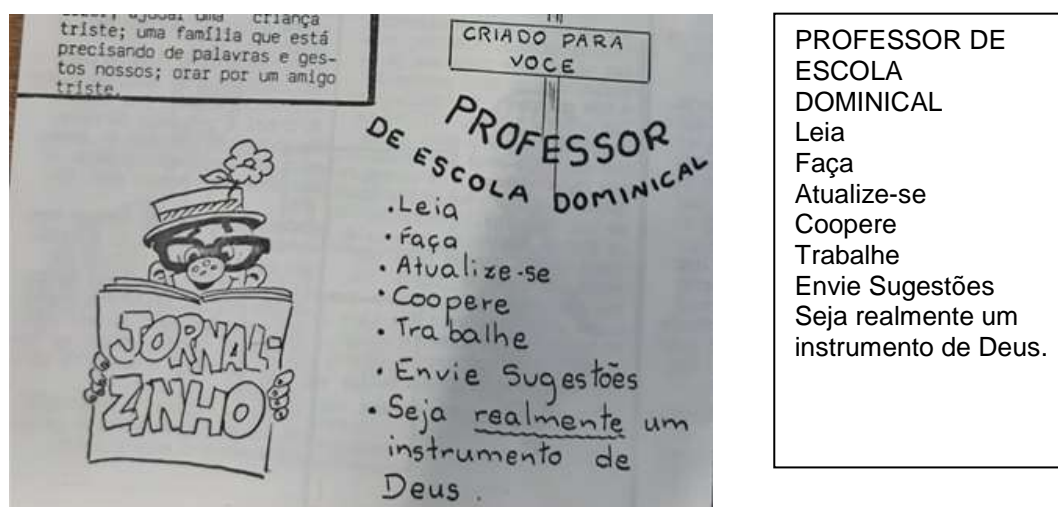
De acordo com Weiduschadt (2012), o estudo de periódicos religiosos fornece pistas dos modelos educativos e religiosos propostos para o contexto.

O impresso permite entender e compreender os modos e as práticas desenvolvidas pela instituição editorial, permite também perceber, por meio de conteúdos e textos, o projeto educativo que se pretende instaurar, e fornece pistas de modos desejáveis da apropriação dos leitores (Weiduschadt, 2012, p. 18).

Percebe-se, assim, por meio do levantamento de documentos e pelas entrevistas, que “O Jornalzinho” foi um instrumento utilizado por professoras de Escola Dominical, principalmente entre os anos de 1980 e 1990. A análise de algumas de suas temáticas permite que a pesquisa identifique os pontos que eram elencados para o preparo dos professores, bem como para deixar esses docentes a par dos acontecimentos do âmbito educacional da IELB.

“O Jornalzinho” era um material de poucas páginas, mas que trazia, além de informações, ensinamentos e dicas didáticas aos seus professores, também uma parcela de incentivo.

Figura 34 - Incentivo aos professores de Escola Dominical – “O Jornalzinho”, 3ª edição de 1985.



Fonte: Acervo do Instituto Histórico da IELB.

A imagem anterior foi extraída de uma das primeiras edições d’o “Jornalzinho”, quando ele ainda tinha muitas partes que eram feitas à mão, com ilustrações produzidas de maneira artesanal. Ao olhar todas as edições do periódico, percebeu-se que somente em 1991 as edições começaram a ter ilustrações não manuais.

Assim, nos primeiros anos, “O Jornalzinho” foi essencialmente manual. Silvana relata que produzia muitas partes dele com as próprias mãos:

“O Jornalzinho”, a gente escrevia todo ele, nesse período. Eu elaborava o texto e mandava para a secretária do Oscar, ela digitava os textos em papel de ofício, e aí eu recortava tudo a mão, eu recortava o texto e colava em cima da folha que era a matriz d’o “Jornalzinho”, e eu desenhava alguma coisa, como exemplo da ovelhinha (Silvana, 2025).

Nesta última fala, Silvana relata que ao produzir “O Jornalzinho” ela era uma formadora artesã, pois com suas próprias mãos produzia um material didático que seria utilizado por outras professoras em suas aulas na Escola Dominical.

A edição apresentada na figura anterior é do ano de 1985. Na imagem é apresentado um trecho da revista com incentivo para que os professores estudem, trabalhem e se atualizem, para que fossem considerados “instrumentos de Deus”; também incentiva que os professores colaborem e enviem sugestões para serem abordadas nas futuras edições do periódico.

Verifica-se que as dicas de atividade que eram trazidas para as aulas eram divididas conforme a idade da criança. O Jornalzinho trazia o público, de pré-escolares (que seriam as crianças até 7 anos, que naquela época ainda não frequentavam a escola); os escolares (as crianças que estavam em idade escolar, de aproximadamente 7 a 11 anos) e os pré-confirmandos (que seriam os pré-adolescentes, aquelas crianças entre 11 e 13 anos que estariam próximas a concretizarem o rito da confirmação). Essa subdivisão entre o público das crianças da Escola Dominical visava colaborar com o professor no momento de este propor sua atividade e elaborar as aulas.

O periódico apresentava algumas seções que procuravam auxiliar e informar seus professores. Trazia dicas lúdicas, sobre como contar as histórias bíblicas, e também informava sobre os cursos de formação docente que a Igreja oferecia.

Uma coluna recebeu o nome de “Preparando-me para ser Professor”, que abordava sobre como o professor deveria agir frente aos alunos, a linguagem que

deveria utilizar, enfatizando a necessidade de um bom planejamento. Nesta coluna também havia escritos que explicavam aos reitores o perfil das crianças de cada faixa etária.

Outra coluna ganhou o nome de “Usando a criatividade”. Nela, o Jornalzinho trazia dicas práticas de contação de histórias bíblicas para as crianças, atividades de dobradura, desenhos, jograis, cruzadinhas, e demais sugestões que incentivavam a criação de recursos pedagógicos, fator que contribuiu para a constituição das professoras como artesãs pedagógicas. Vejamos um exemplo dessa coluna na figura a seguir:

Figura 35 – Coluna Usando a Criatividade – “O Jornalzinho”, ano 8, n.28, 2º trimestre, 1992.



Fonte: Acervo do Instituto Histórico da IELB.

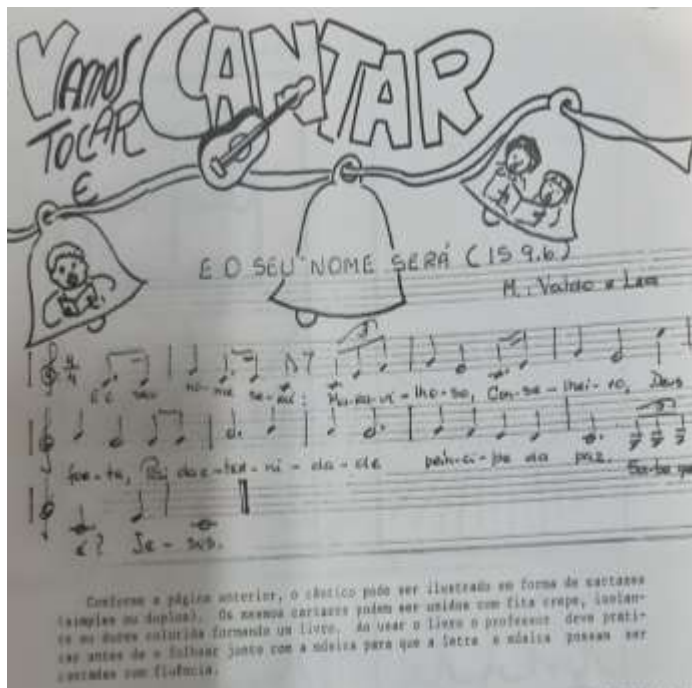
USANDO A CRIATIVIDADE

Apresentamos aqui uma ideia da Congregação Concórdia, de Porto Alegre, RS e, que sempre nos chama atenção ao frequentarmos seus cultos na forma de sugestão para o que a escola dominical poderia assumir como tarefa sua durante o ano todo: Painel com o tema da Igreja.

Este painel pode ser confeccionado tendo como fundo folhas de isopor. Deve ser feito em dimensões grandes como uma porta. As ilustrações e as cores mudarão conforme o calendário litúrgico, inclusive as letras. Estas também poderão ser feitas em uma cor neutra e permanecer sempre. O fundo poderá ser todo coberto com papel da cor litúrgica correspondente ao calendário. Sobre esse fundo colar-se-ão ilustrações correspondentes que, na medida do possível, deverão ser recordadas em papel colorido e coladas sobre o fundo.

Outra parte da revista abordava a música, trazendo dicas de como ensinar música e sugestões de cantigas religiosas. Na figura anterior, verifica-se que são feitas ilustrações, provavelmente com o objetivo de chamar a atenção do leitor, pois, como destaca de Luca (2008, p.140), “os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que o cercam”.

Figura 36 - Coluna “Vamos Cantar” – “O Jornalzinho”, 4º trimestre, 1990.



VAMOS CANTAR

Conforme a página anterior, o cântico pode ser ilustrado em forma de cartazes (simples ou duplos). Os mesmos cartazes podem ser unidos com fita crepe, isoladamente ou dures colorida formando um livro. Ao usar o livro o professor deve praticar antes de o folhear junto com a música para que a letra e a música possam ser cantadas com fluência.

VAMOS TOCAR

Conforme a página anterior, o cântico pode ser ilustrado em forma de cartazes (simples ou duplos). Os mesmos cartazes podem ser unidos com fita crepe, isoladamente ou dures colorida formando um livro. Ao usar o livro o professor deve praticar antes de o folhear junto com a música para que a letra e a música possam ser cantadas com fluência.

E O SEU NOME SERÁ (IS 9.6)

M. Valde e Lam

no-me-se-ná: Ma-na-ut-lhe-se, Cen-se-lhe-ro, Deus
fo-to, Re-cha-hat-ni-ela-cle, pe-hi-co-je-ato-poz, Cen-se-je

Se-Sub.

Fonte: Acervo do Instituto Histórico da IELB.

Como observado na figura, um exemplar do ano de 1990, é trazida a música em uma forma de partitura, e em seguida a sugestão de criar um cartaz com a letra dessa música, para que assim as crianças tivessem fluência no canto do hino.

“O Jornalzinho” deixou de circular em formato de periódico no ano de 1995. Ao analisar os documentos apresentados por entrevistadas, notou-se que a partir de 1996, o mesmo passou a ser incorporado n’o “Mensagem das Crianças”, um encarte d’o “Mensagem Luterano”. Provavelmente essa mudança na estrutura d’o “Jornalzinho”, que passou de um encarte individual para uma adaptação para dentro d’o “Mensagem Luterano”, esteja relacionada com a saída de Silvana da Comissão da Escola Dominical. É preciso levar em consideração, como relataram alguns depoimentos, que o número de tiragens e o interesse pelo periódico foi diminuindo.

Em edição de dezembro de 1996, identifica-se uma explicação sobre a fusão d’o “Jornalzinho” com “O Mensageiro Luterano”:

Professor, está em suas mãos a nova proposta d’O Jornalzinho. Como encarte do Mensageiro Luterano e justaposto ao Mensageiro das Crianças, O Jornalzinho será mensal e poderá ser utilizado por professores de Escola Dominical de todas as congregações da IELB. As Atividades do MC ampliarão a quantidade de material disponível para o professor, pois poderão servir de base ou ideia para as atividades a serem desenvolvidas na Escola Dominical. Além disso, o material dirigido ao professor eventualmente poderá servir de recurso para os pais, assinantes do ML, no processo de educação cristã de seus filhos (Suplemento Mensageiro Luterano – O Jornalzinho, Dezembro, 1996).

[illegible]

Técnicas de ensino na Escola Dominical

As técnicas são recursos didáticos utilizadas por profissionais da educação para estimular e desenvolver a criatividade do educando.

A tecnologia está invadindo todos os setores de produção, chegando às salas de aulas e obtendo sucesso entre os alunos.

O computador está sendo manipulado por crianças de todas as idades, em várias escolas de nosso país. O vídeo tem contribuído para facilitar, enriquecer, animar dinamizar a tarefa do educador no meio educativo.

O que nós, professores de Escolas Dominicais, temos feito para melhorar o nosso desempenho profissional como escolhido de Deus para trabalhar com crianças de nossas congregações? Como poderíamos utilizar os recursos tecnológicos para facilitar a tarefa de ensinar e motivar os nossos alunos?

Enquanto a tecnologia não chega ao ambiente da Escola Dominical, vamos procurar fazer o nosso trabalho da melhor maneira possível, procurando auxílios inovadores para criar ambiente de trabalho onde o grupo participe e se desenvolva intelectual e espiritualmente. Deus nos dá inteligência e capacidade de trabalho para desempenharmos bem a nossa tarefa de educar.

Além das Técnicas Didáticas, os Jogos Didáticos também enriquecem nosso trabalho. Vamos falar sobre eles.

TÉCNICAS DIDÁTICAS OU TÉCNICAS DE ENSINO

I- DRAMATIZAÇÃO

A Dramatização representa uma das atividades que muito tem contribuído para o bom desenvolvimento da personalidade do aluno. É fácil de preparar e toda criança gosta de participar da dramatização. Ela não pode ser improvisada. Todo trabalho deve ser planejado para que você tenha objetivos claros.

Uma história contada através da dramatização pode ficar retida na mente e no coração da criança por toda a sua vida. Estas são algumas vantagens que podem ser obtidas pelas crianças ao se trabalhar com a dramatização:

enriquecimento do vocabulário; desinibição; desenvolvimento de novos conceitos e informações; desenvolvimento da imaginação; socialização; participação; desenvolvimento de espírito de grupo; trabalho em grupo; resolução de conflitos emocionais; desenvolvimento de autocontrole; desenvolvimento de valores morais; desenvolvimento de valores espirituais; disciplina; coragem, responsabilidades desenvolvidas.

A Dramatização pode ser feita com histórias bíblicas, sendo os próprios alunos os personagens. Além desta modalidade, pode-se usar fantoches, bonecos, figuras bíblicas, etc. Além dos temas bíblicos, podemos usar temas da vida real.

O nosso objetivo maior é que a criança participe e aprenda a lição que foi planejada para aquela aula dominical.

O recurso da dramatização não deve ser usado semanalmente. Deve ser uma técnica intercalada com outras, para não cansar as crianças.

Iracy D. Hoffmann

Professor,

Está em suas mãos a nova proposta d'O Jornalzinho. Como encarte do Mensageiro Luterano e justaposto ao Mensageiro das Crianças, O Jornalzinho será mensal e poderá ser utilizado por professores de escola dominical de todas as congregações da IELB. As atividades do MC ampliarão a quantidade de material disponível para o professor, pois poderão servir de base ou ideia para atividades a serem desenvolvidas na Escola Dominical. Além disso, o material dirigido ao professor eventualmente poderá servir de recurso para os pais, assinantes do ML, no processo de educação cristã de seus filhos.

“O Jornalzinho” aborda a importância da dramatização na atuação do professor na Escola Dominical, dando a entender que no momento de contar a história, o professor não deve improvisar, pois a dramatização faz prender a atenção do aluno, e é esse encantamento na história que pode contribuir para que esse aluno aprenda e guarde aquela história em sua memória.

Concede-se, deste modo, ênfase às técnicas e aos jogos didáticos para atrair a atenção dos alunos. No texto também são trazidos questionamentos para os próprios professores refletirem sobre sua prática.

Logo, os instrumentos de formação traziam momentos de reflexão para os professores, para que soubessem de suas responsabilidades e autoavaliassem sua prática.

No decorrer da pesquisa foi feita uma entrevista com Elmer Roll, pastor emérito da IELB, que por muito tempo atuou como redator d'o "Jornalzinho". Ele também foi tradutor de diversos materiais produzidos em inglês nos Estados Unidos e enviados ao Brasil para serem utilizados pela IELB, além de integrante ativo da Comissão de Escola Dominical.

Sobre "O Jornalzinho", Elmer (2024) comenta que:

Enquanto ele existiu eu participei, eu era o redator, eles me mandavam o material e eu geralmente tinha que escrever um artigo e a Silvana tinha uma parte que era "Preparando-me para ser professor", e tinha a parte dos jogos e exercícios, tinha a parte das festividades dos anos, e tinha a parte da música.

Neste relato, Elmer fala sobre sua função de redator. Conta que recebia todos os materiais e tinha que transformar aquilo que era recebido na edição final que era encaminhada ao público leitor.

Antes da consolidação d'o "Jornalzinho" e demais materiais, os professores relataram que usaram materiais da APEC.

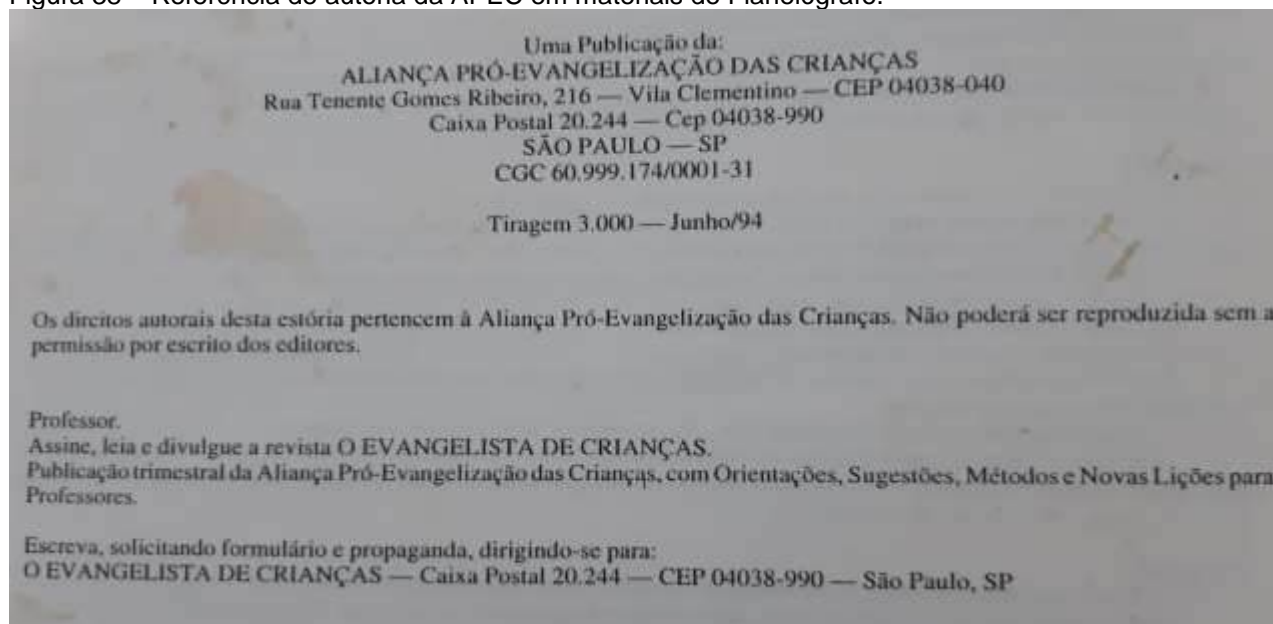
4.3 APEC – Aliança Pró-Evangelização de crianças

A Aliança Pró-Evangelização das Crianças (APEC) é uma organização internacional dedicada a mostrar como as crianças como podem crer em Jesus Cristo e ter a salvação⁷⁴.

Trata-se de um ministério internacional sem fins lucrativos. Seu princípio é a evangelização como forma de educar (Silva, 2021).

⁷⁴ Site: <<https://www.apec.com.br/site/sobre-nos/>> Acesso em 31 jul. 2022.

Figura 38 – Referência de autoria da APEC em materiais de Flanelógrafo.



Fonte: Acervo pessoal de Hedi Blank, 2023.

Uma Publicação da:
 ALIANÇA PRÓ-EVANGELIZAÇÃO DAS CRIANÇAS
 Rua Tenente Gomes Ribeiro, 216 - Vila Clementino - CEP 04038-040 Caixa Postal 20.244 - Cep 04038-990 SÃO PAULO - SP
 CGC 60.999.174/0001-31
 Tiragem 3.000 - Junho/94
 Os direitos autorais desta história pertencem à Aliança Pró-Evangelização das Crianças. Não poderá ser reproduzida sem a permissão por escrito dos editores.
 Professor.
 Assine, leia e divulgue a revista O EVANGELISTA DE CRIANÇAS.
 Publicação trimestral da Aliança Pró-Evangelização das Crianças, com Orientações, Sugestões, Métodos e Novas Lições para Professores.
 Escreva, solicitando formulário e propaganda, dirigindo-se para:
 O EVANGELISTA DE CRIANÇAS - Caixa Postal 20.244 - CEP 04038-990 - São Paulo, SP.

De acordo com Silva (2021, p. 25),

A APEC foi fundada em 1937, nos Estados Unidos e Jesse Irwin Overholtzer⁷⁵ que tinha 60 anos de idade quando iniciou o trabalho. Mais tarde ficou conhecido como Mr. Ó, devido à complexidade na pronúncia do seu nome. No ano de 1958, Mr. Ó faleceu, no entanto, o seu trabalho missionário já estava presente em mais de 60 países.

Na maioria das entrevistas falou-se sobre a utilização dos materiais da APEC no início da Escola Dominical. Considera-se, então, que até que a Igreja

⁷⁵ O fundador da APEC foi Jesse Irwin Overholtzer e seu trabalho foi iniciado com o interesse de evangelizar crianças. Em meados dos anos 30, em Chicago, EUA, Jesse Irwin Overholtzer (Mr. Ó) caminhava frequentemente pelas ruas para encontrar crianças brincando e tinha consigo um livro para contar histórias. Esse livro não continha palavras, somente cores, dessa forma, Jesse Irwin Overholtzer contava histórias para as crianças com o objetivo de transmitir conhecimento e ensino religioso (Rohrer, 2011; Silva, 2021).

consolidasse seus próprios materiais e cursos, a APEC teve um papel de destaque quando se fala em Escola Dominical da IELB.

Algumas das entrevistadas relataram que também participaram de um curso ministrado pela APEC, para assim se prepararem para a docência na Escola Dominical. Vejamos o que Silvana Lehenbauer (2022) relata sobre a APEC:

Em 1970 eu vim estudar em Porto Alegre e quando eu vim estudar aqui, logo no primeiro ano, eu ouvi falar da APEC, [...] era interconfessional, eles foram criados por um grupo de pastores evangélicos [...]. A APEC ministrava cursos para professores de Escola Dominical, um curso de um ano inteiro, que era uma ou duas vezes por semana. E foi esse meu contato com a APEC que literalmente abriu para mim um mundo, eles, na época, trabalhavam de forma bem diferenciada, eles trabalhavam já com ensino de versículos de maneira diferente, com técnicas como varal, a técnica de sílabas, de separação de palavras, de quebra-cabeças, tudo isso eles já trabalhavam com histórias, usando fantoches de dedo, usando flanelógrafos, criando personagens, eles trabalhavam ensinando orações de forma diferente... enfim a APEC abriu pra mim um mundo completamente diferenciado. E com a ajuda do Oscar Lehenbauer eu passei a adaptar essas técnicas da APEC para a IELB (Silvana, 2022).

Neste trecho da entrevista, a professora Silvana menciona que o curso que ela frequentou pela APEC fez com que abrisse seus horizontes em relação aos diferentes usos de materiais para a Escola Dominical. Outra entrevistada, Loni (2023), também relata que utilizou em suas aulas os materiais da APEC: “Eu usei muito o material da APEC, de lá vinha um material muito bom, eu tinha até livros que vinham as histórias e as atividades, o jeito para contar as histórias, tinha tudo ali descrito, era muito bom esse material”.

Maria Roll também fala sobre os materiais da APEC:

A gente usava o material da APEC, mas a gente tinha que ter muito cuidado com a aplicação da história. Mas eles tinham um material muito bom, material visual muito bom, eles tinham muito material de flanelógrafo, cartazes e imagens e bastante coisa interessante (Maria, 2024).

Na imagem a seguir aparece um material da APEC que era utilizado para a contar histórias da florzinha Mariana.

Figura 39 – Ilustração da História da Mariana – Material da APEC.



Fonte: Acervo pessoal de Hedi Leitzke, 2024.

A história anterior vem do material da APEC que apresenta a florzinha Mariana. Este conteúdo foi encontrado no material de Hedi e também mencionado pela fala da Ângela (2022), que diz: “Usei muito material da APEC, principalmente as histórias avulsas, por exemplo a história da florzinha, a história do Frederico, tem uma história do sorvete também, eram histórias que tinham uma aplicação religiosa no final”.

Ou seja, os materiais da APEC foram produzidos fora da IELB, mas tiveram destaque no planejamento de aulas e estudos dos professores da Escola Dominical. A utilização de um material didático não proveniente da IELB traz reflexões sobre como os materiais foram sendo produzidos e criados ao longo do tempo, e como a IELB, por meio do projeto da Escola Dominical, abriu suas portas para que outras denominações religiosas contribuíssem com produções de cunho didático.

4.4 Departamento de Educação Paroquial da IELB

O surgimento do Departamento de Educação Paroquial está relacionado com o início do recorte temporal desta pesquisa. Nas entrevistas, foi mencionado que esse Departamento se fortaleceu a partir da ação de algumas pessoas, entre elas o

casal Silvana e Oscar Lehenbauer. No Departamento, a Comissão da Escola Dominical foi a responsável pela organização de materiais destinados a alunos e professores, e também pela organização de Congressos e formações destinadas aos professores que atuavam na Escola Dominical.

A entrevistada Silvana Lehenbauer e seu esposo, Oscar Lehenbauer, foram precursores na criação da Comissão da Escola Dominical na IELB, bem como contribuintes para o fortalecimento dessa ação pedagógica dentro da Igreja:

Essas comissões de escola dominical a gente foi aperfeiçoando a maneira de trabalhar, então nós tínhamos reuniões uma vez por mês, de estudos sobre os conteúdos, em termos de histórias que a gente ia desenvolver daí entrava o Oscar em como explorar Lei? Como explorar o evangelho? O que fazer? Qual seria a aplicação dessa história para a vida das crianças? Então tinha encontros de estudos e também tinha encontros de trabalho, onde nós nos reuníamos para organizar material de trabalho, com o passar do tempo, essa comissão foi se aperfeiçoando e criando entre nós vínculos de tal forma que nós estávamos quase sempre juntos, inclusive nos finais de semana, nós criamos um vínculo muito grande de amizade (Silvana, 2022).

O também chamado “DEP” é um departamento dentro da IELB encarregado da educação paroquial, sendo que dentro dessas ações se encontra a Escola Dominical.

A Comissão de Escola Dominical foi organizada para buscar padronizar a formação por meio dos materiais e dos cursos oferecidos para as professoras. Conforme relata Silvana (2022):

a ideia era de exatamente fortalecer o departamento de educação paroquial e principalmente estruturar as ações, porque em cada lugar cada um trabalhava de uma forma diferenciada e de um jeito que achavam que aquele seria o jeito correto, então aí que a gente começou a sugerir ações com essa comissão para os professores, de como envolver as crianças, ações mais práticas para todos, foi uma época que se desenvolveu e se criou muito material, esse material que eu publiquei, foram todos criados nessa época, o como ensiná-los, o cancionário [...] (Silvana, 2022).

Como relata também Célia (2022), “quando eu assumi dentro do DEP, na Comissão de Escola Dominical, a gente se preocupou muito com a formação dos professores, e o primeiro que a gente escreveu foi [...] o ‘Professor em Ação’, que é de 2004 o primeiro livro”. Neste trecho, a entrevistada menciona a criação da coletânea “Professor em ação”, já apresentada em um subcapítulo anterior, como um instrumento criado pela Igreja e direcionado para o auxílio de seus professores.

Na imagem a seguir, observa-se um anúncio sobre ações desenvolvidas pelo DEP, sendo mencionados acontecimentos em relação à Escola Dominical:

Figura 40 – Informe do DEP sobre Cursos para professores de Escolas Dominicais.

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PAROQUIAL

Secr. Executivo: Horst Kuchenbecker. Objetivos principais deste biênio: Estimular as congregações ao estudo das Confissões Luteranas; aperfeiçoar e multiplicar os cursos para professores de escolas dominicais; desenvolver a Mordomia Cristã; difundir o Projeto Filipe; desenvolver o canto congregacional. Foram realizadas 8 reuniões. O Secr. Executivo colaborou nos periódicos da IELB, nas conferências e convenções regionais com trabalhos sobre evangelismo e mordomia. Esteve nos EUA buscando subsídios para o trabalho daqui. Colaborou de várias formas nas programações dos 75 anos da IELB (cartazes, livreto, folhetos, envelopes, etc). Foram realizados três cursos para a formação de professores de escola dominical, de 60 horas de duração. A participação foi de 693 professores. Mais seis cursos com duração de 16 horas foram realizados, com participação de 218 professores. Foi completado um manual para professores de escola dominical, com 186 páginas. Foram realizadas campanhas com estudantes na visitação em massa e de casa em casa. Pelo Projeto Filipe foram distribuídos 12.204 Novos Testamentos, 34.148 Encontros com Deus e 23.000 folhetos.

Fonte: Mensageiro Luterano, mar/abr. 1982.

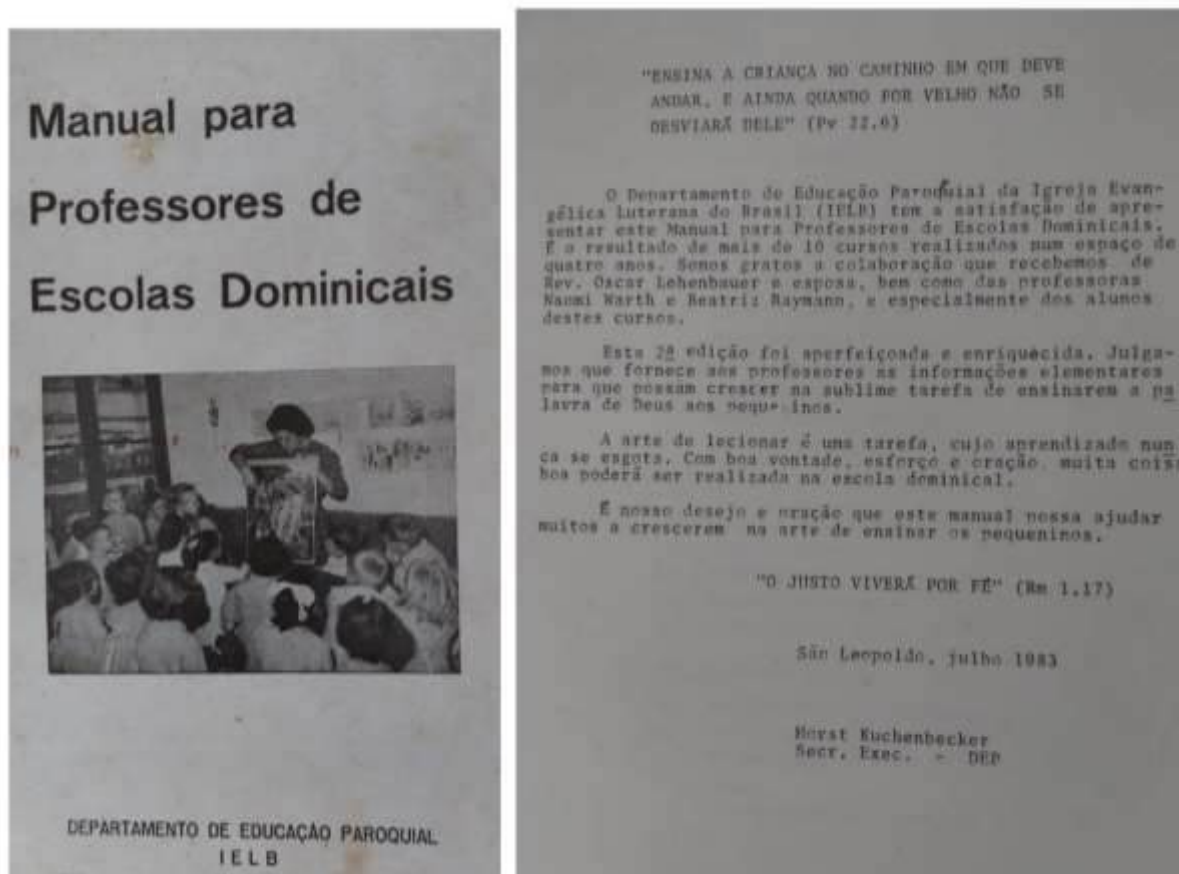
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PAROQUIAL

Secr. Executivo: Horst Kuchenbecker. Objetivos principais deste biênio: Estimular as congregações ao estudo das Confissões Luteranas; aperfeiçoar e multiplicar os cursos para professores de escolas dominicais; desenvolver a Mordomia Cristã; difundir o Projeto Filipe; desenvolver o canto congregacional. Foram realizadas 8 reuniões. O Secr. Executivo colaborou nos periódicos da IELB, nas conferências e convenções regionais com trabalhos sobre evangelismo e mordomia. Esteve nos EUA buscando subsídios para o trabalho daqui. Colaborou de várias formas nas programações dos 75 anos da IELB (cartazes, livreto, folhetos, envelopes, etc). Foram realizados três cursos para a formação de professores de escola dominical, de 60 horas de duração. A participação foi de 693 professores. Mais seis cursos com duração de 16 horas foram realizados, com participação de 218 professores. Foi completado um manual para professores de escola dominical, com 186 páginas. Foram realizadas campanhas com estudantes na visitação em massa e de casa em casa. Pelo Projeto Filipe foram distribuídos 12.204 Novos Testamentos, 34.148 Encontros com Deus e 23.000 folhetos.

No texto, o Departamento de Educação Paroquial divulga que o objetivo da Igreja é aperfeiçoar e multiplicar os cursos para os professores. Traz também que diferentes cursos já foram ofertados e reforça expressiva participação dos professores.

Na imagem a seguir é apresentado um Manual da Escola Dominical produzido pelo DEP no ano de 1983.

Figura 41 – Manual para professores de Escolas Dominicais, 1983.



Fonte: Acervo pessoal de Loni Weiduschadt.

Manual para Professores de Escolas Dominicais

"Ensina a Criança no caminho que deve andar, e ainda quando for velho não se desviará dele" (Pv, 22.6).

O Departamento de Educação Paroquial da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) tem a satisfação de apresentar este Manual para professores de Escolas Dominicais. É o resultado de mais de 10 cursos realizados num espaço de quatro anos. Somos gratos a colaboração que recebemos de Ver. Oscar Lehenbauer e esposa, bem como das professoras Naomi Warth e Beatriz Raymann, e especialmente dos alunos deste curso.

Esta 2ª edição foi aperfeiçoada e enriquecida. Julgamos que fornece aos professores as informações elementares para que possam crescer na sublime tarefa de ensinarem a palavra de Deus aos pequeninos.

A arte de lecionar é uma tarefa, cujo aprendizado nunca se esgota. Com boa vontade, esforço e oração muita coisa boa poderá ser realizada na escola dominical.

É o nosso desejo e oração que este manual possa ajudar muitos a crescerem na arte de ensinar os pequeninos.

"O justo viverá por fé".

São Leopoldo, julho 1983.

Horst Kuchenbecker – Sec. Exec. DEP.

(Manual para professores de Escolas Dominicais, 1983).

O material apresentado foi fruto de mais de 10 cursos de formação de professores realizados dentro de 4 anos. A mensagem foi assinada por Horst Kuchenbecker⁷⁶, secretário executivo do DEP, o que demonstra a atuação da Igreja na produção e divulgação de materiais para as Escolas Dominicais. A seguir temos a transcrição da apresentação deste material:

O nome de Horst Kuchenbecker aparece com frequência nos materiais estudados, pois foi um dos primeiros nomes ligados com à Escola Dominical e seus materiais didáticos dentro da IELB. Em edição d'o "Mensageiro Luterano" de 1982, lê-se que durante a gestão como secretário executivo da Igreja, Kuchenbecker aperfeiçoou e multiplicou os cursos de formação de professores de Escolas Dominicais: em sua gestão foram realizados três cursos para a formação de professores de Escola Dominical, de 60 horas de duração. A participação foi de 693 professores. Mais seis cursos com duração de 16 horas foram realizados com a participação de 218 professores. Foi completado um Manual de Professores de Escola Dominical, com 186 páginas (Mensageiro Luterano, mar/abr, 1982).

Como relatam Kuhn e Bayer (2017, p.160), "para o Sínodo de Missouri, a doutrina só teria sentido se pudesse ser divulgada através de pastores e professores com formação própria na instituição".

Ao observar os materiais utilizados pelos professores da Escola Dominical, percebe-se que havia uma campanha para que as professoras que estavam em atuação participassem das publicações e mandassem sugestões com base em suas experiências, para assim colaborar com as publicações e publicitar seus trabalhos e dicas. Havia também convites para que os professores participassem de cursos destinados à formação pedagógica.

4.5 Cursos de Formação de Professores de Escola Dominical

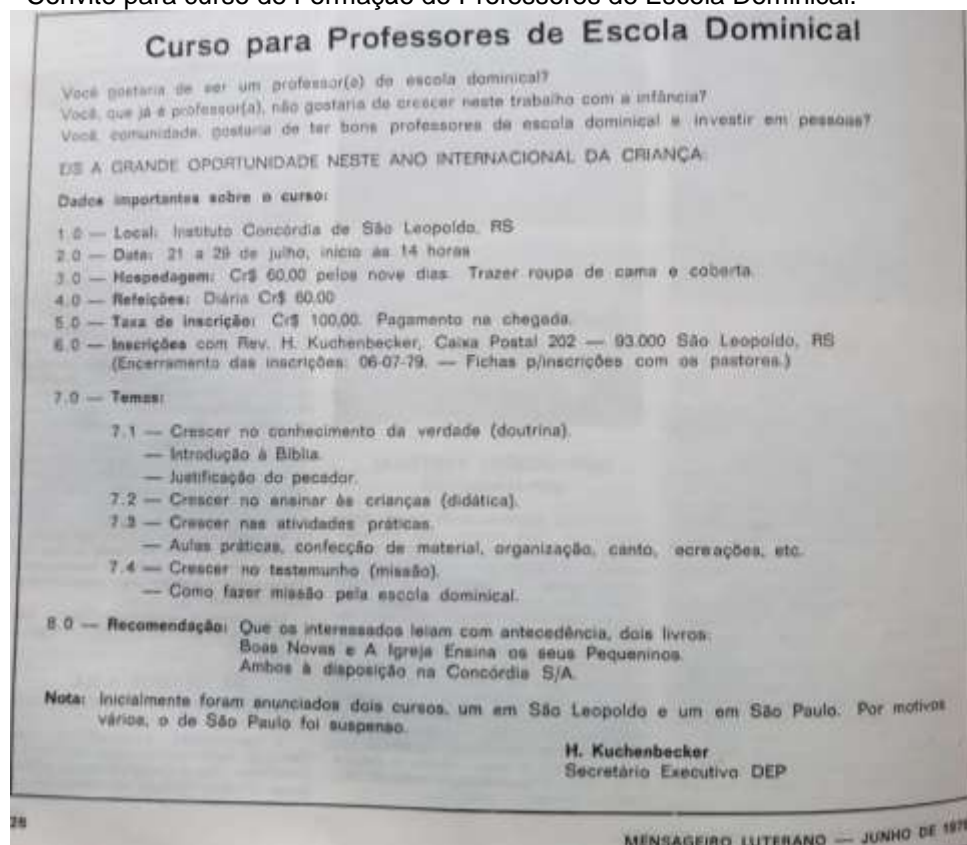
Os cursos de formação de professores de Escola Dominical eram pensados pela IELB como uma maneira de preparar e fortalecer os professores que estivessem a frente desse encargo. Nota-se que a IELB se preocupava com a

⁷⁶ Horst Kuchenbecker, pastor que esteve à frente do Departamento de Educação Paroquial e que produziu um dos primeiros materiais destinados à Escola Dominical: O Manual para professores de Escola Dominical.

formação religiosa de seus membros, buscando formar mulheres capazes de levar aos alunos os ensinamentos bíblicos e doutrinários.

Na imagem abaixo, aparece um convite para uma formação de professores que foi publicado na revista “O Mensageiro Luterano” no ano de 1979:

Figura 42 - Convite para curso de Formação de Professores de Escola Dominical.



Fonte: Mensageiro Luterano, junho de 1979.

Curso para Professores de Escola Dominical

Você gostaria de ser um professor (a) de escola dominical?

Você, que já é professor (a), não gostaria de crescer com este trabalho na infância?

Você, comunidade, gostaria de ter bons professores de escola dominical e investir em pessoas?

EIS A GRANDE OPORTUNIDADE NESTE ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA

Dados importantes sobre o curso:

1.0 – Local: Instituto Concórdia de São Leopoldo, RS.

2.0 – Data: 21 a 29 de julho, início às 14 horas.

3.0 – Hospedagem: Cr\$ 60,00 pelos nove dias. Trazer roupa de cama e coberta.

4.0 – Refeições: Diária CR\$ 60,00.

5.0 – Taxa de inscrição: Cr\$ 100,00. Pagamento na chegada.

6.0 – Inscrições: com ver. H. Kuchenbecker. Caixa Postal 202 – 93.000 São Leopoldo, RS (Encerramento das inscrições: 06/07/79 – ficha p/ inscrições com os pastores.

7.0 Temas:

Crescer no conhecimento da verdade (doutrina); Introdução à Bíblia; Justificação do pecador; crescer no ensinar as crianças (didática); crescer nas atividades práticas. Aulas práticas, confecção de material, organização, canto, recreações, etc. Crescer no testemunho (missão)

Como fazer missão pela escola dominical

8.0 – Recomendações: Que os interessados leiam com antecedência, dois livros: Boas Novas e A Igreja Ensina os seus pequeninos. Ambos à disposição na Concórdia S/A.

Nota: Inicialmente foram enunciados dois cursos, um em São Leopoldo e um em São Paulo. Por motivos vários o de São Paulo foi suspenso.

H. Kuchenbecker – Secretário Executivo DEP.

Esse convite foi publicado com a finalidade de conseguir pessoas que estivessem interessadas em ingressar na carreira de professores de Escola Dominical, convite foi feito pelo DEP, Departamento de Educação Paroquial da IELB. Nos temas a serem estudados neste curso, estão a Doutrina da IELB, a didática e a missão da Igreja.

Esse curso para professores da Escola Dominical realizado em 1979, em São Leopoldo, foi um grande marco na história da Escola Dominical da IELB, aparecendo em publicações d'o "Mensageiro Luterano" e rememorado por algumas entrevistadas, como é o caso de Ângela, que fala:

Essas formações eram assim de cunho motivacional, não era a só a formação de ir lá e passar alguma coisa para as pessoas aprenderem, eram também motivá-las, motivá-las a melhorar, motivá-las a estudar e a crescer nesse trabalho, porque para ser professora de Escola Dominical não adianta ter só boa vontade, eu acho que precisa ter bastante conhecimento, tem que estudar, tem se dedicar, e na nossa IELB isso começou a ter mais corpo a partir disso, quando a igreja foi de encontro... Eu participei de um curso eu acho que em 88 ou 90 com a Silvana, ali no Instituto ali em São Leopoldo onde hoje é o Seminário, foi de 5 dias, foi um intensivo assim, eu não esqueço nunca daquilo, porque foi uma coisa muito, muito boa, olha se tem uma lembrança na minha vida em relação a Escola Dominical foi esse estudo, essa formação que eu participei através da Igreja, através da pessoa da Silvana (Ângela, 2022).

Loni (2024) diz que seu primeiro contato com materiais para a Escola Dominical foi também em um curso que ela fez em 1979, na cidade de São Leopoldo. Lá, também, ela teve seu primeiro contato com Silvana Lehenbauer.

As entrevistadas Loni, Gessi, Hedi e Ângela comentaram que participaram de cursos de formação realizados na cidade de São Leopoldo – RS. A seguir, apresenta-se a programação de um desses cursos:

Figura 43 – Programação do Curso de Formação de professores – 1979.

I - CURSO PARA PROFESSORES DE ESCOLA DOMINICAL			
DIA	MANHÃ - 8h - 11.30h	TARDE - 14h - 17h	NOITE - 20h - 21h
SÁBADO - 19	Devoção Abertura Cant na E.D. Brincando	Conversão - HK Conversão - HK	Dr. Louis Brighton
DOMINGO - 20	Introdução à Bíblia - HK Ensina - Oscar Ensina - Silvana	Ensina - Oscar Ensina - Silvana Ensina - Silvana	
2ª Feira - 21	Introdução - HK Ensina - Silvana Ensina - Silvana	Ensina - Silvana Ensina - Silvana Ensina - Silvana	
3ª Feira - 22	Ensina - Silvana Ensina - Silvana	Ensina - Silvana LIVRE	
4ª Feira - 23	Ensina - Silvana Ensina - Silvana	Ensina - Silvana Ensina - Silvana	
5ª Feira - 24	Ensina - Silvana Ensina - Silvana		
6ª Feira - 25	Missão - HK	Culto de encerramento	

1. Seja pontual. Estamos reunidos para estudo e oração.

2. À noite, a partir das 20 hs pedimos silêncio para estudo.

3. Terça-feira a partir das 15 h livre para esportes e passeios.

4. Telefone, junto à recepcionista Versana no Centro Administrativo da IELB, às 8h às 21 h.

5. Jornal Mural: Colabore com artigos, informações, piadas dentro do espírito cristão. Horário para afixar artigos do meio dia às 14 hs.

Fonte: Acervo pessoal de Hedi Blank, 2024.

I - CURSO PARA PROFESSORES DE ESCOLA DOMINICAL			
DIA	MANHÃ - 8h - 11.30h	TARDE - 14h - 17h	NOITE - 20h - 21h
SÁBADO - 19	Devoção Abertura Cant na E.D. Brincando	Conversão - HK Conversão - HK	Dr. Louis Brighton
DOMINGO - 20	Introdução à Bíblia - HK Ensina - Oscar Introdução - HK	Ensina - Oscar Ensina - Silvana Ensina - Silvana	
2ª Feira - 21	Ensina - Silvana Ensina - Silvana	Ensina - Silvana Ensina - Silvana	
3ª Feira - 22	Ensina - Silvana Ensina - Silvana	LIVRE	
4ª Feira - 23	Ensina - Silvana Ensina - Silvana	Ensina - Silvana Ensina - Silvana	
5ª Feira - 24	Ensina - Silvana Ensina - Silvana		
6ª Feira - 25	Missão - HK	Culto de encerramento	

1. Seja pontual. Estamos reunidos para estudo e oração.

2. À noite, a partir das 20 hs, pedimos silêncio para estudo.

3. Terça-feira, a partir das 15 h livre para esportes e passeios.

4. Telefone, junto à recepcionista Versana no Centro Administrativo da IELB, às 8h às 21 h.

5. Jornal Mural: Colabore com artigos, informações, piadas dentro do espírito cristão. Horário para afixar artigos do meio dia às 14 hs.

No material percebe-se a presença do item Ensino, este ministrado principalmente por Silvana Lehenbauer. Mas havia também momentos destinados à doutrina e missão. Silvana ministrou esse curso e comentou sobre ele:

Em torno de 1978 ou 1979, o pastor Horts Kuhlenbecker, que na época era o secretário de educação nacional, na época nos convidou para participar de cursos de formação de professores de Escola Dominical que se desenvolviam no seminário em São Leopoldo. Eram cursos de caráter nacional, mas eram cursos muito voltados, na época, para a questão doutrinal, de estudos da doutrina, Lei e evangelho, aplicação de histórias e reuniam, assim, 300 pessoas no auditório. No primeiro que nós fomos tinha 300 pessoas, outro que nós fomos tinha quase 1000 pessoas no auditório, e eu me preocupava porque eu sempre comentei “como que a gente vai tentar ensinar alguém, um leigo que não tem nada de formação em magistério a trabalhar com as crianças, com 300 pessoas dentro de um auditório?”, Foi aí, então, que a gente começou a comentar um pouco isso, o Oscar e eu, e nós também começamos a receber alguns convites para trabalhar com encontros de professores em nível distrital⁷⁷, e aí a gente foi (Silvana, 2022).

Silvana fala sobre uma possível distinção entre professores que tinham ou não uma formação de magistério. Além disso, ela ressalta que observou a importância de trabalhar com grupos menores de professores para alcançar resultados mais positivos.

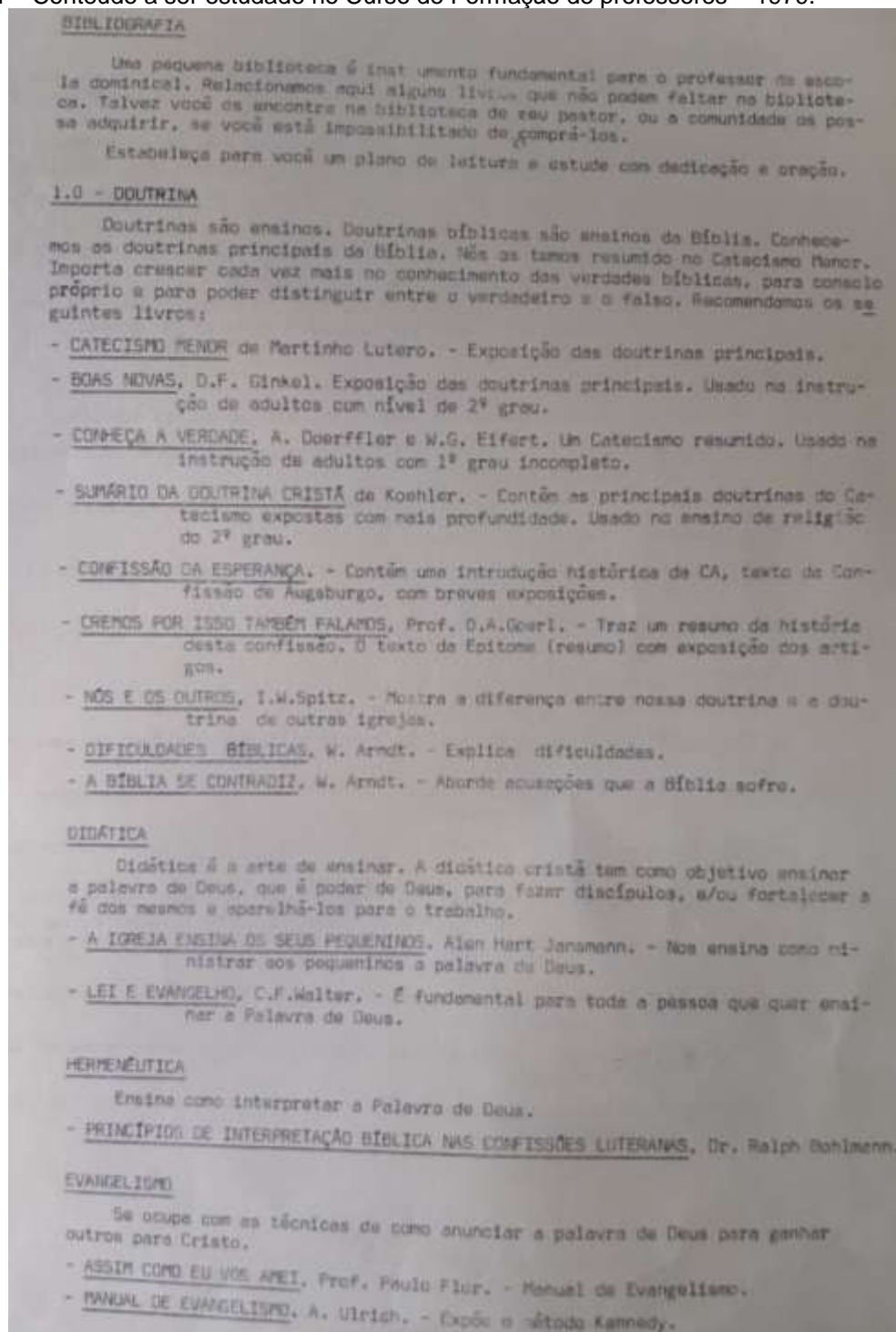
Ângela também revela que os cursos eram decisivos para as carreiras das professoras:

Aquele curso foi, assim, bem decisivo: quem queria ser professor, decidiu se queria ou não ser, porque esse curso foi muito bom. Eu acho que a partir desses eventos que a Igreja criou para formar os professores foi criando corpo, e eu acho que a necessidade é sempre a mesma ou ainda maior, porque sempre temos professores novos que precisam de orientação, que querem orientação, que precisam de motivação (Ângela, 2022).

A seguir, destaca-se alguns dos temas trabalhados neste curso de formação de professores do ano de 1979:

⁷⁷ O Distrito se refere a paróquias ou grupos de igrejas da IELB localizadas em uma mesma região geográfica.

Figura 44 – Conteúdo a ser estudado no Curso de Formação de professores – 1979.



Fonte: Acervo pessoal de Hedi Blank, 2024.

BIBLIOGRAFIA

Uma pequena biblioteca é instrumento fundamental para o professor de escola dominical. Relacionamos aqui alguns livros que não podem faltar na biblioteca. Talvez você os encontra na biblioteca de seu pastor, ou a comunidade os possa adquirir, se você está impossibilitado de comprá-los. Estabeleça para você um plano de leitura e estude com dedicação e oração.

DOCTRINA

Doutrinas são ensinamentos. Doutrinas bíblicas são ensinamentos da Bíblia. Conhecemos as doutrinas principais da Bíblia. Nós as temos resumido no Catecismo Menor. Importa crescer cada vez mais no conhecimento das verdades bíblicas, para consolo próprio e para poder distinguir entre o verdadeiro e o falso. Recomendamos os seguintes livros:

CATECISMO MENOR de Martinho Lutero. - Exposição das doutrinas principais.

BOAS NOVAS, D.F. Ginkel. Exposição das doutrinas principais. Usado na instrução de adultos com nível de 2º grau.

CONHEÇA A VERDADE, A. Doerffler e W. G. Eifert. Um Catecismo resumido. Usado na instrução de adultos com 1º grau incompleto,

SUMÁRIO DA DOCTRINA CRISTÃ de Koehler. - Contêm as principais doutrinas do Catecismo expostas com mais profundidade. Usado no ensino de religião do 2º grau.

CONFISSÃO DA ESPERANÇA. - Contém uma introdução histórica da CA, texto da Confissão de Augsburgo, com breves exposições.

CREMOS POR ISSO TAMBÉM FALAMOS, Prof. O. A. Goerl. - Traz um resumo da história desta confissão. O texto da Epítome (resumo) com exposição dos artigos.

NÓS E OS OUTROS, I.W.Spitz. - Mostra a diferença entre nossa doutrina e a doutrina de outras igrejas.

DIFICULDADES BÍBLICAS, W. Arndt. - Explica dificuldades.

A BÍBLIA SE CONTRADIZ, W. Arndt. - Aborda acusações que a Bíblia sofre.

DIDÁTICA

Didática é a arte de ensinar. A didática cristã tem como objetivo ensinar a palavra de Deus, que é poder de Deus, para fazer discípulos, e/ou fortalecer a fé dos mesmos e aparelhá-los para o trabalho.

A IGREJA ENSINA OS SEUS PEQUENINOS. Alen Hart Jansmanhn. - Nos ensina como ministrar aos pequeninos a palavra de Deus.

LEI E EVANGELHO, C. F. Walter. - É fundamental para toda a pessoa que quer ensinar a Palavra de Deus.

HERMENÊUTICA

Ensina como interpretar a Palavra de Deus

- PRINCÍPIOS DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA NAS CONFISSÕES LUTERANAS, Dr. Ralph Bohlmenn.

EVANGELISMO

Se ocupa com as técnicas de como anunciar a de Deus para ganhar outros para Cristo.

- ASSIM COMO EU VOS AMEI, Prof. Paulo Flor. - Manual de Evangelismo.

- MANUAL DE EVANGELISMO, A. Ulrich, - Expõe o método Kennedy (Curso de Formação de professores – 1979).

Na imagem anterior consta o programa a ser estudado neste curso de 1979, sendo que nela aparece a didática como o objetivo de ensinar a palavra de Deus, sendo por meio dela que se poderão buscar discípulos da palavra de Deus. Toda a questão que envolve a didática será melhor abordada ainda neste texto.

No próximo índice, é possível perceber os temas que eram almejados na formação de professores.

Figura 45 - Índice do Manual do Curso para Professores da Escola Dominical.

<u>CURSO PARA PROFESSORES DE ESCOLAS DOMINICAIS</u>	
INTRODUÇÃO	CURSO PARA PROFESSORES DE ESCOLAS DOMINICAIS
ÍNDICE	INTRODUÇÃO
HINOS	ÍNDICE
<u>1.0 - DOCTRINA</u>	HINOS
1.1 - A Escritura	<u>1.0 - DOCTRINA</u>
1.2 - A Conversão	1.1 - A Escritura
1.3 - A Igreja Cristã	1.2 - A Conversão
1.4 - Lei e Evangelho	1.3 - A Igreja Cristã
<u>2.0 - DIDÁTICA</u>	1.4 - Lei e Evangelho
2.1 - O professor	<u>2.0 - DIDÁTICA</u>
2.2 - Vamos conhecer a Criança (psicologia)	2.1 - O professor
- A Criança - HK	2.2 - Vamos conhecer a Criança (psicologia)
- A Criança de 4 a 12 anos - Prof. Bruno E. Riess	- A Criança - HK
2.3 - Vamos educar	- A Criança de 4 a 12 anos - Prof. Bruno E. Riess
2.4 - Organizando uma Escola Dominical	2.3 - Vamos educar
2.5 - Vamos Preparar a Lição	2.4 - Organizando uma Escola Dominical
2.6 - Currículo (três anos)	2.5 - Vamos Preparar a Lição
2.7 - Visuais, Trabalhos, Exercícios	2.6 - Currículo (três anos)
2.8 - Vamos Contar Histórias	2.7 - Visuais, Trabalhos, Exercícios
2.9 - Disciplina	2.8 - Vamos Contar Histórias
- Disciplina na Escola Dominical - HK	2.9 - Disciplina
- Disciplina - Prof. Traudy Leyser	- Disciplina na Escola Dominical - HK
<u>3.0 - DIVERSOS</u>	- Disciplina - Prof. Traudy Leyser
3.1 - Missão na Escola Dominical	<u>3.0 - DIVERSOS</u>
3.2 - Mapas	3.1 - Missão na Escola Dominical
3.3 - O Tabernáculo - O Templo	3.2 - Mapas
3.4 - Teatrinho de Fantoques	3.3 - O Tabernáculo - O Templo
3.5 - Vamos Desenhar	3.4 - Teatrinho de Fantoques
3.6 - Vamos Brincar	3.5 - Vamos Desenhar
3.7 - A Biblioteca do Professor.	3.6 - Vamos Brincar
	3.7 - A Biblioteca do Professor.

Fonte: Material disponível no Instituto Histórico da IELB.

É observado que Doutrina e Didática são temas almejados dentro dos cursos de formação de professores da IELB. Percebe-se que, em um primeiro momento o foco, é para a Doutrina, em que se estuda os princípios da Escritura, Lei e Evangelho, ou seja, aquilo que é pregado nos cultos. Em seguida, se tem uma parte destinada para a “didática”, em que são tratadas questões mais voltadas ao contexto docente, oferecendo dicas de um passo a passo para desenvolver a aula da Escola Dominical. Ainda, na parte dos “diversos” são tratados outros elementos lúdicos que poderão servir de auxílio no momento da Escola Dominical.

A professora Loni relatou que participou ativamente dos cursos oferecidos aos professores. Ela conta que os cursos começaram com mais intensidade a partir de 1980, e que a formação era composta por uma parte teológica, trabalhada pelos pastores, e que os aspectos de metodologia e didática ficavam ao encargo de professores da Comissão de Escola Dominical. Como recorda Loni (2023):

O primeiro curso de formação de professores que eu fiz foi aqui em Canguçu, com a Silvana Lehenbauer. Ela veio e deu um curso aqui, e aí depois eu fui em outro lá em São Leopoldo⁷⁸. Lá era com várias professoras de todas as regiões, lá estava a Silvana, a Célia e outras professoras que davam mais a metodologia e a parte da didática, e tinha também pastores que davam mais a parte bíblica, para a gente conhecer a parte da teologia (Loni, 2023).

Ao que se cruza o relato da professora com os programas oferecidos nos cursos, percebe-se que havia uma preocupação com os ensinamentos religiosos e o interesse em qualificar o modo de ensinar do professor. Ainda sobre os cursos de formação de professores, Gessi (2023) comenta que “elas da Comissão da Escola Dominical vinham e davam cursos para nós, tinham os cursos mais estaduais e tinha os cursos mais locais”. Neste momento, a entrevistada comenta que as professoras participavam de cursos maiores, que geralmente eram realizados por estado, havendo os cursos mais locais, que eram realizados no próprio município ou em municípios vizinhos.

A professora Loni (2023), em seu relato, também fala sobre como esses cursos eram trabalhados e menciona a organização da Comissão de Escola Dominical:

Se tinha essa comissão que se reunia e desenvolvia e aplicavam esses cursos em determinadas regiões, e nós professoras íamos nesses cursos e aprendíamos sobre o que era ensinado. A gente também aprendia a confeccionar muito material, e eles traziam histórias nos cursos, contavam histórias ou mandavam a gente contar histórias, faziam grupos e a gente fazia uma aula, porque também tinha gente que nunca tinha trabalhado e ali eles traziam os materiais para ajudar nessa aprendizagem. E assim, também, todo aquele material que era organizado pela comissão era exposto e enviado para as comunidades, e a gente adquiria esse material.

Neste relato, a entrevistada menciona que para os cursos de formação de professores, a Comissão de Escola Dominical pensava em momentos práticos para que as professoras, durante os cursos, aprendessem a contar as histórias e elaborassem exemplos de aulas. A mesma entrevistada também mencionou que esses cursos eram ministrados pela Comissão de Escola Dominical, de maneira

⁷⁸ Curso realizado no Seminário Concórdia em 1979.

geral, voltados para todo o público, mas que cada professora tinha que adaptar os ensinamentos para sua própria realidade e comunidade.

A gente tinha que adaptar os ensinamentos para a nossa realidade, pois elas que davam os cursos eram de cidade grande e a realidade delas era diferente da nossa. Assim, a gente ia adaptando com as nossas palavras as histórias bíblicas que a gente contava, mas tinha que contar com o linguajar mais fácil, para a criança entender tinha que adaptar. A história da Bíblia a gente tinha que contar conforme estava na Bíblia, mas com a nossa linguagem ficava mais fácil de entender (Loni, 2023).

Neste trecho, entende-se que dentro da Igreja havia diferentes contextos, pois a IELB está difundida por diferentes regiões brasileiras. Nesse sentido, a Escola Dominical das grandes cidades será diferente daquelas localizadas em comunidades rurais, distantes dos centros urbanos.

À professora Loni, foi questionado se os cursos de Escola Dominical haviam auxiliado na sua atuação enquanto professora na educação básica, a mesma relatou que:

Me ajudou muito, me ajudou na organização, na didática, nessas coisas. Eu já tinha magistério, porque eu trabalhei muito tempo só com o magistério, depois de 50 anos que eu fui fazer pedagogia. O material disponibilizado nos cursos de Escola Dominical eu até dividia com as outras professoras, minhas colegas da escola, e elas adaptavam e também usavam aqueles materiais (Loni, 2023).

A professora Loni também relata que os certificados dos cursos de formação de professores de Escola Dominical lhe auxiliaram muito na pontuação do concurso que prestou para o ingresso na carreira do magistério do Estado do Rio Grande do Sul. Pois, segundo ela, esses certificados tinham uma boa avaliação.

Alguns cursos forneceram aos participantes um material impresso que ficou com os professores para que o utilizassem como uma maneira de suporte pedagógico no momento das aulas. As professoras também compartilhavam com suas colegas os ensinamentos que recebiam nos cursos, denotando um modelo de formação multiplicador.

Na imagem a seguir, aparece um convite para o 2º Encontro Nacional de Professores de Escola Dominical da UPLED, a União dos Professores Luteranos de Escola Dominical. Este Congresso aconteceu em Candido Rondon, no estado do Paraná.

Figura 46 – Convite do 2º Congresso Nacional de Professores de Escola Dominical – UPLED.



Fonte: O Jornalzinho – Edição: Ano 7, 4º trimestre de 1991 – Acervo pessoal de Hedi Blank.

IIº CONGRESSO NACIONAL DE PROFESSORES DE ESCOLA DOMINICAL / UPLED

O primeiro dos objetivos colocados no regimento da União dos Professores Luteranos de Escola Dominical/UPLED, diz: "Congregar os professores das escolas dominicais para o entrosamento em torno de uma filosofia cristã e luterana de educação". E nas suas atribuições, também na primeira, fala em: "Integrar os professores das escolas dominicais através de encontros, seminários, congressos e oferecer-lhes um aperfeiçoamento permanente na arte de ensinar bem".

O segundo congresso, cujo anúncio você vê ao lado, tem, portanto, estas justificativas do regimento da UPLED: congregar, entrosar, integrar - através de congressos - os professores de escolas dominicais, buscando uma filosofia, um aperfeiçoamento para o ensino bom.

Neste segundo congresso os participantes terão oportunidade de aperfeiçoar-se no conhecimento e prática da ordem divina - quanto ao ensino cristão - de "ensinar com esmero". Os três estudos ou palestras versarão sobre o Culto e Adoração, a Disciplina e o Ensino ao pré-adolescente na Escola Dominical. Canto e músicas, relatos de experiência, exposição de projetos também constarão do programa. O Senhor Jesus, Mestre maior do ensino, abençoe este congresso!

No texto da imagem aparece o lema da UPLED, "Congregar os professores das escolas dominicais para o entrosamento em torno de uma filosofia cristã e luterana de educação". Ele traz, também, que o objetivo da UPLED seria "congregar, entrosar, integrar – através dos congressos - os professores de escolas dominicais,

buscando uma filosofia, um aperfeiçoamento para o ensino bom” (O Jornalzinho, 4º trimestre, 1991).

O entrevistado Elmer comenta que ele, junto com a Comissão da Escola Dominical, foi um dos fundadores da UPLED: “nós também fundamos a UPLED, a união dos professores de Escola Dominical, e houve o primeiro congresso no Espírito Santo, e o segundo foi em Marechal Rondon, tenho uma pasta desse segundo congresso ainda”.

Figura 47 – Capa da pasta 2º Congresso Nacional de Professores de Escola Dominical – 1991



Fonte: Acervo Pessoal de Elmer Roll, 2024.

A imagem anterior estampa a capa de uma pasta do segundo Congresso de Professores de Escola Dominical. O entrevistado Elmer fala sobre dois congressos, tendo o primeiro acontecido em 1987 em Vitória, Espírito Santo. Sobre esse primeiro Congresso, o próprio Elmer escreveu na Revista Mensageiro Luterano:

Figura 48 – Notícias sobre o 1º Congresso de Professores de Escola Dominical.

Congresso Nacional de Escola Dominical

Eliene A. Roll *

Embora já publicadas notas sobre o 1º Congresso Nacional de Professores de Escola Dominical (Elo, Juralzinho), também ao Mensageiro damos informações deste congresso – sediado na IELB – e coroado de êxito. A Comissão de Escola Dominical decidiu-se por esta realização considerando razões bem determinadas e práticas, tais como: atender solicitações permanentes de bom número de professores; reunir os professores para ouvi-los sobre a realidade e as prioridades das escolas dominicais em seus campos de atividade; determinar metas para serem alcançadas em âmbito nacional; estabelecer uma fórmula permanente para a preparação dos professores, especialmente os mais novos; organizar a área da Escola Dominical através de uma união de professores, em âmbito nacional.

O 1º Congresso Nacional de Professores de Escola Dominical realizou-se no Calir (Centro de Aperfeiçoamento do Líder Rural), em Viana, Grande Vitória, ES, nos dias 5 e 6 de setembro de 87. Um local excelente para encontros e congressos.

O congresso teve 4 pontos de destaque: os 3 painéis sobre a criança e sua educação em diferentes faixas etárias, a criação da união dos professores, com a aprovação do seu regimento, noite de relatos de experiências, e o culto de encerramento.

Os 3 painéis foram: "A criança em idade Pré-escolar, Escolar e Pré-confermando" – do ponto de vista Pedagógico (Profa. Silvana Lehenbauer), do ponto de vista Psicológico (Prof. Bruno Ries) e do ponto de vista Espiritual (Rev. Oscar Lehenbauer). Foi uma oportunidade excelente para a análise de diferentes aspectos e situações do ensino e sob três enfoques simultâneos: pedagógico, psicológico e espiritual.

A criação de uma união dos professores não teve a inspiração de acontecer-se mais uma sigla às que já existem há mais tempo na IELB, como: ANEL, ISELB, JELB, LILLB,

etc... A criação da União de Professores Luteranos de Escola Dominical (UPLLED) teve como motivação básica a de reunir seus professores em torno de uma sigla – sim – mas buscar acima de tudo a união em torno de uma mais estreita harmonia de currículo, mesmo plano de ação; uma troca de idéias e experiências; um preparo permanente dos professores conforme as necessidades regionais e através dos agentes (representantes) distritais; e, enfim, a execução de um trabalho bem

diante dos pais, comunidades e professores: "Ensina a Criança" (Pv 22.6). O Rev. Ely Prieto na liturgia e o Rev. Galdino Schneider na mensagem, dirigiram o culto. Todas as músicas tiveram a direção do Rev. Valdo e de sua esposa Lea Weber.

Do 1º Congresso Nacional de Professores de Escola Dominical vem a sugestão de no próximo ano (1988) realizarem-se congressos distritais e regionais, e no ano seguinte (1989) o 2º Congresso Nacional. Vem também

Os participantes do Congresso de Vitória

apropriado para o crescimento e aperfeiçoamento dos recursos humanos; além disso, um esforço para envolver mais intensamente os pais e comunidades em torno das suas escolas dominicais.

A noite dos relatos de experiência, predominada pelos relatos do Rev. Galdino Schneider, foi de real aproveitamento pelas diversas situações colocadas, particularmente quando da ausência de recursos didáticos e materiais, e pelas soluções precárias encontradas.

O culto de encerramento foi um fecho brilhante a este congresso que, com muitos cânticos e participação interessada da maioria dos congressistas, pôs em destaque a tarefa que está

o apelo para que os conselhos distritais da IELB elejam os seus professores que representem os distritos junto à Comissão de Escola Dominical.

Da opinião dos participantes sobre a realização deste 1º Congresso, registramos este parágrafo de "Uma palavra à Comissão" deixada por escrito: "Colocando dons e talentos ao Seu serviço, vocês estão cooperando sobrenaturalmente para o crescimento do Seu reino aqui na terra. A iniciativa de abraçar esta causa tão sublime de levar 'Cristo às crianças' é de uma grandiosidade tamanha que nossas únicas palavras no momento são: 'Obrigado, Senhor!'"

* Pastor e Assessor para Produção de Material de Escola Dominical.

NOVEMBRO 87 – Página 33

Fonte: Mensageiro Luterano, novembro de 1987.

O Congresso Nacional de Escola Dominical

Embora já publicadas notas sobre o 1º Congresso Nacional de Professores de Escola Dominical (Elo, jornalzinho), também ao Mensageiro damos informações deste congresso – inédito na IELB – e coroado de êxito. A Comissão de Escola Dominical decidiu-se por esta realização considerando razões bem determinadas e práticas, tais como: atender solicitações permanentes de bom número de professores; reunir os professores para ouvi-los sobre a realidade e as prioridades das escolas dominicais em seus campos de atividade; determinar metas para serem alcançadas em âmbito nacional; estabelecer uma fórmula permanente para a preparação dos professores, especialmente os mais novos; organizar a área da Escola Dominical através de uma união de professores, em âmbito nacional.

O 1º Congresso Nacional de Professores de Escola Dominical realizou-se no Calir (Centro de Aperfeiçoamento do Líder Rural), em Viana, Grande Vitória, ES, nos dias 5 e 6 de setembro de 87. Um local excelente para encontros e congressos.

O congresso teve 4 pontos de destaque: os 3 painéis sobre a criança e sua educação em diferentes faixas etárias, a criação da união dos professores, com a aprovação do seu regimento, noite de relatos de experiências, e o culto de encerramento.

Os 3 painéis foram: "A criança em idade Pré-escolar, Escolar e Pré-confirmando" - do ponto de vista Pedagógico (Profa. Silvana Lehenbauer), do ponto de vista Psicológico (Prof. Bruno Riess) e do ponto de vista Espiritual (Rev. Oscar Lehenbauer). Foi uma oportunidade excelente para a análise de diferentes aspectos e situações do ensino e sob três enfoques simultâneos: pedagógico, psicológico e espiritual.

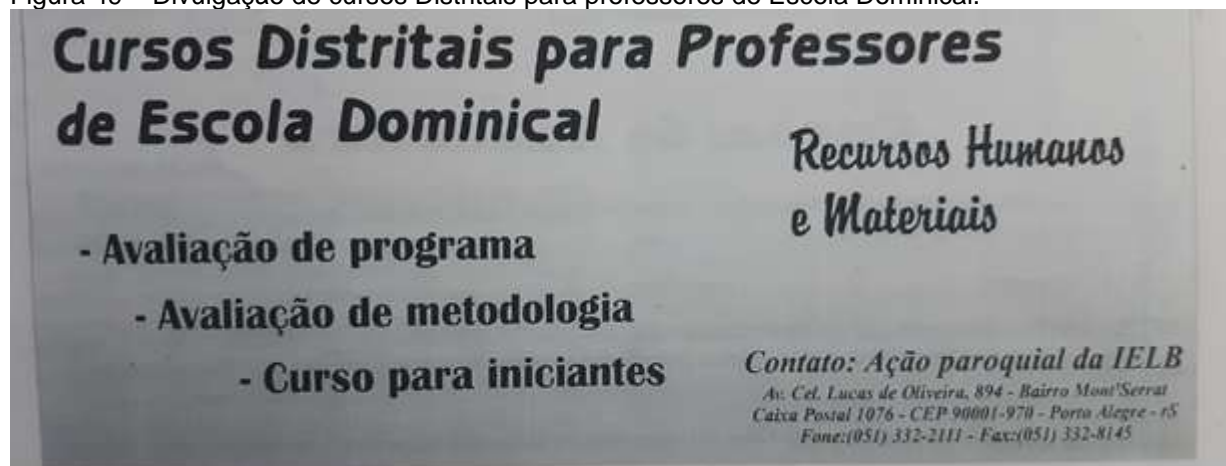
A criação de uma união dos professores não teve a inspiração de acrescentar-se mais uma sigla que já existem há mais tempo na IELB, como: ANEL, LSLB, JELB, LLLB.

A criação da União de Professores Luteranos de Escola Dominical (UPLED) teve como motivação básica a de reunir seus professores em torno de uma sigla – sim – mas buscar acima de tudo buscar a união em torno uma mais estreita harmonia de currículo, mesmo plano de ação, uma troca de ideias e experiências, um preparo permanente dos professores conforme as necessidades regionais e através dos agentes (representantes) distritais, e, enfim, a execução de um trabalho bem apropriado para o crescimento e aperfeiçoamento dos recursos humanos, além disso, um esforço para envolver mais intrinsecamente os pais e comunidades em torno das suas escolas dominicais.

Na foto da notícia anterior, percebe-se a presença de mulheres e de homens, os homens que provavelmente são pastores. O tema do Congresso foi “A criança em Idade Pré-Escolar, Escolar e Pré-confirmandos”, abordado do ponto de vista pedagógico, psicológico e espiritual. A abordagem pedagógica ficou a cargo de Silvana Lehenbauer. Ainda se percebe, mais uma vez, a presença da preocupação com a faixa etária do público da Escola Dominical. E quando se trata de faixas etárias e formação psicológica, percebe-se também o foco nas fases do desenvolvimento infantil de Piaget.

“O Jornalzinho” também foi utilizado como um meio de divulgação dos cursos a serem realizados, como visto nesta edição de 1996:

Figura 49 – Divulgação de cursos Distritais para professores de Escola Dominical.



Fonte: O Jornalzinho, 3º trimestre de 1996.

Cursos Distritais para Professores de Escola Dominical
 - Avaliação de Programa; Avaliação de metodologia; Curso para iniciantes.
 Recursos Humanos e Materiais.

A propaganda anterior informa sobre a realização de cursos distritais, que são as reuniões entre as igrejas localizadas de maneira mais próxima. Essa união entre professores que atuam na mesma região geográfica ou na mesma paróquia é explicada por uma espécie de modelo de formação multiplicador.

4.5.1 Modelo de formação multiplicador

Percebe-se que muitas das professoras que participavam dos cursos de formação que eram mais regionais repassavam suas aprendizagens aos grupos locais. Silvana relatou que ministrou muitos desses cursos de caráter mais local, ela comentou que junto a seu esposo, Oscar, viajou muito ministrando essas formações em menor proporção. Ela salientou: “sempre que tu atende e consegue trabalhar com grupos menores, obviamente que o resultado será outro, será diferenciado” (Silvana, 2025).

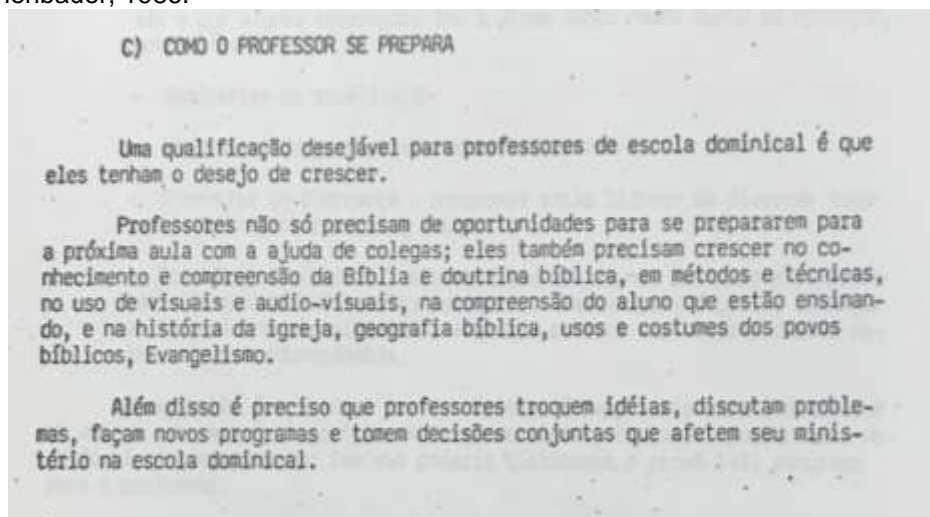
Conforme relata Marilanda (2024), “um tempo a gente se reunia com todas as professoras da Paróquia⁷⁹ e fazia um planejamento de aulas. As aulas para tantos meses, era tudo planejado [...]”. O mesmo relato é trazido por Hedi (2023), que menciona: “nós tínhamos nossas reuniões das professoras da paróquia para planejar as aulas por um certo período; cada professora planejava de duas a três

⁷⁹ A paróquia faz referência a um grupo de igrejas/comunidades da IELB que estão localizadas próximas e geralmente são atendidas pelo mesmo pastor.

aulas completas, com história, cantos, versículo, orações e atividades e passava para todas as professoras da paróquia”. Nesta fala, dona Hedi recorda sobre a organização das aulas e relata que cada paróquia poderia ter um grupo de professoras que se reuniria para o desenvolvimento das aulas da Escola Dominical.

Em um dos materiais escritos por Silvana Lehenbauer, constata-se a seguinte orientação:

Figura 50 - Como o professor se prepara, obra “Como ensiná-los do Manual para Escola Dominical” Silvana Lehenbauer, 1986.



Fonte: Disponível no Instituto Histórico da IELB.

Como o professor se prepara:

Uma qualificação desejável para professores de escola dominical é que eles tenham o desejo de crescer.

Professores não só precisam de oportunidades para se prepararem para a próxima aula com a ajuda de colegas; eles também precisam crescer no conhecimento e compreensão da Bíblia e doutrina bíblica, em métodos e técnicas, no uso de visuais e audio-visuais, na compreensão do aluno que estão ensinando, e na história da igreja, geografia bíblica, uso e costumes dos povos bíblicos, Evangelismo.

Além disso é preciso que professores troquem ideias, discutam problemas, façam novos programas e tomem decisões conjuntas que afetem seu ministério na Escola Dominical.

Professores não só precisam de oportunidades para se prepararem para a próxima aula com a ajuda de colegas; eles também precisam crescer no conhecimento

Os autores sugerem que os professores troquem ideias e discutam sobre assuntos relacionados à Escola Dominical. A fala de Silvana ainda completa:

Oscar também já tinha feito o mestrado em educação paroquial, e ele viu que deveríamos mudar isso. E nessa época o Oscar implantou também a ideia de alterar um pouco, não somente em teoria e prática, mas também alterar essa formação de professores para grupos menores, e aí ele incentivou muito a formação de professores por distrito, acabou reunindo os professores por distrito e a gente passava os finais de semana com eles.

Nessa época nós praticamente viajávamos o Brasil inteiro, não teve nenhum estado brasileiro que a gente não tenha estado com esses cursos de formação de professores de Escola Dominical (Silvana, 2022).

Neste comentário, Silvana fala que em um determinado momento a Comissão da Escola Dominical optou em reunir os professores por distrito⁸⁰ para realizar uma formação mais específica. Foi em um desses cursos mais locais que as entrevistadas Gessi e Loni conheceram Silvana.

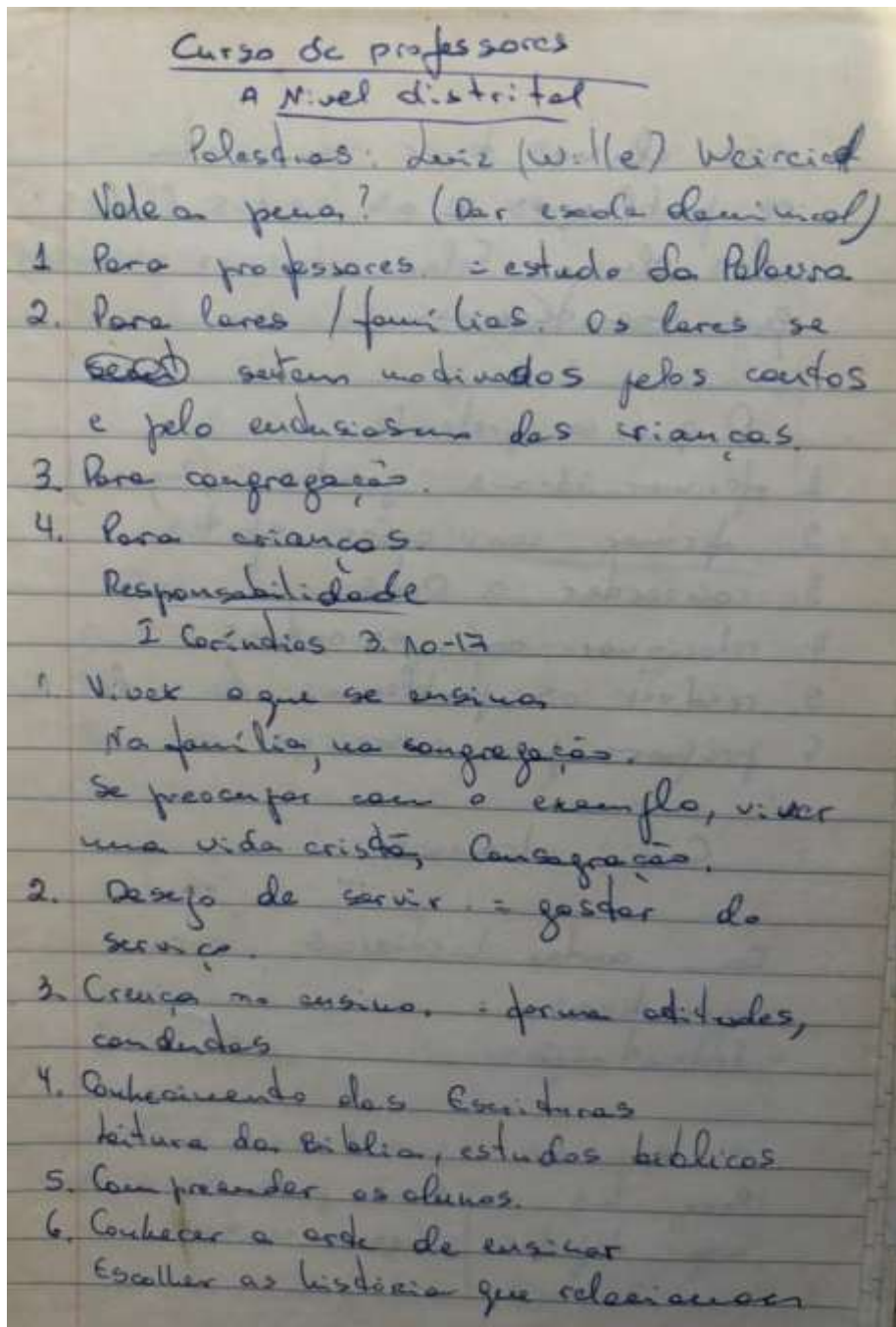
Silvana menciona que os cursos locais e regionais tinham a intenção de se aproximar daquelas mulheres que estavam engajadas na tarefa de serem professoras de Escola Dominical, ela menciona: “a gente procurou mais essa qualificação pela regionalização dos cursos com a ideia de que diminuindo o número de pessoas e contatando elas mais de perto a gente conseguiria fortalecer mais em termos de possibilidade de como trabalhar, sempre muito preocupados com esse como fazer” (Silvana, 2022).

Esse modelo de formação buscava uma aproximação dos líderes administrativos da Escola Dominical com aquelas professoras que estavam nas paróquias realizando seu trabalho.

A seguir é apresentado um registro feito por Hedi. Em um de seus cadernos, a professora escreve sobre um curso distrital de que participou:

⁸⁰ Grupo de igrejas que se reúnem especialmente por localização geográfica.

Figura 51 – Anotações de professora Hedi sobre cursos distritais de professores.



Curso de professores
A Nível distrital
Palestras: Luiz (Wille) Weirich

Vale a pena? (Dar escola dominical)

1. Para professores: estudo da Palavra
2. Para lares / famílias: Os lares se sentem motivados pelos contos e pelo entusiasmo das crianças.
3. Para congregação.
4. Para crianças.

Responsabilidade
I Coríntios 3.10-17

1. Viver o que se ensina na família, na congregação. Se preocupar com o exemplo, viver uma vida cristã, consagração.
2. Desejo de servir: gostar do serviço.
3. Crença no ensino: formar atitudes, condutas.
4. Conhecimento das Escrituras: leitura da Bíblia, estudos bíblicos.
5. Compreender os alunos.
6. Conhecer a arte de ensinar: Escolher as histórias que relacionam.

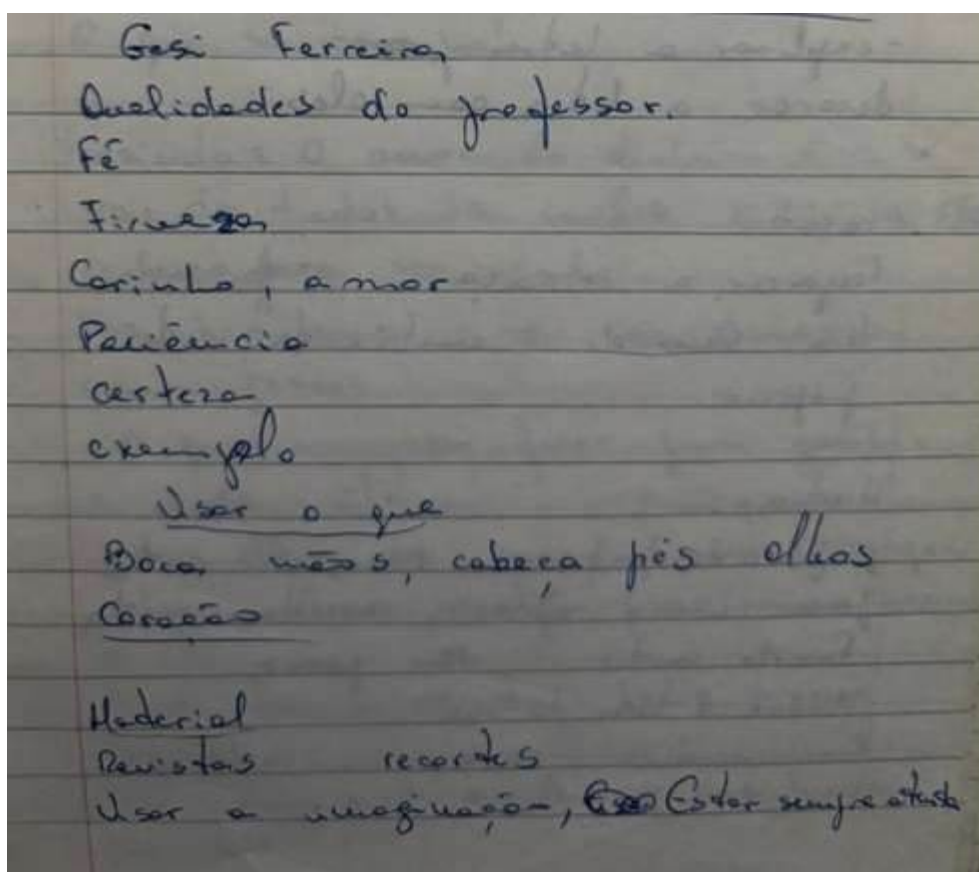
Fonte: Acervo pessoal de Hedi Blank, 2023.

Nestes cursos foram reforçados temas como: Viver uma vida cristã para trazer exemplos aos alunos; conhecer as escrituras; ler regularmente a Bíblia; conhecer a arte de ensinar; escolher as histórias bíblicas; gostar do serviço que exerce e outras atribuições. Esses cursos foram a oportunidade para que as mulheres professoras e formadoras se conhecessem e trocassem experiências.

Algumas das entrevistadas conheciam Silvana por ela ser um nome importante quando se falava em formação de professoras de Escola Dominical. Além disso, essas mulheres, por participarem de congressos de Escola Dominical, congressos de Servas, e algumas serem esposas de pastores, mantinham uma rede de relações, o que oportunizava trocas de experiências.

Na imagem a seguir lê-se um escrito de Hedi produzido sobre sua participação em um curso distrital ministrado por Gessi, o que demonstra que as professoras da mesma geração se conheciam e que havia troca de conhecimentos entre os pares da Igreja:

Figura 52 – Anotações de curso distrital ministrado por Gessi Ferreira.



Fonte: Acervo pessoal de Hedi Blank, 2023.

Gessi Ferreira

Qualidades do professor: Fé, Firmeza, Carinho, Amor, Paciência, Certeza, exemplo:

Usar o que:

Boca, mãos, cabeça, pé, olhos, Coração.

Material: Revistas, recortes, usar a imaginação, estar sempre atento.

Neste curso feito pela professora Hedi, quem fez a palestra foi Gessi Ferreira, dando orientações sobre as qualidades que um professor de Escola Dominical deve ter, atributos como: fé, firmeza, carinho, amor, paciência e certeza. Além disso, o curso recomenda que o professor utilize a boca, as mãos, cabeça, pés e olhos, e no momento dos materiais utilize a imaginação; essa imaginação está relacionada com a artesanaria pedagógica, que veremos em seguida.

4.6 O estudo da “didática” nos cursos de formação

Ao observar as temáticas tratadas nos cursos de formação de professores de Escola Dominical da IELB, observa-se a presença do assunto “Didática”.

Para Comênio (1996), considerado o “pai da didática”, esta poderia ser definida enquanto uma prática de educar e também enquanto ofício de ensinar. Comênio defendia que a educação deveria ser para todos.

Libâneo (2017), por sua vez, define a didática como teoria de ensino, cabendo a ela converter objetivos sociopolíticos e pedagógicos em objetivos de ensino, selecionar conteúdos e métodos em função desses objetivos, estabelecer os vínculos entre ensino e aprendizagem, tendo em vista o desenvolvimento das capacidades mentais dos alunos.

Na imagem a seguir, é apresentado um quadro trabalhado por Silvana Lehenbauer em seu Manual de professores de Escola Dominical. Nesse quadro, a autora traz dicas de como melhorar situações que podem atrapalhar o andamento dos ensinamentos religiosos no ambiente da Escola Dominical. Dentre algumas sugestões pedagógicas estão a diversificação de métodos de ensino, conhecer a realidade da criança e demonstrar empolgação no momento da aula.

Figura 53 - Fatores que prejudicam a aprendizagem, obra “Como ensiná-los do Manual para Escola Dominical” Silvana Lehenbauer, 1986.

FATORES QUE PREJUDICAM A APRENDIZAGEM	
<ul style="list-style-type: none"> - DESATENÇÃO - DESINTERESSE - ATRASO 	<ul style="list-style-type: none"> - FALTA DE HÁBITOS - INDISCIPLINA - PERTURBAÇÕES EMOCIONAIS
CAUSAS	POSSÍVEIS SOLUÇÕES
FÍSICAS - <ul style="list-style-type: none"> - Sala de aula inadequada - Cadeiras e mesas grandes - Ausência ou excesso de luz nos olhos - Espaço pequeno - Ventilação deficiente - Sala em desordem 	<ul style="list-style-type: none"> - Arrumar sala adequada - Cadeiras e mesas menores - ter atividades ao ar livre - Prover lugar para guardar o material - Ventilador - Arrumar a sala antes de entrar com crianças.
SOCIAIS - <ul style="list-style-type: none"> - Desejo de conversar - Desejo de brincar - Desejo de chamar a atenção - Influência do lar e amigos - Desrespeito 	<ul style="list-style-type: none"> - Manter crianças ocupadas - Dispende energia em aula - Mostrar apreciação pelo bom comportamento - Agir com consistência, firmeza - Formar hábitos sadios - Conhecer a origem dos problemas - Manter disciplina de horário - Criar código de postura - Não ameaçar desnecessariamente
EDUCACIONAIS - <ul style="list-style-type: none"> - Má organização e falta de preparo - Métodos inadequados - Excessiva dependência 	<ul style="list-style-type: none"> - Prepara-se bem - Variar métodos - Desprender-se do material - o material é auxílio - Conhecer melhor as necessidades da criança. - Mostrar entusiasmo - ensino mais participativo

Fonte: Disponível no Instituto Histórico da IELB.

CAUSAS	POSSÍVEIS SOLUÇÕES
FÍSICAS	
- Sala de aula inadequada	- Arrumar sala adequada
- Cadeiras e mesas grandes	- Cadeiras e mesas menores
- Ausência ou excesso de luz nos olhos	- Ter atividades ao ar livre
- Espaço pequeno	- Prover lugar para guardar o material
- Ventilação deficiente	- Ventilador
- Sala em desordem	- Arrumar a sala antes de entrar com crianças.
SOCIAIS	
- Desejo de conversar	- Manter crianças ocupadas
- Desejo de brincar	- Dispende energia em aula
- Desejo de chamar a atenção	- Mostrar apreciação pelo bom comportamento
- Influência do lar e amigos	- Agir com consistência, firmeza
- Desrespeito	- Formar hábitos sadios
	- Conhecer a origem dos problemas
	- Manter disciplina de horário
	- Criar código de postura
	- Não ameaçar desnecessariamente
EDUCACIONAIS	
- Má organização e falta de preparo	- Prepara-se bem
- Métodos inadequados	- Variar métodos
- Excessiva dependência	- Desprender-se do material - o material é auxílio
	- Conhecer melhor as necessidades da criança.
	- Mostrar entusiasmo
	- ensino mais participativo

No quadro, a autora escreve que os professores devem ter iniciativas para manter a atenção dos discentes, diversificar os métodos de ensino, incentivar a participação dos mesmos e demonstrar empolgação nas aulas, ações que poderiam ajudar na busca pela atenção e o interesse do aluno.

Loni (2023) também fala sobre o ensino de didática nos cursos de formação de professores:

Primeiros anos não teve cursos, aí, depois, o primeiro curso que eu assisti foi o da Silvana, ela veio para cá (se refere à cidade de Canguçu-RS) e mais professores assistiram, e ela nos deu uma bagagem muito boa, de como que tinha que dar a teologia e também nos deu muito material e ela ensinava a didática, de como contar uma história, de como incentivar a criança [...] Ensinavam como que tu tinha que agir com o aluno, como que tinha que ensinar, tinha que haver uma introdução, um meio e também um final para aquela aula. A gente perguntava primeiro como que tinha sido a semana deles (se refere ao aluno), a gente começava indagando e explorando o aluno (Loni, 2023).

Ainda sobre esses cursos, Loni diz que havia a parte didática e a parte teológica. Ela menciona que seu interesse era sempre mais voltado para a parte da didática, da abordagem, aproximação e entrosamento com os alunos:

Eu, como esposa de pastor, tinha bastante noção da parte teológica, e eu, desde pequena, frequentei uma escola particular, e ali era todos os dias histórias bíblicas. Aquelas histórias bíblicas eu já conhecia, pois em primeiro lugar na escola era estudo da história bíblica e do catecismo, então eu sabia bastante sobre a doutrina. Então aquilo que os pastores davam, a gente não tinha tanto interesse, a gente tinha um interesse maior na didática, eu queria saber como dar a aula, como incentivar o aluno, toda essa parte didática, de como falar para eles, para que eles entendam melhor (Loni, 2024).

Neste relato, a entrevistada fala que nos cursos oferecidos pela IELB havia estudos sobre histórias bíblicas e demais temas teológicos, mas que o que realmente interessava para as professoras eram as abordagens didáticas, de como organizar e desenvolver as aulas.

Hedi também menciona sobre os temas abordados nos cursos:

Era o estudo da doutrina, da palavra, da Bíblia, e para a gente poder ensinar, em primeiro lugar a gente precisa saber, a gente tem que ter certeza disso... como vou ensinar uma coisa que eu não sei, que eu não acredito? Então eu preciso me firmar, eu preciso orar bastante para poder transmitir para os outros aquilo que eu aprendi (Hedi, 2023).

Ao verificar a fala de uma professora que participou do curso ministrado por Silvana, e ao ouvir o relato da própria Silvana sobre sua visão enquanto ministrante do curso, percebe-se que havia uma preocupação com o “ensinar a contar a história” e com o movimento de aproximação do professor para com seu aluno.

E sempre no início da escolinha a gente perguntava como tinha sido a semana da criança, aí muitos falavam como que tinha sido, e a gente

também perguntava sobre religião, se as crianças tinham feito a devoção, se tinham orado, se tinham feito a oração de noite, se eles agradeciam pelas coisas que eles recebiam, trabalhando para evitar brigas, e contava histórias para trabalhar isso, e ver se na escola eles também obedeciam a professora, se trabalhava também sobre assuntos, como, por exemplo: “o que vinha depois da morte?” [...] (Loni, 2023).

Ou seja, a Escolinha Dominical ensinava hábitos religiosos para as crianças, as professoras tinham o papel de se aproximar da criança e com ela conversar sobre suas tarefas religiosas. Torna-se perceptível, desse modo, que a as ações desenvolvidas pelas professoras fortaleciam e criavam *habitus* religiosos nas crianças, que se tornariam futuros praticantes da IELB.

Na imagem a seguir aparecem dicas didáticas que seriam publicadas n’o “Jornalzinho” para auxiliar os professores nas suas práticas. Essa notícia é do ano de 1996, e no período já havia um maior número de publicações da Igreja que eram indicadas para a leitura e estudo das professoras:

Figura 54 – Divulgação da Biblioteca da Escola Dominical.

BIBLIOTECA DA ESCOLA DOMINICAL

A partir deste mês publicaremos listas de livros úteis para o crescimento do professor e sua Escola Dominical

Cristian Hoffmann

TÍTULO	DESCRIÇÃO
1. ADORAÇÃO E MÚSICA	
A Música na Bíblia	
Cânticos de Louvor 1 e 2	Hinário para crianças.
Jubilate! A Música na Igreja	
Louvai ao Senhor	158 hinos para missão.
Manual da Comissão de Altar	O ano eclesialístico e a simbologia cristã.
O Culto Cristão	Explica a tradição litúrgica da Igreja
Hinário Luterano	573 hinos cantados na IELB.
Por esta causa me ponho de joelhos	Estudos bíblicos e manual do líder.
Todos os povos o louvem	Músicas da IELB.
Um Natal Especial	4 programas para o Natal.
Vinde a mim.	

TÍTULO	DESCRIÇÃO
2. A BÍBLIA SAGRADA	
Manual Bíblico	Vista geral da Bíblia, comentário
A vida diária nos tempos de Jesus	Os costumes, as leis
Introdução Bíblica	
Panorama do Novo Testamento	
Visão Panorâmica da Bíblia	
3. PEDAGOGIA E PSICOLOGIA	
Apascenta os meus cordeirinhos (APEC)	
A Pedagogia de Jesus (JUERP)	
Filosofia Luterana da Educação	Princípios da educação segundo a Bíblia
Psicologia da Criança	

Encomendas

Concórdia Editora Ltda

Av. São Pedro, 611 - B. São Casarão

CEP 90230-120 - Porto Alegre - RS

Fone (051) 343-3699 - Fax (051) 343-5234

Fonte: “O Jornalzinho”, 2º trimestre de 1996.

<p>BIBLIOTECA DA ESCOLA DOMINICAL</p> <p>A partir deste mês publicaremos listas de livros úteis para o crescimento do professor e sua Escola Dominical</p> <p>Cristian Hoffmann</p> <p>TÍTULO</p> <p>1. ADORAÇÃO E MÚSICA</p> <p>A Música na Bíblia; Cânticos de Louvor 1 e 2 - Hinário para crianças. Jubilate! A Música na Igreja; Louvai ao Senhor; Manual da Comissão de Altar - O ano eclesialístico e a simbologia cristã; O Culto Cristão - Explica a tradição litúrgica da Igreja.</p> <p>3. PEDAGOGIA E PSICOLOGIA</p> <p>Apascenta os meus cordeirinhos (APEC); A Pedagogia de Jesus (JUERP); Filosofia Luterana da Educação - Princípios da educação segundo a Bíblia; Psicologia da Criança</p>

Na imagem aparecem algumas sugestões de obras as quais o professor de Escola Dominical deveria ter acesso. Aparecem sugestões relacionadas aos temas pedagogia e psicologia.

4.7 O perfil das professoras e suas ideias pedagógicas

Como já destacado em vários momentos, o papel de professor da Escola Dominical foi majoritariamente ocupado por mulheres. A pesquisa teve foco para um período em que a educação brasileira passava por um período técnico, em que as professoras passavam por um processo de treinamento e capacitação, para também ensinar e treinar as crianças para uma vida regrada dentro dos preceitos religiosos. Mesmo que se tratasse de um período mais técnico, as professoras faziam adaptações em materiais de acordo com cada realidade atendida, além disso, elas criavam e recriavam materiais de acordo com suas habilidades e realidades.

A professora Ângela menciona que o grupo que organizava a Escola Dominical era formado por pessoas engajadas no propósito:

Era muito trabalho em equipe, antes de ter a internet as pessoas se reuniam lá na igreja, as professoras revisavam as histórias, se fazia um mutirão de vários dias, de sexta, sábado e domingo, e cada professor da comissão pegava uma meia dúzia de histórias e lia, e dois ou três pastores faziam a parte teológica, até que isso pudesse ir para a editora, para a gráfica pronto, então a gente tinha muito trabalho [...] a gente não tinha pessoas tão equipadas assim, o que a gente tinha eram pessoas com muita boa vontade, mas às vezes não tinha disponibilidade de material ou disponibilidade de conhecimento até pra superar ou fazer melhor... tudo o que a gente fez foi sempre o melhor possível, mas nem sempre a gente tinha uma pedagoga no nosso grupo, nem sempre nós tínhamos só professoras no nosso grupo. Na maioria das vezes eram esposas de pastores, que não tinham formação pedagógica, que não eram professoras, mas estavam ali porque estavam envolvidas no trabalho da Escola Dominical. Atualmente a equipe é de professoras formadas, de pessoas que tem uma formação na educação, que podem dar um pouco mais, trabalhar de uma forma mais pedagógica, mais didática (Ângela, 2022).

Sobre a participação das esposas de pastores, Silvana também relata que o papel das mulheres dentro da IELB sempre esteve muito atrelado com o amparo, apoio, cuidado e sustentação aos seus maridos e a sua família. Ela destaca que com o passar das gerações a mulher foi conquistando o seu espaço:

É uma questão de cultura, não só a cultura eclesial, mas a cultura social, nós ainda vivemos isso, já de uma maneira bem mais branda, mas nós vivemos isso. O que eu posso situar, por exemplo, a minha geração foi a primeira geração que, do ponto de vista social, saiu de casa para trabalhar, porque a geração da minha mãe não saía de casa: casava, desistia da sua profissão para cuidar da casa e dos filhos. A minha geração

já começou a sair do campo de trabalho, abrir outros espaços, e isso repercutia em qualquer local, repercutir dentro de grupos sociais e repercutir também dentro da igreja. E a gente ainda tinha, na época, pastores que deixavam muito claro que o papel da mulher é esse, é de preparar, é de organizar, é de sustentar, é de dar apoio para chegar a um determinado objetivo (Silvana, 2025).

Em sua grande maioria, as professoras eram mães de alunos da Escola Dominical, esposas de pastores, docentes da educação básica ou mulheres muito engajadas nas atividades da Igreja. A entrevistada Célia (2022) contou que se casou com seu marido aos 17 anos de idade e se tornou professora de Escola Dominical: “aí meu marido falou assim: A Escola Dominical é por sua conta, você treina os professores e se você precisar de ajuda eu te ajudo no que você precisar. Aí eu me senti uma responsável, aos 17 anos, por um grupo de professores”. Desta forma, como esposa de pastor, Célia assumiu esse papel de professora da Escola Dominical. Ela menciona que atualmente essa realidade está diferente: “hoje em dia já não é mais tão em cima das esposas dos pastores, mas a gente tinha uma sobrecarga que se levava junto, era casou e assumiu. E as pessoas viam na gente a inspiração para esse trabalho” (Célia, 2022).

Figura 55 – Esquema que demonstra os perfis das professoras de Escola Dominical.



Fonte: elaborado pela autora, 2025.

Sobre as professoras serem, também mães de alunos, Silvana relata:

Os professores de Escola Dominical quase sempre são as mulheres, e é bem interessante se a gente for observar também, uma coisa que a gente

constatou no tempo da congregação, é que essas mulheres quase sempre são as mães das crianças que estão na Escola Dominical, porque a mãe está preocupada que realmente a criança receba uma mensagem que se torne significativa para a vida dele. E é bem interessante porque pensando assim, em Santa Maria, por exemplo, quando nós tínhamos um grupo inicial, que era uma coisa incrível de força de trabalho, nós éramos em seis mulheres, e o Oscar sempre junto quando a gente elaborava os materiais. Mas, assim, essas seis mulheres que assumiram junto foram bem interessante, porque quando os filhos iniciaram o ensino confirmatório, várias delas pediram para serem substituídas, e daí entrava um grupo novo. Aos poucos, quando nós saímos da congregação, do grupo inicial, nós tínhamos duas pessoas só, duas senhoras ainda, e eu, as outras, já deixaram, para o pastor para concluir a formação dos seus filhos no ensino confirmatório. E realmente essa participação, as mães, sempre são mais abertas e mais preocupadas em dar sentido às questões em que os seus filhos estão envolvidos. Então, isso é papel fundamental e as mulheres sempre assumiram junto, e mesmo porque naquela época ainda se tinha alguns preconceitos dentro da Igreja, no sentido do papel da mulher, que aos poucos a gente teve que ir quebrando, mostrando a possibilidade de uma mulher assumir e trabalhar tão bem quanto um homem (Silvana, 2025).

As mães, ao levarem seus filhos na Igreja, acabavam se envolvendo nas atividades da Escola Dominical. Essa informação trazida por Silvana, remonta novamente à discussão sobre o gênero, pois o papel de professora da Escola Dominical era majoritariamente ocupado por mulheres, que eram mães, missionárias e que poderiam se envolver com a docência. Pois, como traz Almeida (1998), a profissão do magistério seria uma ocupação viável de conciliar com a maternidade.

A reprodução da espécie e a responsabilidade pelo cuidado com as gerações futuras concentravam-se nas mãos femininas e isso era uma esfera de poder. Renegar essa capacidade e todo o potencial de que se revestia, ao insurgir-se contra os atributos maternais, era estabelecer a sua negação como seres femininos aquinhoados pela natureza com o dom de conceber e dar à luz (Almeida, 1998, p. 69).

Almeida (1998) ainda diz que a profissão de professora seria inerente às mulheres, pois a ação de cuidar já estaria presente em sua ação humana.

A aceitação dos atributos de vocação e missão sagrada tinha sua justificativa e essa imagética revestia-se de concretude na vida dessas mulheres, pois a incorporação de atributos maternais à profissão servia, assim, ao poder oficial, à profissão em si e às próprias mulheres, que se viam duplamente beneficiadas, podendo ser mães e ser professoras, com aceitação e autorização social e sob as bênçãos da religião católica. Por isso, questionar a ideologia da profissão seria questionar seu próprio ser e sua própria aspiração e força motivadora do grupo feminino que se reconhecia nessa interpretação, tornando-se agentes e cúmplices de um desejo e de uma força para seu trabalho (Almeida, 1998, p. 69).

Ao olhar todos os materiais documentais envolvidos na pesquisa e os relatos dos professores, percebeu-se que foram várias ideias e correntes pedagógicas que circularam pela Escola Dominical da IELB no período analisado. A IELB não tinha uma abordagem pedagógica abertamente difundida, mas observando materiais e

ouvindo relatos percebe-se que, de maneira, sutil alguns pensadores educacionais se destacam, as análises são abordadas no quadro a seguir:

Quadro 9 – Relação entre entrevistas, documentos e correntes pedagógicas na Escola Dominical.

IDENTIFICAÇÃO EM DOCUMENTOS / ENTREVISTAS	AUTOR / CORRENTE PEDAGÓGICA
<ul style="list-style-type: none"> • Entrevista de Silvana Lehenbauer; • Como ensiná-los do Manual para Escola Dominical, Silvana Lehenbauer, 1986; • Diferente edições do Com Jesus; 	Jean Piaget – Fases do desenvolvimento
<ul style="list-style-type: none"> • Entrevista de Silvana Lehenbauer; • Indicação de leitura no O Jornalzinho, Ano 8. N.30. 4º trimestre, 1992. 	Lawrence Kolberg – Formação Moral
<ul style="list-style-type: none"> • Entrevista de Silvana Lehenbauer 	John Dewey - Cooperação
<ul style="list-style-type: none"> • Recompensa pela presença; • Entrevistas Hedi e Silvana; • Memorização de versículos; • Como ensiná-los do Manual para Escola Dominical, Silvana Lehenbauer, 1986 	Burrhus Frederic Skinner – Estímulo e Resposta
<ul style="list-style-type: none"> • O Jornalzinho – Ano 11. 2º trimestre, 1995 	Paulo Freire
<ul style="list-style-type: none"> • O Jornalzinho, Ano 12. 1º trimestre, 1996 	Carl Rogers

Organização: autora, 2025.

Neste quadro e ao longo do capítulo, percebeu-se que a IELB não tinha uma orientação de pensamento pedagógico própria, mas que suas professoras e formadoras utilizavam diferentes autores, como Jean Piaget, Lawrence Kolberg, John Dewey, Burrhus Frederic Skinner, Paulo Freire e Carl Rogers. A IELB utilizava materiais para docentes, e demais materiais que orientavam seus docentes.

Neste capítulo, a proposta foi de trazer alguns elementos que constituíram a formação das professoras da IELB. No capítulo que segue serão reveladas as estratégias, organizações e principais temas que eram trabalhados nas aulas da Escola Dominical da IELB.

5. ESTRATÉGIAS, ORGANIZAÇÕES E TEMAS ABORDADOS NA ESCOLA DOMINICAL

A vida escolar se desenrola no tabuleiro social como um rito, como uma liturgia. Há uma maneira de ser escola, que se expressa mediante rituais, mobilizando sentimentos, experiências e símbolos. Há um script, uma coreografia, que a escola estrutura em seu dia a dia e com a qual apenas os que passam por ela se familiarizam. Nenhuma outra instituição no cenário social é capaz de ocupar esse papel. [...] a organização escolar instaura significados por meio dos quais há sincronia e ritmo entre gestos e movimentos (Boto, 2014, p. 102).

Apesar de Carlota Boto estar se referindo à educação escolarizada, percebe-se que na Escola Dominical eram utilizadas estratégias pedagógicas que se aproximavam de rituais, práticas, afetividades, significados e significantes para os envolvidos. Ao longo das análises, percebe-se que além de formar as mulheres no âmbito docente, a Escola Dominical formou as crianças no âmbito religioso e moral.

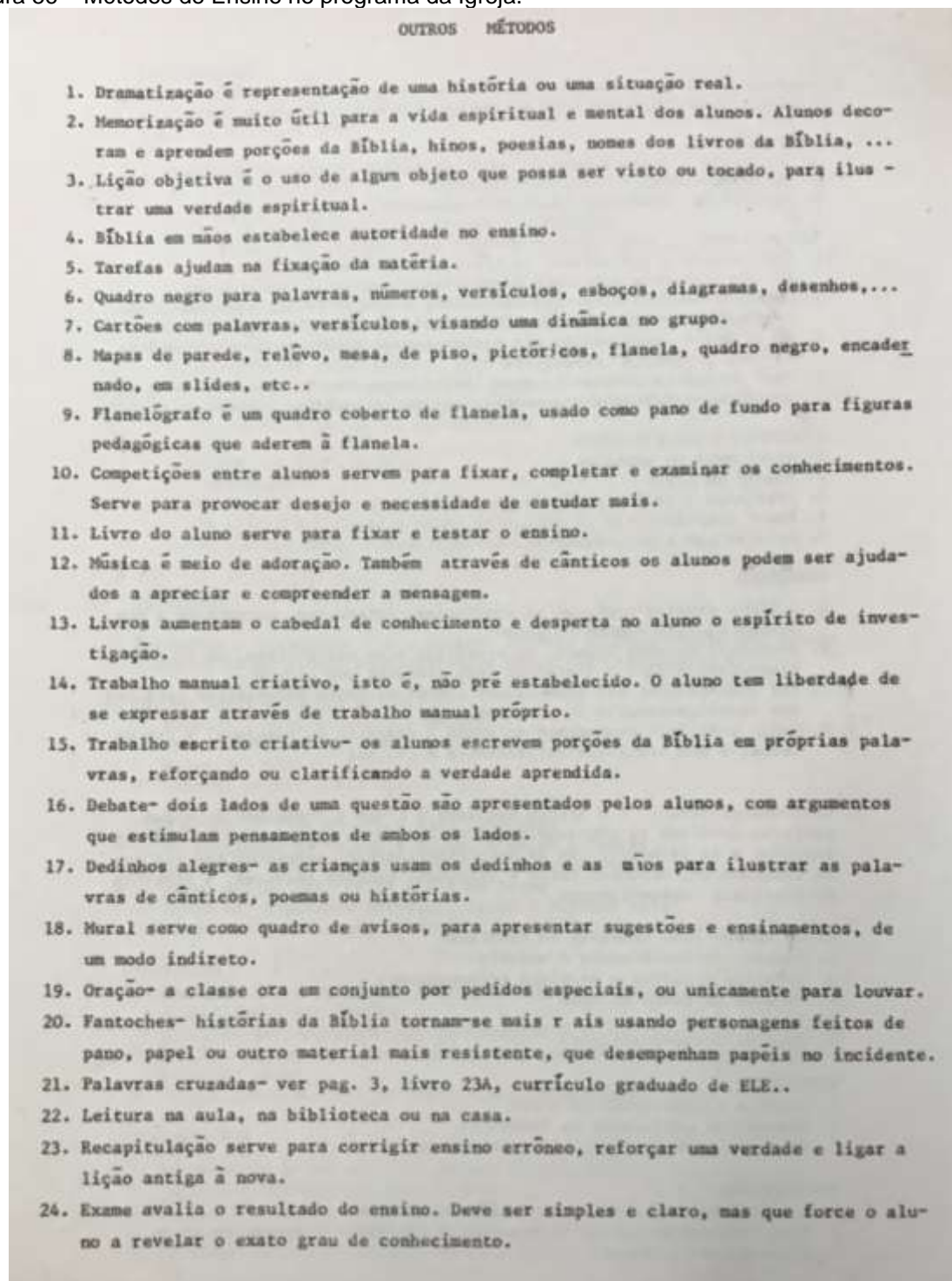
Todas essas ações e organizações estabelecidas dentro da Escola Dominical corroboram a constituição de um *habitus* luterano que mantém os fiéis dentro dos preceitos religiosos. Essas ações favorecem também a constituição do que podemos entender como um espaço de letramento⁸¹ religioso⁸² (Kersch, Silva, 2012; Street, 2013), pois as atividades direcionadas para as crianças envolviam uma educação cristã, e junto dessa educação eram desenvolvidas atividades lúdicas que estimulavam esse letramento. As atividades ali realizadas tornam a criança letrada em questões doutrinárias de sua denominação religiosa.

Na imagem a seguir, aparecem ações que poderiam ser utilizados pelo professor para aperfeiçoar a sua aula, nomeadas como “Métodos de Ensino no programa da Igreja”:

⁸¹ Magalhães (2012, p. 18) define o Letramento como “prática social da língua escrita, o que inclui os processos sociais da leitura e da escrita”.

⁸² Compreendido por meio dos usos sociais da leitura e da escrita para a formação de uma cultura específica. Baseada em Lage (2013).

Figura 56 – Métodos de Ensino no programa da Igreja.



Fonte: Material disponível no Instituto Histórico da IELB.

OUTROS MÉTODOS

1. Dramatização e representação de uma história ou uma situação real.
2. Memorização é muito útil para a vida espiritual e mental dos alunos. Alunos decoram e aprendem porções da Bíblia, hinos, poesias, nomes dos livros da Bíblia, ...
3. Lição objetiva é o uso de algum objeto que possa ser visto ou tocado, para ilustrar uma verdade espiritual.
4. Bíblia em mãos estabelece autoridade no ensino.
5. Tarefas ajudam na fixação da matéria.
6. Quadro negro para palavras, números, versículos, esboços, diagramas, desenhos...
7. Cartões com palavras, versículos, visando uma dinâmica no grupo.
8. Mapas de parede, relevo, mesa, de piso, pictóricos, flanela, quadro negro, encadernado, em slides, etc..
9. Flanelógrafo é um quadro coberto de flanela, usado como pano de fundo para figuras pedagógicas que aderem à flanela.
10. Competições entre alunos servem para fixar, completar e examinar os conhecimentos. Serve para provocar desejo e necessidade de estudar mais.
11. Livro do aluno serve para fixar e testar o ensino.
12. Música é meio de adoração. Também através de cânticos os alunos podem ser ajudados a apreciar e compreender a mensagem.
13. Livros aumentam o cabedal de conhecimento e desperta no aluno o espírito de investigação.
14. Trabalho manual criativo, isto é, não pré-estabelecido. O aluno tem liberdade de se expressar através de trabalho manual próprio.
15. Trabalho escrito criativo - os alunos escrevem porções da Bíblia em próprias palavras, reforçando ou clarificando a verdade aprendida.
16. Debate - dois lados de uma questão são apresentados pelos alunos, com argumentos que estimulam pensamentos de ambos os lados.
17. Dedinhos alegres - as crianças usam os dedinhos e as mãos para ilustrar as palavras de cânticos, poemas ou histórias.
18. Mural serve como quadro de avisos, para apresentar sugestões e ensinamentos, de um modo indireto.
19. Oração - a classe ora em conjunto por pedidos especiais, ou unicamente para louvar.
20. Fantoches - histórias da Bíblia tornam-se mais reais usando personagens feitos de pano, papel ou outro material mais resistente, que desempenham papéis no incidente.
21. Palavras cruzadas- ver pag. 3, livro 23A, currículo graduado de ELE..
22. Leitura na aula, na biblioteca ou na casa.
23. Recapitulação serve para corrigir ensino errôneo, reforçar uma verdade e ligar a lição antiga à nova.
24. Exame avalia o resultado do ensino. Deve ser simples e claro, mas que force o aluno a revelar o exato grau de conhecimento.

Muitos desses métodos e recursos foram colocados em prática pelas professoras e fizeram parte do ofício do professor e da composição da materialidade da Escola Dominical, principalmente quando se tratou da dramatização, da memorização, do quadro negro, do flanelógrafo, da música, dos fantoches, das palavras cruzadas e dos trabalhos manuais.

Observa-se que muitas das técnicas e recursos adotados eram semelhantes aos das escolas regulares, o que também fez com que os alunos participantes das Escolas Dominicais tivessem maior tempo de convívio com a materialidade escolar. Mesmo que se tratasse de um ambiente religioso, que conseqüentemente formava o

habitus luterano de um futuro participante da IELB, os recursos, as normas, os comportamentos e rituais condiziam com as características da escola regular.

Neste capítulo serão apresentadas as principais estratégias que eram utilizadas pelas professoras de Escola Dominical. Observa-se que elas utilizavam diferentes recursos didáticos, faziam uso de planos de aula, incentivavam a presença dos alunos e trabalhavam temas como: histórias e versículos bíblicos, datas comemorativas, músicas religiosas e outros. Para que essas ações acontecessem, as professoras tinham um estudo aprofundado da doutrina religiosa, caracterizando assim um letramento religioso.

Para que as aulas fossem exitosas, essas mulheres, além de professoras, constituíam-se, também, como artesãs do ofício do ensinar, confeccionando muitos recursos que eram utilizados em suas práticas pedagógicas. Em uma matéria d’o “Jovem Luterano” de 1963, aparecem algumas orientações aos professores de Escola Dominical que indicam esse sentido:

É importante que os professores sigam um programa pré-estabelecido para os diversos domingos, observando as datas festivas da cristandade. As histórias sempre deveriam ser apresentadas de uma maneira interessante, procurando despertar a atenção através de perguntas, de ilustrações, de fatos atuais, conhecidos pelos alunos. As histórias não deveriam ser lidas, mas sim apresentadas sem o uso de manuscritos, para que os alunos notem que o professor realmente sabe e conhece (O Jovem Luterano, outubro, 1963).

Com a notícia apresentada, percebe-se que a Escola Dominical foi um assunto que também circulou entre os jovens da IELB. Tal assunto pode, inclusive, ter sido abordado para incentivar moças a se engajarem como futuras professoras.

A tese de Albrecht (2024) reforça que a revista juvenil da IELB, “O Jovem Luterano”, por alguns momentos aborda a vida da jovem mulher após passar pelo rito da confirmação. A revista questiona aos leitores se convém à jovem continuar os estudos numa escola complementar. Reconhece que a continuação dos estudos além do primário poderia trazer benefícios à comunidade, como os de prestar serviços à escola ou auxiliar o pastor. Porém, conclui que o melhor e mais seguro seria ficar em casa e, na companhia da mãe, auxiliar nas tarefas da casa, com uma formação para o lar. Neste trecho destacado da revista da IELB, é reforçado que a mulher ao seguir os estudos poderia auxiliar a escola e ajudar o pastor, sempre no sentido de ser um apoio, amparo e auxílio.

Nesta afirmação, reforça-se a importância do estudo da professora, que deveria servir como um exemplo de saber litúrgico para as crianças. Vejamos

algumas das estratégias que tornaram a Escola Dominical como uma ação pedagógica dentro da IELB.

5.1 Planos de aula

Ao longo do processo formativo das professoras, havia orientações sobre como planejar, preparar e executar uma aula que fosse considerada de qualidade. A seguir, é apresentado um modelo de plano de aula para professores sugerido por Silvana e Oscar Lehenbauer. A imagem foi tirada do material “Como ensiná-los do Manual para Escola Dominical”:

Figura 57 – Modelo de plano de aula. “Como ensiná-los do Manual para Escola Dominical”, Silvana Lehenbauer, 1986.

Folha Modelo para uma aula

Data:

História:

Meta (objetivo):

1. Recepção
2. Adoração
 - 2.1 Oração:
 - 2.2 Versículo:
 - 2.1 Método
 - 2.3 Cânticos:
3. História
 - 3.1 Introdução
 - 3.2 Desenvolvimento
 - 3.3 Conclusão (Aplicação)
4. Atividades:

Fonte: Disponível no Instituto Histórico da IELB.

Na imagem, percebe-se que havia uma sugestão de roteiro a ser seguido no planejamento para a Escola Dominical. Partindo dele, a aula era geralmente dividida em quatro momentos: Recepção, Adoração, História e Atividades. Afere-se,

também, que cada aula era planejada com uma intencionalidade, de ensinar a criança uma meta ou um tema que a Igreja considerava relevante.

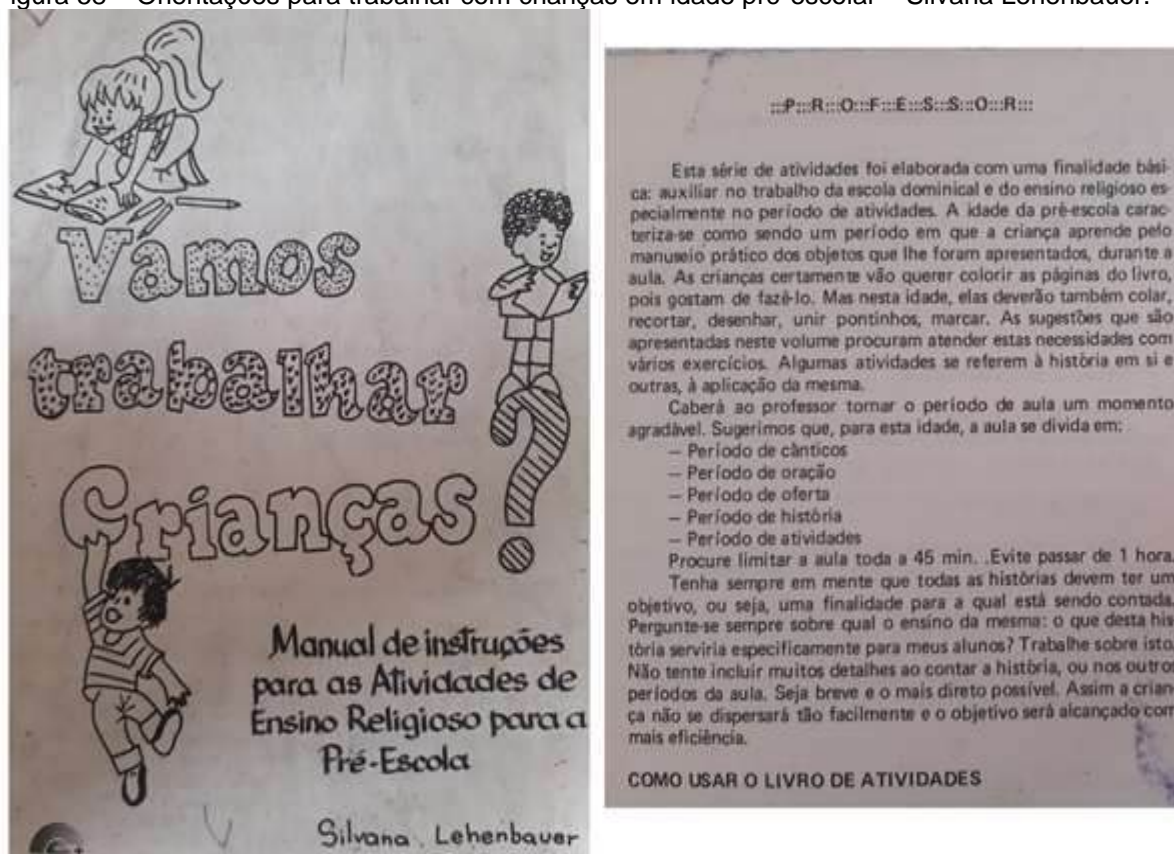
Silvana, autora do material apresentado na imagem anterior, confirma que a IELB trazia sugestões sobre a elaboração da aula, mas que não havia um modelo a ser seguido criteriosamente, pois, como ela mesma salienta, nem todos os professores tinham uma formação para o magistério:

É, a gente tinha, digamos assim, alguma coisa muito suave, muito leve, em termos da importância de ter um roteiro de formação. Não um plano propriamente dito, mas um roteiro de formação. Na Congregação, sim, a gente chegou a ponto de organizar planos, mas nós não podíamos perder, e não podemos perder até hoje, a questão de que nós estamos lidando ou trabalhando com pais de alunos ou com aluno, pessoas da congregação, que não têm formação em didática, em psicologia ou em pedagogia, seja o que for, e que eram pessoas que se transformam em professores. Então todo esse material que se produzia e se mostrava nos cursos era exatamente nessa questão de como a gente pode auxiliá-los para que alcancem algum objetivo, para que possam realmente, em uma hora, uma hora e pouco que as crianças ficam conosco na Escola Dominical, que aquele se torne um momento prazeroso e significativo (Silvana, 2025).

Essa fala de Silvana pode ser confirmada no material de sua autoria, que tem por título: “Vamos trabalhar Crianças? – Manual de Instruções para Atividades de Ensino Religioso para Pré-Escola”. Nesse material a autora orienta que a aula deve ter 45 minutos e que os professores evitem passar de uma hora.

Ainda no mesmo escrito, Silvana fala do objetivo a ser alcançado. Ela reforça que as histórias bíblicas devem ter um objetivo e uma finalidade. No texto, ela orienta o professor a lidar com a criança da pré-escola dizendo que o professor precisa ser mais objetivo, e que a criança aprende mais pelo manuseio prático de objetos.

Figura 58 – Orientações para trabalhar com crianças em idade pré-escolar – Silvana Lehenbauer.



Fonte: Acervo pessoal Hedi Blank, 2024.

VAMOS TRABALHAR CRIANÇAS? Manual de Instruções para as atividades de Ensino Religioso para a Pré-escola.

Silvana Lehenbauer

PROFESSOR

Esta série de atividades foi elaborada com uma finalidade básica: auxiliar no trabalho da escola dominical e do ensino religioso especialmente no período de atividades. A idade da pré-escola caracteriza-se como sendo um período em que a criança aprende pelo manuseio prático dos objetos que lhe foram apresentados, durante a aula. As crianças certamente vão querer colorir as páginas do livro, pois gostam de fazê-lo. Mas nesta idade, eles deverão também colar, recortar, desenhar, unir pintinhos, marcar. As sugestões que são apresentadas neste volume procuram atender estas necessidades com vários exercícios. Algumas atividades se referem à história em si e outras, à aplicação da mesma.

Caberá ao professor tornar o período de aula um momento agradável. Sugerimos que nesta idade, a aula se divida em:

- Período de Cânticos
- Período de oração
- Período de oferta
- Período de história
- Período de atividades

Procure limitar a aula toda a 45 min. Evite passar de 1 hora. Tenha em mente que todas as histórias devem ter um objetivo, ou seja, uma finalidade para a qual está sendo contada. Pergunte-se sempre sobre qual o ensino da mesma: o que desta história serviria especificamente para meus alunos? Trabalhe sobre isto. Não tente incluir muitos detalhes ao contar a história, ou nos outros períodos da aula. Seja breve e o mais direto possível. Assim a criança não se dispersará tão facilmente e o objetivo será alcançado com mais eficiência.

Neste trecho aparecem várias recomendações para as professoras, sobre o tempo da aula, que deveriam seguir os momentos das aulas e ter abordagens mais

objetivas, essas recomendações indicam uma forma de preparar e treinar as professoras que teriam acesso a esse material.

Esse roteiro a ser seguido nas aulas de Escola Dominical aparece também no relato de Loni:

A aula tinha uma sequência: geralmente, no início, de entrada, tinha uma música, a gente cantava uma música, aí depois a gente fazia uma oração e também incentivava a criança a fazer uma oração bem simples, e depois a gente começava a indagar como tinha sido a semana da criança, e depois a gente já contava uma história, e assim tinha que fazer uma introdução, e depois tinha as atividades para as crianças fazerem (Loni, 2023).

Marilanda salienta que o perfil de aluno da Escola Dominical tem se modificado com o tempo:

As crianças mudaram muito, quando a gente era criança, quando eu comecei como professora, a gente podia trazer uma coisinha bem simples que as crianças gostavam e prestavam atenção. Agora, com essa modernidade toda, se tu simplesmente pega um livro e conta a história, você não consegue atenção deles. Só que tem um lado bom, as crianças de hoje, se elas têm dúvida, elas perguntam. No nosso tempo ninguém perguntava, todo mundo tinha medo de abrir a boca, ninguém tinha coragem de levantar a mão e perguntar alguma coisa (Marilanda, 2024).

Ou seja, as organizações das aulas precisam ser diferentes do que na década de 1990, quando Marilanda iniciou sua atuação. Atualmente, com a era tecnológica, as crianças possuem muitos elementos que podem distraí-las, como celulares, tablets, internet, que podem automaticamente distanciá-las do ambiente religioso. Logo, métodos tradicionais não são mais suficientes para garantir a atenção das crianças.

A professora relatou também como era a organização de sua aula. Relembra que “a aula demora em torno de uma hora ou uma hora e meia. Primeiro a gente faz a oração, em seguida canta, e depois a gente conta a história que é tema da aula, e em seguida tem atividades, e no final da aula tem um momento de descontração” (Marilanda, 2024).

Ao ser questionada sobre o que seria o momento de descontração, explica que “é sempre uma brincadeira religiosa, uma gincana, uma brincadeira com perguntas e respostas ou de quebra-cabeças” (Marilanda, 2024).

Sobre as outras atividades que eram realizadas, a professora conta que:

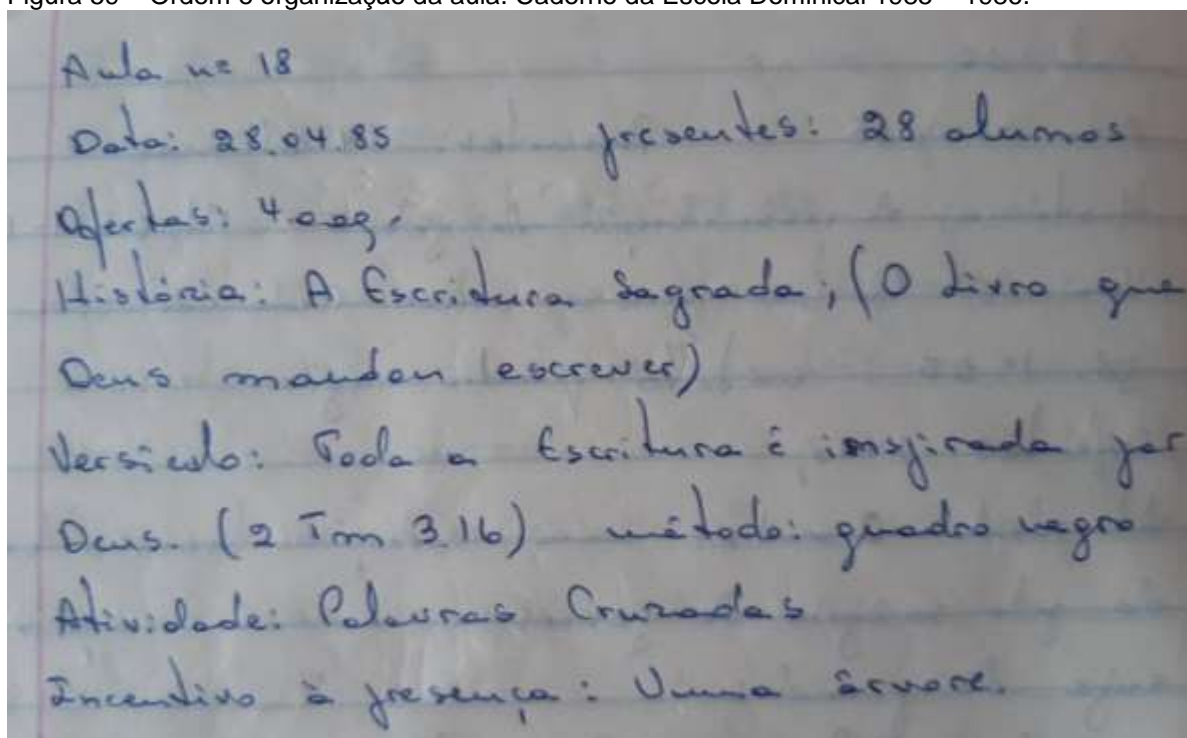
Para os pequenos, geralmente eram atividades de colar, desenhar, pintar, montar bonequinhos, montar história, quebra-cabeça, e para os grandes, aí já é diferente, já são perguntas bíblicas, gincanas, cruzadinhas, palavras cruzadas, quebra-cabeças mais difíceis, e que a gente usa bastante é de procurar coisas da Bíblia, aí eles tinham que procurar um versículo e naquele versículo tem um objeto, e eles precisam procurar, e a gente

também faz a divisão entre meninos e meninas. E é uma maneira deles mexerem com a Bíblia, de procurarem, de lerem a Bíblia (Marilanda, 2024).

Havia um planejamento preocupado com as faixas etárias e os níveis de cognição das crianças. Percebe-se também uma preocupação com que as crianças conheçam e manuseiem a Bíblia.

Essa organização da aula mencionada por Marilanda também é vista nos cadernos de Hedi. Seus registros são feitos na seguinte ordem: história; versículo (tema da aula), atividades, e ao final era registrada a entrega de alguma atividade ou incentivo à presença para a criança. Essa ordem é confirmada em sua fala, quando ela reforça a sequência das aulas era “história, canto, oração e versículo” (Hedi, 2023).

Figura 59 – Ordem e organização da aula. Caderno da Escola Dominical 1985 – 1986.



Fonte: Acervo pessoal de Hedi Blank, 2024.

<p>Aula nº 18. Data: 28.04.85 Presente: 28 alunos. Ofertas: 40. História: A Escritura Sagrada (O livro que Deus mandou escrever) Versículo: Toda escritura é ensinada por Deus (2 Tm. 3.16) Método: Quadro-negro. Atividade: Palavras cruzadas. Incentivo a presença: Uma árvore.</p>

A partir da imagem, percebe-se que a aula inicia com uma história e segue por um versículo (tema da aula). A atividade realizada é palavras-cruzadas, e, ao final, o incentivo à presença é provavelmente a confecção da árvore da presença.

Loni, ao ser questionada sobre os registros de suas aulas, menciona que este foi um processo aperfeiçoado com o tempo. Ela diz que:

No início, não tinha anotações. Foi depois que a gente fez uns cursos, que veio gente de Porto Alegre, e eles começaram a falar sobre fazer um plano de aula, e aí que a gente começou a fazer os planos. Isso foi aproximadamente lá pela década de 1980, quando a Silvana veio aqui dar um curso, ela veio em um final de semana, e deu o curso lá na Comunidade do Capão Bonito e uma vez aqui na cidade (Canguçu). Ela ensinava como que a gente tinha que fazer um planejamento, e aí que a gente começou a fazer... E aí a gente começou a anotar o que a gente fazia, não tão detalhadamente, mas a gente registrava a história que foi dada, o número de alunos que vieram, o que a gente deu, qual foi o incentivo, o tema da aula, os exercícios, não tão detalhado como uma professora de classe de escola, mas para ficar registrado (Loni, 2024).

Toda essa sequência de registros pedagógicos, que Loni menciona que aprendeu nos cursos com a Silvana, também foram os registros feitos pela entrevistada Hedi em seus cadernos.

O próprio ato de organizar a aula é um processo que faz parte do ofício docente, e tinha como finalidade atingir o objetivo de formação religiosa do aluno. Para que a aula fosse concluída de maneira exitosa, as professoras faziam o uso de diversos recursos didáticos que auxiliavam na ação da Escola Dominical.

5.2 Recursos didáticos / artefatos pedagógicos

De acordo com a época analisada, foram usados diferentes recursos de ensino, como: gravuras, recortes de imagens, flanelógrafo, quadro negro, fantoches e diferentes materiais que caracterizavam alguns meios utilizados pelas professoras em suas aulas da Escola Dominical da IELB. Esses recursos são também, em alguns momentos, chamados de artefatos pedagógicos, relacionando-se com o conceito de materialidade e artesanato pedagógico, pelo fato de muitas professoras construírem e produzirem seu próprio material pedagógico.

Sendo assim, para a análise dos recursos didáticos e das estratégias estabelecidas pelas professoras de Escola Dominical, retoma-se o conceito de Cultura Material Escolar. Como escreve Alves (2010), cultura material escolar refere-se a um conjunto de artefatos cuja existência, uso e significado se ligam

historicamente ao processo de escolarização e à consequente disseminação da forma escolar.

Como lembra Souza (2007b, p. 169),

É preciso ter em vista que os artefatos são produtos do trabalho humano e apresentam duas facetas: eles têm uma função primária (uma utilidade prática) e exercem funções secundárias, isto é, simbólicas. Significa considerar que os artefatos são indicadores de relações sociais e como parte da cultura material atuam como direcionadores e mediadores das atividades humanas, o que confere aos objetos um significado humano.

Concorda-se com o autor, que ao olhar para os recursos didáticos utilizados pelas professoras, consequentemente são observáveis recursos humanos produzidos e utilizados na Escola Dominical da IELB. Vejamos, a seguir, alguns dos recursos didáticos que eram utilizados pelas professoras e que denotam elementos de sua formação e prática docente.

Figura 60 – Material para contar histórias – “Como Ensiná-los: Manual para Escola Dominical”, Silvana Lehenbauer, 1986.



Fonte: Disponível no Instituto Histórico da IELB.

MATERIAL PARA CONTAR A HISTÓRIA**GRAVURA**

Usar a gravura que ilustre o conteúdo da história.

Não deve ser apresentada imediatamente.

FLANELÓGRAFO

Material que pode ser adquirido com as histórias em flanelógrafo.

Treine a colocação das figuras. Fique sempre ao lado do mesmo, nunca em frente, e muito menos de costas para o grupo. O material pode ser confeccionado com gravuras e colocando lixa ou pelúcia no verso.

QUADRO-NEGRO

Desenhe figuras que representem o que está sendo contado.

CARTAZES SEQUÊNCIAIS

Com duas, três, ou mais gravuras que representem a sequência da história. Estes podem ser feitos em forma de cartazes ou também em forma de livro.

FANTOCHES

Podem ser Fantoques de mãos; fantoches de dedos; fantoches de sacos ou papel; fantoches de vara.

O professor deve ter cuidado com este tipo de recurso e no preparo da história pois, neste caso, a história precisa ser contada com bastante diálogo.

CAIXA SUPRESA

Prepare uma caixa com a palavra SURPRESA escrita nela. Conte a história, abra a caixa e mostre coisas que ilustrem a história. Pode-se também preparar uma caixa com um cenário de 3 dimensões que ilustre a história. Neste caso deve-se deixar somente um furinho por onde as crianças possam espiar.

CAIXA DE AREIA

Utilizar as gravuras do flanelógrafo, ou outras, e coloca-las em uma caixa de areia. A areia se encarregará de fixar as figuras que, espalhadas pela caixa, darão a criança uma visão tridimensional do cenário.

A caixa pode ser uma simples tampa de caixa de camisa, contendo areia o suficiente para espetar as figuras. O cenário pode constar de casas, árvores para ilustrar a história e fazê-la mais atraente. A vantagem deste material é que ele pode ser usado para diversas histórias. Há escolas dominicais que montaram uma caixa de areia de madeira, mais permanente, por esta razão (Como Ensiná-los: Manual para Escola Dominical, 1986).

Na figura 60, Silvana Lehenbauer sugere a utilização de recursos, como gravuras, flanelógrafo, quadro negro, cartazes sequenciais, fantoches, caixa surpresa e caixa de areia. Algumas das entrevistadas mencionaram que fizeram uso destes instrumentos sugeridos, entre eles o flanelógrafo⁸³. Muitas imagens de flanelógrafo foram vistas ao longo da pesquisa.

Loni (2024) menciona que:

Nós usamos muito flanelógrafo, o varal para decorar os versículos, e tinha um que a gente ia virando as imagens... tinha um varal grande que a gente colocava os versículos, tinha uma palavra em cada folha e a gente ia tirando as folhas, e pedia para eles decorarem, isso porque a criança tem uma memória muito boa e eles decoravam os versículos

A indicação para trabalhar com o flanelógrafo aparece em um outro material de formação de professores encontrado no Instituto Histórico da IELB:

⁸³ O flanelógrafo é uma superfície que pode ser coberta por flanela ou outro material, onde podem ser afixadas as mais diversas figuras para que ilustrem as histórias a serem contadas. No flanelógrafo as figuras podem ser movimentadas.

Figura 61 – Tabela de marcação para uso de métodos de ensino da Escola Dominical.

MEUS MÉTODOS DE ENSINO ou A PARTICIPAÇÃO DE MEUS ALUNOS				
	Eu uso frequentemente	Eu uso ocasionalmente	Eu deveria usar mais	Reservado para meu uso
Monólogo (Palestra)				
Contar uma história				
Perguntas e respostas				
Discussão				
Conversação				
Debate				
Quadro-negro				
Drama				
Memorização				
Quadros				
Revistas				
Música				
Mapas				
Problema - projeto				
Tarefas				
Flanelógrafo				
Recap. / Exame				
Oração				
Outros				
Outros Métodos				
Lição Objetada				
Ilustrações				
Bíblia em mãos				
Cartões				
Competição				
Revista do aluno				
Leituras				
Gravação — fitas				
Discos				

Fonte: “O Bom professor: curso de treinamento para professores da Escola Dominical”. 1989. Acervo do Instituto Histórico da IELB

MEUS MÉTODOS DE ENSINO ou PARTICIPAÇÃO DE MEUS ALUNOS
 Monólogo (Palestra); Contar uma história; Perguntas e respostas; Discussão; Conversação; Debate; Quadro-negro; Drama; Memorização; Quadros; Revistas; Música; Mapas; Problema – projeto; Tarefas; Flanelógrafo; Recap. / Exame; Oração; Outros; Outros Métodos; Lição Objetada; Ilustrações; Bíblia em mãos; Cartões; Competição; Revista do aluno; Leituras; Gravação — fitas; Discos.

Nesta última imagem percebe-se a presença de procedimentos que poderiam ser utilizados pelos docentes em suas aulas.

As atividades desenvolvidas pelas professoras entrevistadas e expressas nas suas narrativas reforçam que a memorização de histórias e versículos bíblicos foi valorizada e recorrente na Escola Dominical. A ação de memorização também era amplamente utilizada na escola regular no período estudado. Sobre essa prática

escolar de memorizar remonta-se aos escritos de Souza e Grazziotin (2018, p. 162), quando dizem que:

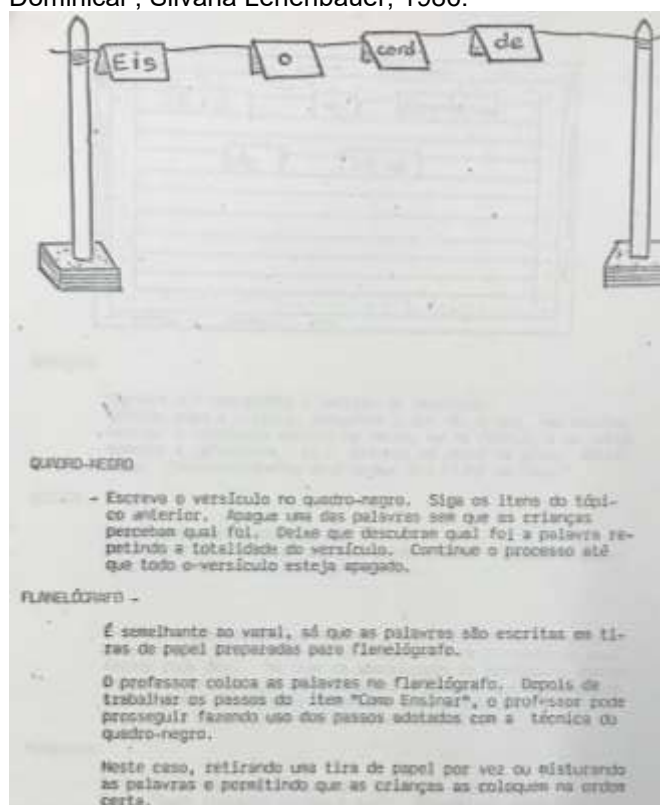
Esse método compreendia a visão pedagógica de uma época, portanto, a intuição foi um requisito utilizado para aquisição da memória. A observação dos objetos suscitaria imagens e além delas, a descrição e identificação de palavras, conhecimentos sobre esse favoreceria a construção de saber sobre algo. Ou seja, a aprendizagem consistia em memorizar informações “resumidas” e ordenadas sobre um objeto, lugar ou fato. A infância, de acordo com esse princípio é o período favorável para se adquirir essa “faculdade” mais importante da inteligência humana, que envolvia outros sentidos: percepção, raciocínio, memória, imaginação, para construção de um juízo sobre algo.

Sobre a memorização, Silvana conta que no período das décadas de 1970 e 1980 era vista com naturalidade no ambiente educacional:

A memorização era uma corrente pedagógica, que vem lá da época de Skinner, da memorização. As escolas tinham, nessa época, toda a forma de trabalho em cima da memorização. Mas o que a gente frisava muito, a memorização é a última etapa, é consequência do início. Então, eu vou ver a letra, tanto na música, quanto no versículo bíblico, eu vou ler o que está escrito, vou tentar compreender as palavras, daí compreender o sentido disso, e daí eu vou tentar entrar na ideia da memorização (Silvana, 2025).

Outro recurso bastante utilizado, como já afirmado, foi o flanelógrafo. Este é mencionado nas entrevistas e recorrentemente nos materiais de orientação didática.

Figura 62 – Explicação do uso do quadro negro e flanelógrafo. “Como Ensiná-los: Manual para Escola Dominical”, Silvana Lehenbauer, 1986.



QUADRO-NEGRO

Escreva o versículo no quadro-negro. Siga os itens do tópico anterior. Apague uma das letras sem que as crianças percebam qual foi. Deixe que descubram qual foi a palavra repetindo a totalidade do versículo. Continue o processo até que todo o versículo esteja apagado.

FLANELÓGRAFO

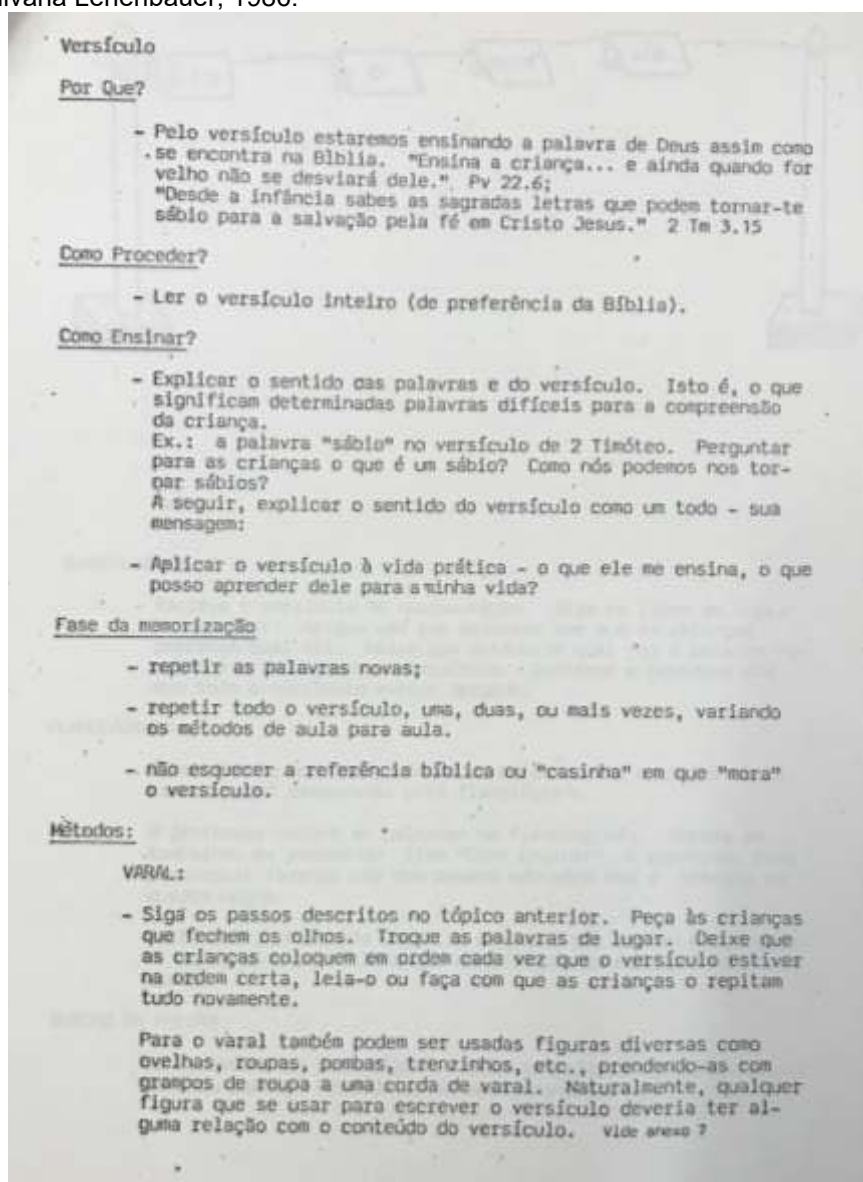
É semelhante ao varal, só que as palavras são escritas em tiras de papel preparadas para flanelógrafo.

O professor coloca as palavras no flanelógrafo. Depois de trabalhar os passos do item "como ensinar", o professor pode prosseguir fazendo uso dos passos adotados com a técnica do quadro-negro.

Neste caso, tirando uma tira de papel por vez ou misturando as palavras e permitindo que as crianças as coloquem na ordem certa.

Fonte: Disponível no Instituto Histórico da IELB.

Figura 63 – Método do varal para memorização de versículos. “Como Ensiná-los: Manual para Escola Dominical”. Silvana Lehenbauer, 1986.



Fonte: Disponível no Instituto Histórico da IELB.

Versículo

Por quê?

Pelo versículo estaremos ensinando a palavra de Deus assim como ela se encontra na bíblia, não se desviará dela. Pv 22.6; "... e ainda quando for velho não se desviará dele."

O versículo da Bíblia nos mostra o que podem tornar-se sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus." 2 Tm 3.15

Como Proceder?

Ler o versículo inteiro (de preferência da Bíblia).

Como Ensinar?

Explicar o sentido das palavras e do versículo. Isto é, o que significam determinadas palavras difíceis para a compreensão das crianças.

Ex: a palavra "sábio" no versículo de 2 Timóteo. Perguntar para as crianças o que é um sábio?

Como nós podemos nos tornar sábios. A seguir, explicar o sentido do versículo como um todo - sua mensagem.

Aplicar o versículo à vida prática - o que ele me ensina, o que posso aprender dele para a minha vida?

Fase de memorização

Repetir as palavras novas;

Repetir todo o versículo, uma, duas, ou mais vezes, variando os métodos de aula para auxiliar.

Não esquecer a referência bíblica ou "casinha" em que "mora" o versículo.

Métodos:

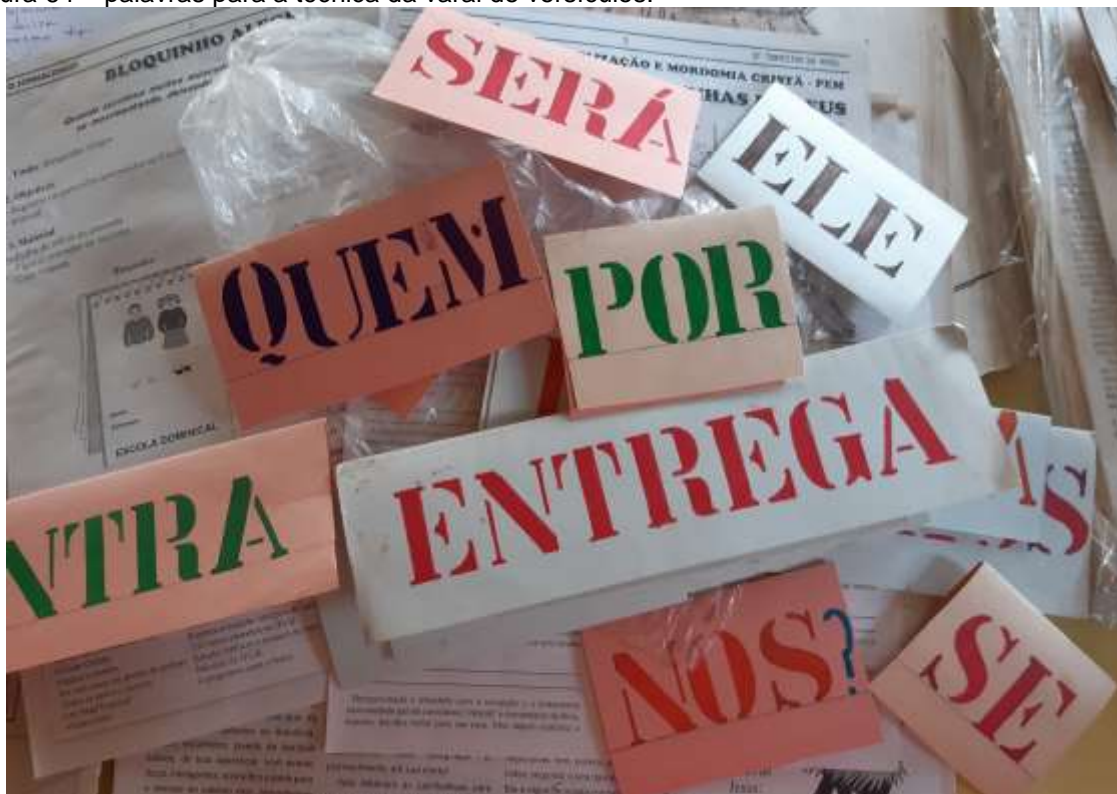
VARAL:

Siga os passos descritos no tópico anterior. Peça às crianças que fechem os olhos. Troque as palavras de lugar. Deixe que as crianças busquem as palavras e as coloquem ou as pendurem na ordem certa. Leia-o ou faça com que as crianças o repitam tudo novamente.

Para o varal também podem ser usadas figuras diversas como ovelhas, roupas, pombas, trenzinhos, etc. prendendo-as como "roupinhas". O verso da figura deve ter a palavra e o nome da figura que se usar para escrever o versículo deveria ter alguma relação com o conteúdo do versículo. (Como Ensiná-los: Manual para Escola Dominical, 1986).

O varal de versículos, foi mencionado e mostrado por Hedi no momento de sua entrevista.

Figura 64 – palavras para a técnica da varal de versículos.



Fonte: Acervo pessoal de Hedi Blank, 2023.

Desta forma, verifica-se que as orientações e dicas pedagógicas da IELB eram seguidas na prática executada pelas professoras.

Loni também falou sobre as folhas de atividades mimeografadas, pois na época em que ela atuou como professora o único meio de fazer cópias de desenhos e atividades era o mimeógrafo. Reforça-se a aprendizagem pelo recurso visual. Ela fala sobre os recursos que utilizava:

Nós usava muito o mimeógrafo para fazer as cópias, tinha figuras que a gente comprava da Casa Publicadora Concórdia, e também tinha aquelas imagens bíblicas que a gente botava num flanelógrafo e mostrava e contava a história, a gente ia colocando as figuras e as crianças iam vendo, como, por exemplo, a história de Moisés, a gente contava a história e botava a figura de Moisés, a figura do cesto, a princesa... então a gente contava aquela história de maneira ilustrada... e a criança, vendo a ilustração, conseguia compreender melhor. Eu sempre fui assim mais de visualizar, o que era visual eu aprendia mais, eu fixava mais. Acho que toda criança que enxerga a imagem consegue fixar mais (Loni, 2024).

O uso do mimeógrafo e a evolução dos recursos didáticos ao longo do tempo são também relatados por Hedi (2023):

Antes tinha que fazer Matriz, passar no mimeografo, e agora cada criança tem o seu livro, aí é bem mais prático. Hoje os livros vêm com lições, e eu gosto muito de livros, eu sempre gostei de comprar livros, eu posso deixar de comprar uma roupa nova, mas eu sempre compro um livro. E aí hoje eles vêm já com a parte para colorir, com as atividades. Esse livro aqui eu

usei também, mas não muito, ele é assim... conta a história... tu tem que estudar bem senão tu não consegue contar a história, e ele é de recortar e depois tu forma o dobra (Hedi, 2023).

O uso do mimeógrafo é também citado por Marilanda:

No início, quando eu comecei na Escola Dominical, não tinha muito material, a gente fazia alguns cursos e alguma coisa a gente recebia e o resto a gente comprava, a comunidade comprava o material, os livrinhos para as crianças colorir, os livros com histórias bíblicas, os fantoches, essas coisas a comunidade comprava [...] a gente fazia xerox, na verdade usava mimeógrafo, naquela maquininha de botar o álcool e fazer as cópias (Marilanda, 2024).

Verifica-se que a Escola Dominical fazia uso de diferentes materiais que compunham o ambiente da educação básica, dentre eles também o quadro negro. O quadro negro é suporte clássico das experiências cognitivas e estéticas da vida escolar. Possibilita reconstruir a memória de uma prática educativa arraigada no cotidiano de todo aluno, na perspectiva de uma história das práticas escolares (Bastos, 2005).

Além do quadro negro, outros recursos oriundos da escola básica foram utilizados, como o já dito flanelógrafo, os cartazes sequenciais, fantoches e varal, fantoches de dedo, maquetes, dioramas⁸⁴, entre outros. Algumas dessas dicas de recursos são apresentadas por Silvana em seu material:

⁸⁴ Os dioramas são uma espécie de representação de cena, geralmente são usados elementos artificiais para retratar algo com realismo em escala reduzida, em tamanhos menores.

Figura 65 – Dicas de Recursos Didáticos “Como Ensiná-los: Manual para Escola Dominical”. Silvana Lehenbauer, 1986.



3.3 Caixa de areia

Utilizar as gravuras do flanelógrafo e outras desenhadas ou recortadas de livros e revistas (Série Histórias da Bíblia para Ler e Colorir).

Colar em cartolina, deixar uma base para espetar na areia.

O cenário pode ser completado com casas, árvore.

3.4 Casa – Caixa

Caixa de papelão ou cartolina. As portas devem ser recortadas para abrir.

O cenário do interior confecciona-se em cartolina ou usando caixa de fósforo, tampas plásticas.

Os personagens apoiam-se em tiras de cartolina.

Os livros da série mencionada são ótimos para os personagens.

3.5 Maquetes

Cenários construídos em cartolina duplex ou papelão. Personagens podem ser usados os mesmos das técnicas anteriores (Como Ensiná-los: Manual para Escola Dominical, 1986).

Fonte: Disponível no Instituto Histórico da IELB.

Ao olhar o “Manual da Escola Dominical”, da autora Silvana Lehenbauer, percebe-se muitas dicas sobre como confeccionar recursos, incentivando o professor a criar os seus próprios materiais. Este movimento se relaciona com o conceito de artesanaria pedagógica, pois essas mulheres, além de serem professoras, eram também criadoras de materiais didáticos.

Outro recurso que foi utilizado dentro do período analisado foram algumas ferramentas audiovisuais. Em algumas entrevistas fala-se sobre as fitas com as músicas utilizadas nas aulas. Os entrevistados Elmer e Maria também mencionam um tipo de retroprojeto que utilizavam para reproduzir vídeos e imagens. O uso desses meios provavelmente ficou restrito a poucas escolas, pois seus usos dependiam da comunidade e de condições financeiras da mesma.

Os recursos didáticos apresentados aqui foram dicas didáticas da IELB para as professoras. As professoras, ao observarem os materiais orientadores e participarem dos cursos, utilizaram alguns desses recursos em suas aulas. O uso desses recursos caracteriza a Escola Dominical da IELB como um espaço que faz uso do empréstimo de ações da escola regular para cumprir o propósito de formação educativa, moral e religiosa dos sujeitos participantes.

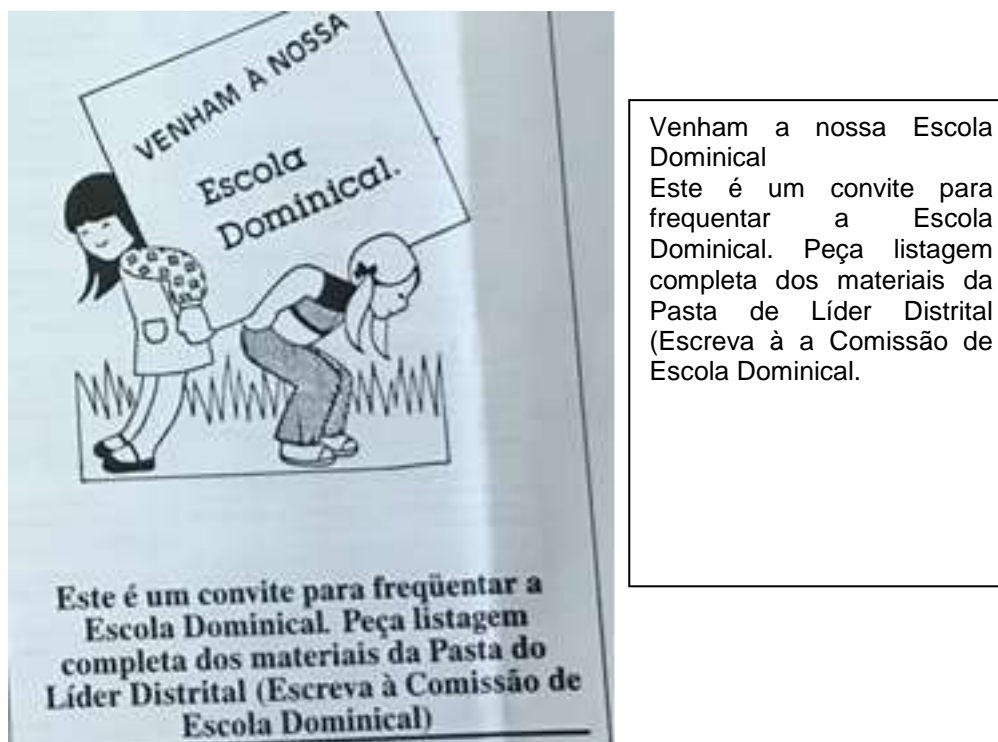
Quando se trata do uso de ferramentas didáticas e formas de fazer as aulas mais atrativas, o autor Piaget também tem suas contribuições, pois considera que jogos, brincadeiras e outras formas agradáveis de divertimento contribuirão em diversos aspectos na trajetória do ser (Piaget, 1978).

O uso dos recursos didáticos na Escola Dominical expressa a existência de uma cultura material nesta instituição, pois a escola é um espaço que possui instrumentos, materiais e estratégias que auxiliam no cumprimento de seus propósitos. Desta forma, as materialidades escolares, juntas com o objetivo religioso e educativo da Escola Dominical, fizeram deste um espaço que tinha além da religiosa, uma finalidade pedagógica. Essas finalidades eram cumpridas por meio da ação das professoras, que organizavam e ministravam as aulas.

5.3 Incentivo à presença e controle de frequência

Ao observar os materiais e ouvir o relato das narrativas, percebe-se que havia preocupação com a presença das crianças na Escola Dominical, assim, a Igreja traçava estratégias para que a escola incentivasse a presença das crianças.

Figura 66 – Convite para participar da Escola Dominical. “O Jornalzinho”, 4º trimestre, 1992.



Fonte: Disponível no Instituto Histórico da IELB.

Silvana menciona que o incentivo à presença tinha o intuito de demonstrar a importância das crianças se fazerem presentes nas atividades propostas pela Igreja:

Nesse foco a gente mostrava a importância da presença e o fato de que a gente não aprende ouvindo durante uma hora da semana alguma coisa, mas que estando presente, participando, conversando, contribuindo, compreendendo, a gente realmente vai alcançar aquilo que se busca (Silvana, 2025).

Um desses incentivos à presença eram pequenas imagens com versículos bíblicos que eram entregues às crianças em cada aula. Hedi foi questionada sobre essas pequenas lembranças que eram entregues aos alunos, e revelou que eram uma forma de incentivo à presença, para que os alunos se sentissem instigados a serem assíduos nas aulas. Ela ainda revela outras formas utilizadas para gerar incentivo nesse sentido:

A gente comprava da Concorórdia e distribuía para os alunos. Era um incentivo à presença. Outro incentivo à presença era um cartaz de uma árvore, e colava em cada aula um versículo em formato de fruta na árvore. Quem não vinha, acabava que faltava aquele versículo, fica faltando a fruta na árvore. Tinha outro que era o pescoço comprido do avestruz, aí cada vez que a criança vinha na Escola Dominical, aumentava a cabecinha do avestruz, e quem não vinha não ganhava a parte do pescoço [...] Uma arvorezinha, aí recebia essa folha, e aí tinha esse outro, e depois recebia as frutas, uma banana, um pêssego e um pão, e quem não vinha ficava em branco (Hedi, 2023).

A árvore da presença que foi mencionada na fala anterior, aparece na imagem a seguir:

Figura 67 – Árvore da presença



Fonte: Acervo pessoal de Hedi Leitzke, 2023.

Essa estratégia da arvorezinha é também citada por Marilanda, que reforça: “A gente usou o incentivo a presença, a gente fez uma arvorezinha para cada um, e aí em cada escolinha que a criança vinha a gente colava uma frutinha, para ver no final do ano quantas frutinhas tinham e quem tinha mais frutinhas” (Marilanda, 2024).

As entrevistadas Marilanda e Hedi usaram em suas aulas a estratégia do incentivo à presença com a construção de uma árvore, e em cada aula se dava um desenho de fruta para o aluno como registro de sua presença. Nos cadernos de aula de Hedi são registradas também entregas de figuras com versículos bíblicos.

Maria também comenta sobre o uso do incentivo à presença:

O que eu lembro era os gráficos que a gente fazia, um exemplo era a árvore com frutas, e cada criança era uma fruta, e de acordo como ela vinha na escolinha ela ganhava essa fruta. Uma vez eu fiz com peixes, era uma tira com peixes, e cada criança ia pescando um peixe em cada aula. Cada vez que ela vinha na aula ela tinha um peixinho, e esse peixinho era colocado no mural da Igreja, e a congregação via a participação das crianças (Maria, 2024).

Essa estratégia do incentivo à presença de alunos com uso de desenhos de frutos em uma árvore também desenhada, adotada pelas professoras Hedi, Marilanda e Maria, foi publicada no material elaborado por Silvana Lehenbauer:

Figura 68 – Campanha de presença, obra “Como ensiná-los do Manual para Escola Dominical”, Silvana Lehenbauer, 1986.



Fonte: Material disponível no Instituto Histórico da IELB.

A estratégia de incentivo à presença já foi vista, inclusive, em uma edição da revista “O Jovem Luterano”, periódico que estimulava aos jovens seguirem nas atividades da Escola Dominical como colaboradores e professores.

Figura 69 – Publicação do “O Jovem Luterano” que menciona o incentivo à presença do aluno.



Fonte: “O Jovem Luterano”. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, outubro. 1963.

A história que está sendo apresentada. Para se manter vivo o interesse dos alunos, deve-se organizar programas variados nos quais o flanelógrafo, a projeção de filmes, quadros ilustrativos ocupam lugar de destaque. O ensino audiovisual, tão recomendado pela pedagogia moderna, não pode ser dispensado em nossas escolas dominicais.

Vejamos um exemplo prático de como usar o flanelógrafo. O professor distribui entre os alunos as figuras que compõem a história a ser contada. Digamos que se trata da história da crucificação. À medida que o professor vai contando a história, os alunos vão fixando no flanelógrafo as figuras do Calvário, das três cruzes, de Jesus e os dois malfetores, da mãe de Jesus e outras mulheres ao pé da cruz, dos escribas e fariseus que zombam do Filho de Deus. Isso manterá os alunos em viva expectativa e atenção, pois cada um deles saberá que deverá dar a sua contribuição prática.

Os alunos devem ser acostumados e incentivados para que a frequência seja regular e pontual. Naturalmente os professores devem dar o bom exemplo também neste sentido. Pequenos prêmios podem ser destinados para aqueles que não tiveram faltas no decorrer do ano. Isto despertará nos pequenos o senso de responsabilidade, tão importante na formação do indivíduo.

As classes, que deveriam se compor de oito a doze alunos, deveriam ser divididas de acordo com a idade e o adiantamento das crianças. Os bem pequenos requerem atenção e dedicação especiais. Para estes recomenda-se especialmente o uso de quadros ilustrativos, se possível, em cores. Os maiores, especialmente aqueles que não podem frequentar uma escola paroquial, já podem ser orientados nas partes principais do Catecismo Menor. Naturalmente a oração ocupará lugar de destaque em todo programa que é elaborado. As crianças gostam de aprender pequenas orações para a manhã, a noite e para antes e após as refeições.

Cada professor ou professora deverá encarar com a máxima responsabilidade a tarefa sublime de ensinar os cordeirinhos de Jesus. Nunca deveriam esquecer que estão lidando com almas imortais que estão despertando para a vida, que devem ser modeladas e encaminhadas no perfeito conhecimento de Cristo e da salvação. Além das reuniões semanais com os seus guias espirituais, deveriam preparar-se cuidadosamente, lendo as Escrituras e pedindo a Deus sabedoria e abundante medida de seu Espírito.

Que Deus desperte em nossos jovens verdadeiro interesse e amor para com as nossas escolas dominicais, tão necessárias, tão importantes na edificação do reino de nosso Salvador.

Herbert HOEHLKE

FAÇA MISSÃO ENTRE SEUS AMIGOS OFERECENDO-LHES "O JOVEM" DE PRESENTE

Nesta notícia destacada, a revista escreve que os alunos devem ser estimulados para que a participação na Escola seja regular e pontual, que os professores devem ser o exemplo de presença, e que pequenos prêmios podem ser destinados para aqueles alunos que não tiveram faltas. Na notícia está escrito em destaque:

Os alunos devem ser acostumados e incentivados para que a frequência seja regular e pontual. Naturalmente os professores devem dar o bom exemplo neste sentido. Pequenos prêmios podem ser destinados para aqueles que não tiveram faltas no decorrer do ano. Isto dependerá nos pequenos o senso de responsabilidade, tão importante na formação do indivíduo (O Jovem Luterano, outubro, 1963).

O incentivo à frequência também foi utilizado por Loni: “nós fazíamos muito a chamada, e aí, mais no fim do mês, quem não tinha falta nenhuma, como incentivo, se dava uma figurinha, porque claro que a crianças gostam de receber alguma coisa, nem que seja uma pequena figura” (Loni, 2024).

Hedi também menciona que muitas professoras compravam da Editora Concórdia pequenas lembrancinhas com versículos bíblicos a serem entregues aos alunos como uma maneira de estimular a presença⁸⁵.

Figura 70 - Lembranças da Escola Dominical – incentivo à presença.



Fonte: acervo pessoal da autora, 2023.

⁸⁵ Algumas dessas lembranças foram guardadas também por minha mãe, alguém que me encorajou na realização desta pesquisa sobre a Escola Dominical.

Essas imagens entregues aos alunos eram uma maneira de incentivar sua presença ao mesmo tempo que ajudavam a criar memórias sobre a Escola Dominical. Hedi ainda guardava alguns exemplares e os mostrou em sua entrevista:

Figura 71 - Lembranças da Escola Dominical – incentivo à presença.



Fonte: Acervo pessoal de Hedi Blank, 2024.

Ângela também falou que usava os recursos de incentivo à presença:

A gente aqui usou também esse cartãozinho como presença, então cada vez que a criança vinha, ela recebia, ela tinha um caderno e era colado no caderno, colava na folhinha de presença. E no final do semestre ou do bimestre ela levava para casa aquela coletânea de cartãozinho que ela recebia (Ângela, 2022).

As entrevistadas relataram que as figuras eram compradas na editora Concórdia. N'ó "Mensageiro Luterano" foram vistos anúncios de vendas dessas figuras:

Figura 72 – Propaganda das Figuras de Incentivo à presença. “O Mensageiro Luterano”, 2005.



Fonte: Acervo Pessoal de Loni Weiduschadt, 2024.

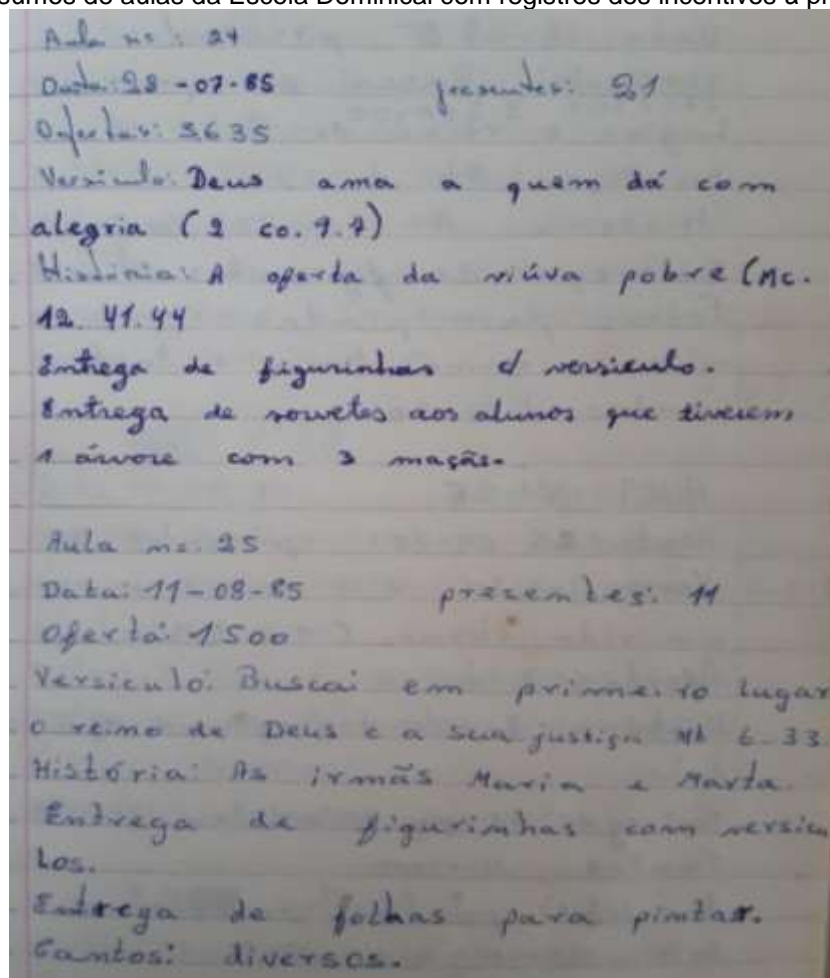
Figurinhas Concórdia

Encontre uma maneira de levar a Palavra de Deus através de figurinhas: Para as crianças da escola dominical. Para visitantes dos cultos. Para pessoas internadas em hospitais. Para pessoas na rua ou no ônibus. 16 figuras por cartela.

Loni confirma que: “a gente sempre tinha um caderno com as presenças e com os nomes, e, claro, a gente fazia a chamada, e quem não tinha nenhuma falta, então a gente dava uma figurinha. Tinha aquela figurinha pronta que a gente comprava da casa publicadora Concórdia” (Loni, 2024).

O incentivo à presença é também registrado no caderno da professora Hedi, que nele escreve a ordem em que a aula foi realizada. Nestes registros aparece que ao final da aula a professora entregava essas figuras aos alunos, constando “entrega das figuras com versículos”:

Figura 73 – Resumos de aulas da Escola Dominical com registros dos incentivos à presença.



Fonte: Acervo pessoal de Hedi Blank, 2024.

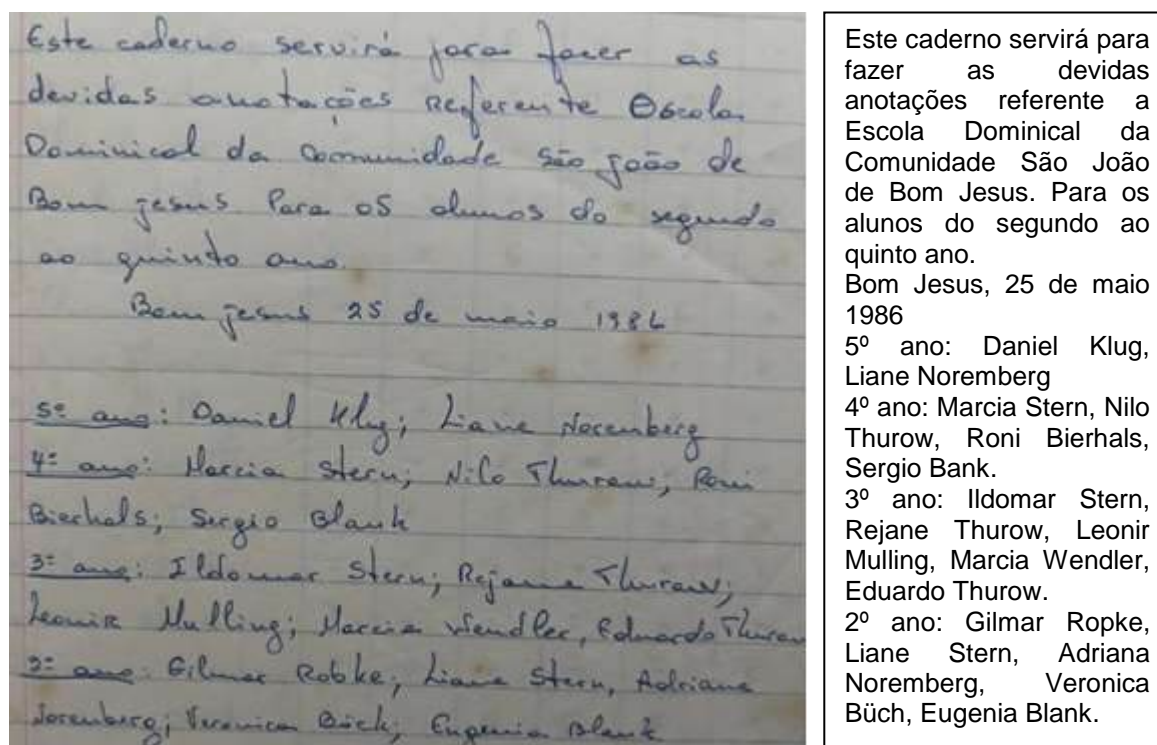
Aula Nº 24
 Data: 28.07.85
 Presentes 21
 Ofertas: 3.635
 Versículo: Deus ama a quem dá com alegria (2 Co. 9.7)
 História: A oferta da viúva pobre (Mc, 12,41,44)
 Entrega de figurinhas com versículo.
 Entrega de sorvetes aos alunos que tiveram 1 árvore com 3 maçãs.

Aula Nº 25
 Data: 11.08.85
 Presentes: 11
 Oferta: 1500
 Versículo: Buscai em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça Mt 6.3
 História: As irmãs Maria e Marta.
 Entrega de figurinhas com versículo
 Entrega de folhas para pintar.
 Cantos: diversos.

Como visto, ficavam registradas nas anotações da professora as ações de incentivo à presença, como a entrega de figurinhas com versículos bíblicos, e também a entrega de sorvetes aos alunos que tiveram na sua árvore três maçãs.

Uma ação de estímulo e recompensa. Em um outro registro do caderno de Hedi, encontram-se os nomes dos alunos e uma divisão do ano que respectivamente frequentavam a Escola Dominical:

Figura 74 – Caderno de professora com alunos divididos do 2º ao 5º ano.



Fonte: Acervo pessoal de Hedi Blank, 2023.

Esse incentivo à presença muito mencionado nas entrevistas e também registrado nos cadernos da professora Hedi, é também encontrado em orientações feitas em edições d'o "Jornalzinho". Em uma publicação do ano de 1986, escrita por Silvana Lehenbauer, são trazidas sugestões de controle de frequência dos alunos. Faz-se a sugestão de que se opte por algo mais sistemático, dependendo da realidade de cada contexto, pois determinados períodos do ano, dependendo da realidade em que a escola está inserida, pode-se dificultar a participação das crianças. É o caso das professoras entrevistadas, que mencionaram ter tido atividades em regiões rurais. Conforme consta: "quando eles dependem muito de seus pais, e estes não são assíduos frequentadores da Igreja, ou tem problemas sérios de transporte que não permitem sua presença dominicalmente, o controle da frequência torna-se inadequado" (O Jornalzinho, v.3, 1º trim. 1986).

Assim, ao mesmo tempo em que se estimulava aos docentes para que desenvolvessem métodos de incentivo à presença dos alunos, era orientado que isso não deveria ser uma regra a ser seguida em todas as Escolas Dominicais, pois

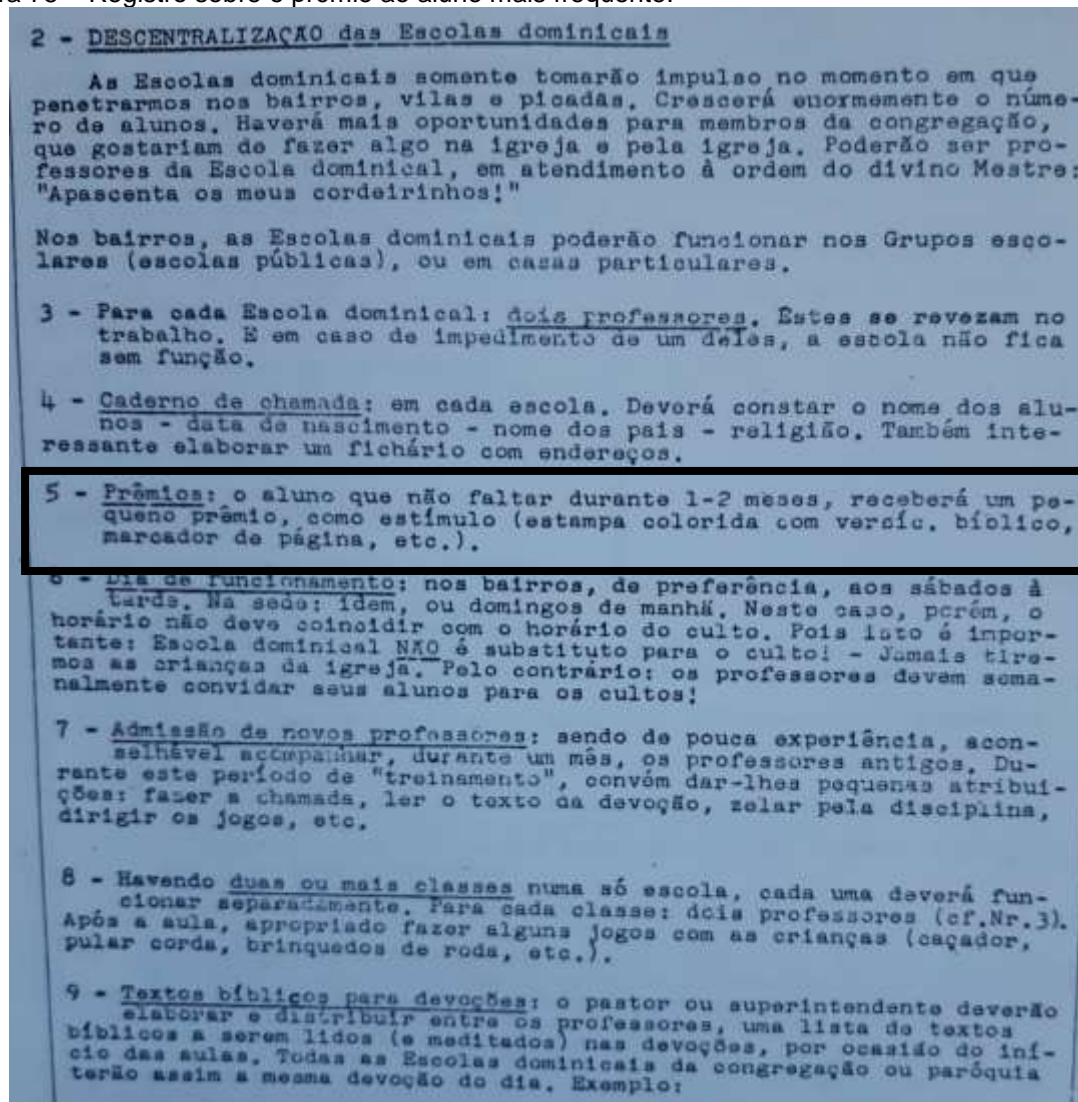
se entendia que cada Escola tinha uma realidade distinta, ao passo que em determinadas ocasiões o excesso de pressão pela presença poderia espantar a participação dos alunos.

Outra publicação d'o "Jornalzinho", agora do ano de 1990, traz mais uma dica de incentivo à presença diferente das já exploradas. É trazida a sugestão de confecção de um cesto com cartolina. A orientação é:

Colocar um laço na alça na cesta com o nome do aluno, o laço poderá ser feito com fita atada ou poderá ser desenhado com cartolina na cor contrária a cor do cesto. Deixar que a criança cole uma florzinha como presença em cada aula da Escolinha. Dentro do cesto poderão ser colocados papéis com versículos bíblicos escritos (O Jornalzinho, 1º trimestre, 1990).

Ainda, completa-se: "não esqueça, professor, que estes estímulos podem ser usados, mas não devem ser supervalorizados, o importante é que a criança seja atraída pela mensagem e pela boa aula que o professor dá" (O Jornalzinho, 1º trimestre, 1990).

Figura 75 – Registro sobre o prêmio ao aluno mais frequente.



Fonte: Manual: Deixai Vir a Mim os Pequenos. Acervo pessoal de Elmer Roll, 2024.

2 - DESCENTRALIZAÇÃO das Escolas dominicais

As Escolas dominicais somente tomarão impulso no momento em que penetrarmos nos bairros, vilas e picadas. Crescerá enormemente o número de alunos. Haverá mais oportunidades para membros da congregação, que gostariam de fazer algo na igreja e pela igreja. Poderão ser professores da Escola dominical, em atendimento à ordem do divino Mestre: "Apascenta os meus cordeirinhos!"

Nos bairros, as Escolas dominicais poderão funcionar nos Grupos escolares (escolas públicas), ou em casas particulares.

3 - Para cada Escola dominical: dois professores. Estes se revezam no trabalho. E em caso de impedimento de um deles, a escola não fica sem função.

4 - Caderno de chamada: em cada escola. Deverá constar o nome dos alunos - data de nascimento - nome dos pais - religião. Também interessante elaborar um fichário com endereços.

5 - Prêmios: o aluno que não faltar durante 1-2 meses, receberá um pequeno prêmio, como estímulo (estampa colorida com versíc. bíblico, marcador de página, etc.).

6 - Dia de funcionamento: nos bairros, de preferência, aos sábados à tarde. Na sede: idem, ou domingos de manhã. Neste caso, porém, o horário não deve coincidir com o horário do culto. Pois isto é importante: Escola dominical NÃO é substituto para o culto! - Jamais tiremos as crianças da igreja. Pelo contrário: os professores devem semanalmente convidar seus alunos para os cultos!

7 - Admissão de novos professores: sendo de pouca experiência, aconselhável acompanhar, durante um mês, os professores antigos. Durante este período de "treinamento", convém dar-lhes pequenas atribuições; fazer a chamada, ler o texto da devoção, zelar pela disciplina, dirigir os jogos, etc.

8 - Havendo duas ou mais classes numa só escola, cada uma deverá funcionar separadamente. Para cada classe: dois professores (cf. Nr.3). Após a aula, apropriado fazer alguns jogos com as crianças (caçador, pular corda, brinquedos de roda, etc.).

9 - Textos bíblicos para devoções: o pastor ou superintendente deverão elaborar e distribuir entre os professores, uma lista de textos bíblicos a serem lidos (e meditados) nas devoções, por ocasião do início das aulas. Todas as Escolas dominicais da congregação ou paróquia terão assim a mesma devoção do dia.

Além d'o "Jornalzinho", "O Mensageiro Luterano", ao trazer notícias sobre os Encontros de Escola Dominical para crianças, também menciona a utilização de prêmios e incentivos. Como visto na edição de abril de 1987:

Figura 76 – Primeiro Encontro de Escolas Dominicais – Outubro de 1986



Fonte: Mensageiro Luterano, abril de 1987.

ENCONTRO DE ESCOLAS DOMINICAIS

Realizou-se no dia 26 de outubro de 1986 o 1º Encontro das Escolas Dominicais da Paróquia Evangélica Luterana "Bom Jesus" de Honório Fraga, Colatina, ES. Participaram deste encontro as escolas dominicais "Jesus Senhor" de Honório Fraga, "São Paulo" de São João Grande e "Belém" de Tiradentes. A direção da programação esteve sob a responsabilidade das professoras Nailda Grinevold, Berta Maria Egert e Cleuza Belz, juntamente com o Ver. Altino Grinevold, pastor da paróquia.

As 61 crianças participantes tiveram um dia muito especial, ouviram histórias bíblicas e, na parte da tarde, se divertiram com uma movimentada gincana bíblica e muitas brincadeiras. Muitos prêmios e brindes completaram a sua alegria. Uma pedagogia sábia para 'ensinar a criança no caminho deve andar' (Mensageiro Luterano, abril, 1987).

A seguir, apresenta-se um quadro elaborado para demonstrar os materiais documentais consultados e os achados sobre as orientações a respeito de estratégias de incentivo à presença dos alunos.

Quadro 10 – Registros teóricos sobre o incentivo e controle de frequência dos alunos da Escola Dominical.

Edição / Manual	Dica de incentivo a presença / frequência
O Jornalzinho – 1º trimestre, 1986.	A publicação traz três dicas de atividades de incentivo à presença. Uma delas é a construção da figura de uma casa. Cada presença corresponde a uma parte da casa, exemplo: janela, porta, etc.
O Jornalzinho, v.19, 1º trimestre, 1990.	Dica de construção de uma cesta de cartolina. Cada presença do aluno equivale a uma florzinha colada na cesta.
Mensageiro Luterano, abril, 1987.	Notícia sobre o primeiro Congresso de Escola Dominical para Crianças. Ano de 1986. Distribuição de prêmios e brindes.
Material de Orientações para Escolas Dominicais. Acervo pessoal de Elmer E Maria Roll.	Dica de prêmios para alunos mais frequentes.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

No quadro anterior percebe-se que havia dicas de diferentes artefatos pedagógicos, chamados desta forma pois eram construídos pelas professoras, que auxiliavam no registro da frequência. Nota-se o exemplo da cestinha de frutas, da árvore e frutos, entrega de versículos... todos esses incentivos eram, segundo a entrevistada Silvana, utilizados conforme o planejamento de cada professor. Porém, a orientação era que o incentivo utilizado estivesse relacionado com o tema que estava sendo trabalhado na aula, geralmente esses temas poderiam ser mensais ou anuais, e poderiam estar relacionados com temas maiores propostos pela IELB.

Como se percebeu, também, o incentivo à presença apareceu n'ó "Jornalzinho", n'ó "Mensageiro Luterano" bem como em demais materiais destinados para a Escola Dominical, e os professores colocaram essa abordagem em prática. Tal abordagem é caracterizada como uma ação de estímulo e resposta, presente as ideias da teoria behaviorista, em que o incentivo à presença pode ser baseado no condicionamento operante, explicado por Skinner.

Para Skinner, o comportamento é o que afeta o ambiente, desta maneira os comportamentos resultando em uma ação no ambiente são do tipo operante. E são as consequências do comportamento, ou seja, os eventos que se seguem a uma resposta, que interferem na probabilidade de ele ocorrer novamente. Tais

consequências são os chamados reforçadores (Piletti, Rossato, 2011). Assim, as figurinhas, cartazes de presença e os prêmios por assiduidade na Escola Dominical são reforçadores de um comportamento, estimulando que os alunos frequentem o ambiente da Escola Dominical. Sua presença assídua será vista com bons olhos perante sua família e comunidade.

Para Saviani (2007) e Arruda (2015), o processo educativo das décadas de 1970 e 1980 era visto de maneira objetiva e operacional. Na área da psicologia da educação, a predominância era da teoria comportamental/behaviorismo, cujo principal autor é Skinner.

De acordo com Ferro e Paixão (2017), Skinner sugeriu que a aprendizagem decorre de sucessivos mecanismos de condicionamento que modelam a ação do homem no ambiente, o que denominou de condicionamento operante.

De acordo com Maria Mizukami, na abordagem comportamentalista, tratando sobre a teoria de Skinner, “a educação deveria transmitir conhecimentos, assim como comportamentos éticos, práticas sociais, habilidades consideradas básicas para a manipulação e controle do mundo/ambiente (cultural, social, etc.)” (Mizukami, 1986, p. 27).

Nesta ação de estímulo à presença dos alunos, é reforçada a ideia de participação da criança na Escola Dominical como uma consequente participação de um futuro adulto nos cultos e atividades religiosas. A presença assídua da criança reforça o *habitus* religioso luterano, daquela criança e da família participativa, que coloca as atividades religiosas em primeiro plano. A participação e a assiduidade nas atividades da Igreja foram inculcadas nas crianças desde cedo, em que participação assídua aos cultos e demais atividades religiosas, sendo sempre vista como positiva pelo pastor e pela comunidade.

Para a teoria de Skinner, a educação trabalha com a aquisição de novos comportamentos, e, assim, prepara os alunos para situações futuras. Os objetivos educacionais devem buscar a possibilidade de projetar a modelagem de um adulto. Logo, no ambiente escolar, quando um comportamento é reforçado como positivo, ele tende a ser repetido ao longo da vida do sujeito (Piletti, Rossato, 2011).

Desta maneira, ensinar consiste no arranjo de contingências de reforço sob as quais os educandos aprendem, lembrando que a educação está relacionada com a cultura na qual o indivíduo está inserido e que se compõe de todas as variáveis que o afetam de algum modo. Assim, a IELB, ao instruir seus educadores em

reforçar comportamentos e participações em atos religiosos, busca a formação e manutenção das práticas luteranas.

As ações desenvolvidas como incentivo à presença, a recompensa pela participação, eram reforçadoras de comportamento que moldavam a criança a ser um indivíduo participativo e comprometido com suas atividades religiosas. Como reforça Mizukami (1986, p. 30), “os comportamentos desejados dos alunos são instalados e mantidos por condicionantes e reforçadores arbitrários, tais como: elogios, graus, notas, prêmios, reconhecimentos do mestre e dos colegas”.

A manutenção e incentivo à presença dos alunos fazia com que estes tivessem uma participação mais frequente e pudessem vir a se tornar adultos mais assíduos no convívio da Igreja, desenvolvendo o *habitus* luterano, da pessoa que participa e se envolve ativamente nas atividades religiosas.

5.4 Histórias bíblicas

As histórias bíblicas possuem grande destaque dentro da Escola Dominical. No momento das entrevistas, percebeu-se que as histórias bíblicas foram um ponto chave das aulas

As histórias bíblicas foram também exploradas na tese de Weiduschadt (2012), que analisa a revista “O Pequeno Luterano” e nela observa a presença dessas histórias. A autora escreve que a formação religiosa e doutrinária era uma preocupação do Sínodo de Missouri e que passagens da Bíblia aparecem como histórias que são resumidas e contadas de forma espontânea, podendo ser complementadas com exemplos de figuras. O objetivo era que os leitores e os ouvintes seguissem os exemplos apresentados na Bíblia.

Quando se trata da contação de histórias, observa-se que a palavra “dramatização” aparece muito na análise dos materiais para professores de Escola Dominical como sendo um requisito esperado no momento de contar a história.

Hedi falou muitas das histórias bíblicas que ela contava e mostrou o material que utilizava para ilustrar suas histórias. Na imagem a seguir, apresenta-se alguns recursos utilizados por Hedi para a contação de suas histórias:

Figura 77 - Recursos utilizados para ilustrar as histórias bíblicas.



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada Hedi Blank, 2023.

Na figura aparecem diversas imagens que foram mostradas por Hedi, salientando que durante sua atuação como professora utilizou muitas delas para ilustrar o momento do contar as histórias bíblicas para as crianças, com o objetivo de tornar as histórias mais atrativas aos seus alunos.

Essas ilustrações eram, assim, um apoio para a contação de histórias. Essas foram também citadas por Marilanda:

Tinha muitas histórias, a da florzinha Mariana, a história do Kiko, mas tem outras histórias e agora não me lembro de todas. Até, esse ano, eu usei de novo um que eu achei lá guardadinha, a do peão Frederico. As crianças adoraram essa historinha de um peãozinho que se perdeu na viagem e depois quase foi colocado no fogo, e depois um gurizinho salvou a vida dele. As crianças adoraram essa história (Marilanda, 2024).

Marilanda fala ainda sobre estratégias que usava para chamar a atenção dos alunos durante a história:

O que eles gostam muito é do bonequinho, fantoche na casinha, esse a gente usava bastante, os fantoches. E sempre antes de começar a contar a história tem que ter alguma coisa que chama a atenção deles, a gente chama de “isca”, que faz eles se concentrarem [...] se tu for contar a história do semeador, tu traz uma semente, tu começa de um jeito diferente, faz eles semearem... para essa história do Semeador, nós fizemos uma caixa e colocamos todos os tipos de terra e fizemos crianças semearem em uma escolinha, aí na próxima escolinha aquela semente já germinou, já cresceu... então, naquela próxima escolinha a gente contou a história do Semeador, porque eles ficaram curiosos para próxima e para ficar bem gravada na cabeça deles (Marilanda, 2024).

A professora Marilanda comenta que os alunos gostavam das histórias bíblicas contadas com fantoches, e que as professoras tinham a estratégia de utilizar métodos para que os alunos conseguissem se concentrar na história que estava sendo contada, utilizando formas de despertar a curiosidade dos alunos. Sobre o uso da “isca”, a professora Célia também comenta: “na concepção da história... a gente chama de isca, desenvolvimento e aplicação. Atividades que enquadram para a fixação desse conteúdo. Se você consegue fazer essas coisas com a criança o restante é com o Espírito Santo”, ou seja, o professor deveria despertar o interesse do aluno, contar a história e confiar no agir do Espírito Santo na vida da criança.

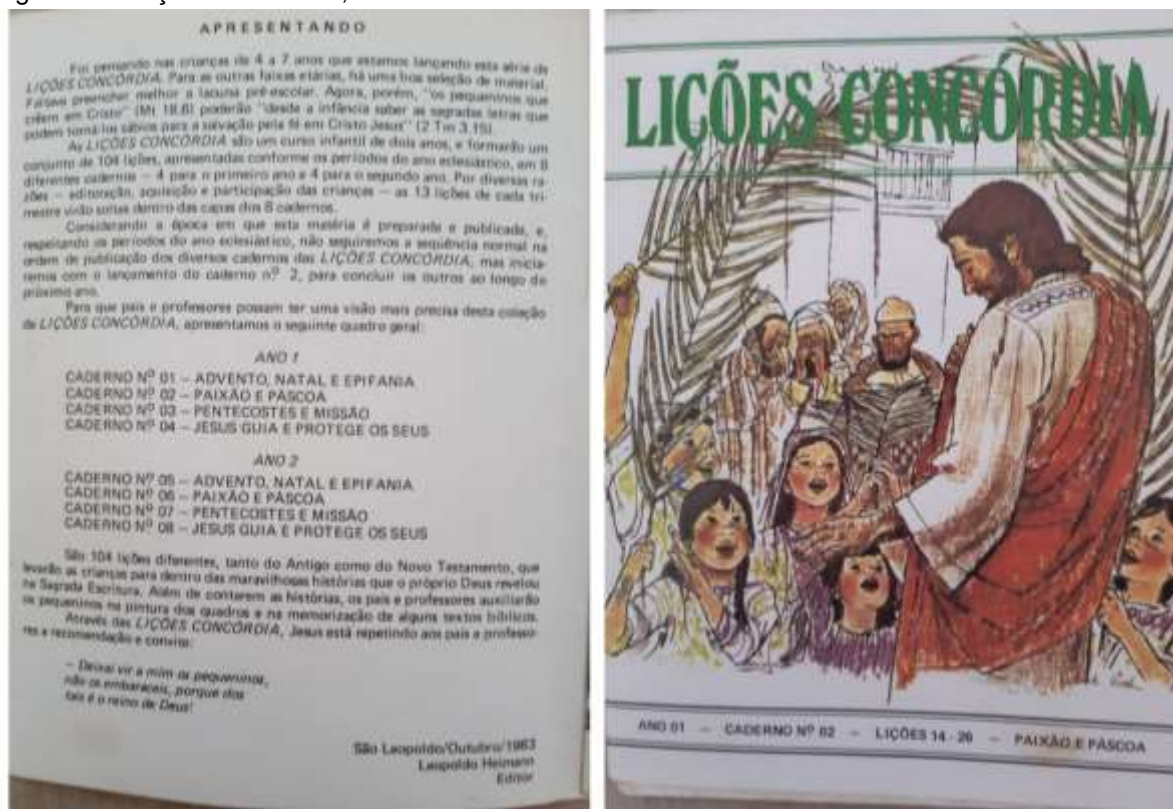
Ao falar sobre as atividades da Escola Dominical, os entrevistados Elmer e Maria salientaram que utilizaram um material denominado “Lições concórdia”, que também foi utilizado para a contação de histórias, principalmente no início das atividades, quando o material era mais escasso. Os entrevistados mencionam: “quando nós começamos, nós usamos muito esses folhetos, tinha mais de cem folhetos”. Esses folhetos são demonstrados na imagem a seguir:

Figura 78 – “Lições Concórdia”, Casa Publicadora Concórdia, 1964.



Fonte: Acervo pessoal de Elmer e Maria Roll, 2024.

Figura 79 – Lições Concórdia, 1983.



Fonte: Acervo pessoal de Elmer e Maria Roll, 2024.

APRESENTANDO

Foi pensando nas crianças de 4 a 7 anos que estamos lançando esta série de LÍÇÕES CONCÓRDIA. Para as outras faixas etárias, há uma boa seleção de material. Faltava preencher a lacuna quanto aos menores. Agora, quanto aos pequeninos que Jesus disse a Cristo" (Mt 18.6) poderão "desde a infância saber as sagradas letras que podem torná-lo sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus" (2 Tm 3.15).

A LÍÇÕES CONCÓRDIA tem um currículo infantil de dois anos. Constará um conjunto de 104 lições, apresentadas conforme os períodos do ano eclesiástico, em 4 diferentes cadernos - 2 para o primeiro ano e 2 para o segundo ano. Por diversas razões, coloração, esquema e participação das crianças - as 13 lições de cada trimestre virão soltas dentro das capas dos 8 cadernos.

Considerando a época em que esta matéria é preparada e publicada, e respeitando os períodos do ano eclesiástico, não seguiremos exatamente a mesma ordem de publicação dos diversos cadernos das LÍÇÕES CONCÓRDIA, mas iniciaremos com o lançamento do caderno nº 2, para concluir os outros ao longo do próximo ano. Para que pais e professores possam ter uma visão mais precisa desta coleção de LÍÇÕES CONCÓRDIA, apresentamos o seguinte quadro geral:

ANO 1

CADERNO Nº 01 - ADVENTO, NATAL E EPIFANIA
CADERNO Nº 02 - PAIXÃO E PÁSCOA
CADERNO Nº 03 - PENTECOSTES E MISSÃO
CADERNO Nº 04 - JESUS GUIA E PROTEGE OS SEUS

ANO 2

CADERNO Nº 05 - ADVENTO, NATAL E EPIFANIA
CADERNO Nº 06 - PAIXÃO E PÁSCOA
CADERNO Nº 07 - PENTECOSTES E MISSÃO
CADERNO Nº 08 - JESUS GUIA E PROTEGE OS SEUS

São 104 lições diferentes, tanto do Antigo como do Novo Testamento, que levarão as crianças, através das maravilhosas histórias que o próprio Deus revelou na Sagrada Escritura. Além de contar-lhes a história, os pais e professores poderão auxiliar os pequeninos na pintura dos quadros e na memorização de alguns textos bíblicos.

Através de LÍÇÕES CONCÓRDIA, Jesus está repetindo aos pais e professores a recomendação e o convite: Deixai vir a mim os pequeninos, não os embarceis, porque dos tais é o reino de Deus.

São Leopoldo/Outubro/1983

Leopoldo Heimann

Ambas as imagens apresentadas anteriormente são de um material utilizado por Elmer e Maria Roll, nele contém histórias bíblicas. Nesta imagem é apresentado o objetivo das edições. Na segunda imagem, à direita, representa-se Jesus com crianças, símbolo da Escola Dominical. As “Lições Concórdia” também foram mencionadas por Ângela (2022):

Manual da Escola Dominical, realmente é uma coisa bem antiga e a gente usou bastante porque ele era o único material visual que existia na época, não existia material visual, não tinha xerox, era agente que fazia com o mimeografo, matriz, nossa, nem lembrava mais disso, mas ele era bem usado nas séries iniciais. Depois apareceu um que eu não me lembro o nome, é um panfleto, uma folha avulsa, e daí dava para a criança, era tipo um bloco. Esse já era colorido, na época, era o primeiro material colorido que a Igreja passou para a gente que não era cópia dos EUA, ou era cópia, mas era adaptado. E tinha tarefas escritas também, além de desenhos para séries iniciais. Tinha também algumas atividades para os maiorzinhos que talvez já soubessem ler ou escrever, depois até vou olhar para ver se eu tenho... mas agora lembrei o nome, era os “Lições Concórdia”, era um bloquinho que a gente ia encadernando, no final a criança recebia todas as folhinhas, todas as lições do ano ou do período que ela estava, que ela recebia nesse encarte, “Lições Concórdia”, essa foi uma produção da Concórdia já depois do “Manual do professor da Escola Dominical” (Ângela, 2022).

Ao observar os diversos materiais destinados para a formação de professores, entre eles “O Jornalzinho”, percebe-se que o ponto alto das orientações sempre estava no ato de contar as histórias.

O que tinha de bom desses materiais que vinham da Igreja era que ali elas contavam a história e a gente se sentia preparado para saber contar a história, porque aí não era só a palavra bíblica, tem um outro jeito de contar a história, que não é teu, aí a tu junta os dois, o teu com o daquela pessoa que produziu, e tu tem ideia para contar aquela história, porque tudo era contando historinhas e vinha os trabalhinhos para a gente aplicar com as crianças (Gessi, 2023).

Na menção anterior, Gessi ressalta que as histórias bíblicas e suas respectivas explicações traziam mais confiança para as professoras. Que uniam a teoria com a sua forma de contar a história.

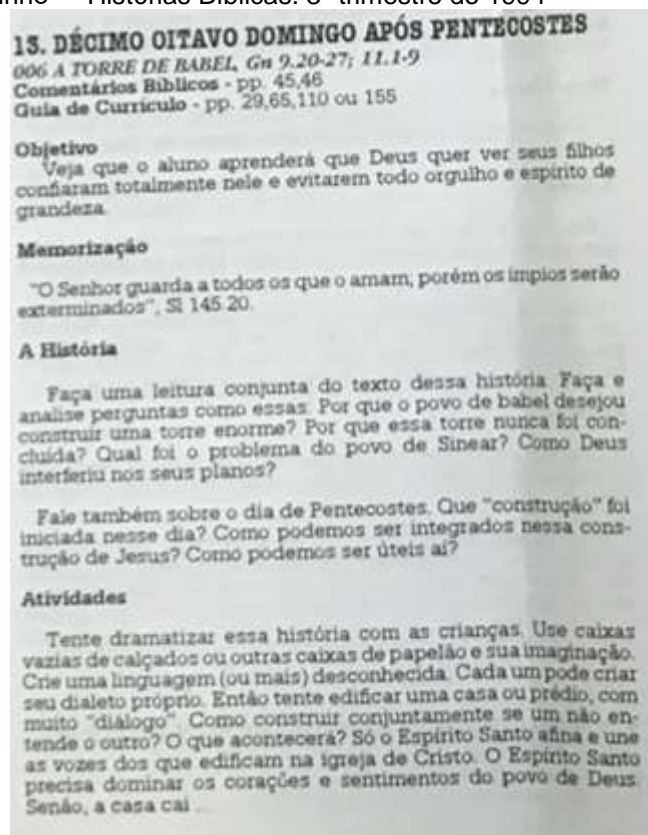
Loni também mencionou que o ponto alto dos cursos de formação era a prática de contar as histórias na Escola Dominical. A mesma relata:

Nos cursos era trabalhado mais a prática e a pedagogia das histórias bíblicas, porque elas falavam muito das histórias bíblicas, e traziam também histórias grafadas, elas traziam muito, e nós tínhamos também “O Mensageiro Luterano” e lá também vinham histórias bíblicas e atividades para serem usadas (Loni, 2023).

Em edições d’o “Jornalzinho” da década de 1990 havia uma coluna que se chamava “Histórias Bíblicas – Lições para professores e pais”. Nesta parte da publicação era trazido um roteiro para cada domingo, com a história a ser contada e

o versículo a ser lido. Cada indicação de aula para cada domingo continha os objetivos, memorização, a história e as atividades.

Figura 80 – “O Jornalzinho” – Histórias Bíblicas. 3º trimestre de 1994



Fonte: Acervo do Instituto Histórico da IELB.

13. DÉCIMO OITAVO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

006 A TORRE DE BABEL, Gn 9.20-27; 11.1-9

Comentários Bíblicos - pp. 45,46

Guia de Currículo - pp. 29,65,110 ou 155

Objetivo

Veja que o aluno aprenderá que Deus quer ver seus filhos confiarem totalmente nele e evitarem todo orgulho e espírito de grandeza.

Memorização

"O Senhor guarda a todos os que o amam, porém os ímpios serão exterminados". Sl 145.20.

A História

Faça uma leitura conjunta do texto dessa história. Faça e analise perguntas como essas: Por que o povo de babel desejou construir uma torre enorme? Por que essa torre nunca foi concluída? Qual foi o problema do povo de Sinear? Como Deus interferiu nos seus planos?

Fale também sobre o dia de Pentecostes. Que "construção" foi iniciada nesse dia? Como podemos ser integrados nessa construção de Jesus? Como podemos ser úteis aí?

Atividades

Tente dramatizar essa história com as crianças. Use caixas vazias de calçados ou outras caixas de papelão e sua imaginação. Crie uma linguagem (ou mais) desconhecida. Cada um pode criar seu dialeto próprio. Então tente edificar uma casa ou prédio, com muito "diálogo". Como construir conjuntamente se um não entende o outro? O que acontecerá? Só o Espírito Santo afina e une as vozes dos que edificam na igreja de Cristo. O Espírito Santo precisa dominar os corações e sentimentos do povo de Deus. Senão, a casa cai.

Os materiais didáticos destinados à formação de professores da Escola Dominical da IELB preocupavam-se em ensinar aos professores a contar as histórias bíblicas, pois este era o centro da aula. Nesta orientação é possível perceber que se incentivava a criatividade dos professores: “tente dramatizar essa história com as crianças” [...] “use caixas vazias de calçados ou outras caixas de papelão e sua imaginação” (O Jornalzinho, 3º trim. 1994). Nesse sentido, a criatividade e a proatividade das professoras são incentivadas por meio dos escritos d’o “Jornalzinho”, demonstrando que a Igreja queria à frente da Escola Dominical mulheres que fossem criativas, que construíssem seus próprios materiais, que dramatizassem as histórias e chamassem a atenção dos alunos. Na imagem também aparecem orientações a respeito da ordem a seguir em uma aula.

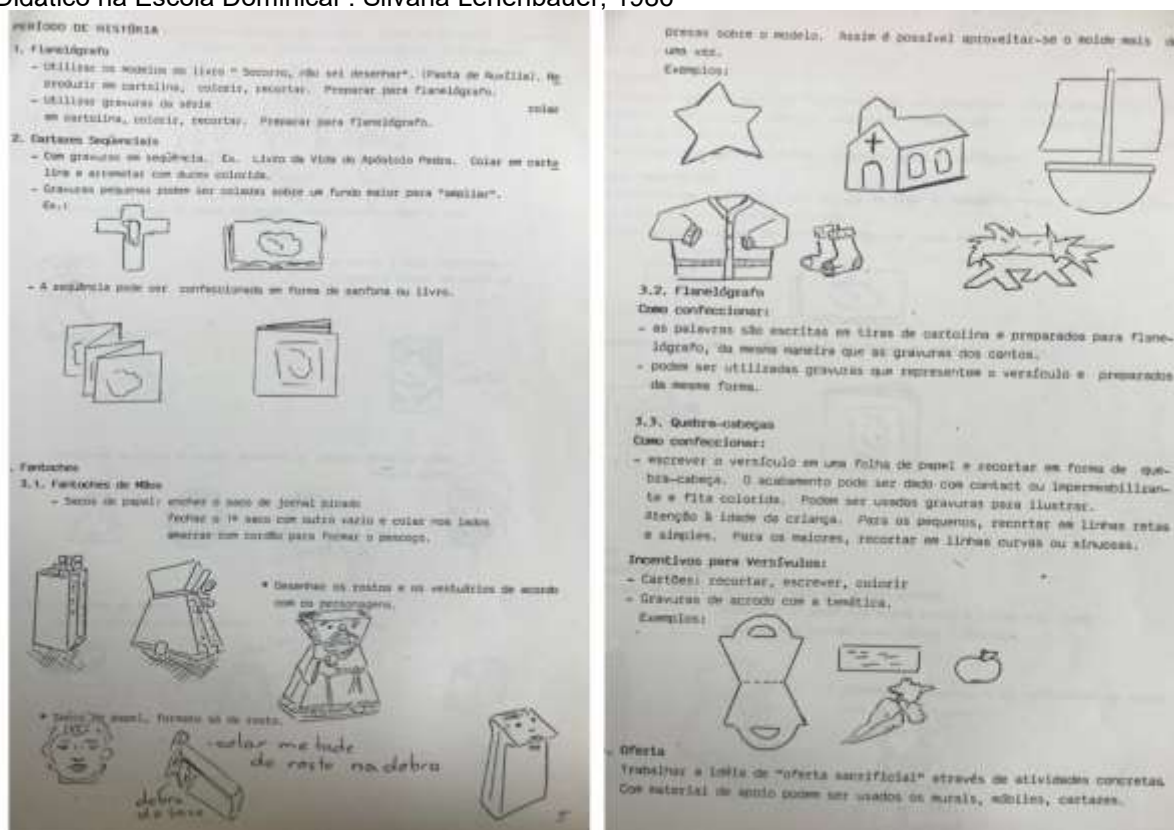
As professoras também adaptavam as histórias de acordo com as faixas etárias das crianças, como ressaltado por Marilanda:

A gente adapta a história. Primeiro simplifica para os menores, mas usamos a mesma história na mesma escolinha, para os grandes e para os pequenos. Só que primeiro tu conta de uma maneira bem simples para os pequenos, para chamar a atenção deles, e depois tu explicas para os maiores de forma mais detalhada, e a atividade depois é diferente para os grandes, para os pequenos (Marilanda, 2024).

Desta maneira, pode-se pensar a ludicidade, a criatividade e a adaptação também como uma forma de controle, pois quando a atenção do aluno é cativada este será mais participativo, sendo o objetivo da Escola Dominical. O lúdico torna o ambiente acolhedor e as atividades são prazerosas aos alunos. A ludicidade no ambiente educativo pode ser, inclusive, relacionada com a obra de Vygostky (1979, p. 45), que traz em seus estudos que “a criança aprende muito ao brincar. O que aparentemente ela faz apenas para distrair-se ou gastar energia é na realidade uma importante ferramenta para o seu desenvolvimento cognitivo, emocional, social, psicológico”. Entende-se, assim, que ao realizar atividades lúdicas, prazerosas e atrativas, o aluno internalizava muitos dos temas trabalhados e enfatizados pela Escola Dominical.

Na imagem a seguir, verifica-se que a autora ensina a fazer flanelógrafo, quebra-cabeças, cartazes sequenciais e fantoches, sempre no intuito de chamar a atenção da criança para a história que estava sendo contada.

Figura 81 – Estratégias de confecção de material auxiliar para as histórias bíblicas. “O Material Didático na Escola Dominical”. Silvana Lehenbauer, 1986



Fonte: Disponível no Instituto Histórico da IELB.

1. Flanelógrafo

Utilizar os modelos do livro "Socorro, não sei desenhar". (Pasta de Auxílios). Reprodurir em cartolina, colorir, recortar. Preparar para flanelógrafo.

Utilizar gravuras da série em cartolina, colorir, recortar. Preparar para flanelógrafo.

2. Cartazes Sequenciais

Usar gravuras e sequência. Ex. livro da Vida do Apóstolo Pedro. Colar em cartolina. Arrematar com durex colorido.

Gravuras pequenas podem ser coladas sobre um fundo maior para "ampliar".

A sequência pode ser confeccionada em forma de sanfona ou livro.

3. Fantoches de Mãos

3.1. Fantoches de Mãos

Sacos de papel: encher o saco de jornal picado.

Fechar o saco com outro vazio e colar nos lados amarrar com cordão para formar o pescoço.

Desenhar os rostos e os vestuários de acordo com os personagens. Sacos de papel, formato só do rosto. Colar metade do rosto na dobra. Dobra do saco.

3.2. Flanelógrafo

Como confeccionar: os versículos ou escritas em tiras de cartolina e preparados para flanelógrafo, da mesma maneira que as gravuras dos contos. Podem ser utilizadas gravuras que representem o versículo e preparados da mesma forma.

3.3. Quebra-cabeças

Como confeccionar: escrever o versículo em uma folha de papel e recortar em forma de quebra-cabeça. O acabamento pode ser dado com contact ou impermeabilizante e fita colorida. Podem ser usadas gravuras para ilustrar.

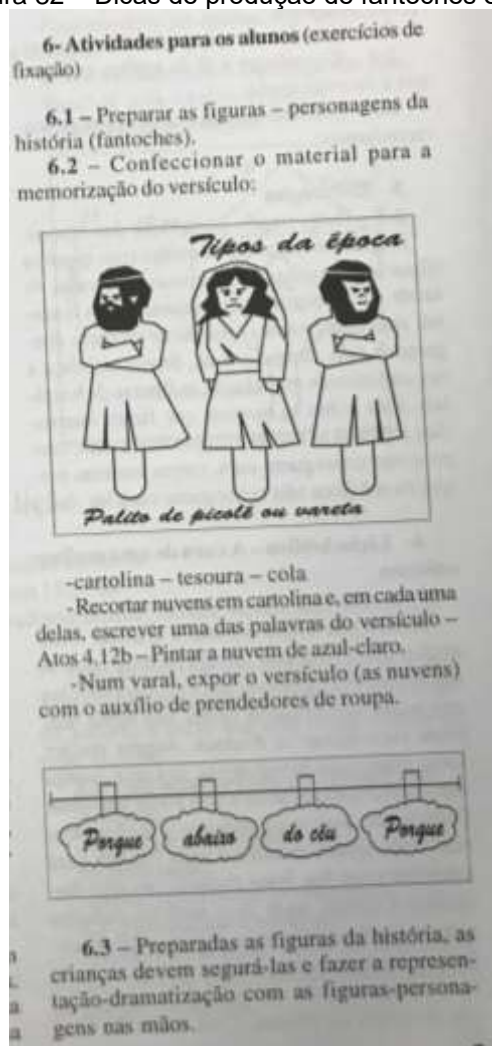
Atenção à idade da criança. Para os pequenos, recortar em linhas retas e simples. Para os maiores, recortar em linhas curvas ou sinuosas.

Incentivos para Versículos:

Cartões: recortar, escrever, colorir; Gravuras de acordo com a temática.

A publicação reproduzida na imagem aborda a confecção de fantoches, cartazes sequenciais, flanelógrafos e quebra-cabeças. Enfatiza a produção de materiais lúdicos que ajudariam na prática do professor e auxiliariam no entendimento dos alunos. As instruções sobre a construção de materiais didáticos aparecem novamente, em uma edição do “Com Jesus” do ano de 1999:

Figura 82 – Dicas de produção de fantoches e varais. Material: “Com Jesus”, edição 1999.



6- Atividades para os alunos (exercícios de fixação)

6.1 - Preparar as figuras - personagens da história (fantoches).

6.2 - Confeccionar o material para a memorização do versículo:

Palito de picolé ou vareta
cartolina - tesoura - cola

Recortar nuvens em cartolina e, em cada uma delas, escrever uma das palavras do versículo - Atos 4.12b - Pintar a nuvem de azul-claro.

Num varal, expor o versículo (as nuvens) com o auxílio de prendedores de roupa.

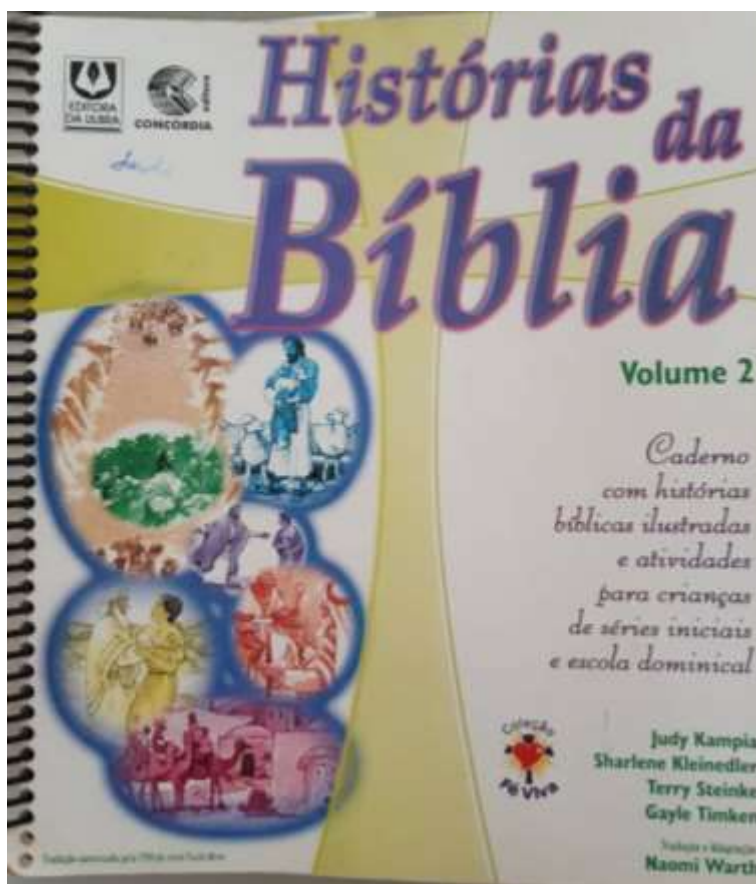
6.3 – Preparadas as figuras da história, as crianças devem segurá-las e fazer a representação-dramatização com as figuras-personagens nas mãos.

Fonte: Disponível no Instituto Histórico da IELB.

As histórias bíblicas envolviam dramatização e recursos visuais, que seriam elementos que auxiliariam os alunos no entendimento da história.

Nos arquivos de Loni, foi encontrado um material específico utilizado por ela. Nesse material continha histórias bíblicas e outras atividades:

Figura 83 – “Caderno com histórias bíblicas ilustradas para crianças de séries iniciais e escola dominical”.



Fonte: Acervo pessoal de Loni Weiduschadt, 2021.

O material apresentado anteriormente consiste em um caderno com histórias bíblicas ilustradas para crianças de séries iniciais e escola dominical. Foi um material publicado em uma parceria entre a Casa Publicadora Concórdia e a Editora da Universidade ULBRA, provavelmente utilizado tanto na escola dominical quanto em diferentes classes regulares, em aulas de ensino religioso. Observa-se que era um material de autoria norte-americana e que foi traduzido para ser utilizado também no Brasil.

A contação de histórias leva em consideração os pontos pedagógico e religioso. A atuação lúdica, criativa, artística e pedagógica da professora está muito atrelada com a ação da docência na escola regular, principalmente dos primeiros anos de escolarização, como a educação infantil e as séries iniciais, que são fases em que há uma maior prática dessa ação. Assim como nas séries iniciais a contação de histórias estimula o gosto pela leitura, na Escola Dominical as histórias bíblicas surgem na expectativa de estimular as crianças a lerem a Bíblia e assim descobrirem mais sobre os ensinamentos da Igreja.

Jean Piaget, por estar em discussão no contexto das décadas de 1970 e 1980, também pode ter contribuído com a ação de contar histórias nas aulas. Isto porque, segundo Piaget (1978), a prática da contação de histórias⁸⁶ auxilia na formação humana através da imaginação, da necessidade da atenção, e da própria linguagem. A criança aprende, assim, pelos objetos, com o meio social, brincadeiras e jogos, contribuindo para a promoção de aprendizagens com sentido e significado.

Outro ponto relacionado à contação de histórias é o reforço do campo religioso, pois, ao contar uma história, a professora devia conhecer a Bíblia, a história, e, respectivamente, o ensinamento moral e doutrinário que essa história trazia. Com essas histórias bíblicas a professora estudava e se preparava nos ensinamentos litúrgicos, e a criança era preparada moralmente por meio dos ensinamentos morais das histórias. Era uma forma de os professores e alunos conhecerem a Bíblia e terem seu *habitus* luterano reforçado.

O professor tem significativo papel no momento de contar a história, pois necessita buscar estratégias que despertem a imaginação e a concentração dos alunos. O uso da encenação e da ludicidade é necessário para que a criança imagine e compreenda os ensinamentos da história trabalhada. Além de produzir os recursos, a professora era uma atriz, que deveria encenar e cativar a atenção do aluno.

5.5 Datas comemorativas

As datas comemorativas foram temáticas recorrentes na fala das professoras e nos materiais produzidos pela IELB. Silvana, por exemplo, salienta que:

Naquela época as datas comemorativas, inclusive, dentro das escolas regulares, elas eram obrigatórias [...] a gente trabalhava muito nas datas comemorativas ou recomendava as datas comemorativas que tinham significado na congregação, como o dia das mães, dia dos pais, páscoa, natal, essas dentro desta linha religiosa (Silvana, 2025).

Dentro do ano litúrgico da Igreja havia algumas datas que eram mais enfatizadas, não somente na Escola Dominical, mas em outros espaços utilizados pela IELB para o contato com seus fiéis. O trabalho de tese de Weiduschadt (2012) já abordava tal prática de ênfase nas datas religiosas na revista infantil produzida pela IELB, “O Pequeno Luterano”:

⁸⁶ A partir da década de 1980, de acordo com Prieto (2011), houve um resgate da prática da contação de histórias, seja nas escolas, bibliotecas, espaços culturais, entre outros ambientes.

No mês de outubro sempre aparecem homenagens à Reforma Luterana e a Lutero, comemorado no dia 31 de outubro. Em dezembro relembram o Natal, assim como em cada época, Páscoa e Pentecostes. Estas três festas cristãs possuem especial relevância no espaço luterano, pois enfatizam a trindade: Pai, no Natal, Filho, na Páscoa, e Espírito Santo, no Pentecostes (Weiduschadt, 2012, p. 64).

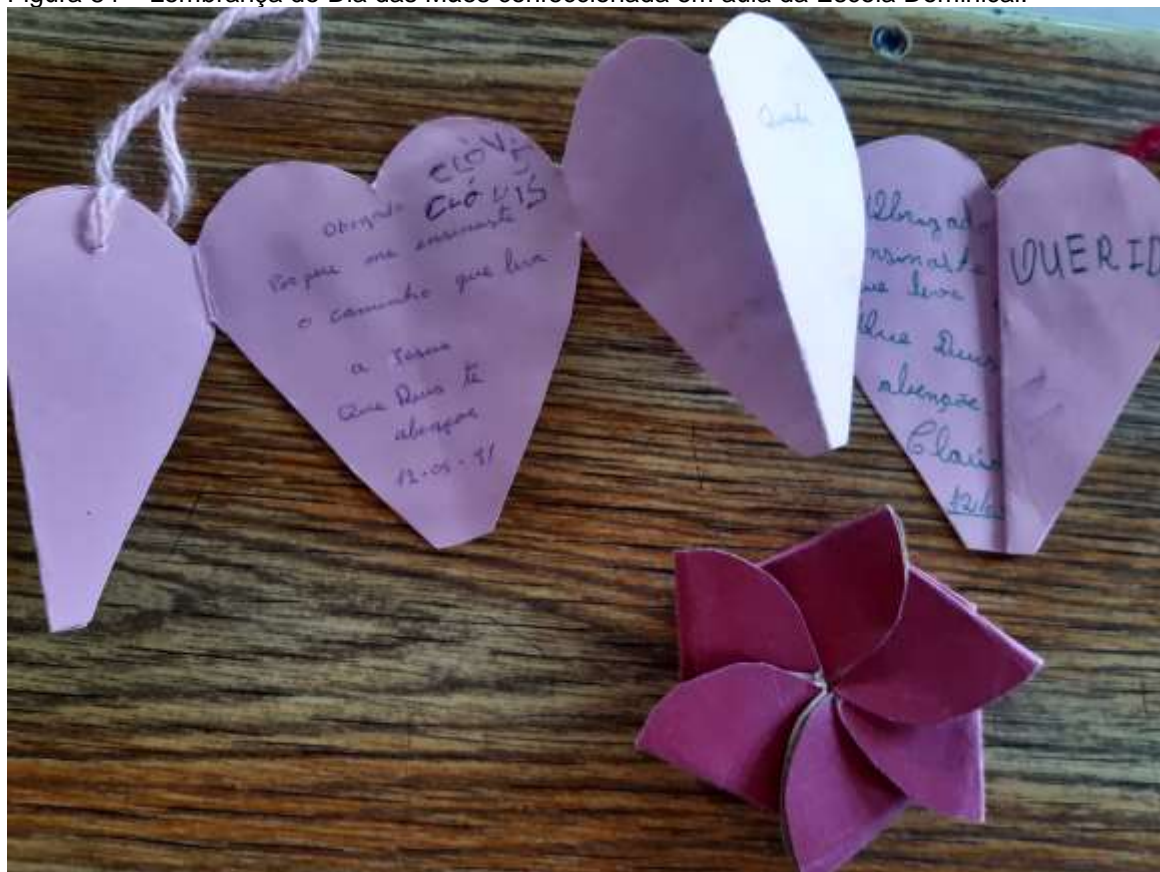
Além dessas três datas religiosas, as quais a investigação alude acima, há também datas cívicas que são relevantes dentro do contexto luterano, como as datas de cívicas e morais, por exemplo, Dia das Mães, Dia da Árvore, Treze de Maio, Dia do Trabalho, e outros (Weiduschadt, 2012).

A educação cristã dentro da Escola Dominical almejava que as crianças aprendessem sobre a doutrina luterana. Um dos incentivos era a aprendizagem sobre as diferentes datas religiosas. Em cada época do ano havia um tema a ser estudado. Isso aparece na fala de Hedi (2023), ao relatar sobre o dia das mães, quando mostra uma lembrança, recebida de seu filho, que havia sido confeccionada em uma aula da Escola Dominical.

A gente também fazia coisas para Dia das Mães e o Dia dos Pais (mostra um material confeccionado na Escola Dominical por seu filho). Esse aqui que eu gostava muito, que abria e estava escrito dentro do coração. Nessa época, o meu filho estava aprendendo a escrever, aqui está escrito “obrigado porque me ensinaste o caminho que leva a Jesus”, que Deus te abençoe, de 1991. Esse tem mais de 30 anos e está aqui guardado. Esse outro aqui é da minha filha, que é da mesma data, uma lembrança de mãe, escrito “Que Deus te abençoe, mãe”. Eram lembranças de datas comemorativas que se faziam na Escola Dominical (Hedi, 2023).

A entrevistada ressalta uma lembrança que ganhou de seus filhos, confeccionada na Escola Dominical. Neste momento ela fala como mãe e professora, ao salientar que a Escola Dominical era considerada uma forma de introduzir a criança no caminho religioso e consequentemente na valorização da família.

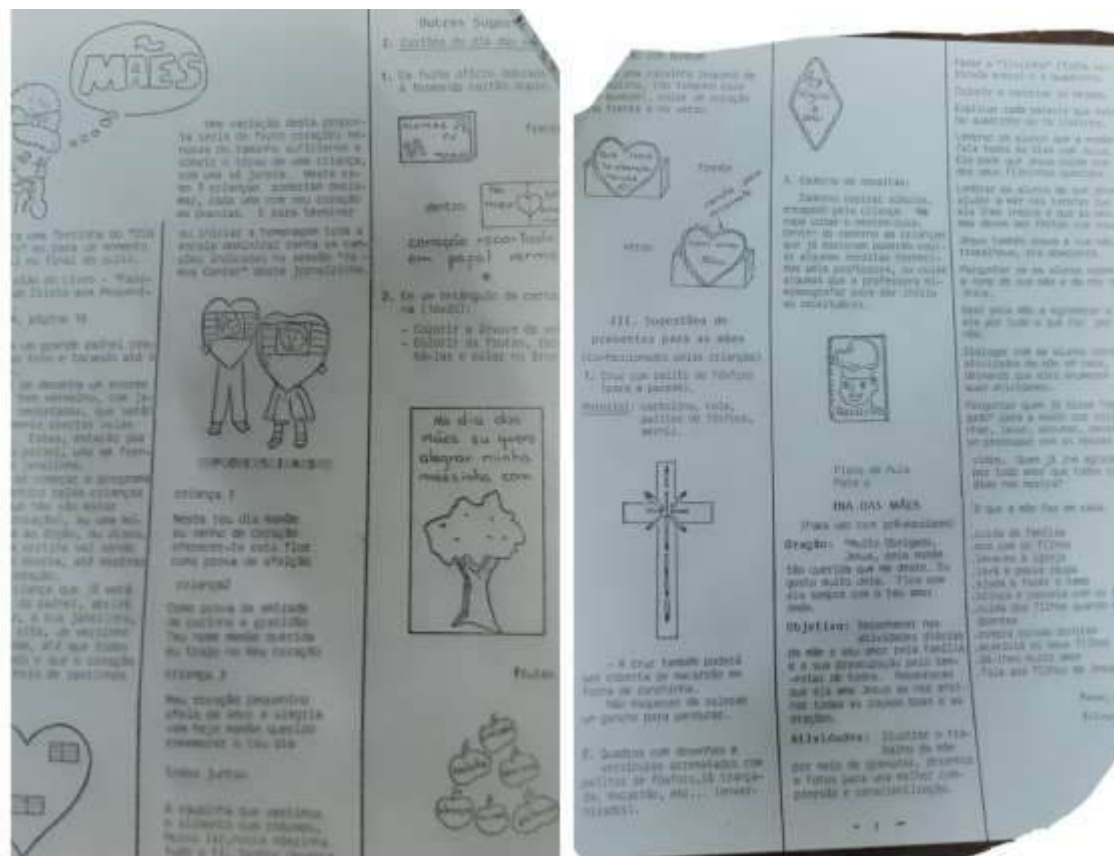
Figura 84 – Lembrança do Dia das Mães confeccionada em aula da Escola Dominical.



Fonte: Acervo pessoal Hedi.

As orientações para a confecção de lembranças do dia das mães são encontradas n'ó Jornalzinho, destacando-se uma edição do segundo trimestre de 1986.

Figura 85 – Orientações para atividades sobre o Dia das Mães. “O Jornalzinho” – 2º trimestre, 1986.



Fonte: Instituto Histórico da IELB.

Outras Sugestões

I. Cartões do dia das mães

III. Sugestões de presentes para as mães

Cruz com palito de fósforo (para a parede).

Material: cartolina, cola, palitos de fósforo, verniz.

A cruz também poderá ser coberta de macarrão em forma de conchinhas.

Não esqueça de colocar um gancho para pendurar.

Quadros com desenhos e versículos arrematados com palitos de fósforo, já trançados, etc... (envernizados).

Fazer o rosto com carinho e colorir

Recortar e colar.

Perguntar se os alunos sabem o nome de sua mãe e da mãe de Jesus.

Orem pela mãe e agradeça ao Espírito Santo por tudo que faz por nós.

Dialogar com os alunos sobre a importância de ter um lar, de ter uma família, deixando que eles enumerem as suas atividades.

Perguntar quem já disse "obrigado mamãe" por cuidar de mim, lavar, arrumar; passar a roupa, se preocupar com as nossas vidas. Quem já lhe agradeceu por dar-lhe as coisas que nos damos todos os dias.

O DIA DAS MÃES

(Para uso com pré-escolares)

Oração: Muito obrigado, Jesus, pela mamãe tão querida que me deste. Eu gosto muito dela. Fica com ela sempre com o teu amor. Amém.

Objetivo: Reconhecer nas mães, as atividades da nossa vida e o seu papel na família. A sua preocupação pelo bem-estar de todos. Reconhecer que ela ama Jesus nos seus ensinamentos, nas suas atitudes. É bom para a sua casa e para as crianças.

Atividades: Ilustrar o trabalho da mãe por meio de gravuras, desenhos e fotos para uma melhor compreensão e conscientização.

Na imagem anterior percebe-se que em uma edição específica d’o “Jornalzinho” aparecem sugestões para serem trabalhadas no dia das mães. A maioria delas versa sobre a confecção de lembrancinhas pelos alunos. Em um trecho da imagem fala “ao iniciar a homenagem toda a escola dominical canta as canções indicadas na sessão ‘vamos cantar’ deste Jornalzinho”.

Loni (2023) também traz um relato sobre o trabalho com as datas comemorativas:

De material a gente sempre usava muito o “Com Jesus”, o material da APEC. Tinha outros também, como a Bíblia para crianças, mas a gente sempre usava dos anos litúrgicos, na Páscoa a gente trabalhava a morte de Jesus, no Natal também se trabalhava com a data, sempre aquelas épocas mais importantes, como a Páscoa, Pentecostes, Natal, dia das crianças, dia das mães, dia dos pais, e agora a gente já não usa mais muito por causa da estrutura das famílias (Loni, 2023).

A fim de ilustrar melhor a valorização das datas cívicas, abaixo segue um quadro explicativo que demonstra os números d’o “Jornalzinho” e as recomendações acerca do trabalho com as datas comemorativas.

Quadro 11 – Indicações de sugestões sobre as datas comemorativas. Edições do O Jornalzinho.

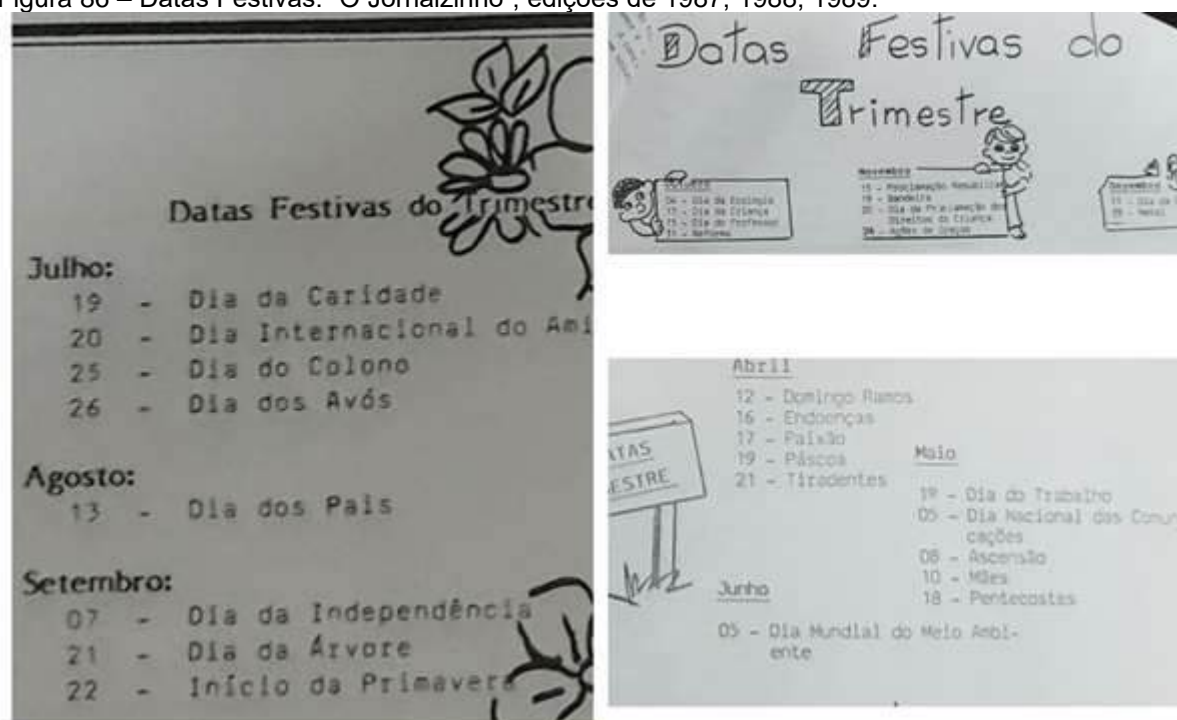
Tipo de material	Edição	Assunto / Data
O Jornalzinho	Nº 3, 1º trimestre. 1986	EBF (Escola Bíblica de Férias); Páscoa.
O Jornalzinho	Nº 4, 2º trimestre. 1986	Dia das Mães.
O Jornalzinho	Nº 5, 3º trimestre. 1986	Julho (Dia do Colono, Dia dos Avós; Férias); Agosto (Dia dos Pais); Setembro (Dia da Independência, Dia da árvore, início da primavera).
O Jornalzinho	Nº 6, 4º trimestre. 1986	Outubro (Dia da Ecologia, Dia da Criança, Dia do Professor, Reforma Luterana); Novembro (Proclamação da República; Dia da Bandeira; Dia da Proclamação do Direito das Crianças; Ação de Graças; Início do período de Advento); Dezembro (Dia da Bíblia, início do verão, Natal).
O Jornalzinho	Nº 34, 4º trimestre. 1993.	Atividades sobre o Natal. Sugestões de confecção de artefatos que lembram a data natalina (Exemplo: Confecção de sinos e imagem de anjos).
O Jornalzinho	Nº 28, 2º trimestre. 1992. Nº 36, 2º trimestre. 1994.	Edições voltada para o período da Páscoa.

Organização: autora, 2024.

Ao observar edições de 1986 com relação a demais edições d'o "O Jornalzinho", percebe-se que se mantem uma estrutura de organização similar, as datas comemorativas de maior ênfase de trabalho entre os professores sendo são a Páscoa, Dia das Mães, Dia dos Pais e Natal. A tendência é que as datas comemorativas se repitam a cada ano, assim, eventualmente, em alguma edição aparece alguma nova atividade que poderia ser desenvolvida.

Na imagem a seguir, retirada da edição do 3º trimestre de 1989 d'o "Jornalzinho", aparece novamente algumas datas a serem trabalhadas durante aquele referido trimestre:

Figura 86 – Datas Festivas. "O Jornalzinho", edições de 1987, 1988, 1989.



Fonte: Instituto Histórico da IELB.

Datas Festivas do Trimestre

Julho

19 – Dia da Caridade; 20 – Dia internacional da amizade; 25 – Dia do Colono; 26 – Dia dos avós

Agosto

13 – Dia dos Pais

Setembro

07 – Dia da Independência; 21 – Dia da árvore; 22 – Dia da Primavera

Na imagem, percebe-se que datas do calendário escolar são também enfatizadas na Escola Dominical. Além delas também são verificáveis outras, como o dia da caridade e o dia do amigo.

As datas religiosas, como Natal e Páscoa, têm, portanto, um enfoque mais acentuado, como verificável na edição a seguir, que dedica atenção a imagens e frases relacionadas com a Páscoa na capa.

Figura 87 – O tema da Páscoa n’o “Jornalzinho”, 2º trimestre. 1994.



Fonte: Instituto Histórico da IELB.

O reforço das datas comemorativas contribui para a consolidação do *habitus* luterano, pois a criança passa a conhecer e internalizar as datas festivas e litúrgicas que são temas de cultos e práticas nas igrejas da IELB.

5.6 O Estudo da Música

As músicas religiosas eram parte fundamental das aulas da Escola Dominical. As habilidades musicais eram exigidas das professoras, se estas não tinham familiaridade com o tema necessitavam buscar uma aproximação, pois as práticas musicais faziam parte do contexto e *habitus* luterano. Em muitos materiais consultados se verificam orientações sobre o desenvolvimento do momento musical da Escola Dominical.

No seguinte excerto, Silvana fala do aprender a música e vivenciá-la:

Eu usei muito também nessa época, na escrita da apostila, na escrita do jornalzinho, durante muito tempo, eu usei muito os materiais americanos da época, que nós aqui recebíamos, e que lá nessa época já trazia muito

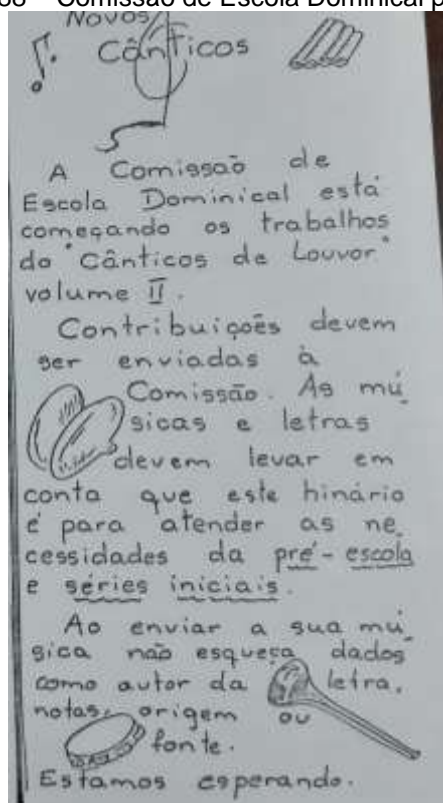
dessas ideias mais práticas de fazer com que o sujeito vivencie desde essa ideia de aprender uma música, no sentido de primeiro conhecer a letra e saber o que a letra quer dizer para depois aprender a música e cantar, porque é uma diferença muito grande em eu cantar simplesmente dizendo palavras ou eu cantar sabendo o que eu estou cantando, compreendendo o que eu estou cantando, aí realmente eu faço louvor [...] (Silvana, 2025).

Silvana, ao falar sobre a musicalização na Escola Dominical, traz que o propósito era trabalhar no sentido da compreensão da letra, que a música não poderia ser somente cantada ou reproduzida, mas que deveria ser compreendida.

Era necessário compreender a letra, para depois de compreender a gente cantar. Eu sempre defendendo, desde o início do magistério, a questão de conhecer e compreender é a essência da educação [...] E quando a gente ia lançar alguma música nova era sempre recomendando essa necessidade de trabalhar a compreensão da letra (Silvana, 2025).

Dentro d'o "Jornalzinho" a música era um tema recorrente, como se vê em uma edição do ano de 1988:

Figura 88 – Comissão de Escola Dominical pede o envio de músicas.



Novos Cânticos

A Comissão de Escola Dominical está começando os trabalhos do 'Cânticos de Louvor', volume II.

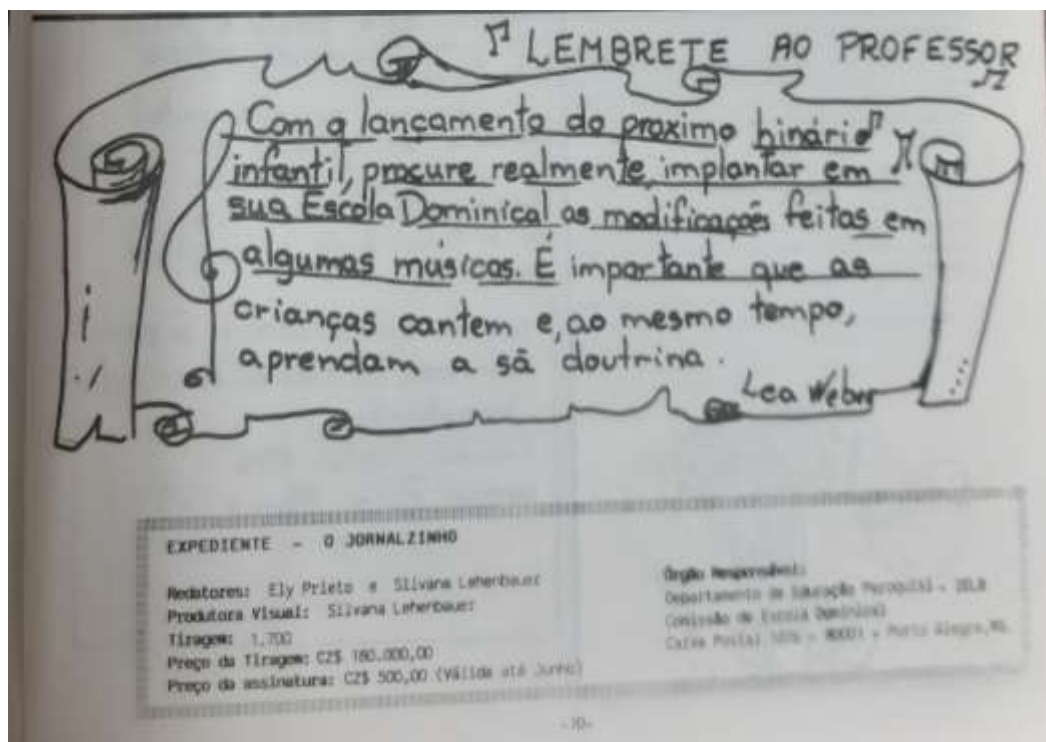
Contribuições devem ser enviadas à Comissão. As músicas e letras devem levar em conta que este hinário é para atender as necessidades da pré-escola e séries iniciais.

Ao enviar a sua música não esqueça dados como autor da letra, notas, origem ou fonte. Estamos esperando.

Fonte: "O Jornalzinho", 1ª trimestre, 1988.

Na imagem vemos um pedido para que os leitores enviem sugestões de hinos e músicas que possam ser trabalhadas com o público da pré-escola e séries iniciais. A música é uma espécie de dispositivo lúdico para atrair a atenção das crianças no momento da Escola Dominical.

Figura 89 – Pedido de implementação de modificações em músicas. “O Jornalzinho”, 1ª trimestre, 1989.



Fonte: Instituto Histórico da IELB.

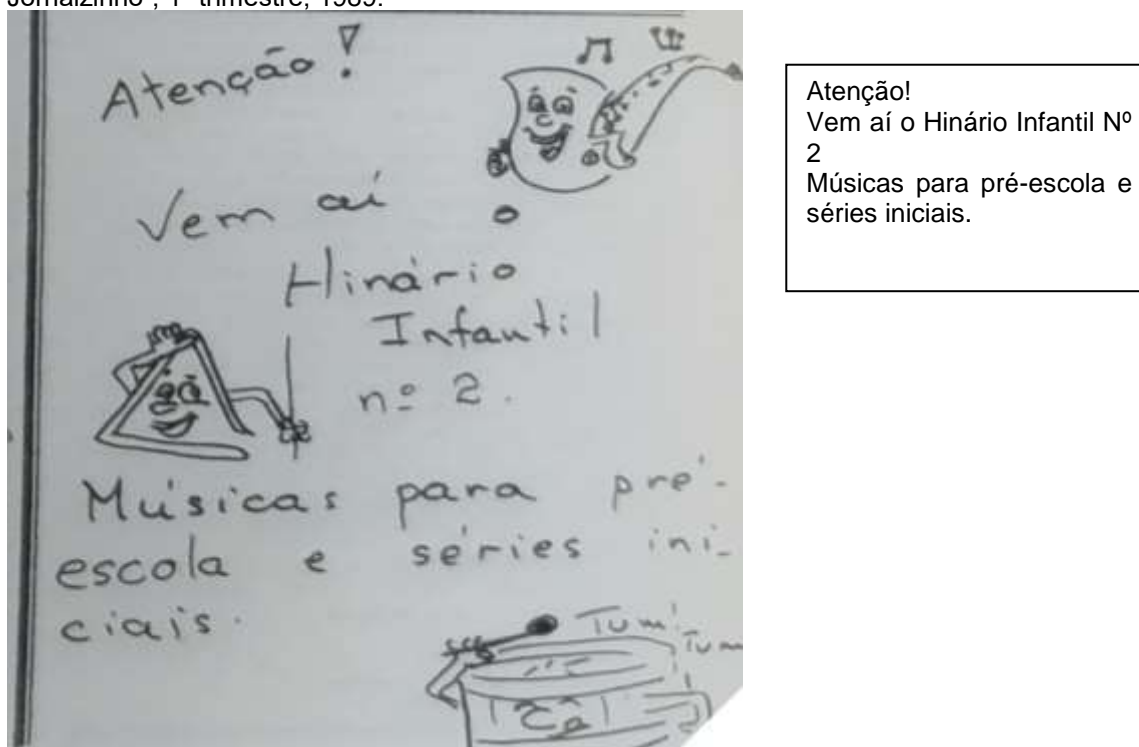
LEMBRETE AO PROFESSOR

Com o lançamento do próximo hinário infantil, procure realmente implantar em sua Escola Dominical as modificações feitas em algumas músicas. É importante que as crianças cantem e ao mesmo tempo, aprendam a sã doutrina. Lea Weber.

Logo em seguida, na edição do 1º trimestre de 1989, “O Jornalzinho” reforça que o professor deve ensinar a seus alunos as músicas, pois estas possibilitarão que a criança aprenda a doutrina. Na mesma edição, “O Jornalzinho” anuncia que em breve será lançado um hinário⁸⁷ infantil destinado a crianças em idade de educação infantil e anos iniciais.

⁸⁷ O hinário luterano era o cancionário usado nos cultos e também nas escolas. Muitas letras de músicas eram em forma de poesia (Weiduschadt, 2014).

Figura 90 – Anúncio da publicação do Hinário Infantil para a pré-escola e séries iniciais. “O Jornalzinho”, 1º trimestre, 1989.



Fonte: Instituto Histórico da IELB.

Segundo Beck (2005, p.19), ao analisar o lugar da música no ambiente luterano:

Podemos aprender com Lutero que a educação e, particularmente o ensino e o estudo podem e devem constituírem-se em ações agradáveis e prazerosas. As crianças podem aprender brincando, com toda facilidade. Não é sem razão que ele apreciava e recomendava a música e o canto.

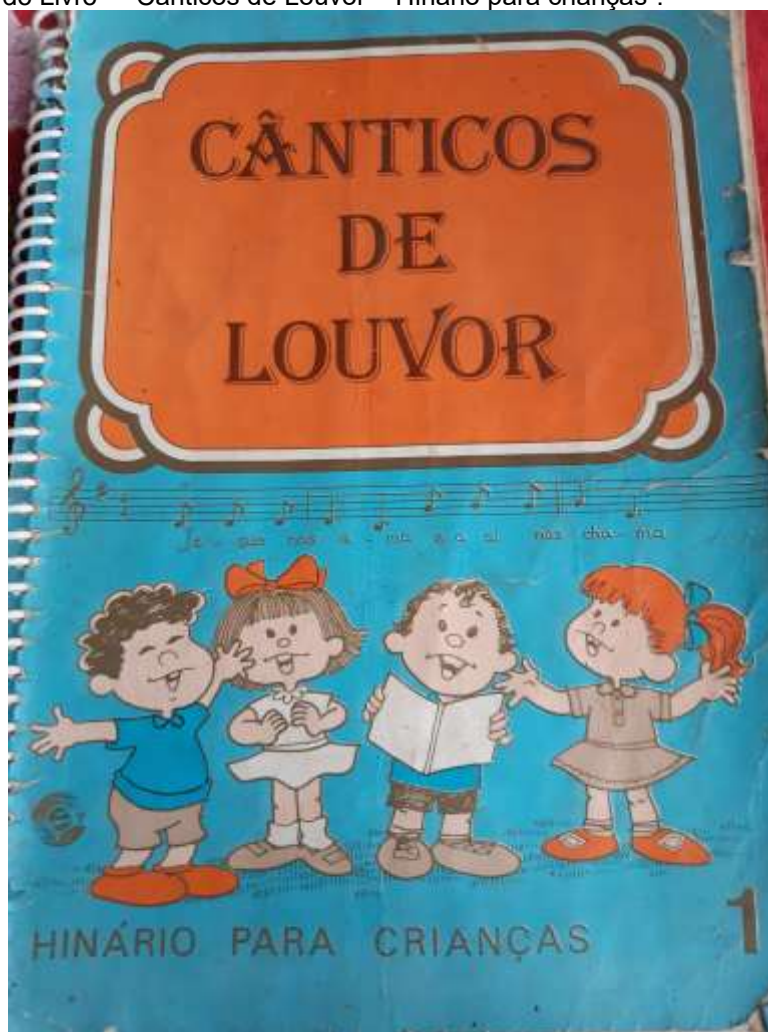
Loni, em suas práticas, vai ao encontro dessa orientação:

Eu aprendi muitas músicas, logo no início eu já sabia algumas, mas a gente aprendeu nos cursos, no início tinha muitas músicas do hinário. E tinha, também, tem um livro que é de capa azul que eu tive, e um outro de capa amarelo, aí eu pedi para o meu marido me ensinar, ele tocava no harmônio e me ensinou. Antes dos cursos eu aprendi aqueles do hinário, aí depois veio a Silvana e ensinou muitas músicas no curso, eram músicas curtinhas e eu até copiava as músicas, e eu passava isso para os alunos (Loni, 2024).

Além de indicar alguns materiais utilizados para a preparação das aulas, Loni também menciona que aprendeu a trabalhar com as músicas na Escola Dominical por meio dos cursos que ela realizou.

Hedi mostrou alguns materiais que eram utilizados para os cantos na Escola Dominical, entre eles estava o “livro azul”, citado por Loni.

Figura 91 – Capa do Livro – “Cânticos de Louvor – Hinário para crianças”.



Fonte: Acervo pessoal de Hedi Blank, 2024.

Na introdução do Hinário aparece a descrição “o Hinário para crianças é aquilo que o próprio nome indica: uma seleção de hinos e cânticos de louvor considerados apropriados para a edificação e treinamento das crianças como povo de Deus” (Cânticos de Louvor, 1986).

Duas entrevistadas mencionaram que havia nos cursos de formação de professores um momento destinado para a música e para o canto. Destacaram o nome de Eliane Sabka como o de uma pessoa que atuava nos cursos sobre o tema musical.

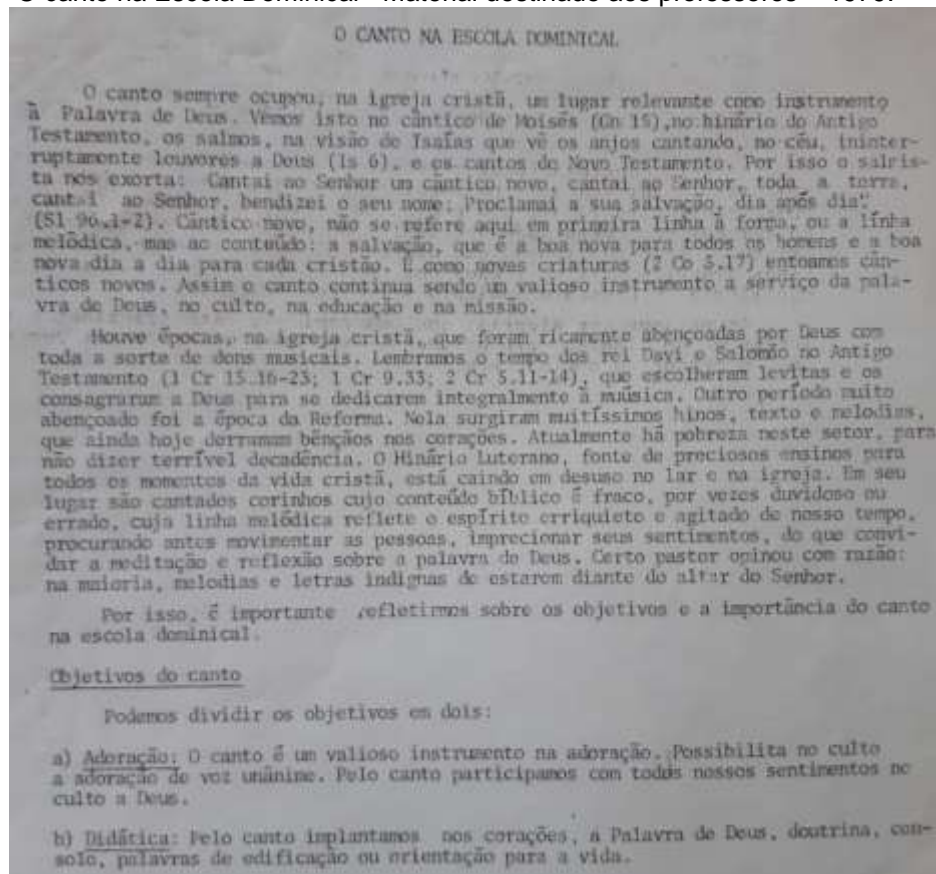
Loni sempre teve uma atuação docente muito ativa para a música e dominava diferentes instrumentos nas suas aulas de Escola Dominical:

A música é muito importante numa Escolinha Dominical, as crianças gostavam muito, então, sempre antes de cantar a música a gente lia a música com aqueles que sabiam ler, a gente explicava a música, que a música é uma oração, é um louvor para Deus. Aqueles que sabiam ler

pegavam uma folha mimeografada, e os que não sabiam ler decoravam, porque tinha crianças que decoravam facilmente, e eles gostavam muito de cantar, no momento de cantar a gente também usava os gestos (Loni, 2024).

Em outro material destinado para os cursos de professores, este datado de 1979, consta uma parte sobre a importância do canto na Escola Dominical:

Figura 92 – O canto na Escola Dominical - Material destinado aos professores – 1979.



Fonte: Acervo pessoal de Hedi Blank, 2024.

O CANTO NA ESCOLA DOMINICAL

O canto sempre ocupou, na igreja cristã, um lugar relevante como instrumento à Palavra de Deus. Vemos isto no cântico de Moisés (Gn. 15), no hinário do Antigo Testamento, os salmos, na visão de Isaías que vê os anjos cantando no céu, ininterruptamente louvores a Deus (Is 6), e os cantos do Novo Testamento. Por isso o salmista nos exorta: Cantai ao Senhor um cântico novo, cantai ao Senhor, toda a terra, cantai ao Senhor, bendizei o seu nome. Proclamai a sua salvação, dia após dia". (Sl. 96.1-2). Cântico novo, não se refere aqui em primeira linha à forma ou à linha melódica, mas ao conteúdo: à salvação, que é a boa nova para todos os homens e a boa nova dia a dia para cada cristão. E como novas criaturas (2 Co. 5.17) entoamos cânticos novos. Assim o canto continua sendo um valioso instrumento a serviço da palavra de Deus, no culto, na educação e na missão. Houve épocas, na igreja cristã, que foram ricamente abençoadas por Deus com toda a sorte de dons musicais. Lembramos o tempo dos reis Davi e Salomão no Antigo Testamento (1 Cr. 15.16-23; 2 Cr 5.53; 1 Cr 5.11-13), que escolheram levitas e os consagraram a Deus para se dedicarem inteiramente à música. Outro período muito abençoado foi a época da Reforma. Nela surgiram muitíssimos hinos, texto e melodias, que ainda hoje derramam bênçãos nos corações. Atualmente há pobreza neste setor, para não dizer terrível decadência. O Hinário Luterano conta de preciosos tesouros para todos os membros da vida cristã, estando este mesmo no lar e na igreja. Em seu lugar são cantados hinos cujo conteúdo bíblico é fraco, por vezes duvidoso ou errado, cuja linha melódica reflete o espírito enriquecido e agitado de nosso tempo, procurando antes movimentar as pessoas, impressionar seus sentimentos, do que convidar a meditação e reflexão sobre a palavra de Deus. Certo pastor opinou com razão: na maioria, melodias e letras indignas de estarem diante do altar do Senhor. Por isso, é importante refletirmos sobre os objetivos e a importância do canto na escola dominical. Objetivos do canto. Podemos dividir os objetivos em dois: a) Adoração: O canto é um valioso instrumento na adoração. Possibilita no culto a adoração de voz unânime. Pelo canto participamos com todos nossos sentimentos no culto a Deus. b) Didática: Pelo canto implantamos nos corações, a Palavra de Deus, doutrina, consolo, palavras de edificação ou orientação para a vida.

Vemos na imagem que a prática do canto era uma das maneiras de transmissão dos ensinamentos doutrinários para as crianças. Salienta-se o seguinte trecho: “o canto sempre ocupou, na igreja cristã, um lugar relevante como instrumento a palavra de Deus” [...] “é importante refletirmos sobre os objetivos e a importância do canto na escola dominical”.

Uma das entrevistadas mostrou uma foto em que as crianças tinham aulas de flauta:

Figura 93 – Na Escola Dominical em Três Coroas/RS – Crianças na aula de flauta. Década de 1980



Fonte: Acervo pessoal de Maria Roll.

Para entender essa relação entre escolarização, música e luteranismo, retoma-se as ideias de Lutero, que considerava a música uma arte para ser praticada e executada. A música teria o poder de agir sobre a mente das pessoas. Para Lutero, a música é valorizada pela importância na formação do cidadão, devendo ser praticada e executada, pois a música traz vida para a palavra do evangelho (Ferreira, 2015).

5.7 Letramento Religioso

No contexto da Escola Dominical também pode-se pensar que existe um espaço de letramento religioso. Muitas das atividades direcionadas para as crianças envolviam uma educação cristã, e junto dessa educação eram desenvolvidas atividades lúdicas e diversificadas voltadas para um letramento religioso, direcionado para a criação de um vínculo religioso da criança com a Igreja. Conforme Rocha (2021, p. 40-41), “são os diferentes contextos que definem o letramento. Nesse sentido, reconhece-se uma envergadura do sentido do termo letramento que nos faz compreender, que em quaisquer atividades pode ocorrer um determinado tipo de letramento”. Visto que o letramento é uma prática social, ela pode ser também construída em um contexto religioso.

Considera-se que as práticas de leitura e escrita estão inseridas em um meio social trazendo ensinamentos, fortalecendo e desenvolvendo a religiosidade daquele grupo que participa de determinadas atividades (Magalhães, 2020).

As práticas de letramento podem acontecer em ambientes diversos, como nas práticas da igreja. Assim, verifica-se a possibilidade de considerar o letramento religioso, quando as práticas de leitura e de escrita se desenvolvem em um meio social, com a intencionalidade do desenvolvimento e fortalecimento de uma determinada vertente religiosa. Os múltiplos letramentos variam de acordo com o tempo e o espaço e estão articulados com as relações de poder. Para analisar o letramento como prática social, deve-se levar em consideração que as práticas são eventos mediados por textos escritos. Além disso, existem letramentos associados com diferentes domínios de vida e são padronizadas pelas instituições sociais, tem propósitos e se encaixam em metas e práticas sociais mais amplas e devem ser historicamente situados (Lage, 2013, p. 2).

Neste sentido, as práticas de letramento na Escola Dominical visam a consolidação dos fiéis luteranos. A Igreja visava a aproximação das crianças com os ensinamentos religiosos, fosse por meio de práticas de letramento, de histórias bíblicas ou de outras atividades que buscavam envolver as crianças.

Pode-se entender que a Escola Dominical possui interesses educativos, pois tem um público-alvo específico e faz uso de ferramentas pedagógicas e materiais didáticos. A intencionalidade da Escola Dominical parte do pressuposto de que não se aprende somente na escola e nem apenas em uma fase da vida, mas que há uma aprendizagem constante, e que a infância é uma fase específica da vida da criança em que certas aprendizagens religiosas devem ser estimuladas.

A instituição escolar pode ser considerada, então, aos olhos da história, como produto e produtora da realidade histórica da qual faz parte, pois é permeada por

elementos históricos, políticos, ideológicos, culturais e religiosos. Ela se torna fonte de pesquisa para a história da educação, uma vez que a trajetória de uma escola revela não apenas elementos relacionados ao seu cotidiano, mas oferece também subsídios para a compreensão de sua realidade, da sociedade que a produziu e das políticas educacionais de sua época, bem como das suas bases de consolidação e seus objetivos (Sanfelice, 2007).

Podemos citar como exemplo de pesquisas que olham para a educação nos espaços religiosos a investigação de Azevedo (2008), realizada no contexto das Escolas Dominicais da Assembleia de Deus. Assim, se insere na área da educação, pois trata a Escola Dominical como um “espaço de alfabetismos”. Segundo Azevedo (2008, p. 18), espaços de alfabetismos “possibilitam a inserção de sujeitos, independentes de sua escolaridade ou de sua fluência na leitura, no convívio com a palavra escrita”.

O trabalho de Silva (2020) é outra investigação no mesmo sentido. Foi realizado na área da linguística e o autor tinha o objetivo de conhecer e compreender eventos e práticas de letramento religioso vivenciados por participantes da Escola Bíblica Dominical da Assembleia de Deus. O autor pensa o letramento como prática social que desencadeia, no contexto investigado, um letramento religioso, portanto capaz de contribuir para a constituição da atuação e do papel religioso das pessoas, através da leitura da Bíblia (Silva, 2020). Para Rocha (2021), no contexto de letramento, a tradição religiosa é reflexo de interações entre os indivíduos e as manifestações formais da religião praticada em determinada comunidade.

Conforme Kleiman (2005) e Rocha (2021), o letramento não tem somente relação com a leitura alfabética, mas trata também da leitura de mundo. Nesse aspecto, dentro de um determinado evento religioso existem manifestações coletivas produzidas a partir desse conhecimento de mundo e bagagem cultural. Logo, eventos religiosos, como a Escola Dominical, formam religiosamente e socialmente o sujeito que dela participa.

Sobre as estratégias adotadas na Escola Dominical, a compreensão foi uma ação destacada por Silvana:

Quer dizer que eu não quero que a criança decore uma frase simplesmente, que é um versículo, que simplesmente decore o versículo, mas que ela compreenda o que eu estou dizendo, o que aquela frase está dizendo. Então, o que se planejava era o versículo, a música, e a história, ou as atividades relacionadas à história, todos tivessem um fio condutor, uma

mesma forma de chegar em onde a gente queria, era tudo em torno de dar sentido. Não é manter a criança ocupada conosco enquanto os pais estão no culto, mas no sentido de que realmente eles compreendam (Silvana, 2025).

Essas ações em conjunto é que fazem da Escola Dominical um ambiente de aprendizagem. A união e diversificação de atividades é uma estratégia pedagógica.

A dissertação de Almeida (2009) sobre a influência das práticas religiosas da Igreja Metodista e de sua Escola Dominical sobre o processo de letramento vai no mesmo sentido da discussão aqui empregada. O autor observou práticas realizadas e analisou material pedagógico utilizado durante cultos religiosos e Escolas Dominicais. O estudo trouxe como as atividades desenvolvidas neste espaço podem ser significativas para o desenvolvimento de habilidades como a leitura e a escrita (Almeida, 2009). O trabalho mostra que práticas realizadas na Escola Dominical podem ser importantes para além da formação religiosa, podendo contemplar a própria alfabetização do sujeito participante. Tais práticas realizadas dentro da Escola Dominical, inclusive as que envolvem a alfabetização, podem ser uma espécie de mobilização para a formação de um *habitus* (Bourdieu, 1996).

Para Kleiman (1995, p. 19), “podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico”. Nessa concepção, letramento são as práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que essas práticas são postas em ação, bem como as consequências delas sobre a sociedade (Soares, 2002, p. 144).

O Letramento Religioso acontecia não somente com os alunos da Escola Dominical, mas principalmente com os professores, que, por meio dos cursos de formação de professores e estudos diários para a preparação das aulas, acabavam por ter um aprofundamento teórico significativo sobre a doutrina. Conheciam a Bíblia por meio da interpretação de histórias e participavam de diferentes cursos e orientações sobre o assunto. As professoras de Escola Dominical passavam a serem letradas sobre a doutrina luterana.

5.8 A artesanía pedagógica e intelectual

Como nós não tínhamos material, e seguindo uma linha teórica piagetiana, não abertamente, mas dizendo indiretamente, a criança precisa viver o concreto, ela precisa colocar a mão, ela precisa poder fazer, ela precisa poder compreender, primeiro ver, perceber, depois compreender... Então, nós temos que nos dispor a fazer material, então a gente ensinava como fazer material para versículo, como ensinar a fazer material para a oração, como fazer material para contar uma história, e aí se fazia muito material... (Silvana, 2025).

Como foi aludido, as professoras da Escola Dominical eram, além de professoras, também artesãs do ofício do ensinar. Foi visto, ao longo da pesquisa, que elas se envolviam na confecção e produção de material que foi usado para suas carreiras pessoais e também pelas gerações que seguiram. Lembra-se que as entrevistadas mencionaram que no início das atividades os materiais de apoio didático eram mais escassos, o que exigia das professoras a confecção e elaboração de materiais e recursos que auxiliassem nas suas práticas docentes.

Segundo Escolano Benito (2017, p. 46), “a maior parte dos docentes foi processando e construindo, na própria experiência do cotidiano da escola, os códigos operativos da arte de ensinar”. Arroyo define a escola como um espaço da arte, do criativo e do artesanal: “educação que acontece nas escolas tem, ainda, muito de artesanal. Seus mestres têm que ser artesãos, artífices, artistas para dar conta do magistério” (Arroyo, 2013, p. 18).

A tese de Monks (2024) fala sobre a estruturação de um patrimônio profissional docente. Em sua pesquisa trata da constituição de um acervo artesanal constituído por uma professora da educação básica, essa espécie de patrimônio artesanal docente também foi construída pelas professoras de Escola Dominical, que na necessidade de sua prática, construíram seus materiais, fizeram seus recursos e ao longo de anos possuíam um amplo acervo sobre a Escola Dominical.

A IELB por meio das publicações e orientações didáticas ensinavam as professoras a construírem seus materiais, mas a aplicabilidade de cada recurso dependia da ação e da criatividade de cada professora. Remete-se a pesquisa de Monks (2024, p. 180)

Quando a professora produz com suas próprias mãos, ou seja, quando executa uma produção, expressa a aquisição e o desenvolvimento de uma habilidade, imprimindo sua marca peculiar, subjetiva e afetiva, expressas tanto na forma de pensar quanto pela forma de fazer e de usar. São ações que refletem uma artesanía manual, intelectual e pedagógica, ou seja, o pensar sobre o fazer.

A confecção de cada material e a prática de cada professora foi singular, particular, mesmo que foi orientada e controlada pela IELB por materiais e cursos, cada professora em sua peculiaridade se baseou em experiências religiosas, pedagógicas e até mesmo em diferentes autores para realizar a sua prática.

Pela fala da Silvana, entende-se que as formadoras eram aquelas que ensinavam as professoras a utilizarem-se de suas habilidades manuais, e as professoras, em suas práticas, também tinham que usar essas habilidades para construir materiais pedagógicos e tornarem suas aulas mais dinâmicas e atrativas.

Assim, as professoras de Escola Dominical tiveram suas trajetórias marcadas pela criatividade, ludicidade e atitude, pois elas construíram muitos dos recursos didáticos que utilizaram nas suas aulas. Esses recursos construídos pelas próprias professoras podem ser aqui classificados como artefatos pedagógicos.

Esses artefatos pedagógicos são oriundos de uma produção artesanal, são elementos planejados e produzidos pelas mãos das professoras. Representam as engenhosidades elaboradas pelas mãos docentes e a partir deles, se forma, assim, um patrimônio profissional docente (Monks, 2024).

As professoras de Escola Dominical fizeram do uso da ludicidade para tornar as aulas mais prazerosas, coloridas e atrativas aos seus alunos. Desta maneira, as professoras não atuavam somente no momento das aulas, mas sua formação e preparo eram constantes. Conforme escrevem Cordeiro e França (2020, p.107), “professor é autor e *artífice*, não apenas consumidor, mas criador de tecnologias em serviço, seja por necessidade, diante dos limitados recursos das escolas, seja por desejo de criação e aprimoramento de suas práticas”. Ou seja, as professoras criaram e adaptaram materiais, buscando inovação e criatividade.

Ao longo da tese falou-se muito em lúdico, ludicidade, e para a contextualização do que isso significa utiliza-se Lopes (2014), que apresenta uma aproximação conceitual com o tema defendendo a ludicidade como condição humana ligada ao humor e à liberdade, portanto como equiparação a jogos e brincadeiras. A família semântica para o termo seria composta por: brincar, lazer, recrear e jogar.

Além de ser criativa, a mulher professora de Escola Dominical, era vista como missionária, seu dom era de ensinar e trazer as crianças para a prática dos hábitos

religiosos. Para isso, elas tinham que estudar, participar de práticas formativas, e utilizar as suas habilidades manuais.

Eu produzi uma sala de materiais na Congregação, desde materiais para cânticos, materiais para versículos, materiais para história bíblica, para aplicação, quebra-cabeça, joguinhos de cartas de versículos, enfim... eu tenho uma veia um pouco artística herdada da minha mãe, que era artista plástica (Silvana, 2022).

Ela ainda relata que entre os anos de 1974 e 1983, enquanto morou com seu marido na cidade Santa Maria, Rio Grande do Sul, teve uma forte experiência de confecção de materiais didáticos para serem usados nas aulas da Escola Dominical:

No tempo em que meu marido era pastor, em Santa Maria [...] as professoras eram verdadeiramente artesãs, o que a gente fazia? Em dezembro, depois do programa de Natal, a gente começava a pensar na Escola Dominical no ano seguinte. Lá a gente fazia assim, a gente via o tema da IELB daquele ano e durante uma semana inteira os professores se colocavam à disposição para trabalhar com a gente. Então lá o salão da congregação virava uma sala de material didático, a gente comprava toda a cartolina e tudo mais que a gente precisasse. E os professores vinham em períodos alternados durante a semana. Então, a gente preparava todo o material para o ano inteiro, no mês de março nós vamos trabalhar isso, em abril aquilo, em maio e assim por diante, aí a gente preparava tudo... fazer material de canto, aqueles ovelhinhas, e tudo aquilo que a gente inventava... Vários professores aprenderam comigo a usar flanelógrafo, a usar aquelas imagens... as letras das músicas que a gente fazia em cima de figuras como da Igrejinha, olha a Igrejinha de Torre, a gente desenhava a Igreja e escrevia a letra, e essa escrita era feita com letras em barras que vinham prontas e caneta de Nankin, uma caneta grossa, e aí a gente ia escrevendo e passando a caneta lá dentro daquelas letras. Dava muito trabalho, mas a gente trabalhava uma semana inteira e estávamos com todo o material pronto até o final do ano (Silvana, 2025).

Neste relato se tornam nítidos a dedicação e o planejamento das professoras. Para Perrenoud (1997), "ensinar é, antes de mais, fabricar artesanalmente os saberes", devendo o professor permanecer "o artesão da integração (das) várias contribuições numa prática pessoal" em que o professor é o ator principal do processo de transposição didática (Pintassilgo, 1999).

A artesanaria também é confirmada na fala de Maria (2024):

Na época que eu dei Escola Dominical, a gente usava mais a expressão verbal, a gente não tinha muito material, a gente fazia muitos cartazes com pincel atômico, as vezes não tinha nem cartolina, a gente usava papel pardo para fazer cartazes e colar alguma figurinha, e usava mais a linguagem, a oralidade (Maria, 2024).

O professor artesão reinterpreta programas e manuais, tornando os saberes ensináveis e avaliáveis no quadro de um conjunto de aulas e de um ano letivo. O professor surge como o construtor do currículo real, ao planejar e organizar de forma artesanal as atividades, materiais, formas de animação. O professor é como um

artista quando se trata de sua personalidade, sensibilidade e criatividade (Pintassilgo, 1999). Assim, se entende que o professor é aquele responsável por colocar suas aprendizagens e vivências em prática, ele que faz suas aulas, planeja e executa, reinterpretando aquilo que aprendeu. Ou seja, por mais que a Igreja da IELB tenha tido um propósito de Escola Dominical, foram as professoras que de fato colocaram (ou não) esse propósito em prática.

Nas palavras de Perrenoud (1997, p. 200): "a profissão docente ainda hesita entre profissionalização e proletarização, entre a verdadeira autonomia, à qual corresponde uma clara responsabilidade e uma maior dependência relativamente à esfera dos especialistas, dos que pensam o ensino". A partir dessa concepção do autor surgem alguns questionamentos: será que as professoras de Escola Dominical tinham autonomia? Elas executavam exatamente aquilo que aprendiam nos cursos? A Igreja tinha controle sobre tudo que as professoras ensinavam?

A esses questionamentos não existem respostas exatas, o que se sabe é que cada ação docente é carregada de subjetividades e de características peculiares. Cada realidade de Escola Dominical era única, e estas ações aconteciam em contextos diferenciados. Como escreve Oliari (2021, p. 108), "o/a professor/a tem um ofício; partilha de um conjunto tradicional de valores, preceitos e princípios, que são comuns ao professorado, por outro lado imprime sua marca, através do seu modo singular, nas maneiras como exerce sua ação docente".

Na obra denominada "O artífice" (2020), o autor Richard Sennett traz o artesão como um trabalhador que dispõe de grande implicação no trabalho, aquele que deseja realizar uma tarefa que seja bem-feita e que tenha um valor para sua comunidade. Desta forma, percebe-se que a professora de Escola Dominical desenvolve seu trabalho para a comunidade na qual ela está inserida, sua ação é profissional, pedagógica, religiosa, social, mas, acima de tudo, é vista como uma missão a ser cumprida. Nas análises de Sennett (2020), o processo de capacitação do artífice demanda um processo prolongado e carregado de significados. A dificuldade e a incompletude são aspectos do seu trabalho. As atuações de professores podem ser inseridas nessa posição, pois a formação docente é inacabada. O ofício do artesanato também envolve muito o apego a tarefa, o "amor" pela atuação (Sennet, 2020). Esse "amor", pode ser comparado à missão da professora da Escola Dominical da IELB.

Os artífices, ou entendidos como artesãos, não são apenas trabalhadores manuais, mas são profissionais, como pesquisadores, maestros e professores. Segundo o sociólogo Sennet, artesão é aquele que “se concentra em fazer bem suas tarefas por amor ao trabalho bem feito”. Nesse sentido, toda atividade artesã se fundamenta em alguma habilidade técnica desenvolvida de maneira mais rebuscada, envolvendo amorosidade, sentimento pelo fazer (Sennett, 2013; Gobbato, Barbosa, 2019).

Assim como um artífice, o professor é aquele que busca melhorar, aprimora suas técnicas e adapta-se ao seu contexto. Os professores estão em constante formação e aperfeiçoamento, e é este processo contínuo que permite que o professor domine as suas “ferramentas” pedagógicas e possa compreender a sua realidade e produzir conhecimento de forma criativa. Assim como o artífice, o professor utiliza seu conhecimento para transformar o ensino em uma experiência significativa para cada aluno, e essas experiências são prioritariamente transformadas pelo uso da criatividade (Sennett, 2020).

O artigo de Cordeiro e França (2020) conclui que os professores da educação básica executavam múltiplos papéis, sendo consumidores, mas também usuários; receptores, mas também artífices. Os professores são também autores de ferramentas, mobiliário e objetos escolares dos mais diversos.

Desta forma, o conceito movimentado ao se falar na atuação das professoras de Escola Dominical é o conceito de artesanaria pedagógica, explorado por Hobold e Simionato (2021), que escrevem:

Compreende-se artesanaria como derivação do artesão, ao que diz respeito às técnicas artesanais. Inclui-se a palavra “docente” assim, artesanaria docente significa a mobilização dos saberes tácitos construídos pelo professor no decorrer do seu trabalho colocados em prática no processo de produção do conhecimento com seus alunos. Nasce da reflexão sobre a experiência de uma permanente mobilização dos saberes construídos em sala de aula (Hobold; Simionato, 2021, p. 76).

Considera-se o professor, então, como aquele artesão que produz material para a sua prática, visto que no início das atividades da Escola Dominical o material era bastante escasso e demandou que se produzisse recursos. Além disso, a formação constante dessas professoras faz também com que reflitam sobre sua ação pedagógica. Para Hobold e Simionato (2021, p.4), a artesanaria pedagógica seria “o saber criativo em situação de trabalho”. No mesmo sentido, a tese de Oliari (2021, p. 110) traz que:

O ofício de professor/a não nos remete apenas a pensar como ele/a desenvolve o conteúdo em suas aulas, embora seu modo de apresentá-los/as aos/as alunos/as seja importante; refere-se também, de modo muito singular, à maneira como ele/a estabelece relação com seus/as alunos/as. Esse modo de relação é pedagógico, ou seja, está intimamente ligada ao modo como o/a professor/a cria conexões consigo mesmo, com os/as alunos/as e com os conteúdos. E, essa relação é uma artesanania, pois se refere ao modo singular, subjetivo, de como o/a professor/a em sua singularidade compreende seu papel na sociedade e desenvolve o seu trabalho de apresentar o mundo aos/as recém-chegados/as.

Pode-se entender que o fazer docente é considerado um quadro de obrigações e deveres a serem cumpridos pelos professores, relacionado às práticas de ensino (França, 2019). Mas, por outro lado, as conexões que o professor cria com seu próprio agir, com seus alunos e com os temas que precisam ser trabalhados, remetem ao que os autores definem como artesanania. Nesse sentido, o professor é um artesão porque se utiliza das materialidades existentes em seu contexto para a efetivação de sua ação pedagógica e as manipula com seu modo pessoal e subjetivo (Oliari, 2021).

As professoras entrevistadas relataram que construíram muitos materiais para servir de auxílio nas suas aulas: improvisavam recortes de revistas, imagens de calendário, construíam recursos para incentivar a presença dos alunos e tornar as aulas e as histórias bíblicas mais atrativas. Além disso, relataram que reutilizavam diferentes recursos para construir materiais que auxiliavam os alunos. Com isso, tinham a preocupação de como as ações trariam marcas para a vida dos alunos. Como relata Hedi (2023):

O quadro de Jesus eu já fiz muitas vezes [...] a gente pinta e cola um papelão atrás e aqui cola sementes e aí se faz o quadro de Jesus. Na verdade, é essas coisinhas que marcam a criança depois, na sua vida. Numa época teve o Congresso dos Leigos⁸⁸, e aí sobraram as pastas, e aí a gente fez a matriz e deu para as crianças as pastas para guardar o material; Eu gosto também de ter o material deles guardadinho nas pastas, é muita coisa, como aqui mesmo na venda às vezes sobre um papelão, uma caixa, a gente aproveita para usar lá na escola. Eu também recortava os calendários e fazia ilustrações para as músicas. Como nessa música: passarinho como vai? Pelos ares a subir, nenhum passarinho cai sem Deus permitir.

A entrevistada fala sobre a construção artesanal de um quadro de Jesus, e fala sobre a reutilização de materiais como caixas, papelão, cartolinas de calendário para construir materiais que fossem significativos para os alunos. No seu relato a professora fala também sobre o trabalho que a mesma levava para casa, pois a

⁸⁸ A Liga de Leigos Luteranos do Brasil é uma organização masculina da IELB composta pelos homens membros da Igreja.

prática enquanto professora de Escola Dominical não era somente na Igreja, mas era uma ação que permeava a vida daquelas mulheres.

Como escreve Oliari (2021, p.108) “é que o/a professor/a, dificilmente consegue separar sua vida pessoal da vida escolar”. Neste viés, Arroyo (2000, p. 27) também aponta que:

Os tempos de escola invadem todos os outros tempos. Levamos para casa as provas e os cadernos, o material didático e a preparação das aulas. Carregamos angústias e sonhos da escola para casa e da casa para a escola. Não damos conta de separar esses tempos por que ser professoras e professores faz parte de nossa vida pessoal. É outro em nós.

Nas próximas duas imagens são verificáveis sugestões de construção de materiais didáticos que poderiam ser utilizados nas aulas como recursos lúdicos na contação de histórias:

Figura 94 – Dica didática – Versículos de Boliche. “O Jornalzinho”, 3º trimestre, 1996.



Fonte: Acervo pessoal de Hedi Blank.

VERSÍCULOS NO BOLICHE

Iracy Dourado Hoffmann

Objetivo: Incentivar a fixação de versículos na Escola Dominical, através de jogos;

Conscientizar o aluno da necessidade de conhecer os versículos para momentos oportunos.

Materiais:

Garrafas plásticas vazias; Caixa para guardar as garrafas; Bola feita com meias usadas ou de madeira; Cartões com inscrições de versículos já apresentados na Escola Dominical.

Modo de Fazer:

Cortar as garrafas na base para facilitar a introdução dos cartões com versículos;

Orientar o grupo ao preparar as garrafas para evitar acidentes (usar fita adesiva);

A bola pode ser feita com várias meias sem uso, ou pedir a um marceneiro para fazer uma de madeira;

Forrar a caixa onde vai guardar as garrafas e a bola.

Realização da Tarefa: Arrumar as garrafas com os versículos a uma certa distância; Dividir a turma em 2 grupos competitivos;

O 1º grupo jogará a bola. Esse grupo deverá conhecer os versículos contidos nas garrafas;

Perde ponto quem não souber o versículo;

O 2º grupo terá o mesmo tempo para realizar a tarefa;

Ganhará o grupo que conhecer o maior número de versículos;

Renovar os versículos para outras oportunidades do jogo.

Na imagem anterior a sugestão da confecção de um boliche com versículos bíblicos, provavelmente para tornar a memorização algo mais lúdico.

Figura 95 - Dica didática – Álbum seriado. “O Jornalzinho”, 1º trimestre, 1996.



Fonte: Acervo pessoal de Hedi Blank.

ÁLBUM SERIADO

Iracy Dourado Hoffmann.

1. OBJETIVO

Contar histórias; Expor trabalhos e histórias bíblicas; Facilitar as apresentações de quadros bíblicos, pelo professor e/ou aluno

2. MATERIAIS

2 pedaços de compensado do tamanho de 1 cartolina; 2 parafusos tipo borboleta; 2 dobradiças; 1/2 m de cordão

Flanela para cobrir uma das capas do álbum seriado (para uso de flanelógrafo)

Papel de embrulho, para fazer o quadro de pregas

Cola; Tesoura; Pincéis; Folhas de cartolina (fina); Tintas ou figuras para a capa do álbum seriado

3. MODO DE FAZER

3.1 - Capa frontal -Pintar um quadro infantil com tinta para madeira

3.2 - Capa frontal (lado de dentro) pode ser coberto com flanela (usado para contar histórias de flanelógrafo)

3.3 - Capa de trás Dobrar o papel de embrulho em pregas e colar na capa (parte de fora)

3.4 - Capa de trás (parte de dentro) - pintar de tinta preta para uso de giz

4. Exemplo de um Álbum Seriado (capas e folhas internas)

Na imagem anterior aparece outra dica didática, agora sobre a construção de um álbum seriado. Nessa dica, aparecem os objetivos e o passo a passo para a construção do recurso.

Nas duas imagens anteriores, a IELB, por meio de suas publicações, incentivava a criatividade das professoras para que construíssem recursos que auxiliassem nas aulas.

Vejamos, a seguir, alguns dos materiais que foram produzidos pelas mãos da professora Hedi:

Figura 96 – Recursos didáticos construídos pela professora Hedi.



Fonte: Acervo pessoal de Hedi Blank, 2023.

Na imagem aparecem recursos didáticos usados nas aulas de Hedi. Esses recursos pedagógicos foram por ela construídos e possuem a dedicação e a criatividade de seu ofício de professora.

A professora Gessi também relata que construía muitos materiais que lhe eram úteis nas aulas:

Eu fiz bastante coisa e fui me adaptando, e qualquer coisa que vinha eu lia. A gente comprava bastante coisa e eu ia me adaptando, eu fazia... eu criava muito material, e eu ia criando. Eu lembro que logo que apareceu os dinheirinhos, eu usava o dinheirinho para fazer a história do “jovem rico” (Gessi, 2023).

No momento da entrevista, ela olha para seus materiais e relembra seus momentos de confecção:

Fiz muitas estrelinhas, e aí os alunos pintavam as estrelinhas, tinha a história da estrelinha preguiçosa. Olha, essas são as árvores que eu fazia a e com uma árvore dava para contar umas quantas histórias. E aí eu ia renovando os materiais, eu fazia os pães para contar a história da multiplicação dos pães... também fazia figuras de florzinhas e jardins, porque só vinha a historinha e a gente tinha que ilustrar [...] (Gessi, 2023).

Em seu relato a professora conta sobre os materiais que ela produziu para que pudesse ilustrar as histórias que ela contava nas aulas da Escola Dominical. Outra entrevistada, Maria, ao falar sobre os materiais que utilizou, também mencionou que produziu cartazes para as aulas:

Eu usei muito “O Jornalzinho” e as “Lições Concórdia”. Lá na congregação de concórdia era uma comunidade de mais recursos, aí a gente usava mais esse material, porque eles conseguiam comprar, e a gente podia dar uma “Lição Concórdia” para cada aluno. Usávamos muito cartazes que nós mesmas fazíamos, nós éramos duas ou três professoras, a gente fazia junto e ia se trocando. Na comunidade tinha mais salinhas, aí a gente dividia as crianças conforme a idade, então a gente tinha 3 ou 4 linhas de escolinha e a gente ia dividindo as lições concórdia, e o material ia aumentando (Maria, 2024).

Neste relato, Maria fala que utilizou nas suas aulas “O Jornalzinho” e as “Lições Concórdia”, e que usava cartazes que as próprias professoras confeccionavam.

Para Mills (1982), na artesanaria intelectual não há separação entre a experiência pessoal e as atividades profissionais, pois, “o trabalhador intelectual forma seu próprio eu à medida que se aproxima da perfeição do seu ofício”. Assim, ao transpor isso para o trabalho do professor, toda formação e experiência cultural e de vida é digna de ser registrada e refletida em seu ofício. Não há uma dissociação entre a pessoa e seu trabalho. Mills aponta que a artesanaria intelectual é o conhecimento construído por meio da produção e manutenção de um arquivo, esse arquivo é entendido como o arcabouço produtivo e intelectual do professor (Mills, 1982; Gonçalves, 2022).

As professoras de Escola Dominical podem ser consideradas artesãs pedagógicas e intelectuais, pois na prática de seu ofício produziram vivências,

experiências e muitos materiais pedagógicos utilizados em suas práticas docentes, por alunos e por futuras gerações de professoras que se seguiram.

De acordo com Cordeiro e França (2020), ao colocar a atenção sobre os professores percebemos como estes “fabricam”, as suas noções de necessidade, das funções e dos usos dos objetos escolares, buscando suas ferramentas de trabalho.

Para Lawn (2018), a arquitetura e a mobília escolar trabalham os professores, pois as práticas profissionais são moldadas por um entorno material que direciona as formas de “comportamento de ensino”. Para Cordeiro e França (2020), os professores são artífices de seus instrumentos, consertam, desmontam, reinventam e reaproveitam com base na sua experiência profissional e em suas visões sobre o ensino.

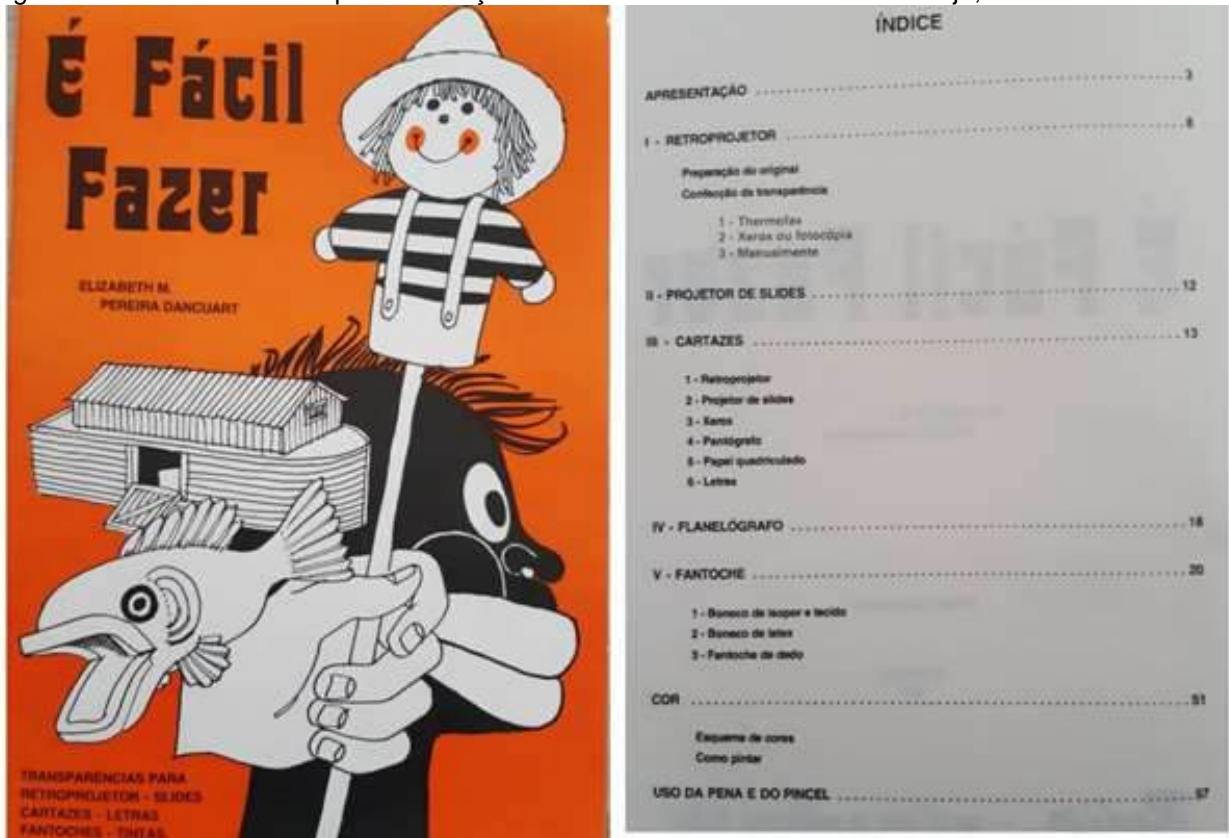
O professor artesão tem a capacidade de criar e de fazer uso do seu conhecimento e do material que tem disponível para chegar ao seu objetivo. Vale-se dessas práticas para compor e exercer sua profissão, em uma combinação entre tradições da profissão aprendidas e uma ação criadora, configurando, assim, um ofício artesanal, no qual o professor recontextualiza práticas e saberes (Escolano Benito, 1999; França⁸⁹, 2019).

As professoras de Escola Dominical desenvolveram o que se pode entender de artesanato intelectual, pois produziram suas vivências fora do ambiente doméstico, adentraram ao ambiente educativo e religioso, adaptando-se ao ofício do criar e ensinar. Suas próprias vivências, experiências, criações e adaptações de materiais são fruto de uma atuação específica de mulheres docentes luteranas.

A seguir, destaca-se um material didático sobre a construção de diferentes recursos, principalmente fantoches e imagens de flanelógrafo. O exemplo na imagem a seguir faz parte do acervo pessoal de Loni:

⁸⁹ Esse trabalho consiste em uma pesquisa de doutorado que tratou sobre o ofício do ensinar em meados do século XIX, no estado do Paraná. Mas suas considerações contribuem no sentido dos estudos sobre “prática docente” e o “docente como artesão”.

Figura 97 – Material didático para confecção de recursos didáticos – Editora Redijo, 1993.



Fonte: Acervo pessoal de Loni, 2024.

APRESENTAÇÃO

I - RETROPROJETOR

Preparação do original

Confecção da transparência

1 - Thermofax

2 - Xerox ou fotocópia

3 - Manualmente

II - PROJETO DE SLIDES

III - CARTAZES

1 - Retroprojeto

2 - Projeto de slides

3 - Xerox

4 - Pantógrafo

5 - Papel quadriculado

6 - Letras

IV - FLANELÓGRAFO

V - FANTOCHE

1 - Boneco de isopor e tecido

2 - Boneco de latex

3 - Fantoche de dedo

COR

Esquema de cores

Como pintar

USO DA PENA E DO PINCEL

Esse material didático e orientador foi utilizado por Loni para confeccionar seus fantoches, figuras de flanelógrafos e outros recursos que possivelmente utilizou em suas aulas. Esse não foi um material publicado pela editora Concórdia, o que também denota que os professores fizeram uso de recursos advindos de outras instâncias educativas e religiosas.

Desta forma, como traz Pintassilgo (1999), o conceito de artesão é parte importante da atividade docente. O professor é um verdadeiro artesão da arte de ensinar. Isso significa que o professor é aquele que consegue preservar uma visão global do ato de ensinar, que a sabedoria dos professores continua a ser "um saber de experiência feito" e que a afetividade e a imaginação desempenham um papel importante na organização da sua atividade.

Além de artesão, o professor é intelectual, quando se assume como autônomo e crítico em relação aos saberes. Sendo capaz de criar o seu próprio estilo de ser professor e se adaptar à diversidade de públicos com que se confronta, é capaz de assumir valores claros e de atuar em conformidade, não abdicando da sua missão de verdadeiro educador, e de ter como referência o conjunto de normas deontológicas e éticas que dão sentido à profissão (Pintassilgo, 1999).

A atuação pedagógica artesã exigia dessas professoras a habilidade de criar recursos, usar a criatividade nas aulas. A criatividade é uma característica da abordagem comportamentalista que tem Piaget como mentor. Sobre isso, Mizukami (1986) escreve que:

Pela própria essência desse construtivismo sempre se cria algo novo no processo, como condição necessária para sua existência, o que implica que, no processo de evolução, a criatividade seja permanente, como processo vital. Construir, na teoria piagetiana, implica tornar as estruturas do comportamento mais complexas, mais móveis, mais estáveis. Criar implica realizar novas combinações. A criatividade, pois, pode ser realizada tanto no aspecto sensório-motor quanto no verbal e no mental (Mizukami, 1986, p. 66).

A formação de professores incentivava a criatividade na medida que a IELB disponibilizava para as professoras materiais que as estimulavam a construir seus recursos, como fantoches, imagens para contação de histórias, trabalhos de datas comemorativas, quebra-cabeças, incentivo à presença, músicas, dentre outras diversas possibilidades de criação. Assim, a Igreja trazia ideias, e as professoras, com sua criatividade e ação artesã, acabavam por confeccionar materiais e recursos que eram úteis em seu ofício do ensinar.

Na Escola Dominical as professoras criavam suas próprias estratégias e materiais didáticos, incentivavam a presença dos seus alunos, contavam histórias bíblicas, faziam encenações, dominavam músicas religiosas e enfocavam datas comemorativas. Todas essas ações exigiam das mulheres habilidades manuais e intelectuais que foram marcantes nas vidas delas e na perpetuação da religiosidade luterana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Escola Dominical e os seus instrumentos formativos dentro da Igreja deram oportunidade de atuação ao público feminino, foi uma ação majoritariamente feminina que buscou a formação de futuros fiéis da IELB. Uma ação religiosa, mas permeada por ideias pedagógicas, recursos e artefatos pedagógicos que atribuíram uma identidade pedagógica e lúdica a um ambiente religioso. As ações pedagógicas e religiosas das mulheres professoras integraram o *habitus* religioso luterano, que presava pela participação na igreja, salvação pela graça e conduta ética e moral nos preceitos religiosos.

A Escola Dominical entrou na IELB como uma maneira de evangelizar as crianças e mantê-las próximas dos ensinamentos religiosos e doutrinários, foi uma ação que ganhou destaque após o enfraquecimento das escolas paroquiais. Ela ultrapassou os objetivos meramente religiosos, pois serviu para que as mulheres, que até então não eram vistas na Igreja, pudessem ocupar um espaço que era a elas permitido. Tinham, a partir de então, a missão de ensinar, guiar e manter as crianças no caminho da Igreja. Desta forma, as ações da Escola Dominical fortaleceram as atitudes religiosas de mulheres professoras, das crianças que eram os alunos, bem como a rede administrativa que planejava os materiais e aulas.

Antes do fortalecimento da Escola Dominical na IELB, a educação das crianças era dada nas escolas paroquiais, sendo, majoritariamente, conduzidas por homens, em sua maioria, pastores da congregação. Com a Escola Dominical, as mulheres passam a ocupar um espaço docente e há, dessa forma, uma ampliação do campo religioso doutrinário para o campo pedagógico-educativo. Isto se dá devido a uma articulação de organização de cursos formativos, treinamento de professores, produção de materiais didáticos, reuniões entre docentes e demais recursos oriundos da educação básica, que tornaram a Escola Dominical um espaço de formação pedagógica, religiosa e moral. Essas estratégias, adotadas pela IELB, reforçaram um *habitus* doutrinário e educativo. Com base nestas afirmações, apresenta-se a seguinte tese: Foi pela atuação das professoras de Escola Dominical da IELB que as ideias pedagógicas adentraram na instituição religiosa.

As crianças que participavam da Escola Dominical tinham uma formação religiosa mais centrada, e poderiam se tornar adultos mais participativos na Igreja. Desta forma, a Escola Dominical é mais um dos vários instrumentos que a IELB

utiliza para cercear seus adeptos, fazendo com que eles não olhem para fora da sua Igreja ou para o que podemos nomear como “perdições mundanas⁹⁰”. Fossem as revistas de circulação na Igreja, os materiais para professores e os próprios cursos oferecidos pela IELB, o objetivo consistia na missão que era formar o sujeito para que este permanecesse dentro dos preceitos da IELB e executasse os *habitus* internalizados dentro da religião.

Ao olhar para a pesquisa, percebe-se que não há uma linearidade e nem uma regra para a formação dessas professoras, pois cada mulher tem suas peculiaridades e singularidades. Algumas foram esposas de pastores, atuantes na Igreja, professoras de educação básica, formadas no magistério ou não, algumas fizeram faculdade e outras não, mas todas entraram na ação da Escola Dominical pois eram muito engajadas na ação missionária da Escola Dominical. Elas foram formadas fora dos contextos ditos formais, mas tiveram um amparo pela parte administrativa da IELB, que foi aperfeiçoando seus objetos e meios formativos ao longo do tempo.

Com a formação que a IELB fornecia, muitas dessas mulheres tiveram suas vidas alteradas, pois seguiram no caminho da docência. Se elas não eram professoras, poderiam vir a se tornar, e se já tinham algum tipo de formação, esta poderia ser aperfeiçoada com os materiais e cursos disponibilizados pela IELB.

O recorte temporal desta pesquisa inicia em um período que a própria Escola Dominical entra na IELB, pois essa foi uma ação já existente em outras denominações religiosas. A partir do momento que a Escola Dominical tem suas atividades acontecendo até os dias atuais, percebe-se que os cursos e materiais foram sendo aperfeiçoados com o tempo e tiveram êxito no que se propuseram. Ao longo do tempo a IELB foi se organizando por meio de materiais, cursos e comissões administrativas que fizeram com que o trabalho das professoras se tornasse mais fácil e mais padronizado dentro dos preceitos religiosos da Igreja.

Ao olhar para os materiais percebe-se que a Igreja se preocupava muito com a doutrina e com os ensinamentos bíblicos, Lei e Evangelho. As professoras entendiam esses ensinamentos e sabiam da importância da doutrina, mas estavam

⁹⁰ Os termos “perdições mundanas” ou “prazeres mundanos” foram trazidos para reflexão na tese de Albrecht (2024), que ao estudar a revista “O Jovem Luterano”, uma produção de cunho juvenil da IELB, relata que a Igreja visava em diferentes estratégias proteger seus adeptos de comportamentos e espaços considerados vulgares, indecentes, imorais e impuros. Seriam “prazeres temporários do mundo”, que atentavam contra a alma do cristão, levando-o ao pecado.

mesmo preocupadas em ocupar as crianças, produzir materiais atrativos e lúdicos, e fazer com que as crianças entendessem aquilo que lhes era passado, tornando a aula de fácil compreensão.

Ao realizar as entrevistas, percebeu-se que as professoras que estiveram envolvidas com a Escola Dominical sabiam muito sobre a IELB e sua doutrina, conheciam inúmeras histórias bíblicas e estavam envolvidas com diferentes setores da Igreja. Desta forma, eram mulheres ativas e atuantes em suas paróquias.

No início da Escola Dominical da IELB, os materiais didáticos eram escassos a ponto de os professores construírem seus próprios materiais ou, inclusive, usarem materiais de outras denominações religiosas, como é o exemplo da APEC. Essa realidade vai se modificando, ao ponto que no final da década de 1990 e início dos anos 2000 a IELB passa a ter uma estrutura formativa mais organizada, com uma formação de professores e materiais didáticos mais elaborados. Além disso, com o passar dos anos, o número de professoras capacitadas para a atuação no ambiente da Escola Dominical foi aumentando.

As mulheres professoras de Escola Dominical assumiram, além da docência, outros papéis, como: **Missionárias**, pois sua ação pedagógica tratava-se de uma missão, eram tidas como escolhidas por Deus para desempenharem seu papel e por isso não necessitavam ser remuneradas; **Coadjuvantes** e **Protagonistas**, coadjuvantes pois estiveram sempre em segundo plano, na sombra de homens, fossem maridos, pastores ou homens administradores das instâncias superiores da Igreja, mas protagonistas pois no espaço que lhes foi permitido, foram destaque e fizeram a diferença no que trata sobre a história e o êxito da Escola Dominical; **Artesãs**, pois criavam muitos materiais pedagógicos para serem utilizados nas suas aulas e atraírem a atenção de seus alunos fazendo da Escola um espaço mais lúdico, utilizando de suas habilidades manuais e intelectuais, da artesanaria, do seu fazer pedagógico criativo; **Atrizes**, pois a professora tinha que saber contar as histórias bíblicas, e estas tinham que ser dramatizadas, devendo ter uma encenação criativa para que os alunos se encantassem e detivessem atenção no momento da aula; **Formadoras**, pois eram aquelas que passavam seus ensinamentos para gerações futuras e para colegas de trabalho, treinavam outras professoras e compartilhavam conhecimentos com seus pares, multiplicando experiências;

As professoras de Escola Dominical foram as responsáveis por formar o *habitus* de seus alunos, mas antes e durante este processo, também, estavam em

constante formação e possuíam um *habitus* religioso e social internalizado, uma vez que essas professoras eram mulheres atuantes e envolvidas nas atividades da Igreja. As professoras de Escola Dominical não participavam somente de uma capacitação pedagógica, mas era naqueles momentos que havias trocas sociais com seus pares docentes, compartilhamento de experiências, ligações missionárias com a igreja, formação doutrinária e outras experiências que fortaleciam o *habitus* religioso docente dessas mulheres.

Até aqui, tentou-se definir o perfil das mulheres que majoritariamente estiveram à frente desta ação pedagógica que é a Escola Dominical. Mas o que a pesquisa busca responder é sobre as perspectivas pedagógicas que adentraram a IELB com o surgimento da Escola Dominical. Entretanto, ainda antes disso, cabe destacar que o próprio perfil de professora mulher já pode ser considerado uma perspectiva pedagógica, pois historicamente se pensamos em pedagogia e em ação docente, foram as mulheres que ocuparam um papel de destaque na atuação e no fazer pedagógico e pela histórica feminização do magistério.

No momento de formação e treinamento docente, a parte teológica era encargo dos homens, pastores da IELB. A parte pedagógica era um encargo principalmente feminino, pensado pelas mulheres que integravam a Comissão da Escola Dominical. Ao longo da pesquisa se percebe também que o campo pedagógico na Escola Dominical tinha um limite, e esse limite era a doutrina, ou seja, a doutrina e crença luterana deveria ser construído com as crianças de maneira sólida e inquestionável, pois a criança deveria ter certeza do caminho a ser seguido, na fé não haveria espaço para dúvidas.

Muitas das professoras que atuavam nas Escolas Dominicais tinham formação docente e assim carregavam suas convicções pedagógicas da escola regular para dentro da Escola Dominical. Percebe-se que muitas mulheres esposas de pastores se tornaram professoras de educação básica, porque, anteriormente, haviam sido docentes de Escola Dominical. Houve também as professoras de Escola Dominical que exerciam somente essa atividade docente e que auxiliavam suas famílias na agricultura. Desta forma, Escolas Dominicais e escolas regulares estavam interligadas em diferentes situações.

Nos materiais estudados, observou-se que a linguagem utilizada é empregada de modo que contemple cada criança em sua faixa etária e nível de

entendimento. Percebe-se que há uma preocupação da IELB, em relação ao que era ensinado nas Escolas Dominicais, em atender a cada faixa etária infantil.

A IELB oportunizou um espaço de atuação e formação para que as mulheres se tornassem professoras. Por meio da formação didática que elas recebiam, os materiais produzidos como apoio didático, os recursos transpostos da escola regular para a Escola Dominical (materialidade), e por meio do seu ofício intelectual e manual, essas mulheres constituíram um campo pedagógico de formação educativa e religiosa dentro da Igreja. A Escola Dominical ganhou força na IELB em um momento que as práticas educacionais eram tecnicistas, em que o contexto estava mais direcionado para a produção e confecção de materialidades, que serviriam de apoio técnico e pedagógico no momento das aulas.

Neste período analisado, percebe-se que a Escola Dominical não ficou isolada do contexto educacional da época, em uma fase que a pedagogia tecnicista esteve em alta, a Escola Dominical também manteve características técnicas, em que a própria IELB por meio dos cursos oferecidos treinou professores e pelos materiais fez com que os docentes seguissem as regras e os ensinamentos doutrinários e pedagógicos. A produção de materiais e recursos também auxiliou no fortalecimento do *habitus* religioso e pedagógico da instituição luterana.

Após a realização da pesquisa, as conversas com professoras e análises de amplos materiais didáticos que circularam na IELB, afere-se que a Escola Dominical foi uma porta de entrada para a circulação de ideias pedagógicas no meio religioso. O processo de formação das professoras, a elaboração de aulas e a confecção de materiais didáticos fez delas, mulheres professora que refletiram sobre suas próprias práticas pedagógicas.

Analisando o período de 1970 até meados dos anos 2000, verifica-se que Silvana Lehenbauer foi um nome chave para a Escola Dominical da IELB. Ela foi formadora de cursos, idealizou e confeccionou muitos materiais que foram utilizados pela grande maioria das professoras da época. Algumas das entrevistadas disseram ter conhecido Silvana e salientaram seu nome frente à organização da Escola Dominical da IELB.

As professoras e as formadoras fizeram uma conexão entre os campos pedagógicos e religioso. Foi a Escola Dominical um espaço em que o religioso e o pedagógico puderam dialogar. Essas conexões ressoaram nos materiais e nos cursos de formação de professoras.

O que a IELB almejava com os cursos e as formações de professores? A IELB buscava padronizar a formação e atuação dos professores, para que estes ensinassem a doutrina de maneira adequada. Porém, esses cursos não tinham apenas o viés religioso, eles passaram a preparar os professores também de maneira didática e pedagógica.

O que os professores de fato colocavam em prática nas Escolas Dominicais? Percebe-se que os professores estavam mesmo preocupados em fazer com que os alunos aprendessem e mantivessem suas atenções voltadas para as aulas, fossem alunos presentes e participativos. Além disso, as professoras, por serem pessoas muito envolvidas na IELB, já conheciam a doutrina religiosa. Elas queriam aprender sobre como dar uma aula, sobre como manter a atenção do aluno ou quais atividades seriam mais adequadas, atrativas e lúdicas para determinado público. As professoras também se preocupavam com a assiduidade e presença dos alunos, pois sua presença contribuiria para o futuro do fiel na Igreja.

Quais as intencionalidades pedagógicas que permeavam a formação docente dessas professoras? No percorrer da pesquisa percebe-se que muitas foram as influências pedagógicas para a Escola Dominical, especialmente no período de 1970 a 2000. As principais influências observadas foram Piaget, Kolberg, Freire, Freinet, Dewey, Skinner. Mas o que fica claro é que a IELB não se compromete com nenhuma orientação pedagógica específica, o que se percebe é que há um entrelaçamento de diferentes correntes pedagógicas. O uso mais frequente desta ou daquela estava diretamente relacionado com estudos das professoras e formadoras. Desta forma não há como precisar a orientação pedagógica da Escola Dominical, mas o que se sabe é que aquele ambiente tinha uma preocupação com a formação de seus professores e com a aprendizagem de seus alunos.

O que se viu, no final das contas, foi a reunião, ou tentativa de união, de várias abordagens no contexto da Escola Dominical. Algumas delas prevaleceram, como a Comportamentalista de Skinner, que considerava o controle do indivíduo por meio do estímulo buscando uma formação ética, e a cognitivista, com destaque para a formação moral do sujeito e as fases do seu desenvolvimento cognitivo.

Na Escola Dominical havia uma fusão de diferentes correntes pedagógicas, que eram utilizadas conforme a atuação do professor. Mas percebe-se, também, que havia determinadas orientações formativas que salientavam algumas ideias que se

destacaram em meio à pesquisa. Essas ações estavam diretamente relacionadas com as vivências e posturas das professoras.

O estudo conclui que não há, nos cursos, nos congressos ou nos materiais didáticos uma abordagem pedagógica específica. Percebe-se que a Igreja não se responsabilizava e nem queria assumir uma determinada linha pedagógica, mas que suas professoras e, principalmente, as pessoas que planejavam os cursos formadores estavam permeados por autores e correntes pedagógicas que influenciavam os materiais e as falas nos cursos. O contexto pedagógico da Escola Dominical é uma mescla de diferentes teorias, podendo-se citar a Behaviorista, que estimula a presença das crianças na Igreja, e a construtivista, que olha para as individualidades das crianças.

As principais abordagens pedagógicas que circularam na Escola Dominical da IELB foram a abordagem comportamentalista e a cognitiva. A primeira baseada no estímulo e resposta de Skinner, e a segunda baseada nas fases do desenvolvimento humano e no construtivismo do autor Jean Piaget, entendendo a construção do conhecimento com a interação com o meio.

Jonh Dewey ganha destaque quando se trata da aprendizagem colaborativa, pois a Escola Dominical trabalhava muito o sentido de cooperação, ajuda ao próximo e tem um caráter missionário. Encontra-se, ainda, no ano de 1996 uma edição d'o "Jornalzinho" em que os professores são incitados a uma reflexão sobre as ideias de Paulo Freire.

Qual era o perfil das professoras que atuavam na Escola Dominical? Eram majoritariamente mulheres que assumiram a docência dentro da IELB pois acreditavam no objetivo missionário da Escola Dominical. Muitas delas eram esposas de pastores, professoras na escola regular, mães de alunos e algumas delas atuavam apenas na Escola Dominical. Mas o que todas tinham em comum? Eram mulheres, religiosas da IELB, tinham um perfil participativo e engajado com tarefas da Igreja. Não podendo assumir o papel de pastoras, elas foram protagonistas, atrizes e artesãs no palco da docência, tornando a Escola Dominical um espaço promissor, criativo, engajado, que buscava manter e buscar fiéis para a Igreja. A ação feminina do "cuidar" falava mais alto, eram "elas" que poderiam cuidar, instruir e "ficar" com as crianças enquanto os pais estariam nos cultos. Mas, com seu poder criativo, docente e religioso, transformaram esse "ficar com as

crianças” em educá-las religiosa e moralmente, alterando um espaço que foi a elas destinado como um espaço promissor, em que se tornaram protagonistas.

A partir da análise dos elementos que indicam o perfil das professoras e as influências pedagógicas e religiosas no ambiente da Escola Dominical, conclui-se que na Escola Dominical da IELB as mulheres ocuparam um espaço genuinamente docente. Isto porque houve uma ampliação do campo religioso doutrinário para um campo de características pedagógicas-educativas. Deste modo, foi articulado um conjunto de ações, como a organização de cursos formativos, a produção de materiais didáticos, reuniões entre professoras, compartilhamento de saberes e empréstimo de recursos oriundos da educação básica que tornaram a Escola Dominical um espaço de formação pedagógica, religiosa e moral. Essas estratégias adotadas pelas IELB reforçaram um *habitus* religioso e pedagógico dentro desta vertente religiosa. Foi pela ação das mulheres, que as ideias pedagógicas adentraram e permanecem na Igreja, fortalecendo o ensino religioso e caracterizando este ambiente com características mais lúdicas e educativas.

Encerro a tese, registrando minha satisfação pessoal em realizar esta pesquisa, pois como mulher, professora e com uma trajetória de vida dentro dos costumes pomeranos e luteranos considero a presente pesquisa uma contribuição para a área da história da educação e uma reflexão sobre as contribuições femininas na área da docência e as conquistas femininas no mundo do trabalho.

FONTES DOCUMENTAIS

BÜNDCHEN, Célia Marize. **O professor em Ação 1**. Editora Concórdia. 2004.

BÜNDCHEN, Célia Marize. **O professor em Ação 2**. Editora Concórdia. 2008.

BÜNDCHEN, Célia Marize. **O professor em Ação 3**. Editora Concórdia. 2008.

BÜNDCHEN, Célia Marize. **O professor em Ação 4**. Editora Concórdia. 2008.

BÜNDCHEN. **Encontro de Professores de Escola Dominical**. Promoção Distrital. Comissão Nacional. Sem ano.

Cânticos de Louvor – Hinário para crianças. Sem ano.

COM JESUS. Porto Alegre. Concórdia Editora LTDA. Jan/abr., 2000.

COM JESUS. Porto Alegre. Concórdia Editora LTDA. Mai/ago., 1999.

Departamento de Educação Paroquial. **Manual para Professores de Escolas Dominicais**. São Leopoldo, julho de 1983.

KEYES, Bill. **O Bom Professor**: Curso de treinamento para professores da Escola Dominical, 1989.

LEHENBAUER, Silvana. **Como ensiná-los O Material Didático na Escola Dominical**. 1986. Comissão da Escola Dominical. Disponível no Instituto Histórico da IELB.

LEHENBAUER, Silvana. **Vamos trabalhar crianças?** Manual de instruções para as atividades de Ensino Religioso para Pré-Escola. Concórdia Editora LTDA. 1986.

O JORNALZINHO – Ano 10. N.37. 3º trimestre, 1994.

O JORNALZINHO – Ano 11. N. 40. 2º trimestre, 1995.

O JORNALZINHO – Ano 12. N. 43. 1º trimestre, 1996.

O JORNALZINHO – Ano 12. N. 44. 2º e 3º trimestre, 1996.

O JORNALZINHO – Ano 2. 3º trimestre, 1985.

O JORNALZINHO – Ano 2. 3º trimestre, 1985.

O JORNALZINHO – Ano 3. 2º trimestre, 1986.

O JORNALZINHO – Ano 4. 1987.

O JORNALZINHO – Ano 5. 1988.

O JORNALZINHO – Ano 6. 1º trimestre, 1989.

O JORNALZINHO – Ano 7. 1º trimestre. 1990.

O JORNALZINHO – Ano 8. N.28. 2º trimestre, 1992.

O JORNALZINHO, Ano 8. N.30. 4º trimestre, 1992.

O JORNALZINHO, Ano 9. N.34. 4º trimestre, 1993.

O JORNALZINHO, Ano 10. N.36. 2º trimestre, 1994.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXIV, out. 1963.

O MENSAGEIRO LUTERANO. Porto Alegre. Casa Publicadora Concórdia. Junho, 1979.

O MENSAGEIRO LUTERANO. Porto Alegre. Casa Publicadora Concórdia. Janeiro/fevereiro, 1980.

O MENSAGEIRO LUTERANO. Porto Alegre. Casa Publicadora Concórdia. Maio, 1981.

O MENSAGEIRO LUTERANO. Porto Alegre. Casa Publicadora Concórdia. Janeiro/fevereiro, 1981.

O MENSAGEIRO LUTERANO. Porto Alegre. Casa Publicadora Concórdia. Março/abril, 1982.

O MENSAGEIRO LUTERANO. Porto Alegre. Casa Publicadora Concórdia. Março/abril, 1982.

O MENSAGEIRO LUTERANO. Porto Alegre. Casa Publicadora Concórdia. Fevereiro/Março, 1989.

O MENSAGEIRO LUTERANO. Porto Alegre. Casa Publicadora Concórdia. Maio, 1989.

O MENSAGEIRO LUTERANO. Porto Alegre. Casa Publicadora Concórdia. Agosto, 1989.

O MENSAGEIRO LUTERANO. Porto Alegre. Casa Publicadora Concórdia. Novembro, 1987.

O MENSAGEIRO LUTERANO. Porto Alegre. Casa Publicadora Concórdia. Junho, 1978.

SERVAS DO SENHOR – JAN, FEV, MAR, 1981.

FONTES ORAIS

ÂNGELA NEUMANN SCHÜNKE. Entrevista [mar. 2022]. Entrevistadora: Karen Laiz Krause Romig e Patrícia Weiduschadt, 2022, Entrevista realizada por vídeo conferência. Entrevista concedida para fins de pesquisa acadêmica.

CÉLIA MARIZE BÜNDCHEN. Entrevista [fev. 2022]. Entrevistadora: Karen Laiz Krause Romig e Patrícia Weiduschadt, 2022, Entrevista realizada por vídeo conferência. Entrevista concedida para fins de pesquisa acadêmica.

ELMER ROLL, Entrevista [fev. 2024]. Entrevistadora: Karen Laiz Krause Romig e Patrícia Weiduschadt, 2024. Entrevista concedida para fins de pesquisa acadêmica.

GESSI DE ALMEIDA FERREIRA. Entrevista [set. 2023]. Entrevistadora: Karen Laiz Krause Romig, 2023. Entrevista concedida para fins de pesquisa acadêmica.

HEDI LEITZKE BLANK. Entrevista [nov. 2023]. Entrevistadora: Karen Laiz Krause Romig, 2023. Entrevista concedida para fins de pesquisa acadêmica.

HEDI LEITZKE BLANK. Entrevista [jan. 2024]. Entrevistadora: Karen Laiz Krause Romig, 2023. Entrevista concedida para fins de pesquisa acadêmica.

LONI WEIDUSCHADT. Entrevista [jan. 2023]. Entrevistadora: Karen Laiz Krause Romig, 2023. Entrevista concedida para fins de pesquisa acadêmica.

LONI WEIDUSCHADT. Entrevista [jul. 2024]. Entrevistadora: Karen Laiz Krause Romig, 2024. Entrevista concedida para fins de pesquisa acadêmica

MARIA LETZOW ROLL, Entrevista [fev. 2024]. Entrevistadora: Karen Laiz Krause Romig e Patrícia Weiduschadt, 2024. Entrevista concedida para fins de pesquisa acadêmica.

MARILANDA NEUNFELD WILLE. Entrevista [jan. 2024]. Entrevistadora: Karen Laiz Krause Romig, 2024. Entrevista concedida para fins de pesquisa acadêmica.

SILVANA LEHENBAUER, Entrevista [jul. 2022]. Entrevistadora: Karen Laiz Krause Romig e Patrícia Weiduschadt, 2022. Entrevista realizada por vídeo conferência. Entrevista concedida para fins de pesquisa acadêmica.

SILVANA LEHENBAUER, Entrevista [jan. 2025]. Entrevistadora: Karen Laiz Krause Romig, 2025. Entrevista realizada por vídeo conferência. Entrevista concedida para fins de pesquisa acadêmica.

REFERÊNCIAS

- AHLERT, A. Igreja e escola cola: desafios atuais para as escolas Comunitárias da igreja evangélica de confissão Luterana no Brasil (IECLB) e sua rede associativa. **Revista Electrónica “Actualidades Investigativas en Educación”**. v.6, n.3, p.1-13, set./dez. 2006.
- ALBACH, D. GRAFF, A. E. O Ensino cristão para crianças de 3 a 7 anos na Escola Bíblica: um diálogo entre a Teologia e a Pedagogia à Luz das Fases do Desenvolvimento Humano. **Revista de Teologia do Seminário Concórdia**. v. 81 n. 2, p. 61-86, 2020.
- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ALBRECHT, Elias Kruger. **A revista “O Jovem Luterano”**: educação, doutrinação e sociabilidade na identidade juvenil do Sínodo de Missouri (1929-1971). 2024. 370 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024.
- ALCÂNTARA, W. R. R; VIDAL, D. G.; Corpo e matéria: relações (im) previsíveis da cultura material escolar. In: SILVA, Vera Lucia Gaspar; SOUZA, Gizele; CASTRO, César Augusto. (org). **Cultura material escolar em perspectiva histórica: escritas e possibilidades** / da Silva, Gizele de Souza, Vitória: EDUFES, 2018.
- ALMEIDA, Fábio Fetz de. **A leitura e a escrita como prática religiosa: um estudo de caso sobre crianças e adultos pertencentes à Igreja Metodista**. Mestrado em Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.
- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- ALMEIDA, Jane Soares de. “As lutas femininas por educação, igualdade e cidadania”. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 81, n. 197, p. 5-13, jan./abr. 2000.
- ALVES, C. Educação, Memória e Identidade: Dimensões Imateriais Da Cultura Material Escolar. **Revista História da Educação**, v. 14, n. 30, jan/abr, 2010, p. 101-125.
- ARAÚJO, Margarete Panerai. WAISMANN, Moisés. Capital cultural construindo o habitus religioso. In: ISAIA, Artur César; et al (Org.) **História, Cultura e Religiosidades Afro-Brasileiras**: volume 2, Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.
- ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. Petrópolis: Vozes, 2000. 2ª edição.
- ARRUDA, H. P. B. Planejamento e Plano de Aula na Educação: Histórico e a Prática de Dois Professores. **Educativa**, Goiânia, v. 18, n. 1, jan./jun. 2015.

AZEVEDO, Daniela Medeiros de. **Práticas de religião: a articulação entre consumo da “palavra” e a produção de sujeitos leitores assembleianos.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

BALDISSERA, Lucilene Fátima. **Mediações Pedagógicas e metodologias ativas no contexto da educação profissional e tecnológica a distância.** Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2020. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/571480/2/Apostila_Curso%20de%20forma%C3%A7%C3%A3o_Lucilene.pdf> Acesso em 19 dez. 2024.

BALESTRERI, Ricardo Brisolla. **Cidadania e direitos humanos: um sentido para a educação.** Passo Fundo: CAPEC, Pater Editora, 1999.

BARBOSA, Luciane Muniz Ribeiro. **As origens do Direito a Educação:** Martinho Lutero e a Reforma Protestante. Curitiba: CRV, 2017.

BARRETO, Marcio Nilander Ávila. **Apropriação de professores-leitores do impresso O Amigo das Crianças utilizado nas escolas dominicais no contexto luterano em Pelotas/RS (1960-1990).** 2023. 197 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

BARROS. J. D. Revisão Bibliográfica – uma Dimensão Fundamental para o Planejamento da Pesquisa. **Instrumento: R. Est. Pesq. Educ.** Juiz de Fora, v. 11, n. 2, jul./dez. 2009.

BASTOS, M. H. C. Do Quadro-Negro à Lousa Digital: A História de um Dispositivo Escolar. **Cadernos de História da Educação** - nº. 4 - jan./dez. 2005.

BECK, Nestor Luiz João. Princípios e parâmetros para o ensino superior a partir da filosofia e ética cristã da educação. In: HEIMANN, Leopoldo (org.). **Lutero, o educador.** Canoas: Ed. ULBRA, 2005, 133p.

BECKER, Tiago. **Rede Sinodal de Educação:** princípios norteadores das escolas evangélico-luteranas. São Leopoldo, 2018. 167 p. Tese (Doutorado em Teologia) - Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. 2018.

BECKER, Fernando. **Educação e construção do conhecimento.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

BIAGGIO, Angela Maria Brasil. **Lawrence Kohlberg:** ética e educação moral. São Paulo: Moderna, 2002.

BLANK, Clóvis Renato Leitzke. **A proposta de ensino do catecismo menor nas Escolas Paroquiais do Sínodo de Missouri no Brasil a partir da Revista Igreja Luterana (1940-1954).** 2020.130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2020.

BOTO, Carlota. A liturgia da escola moderna: saberes, valores, atitudes e exemplos. **História da educação**, v. 18, n. 44, p. 99-127, 2014. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/45765/pdf_31. Acesso em: 20 nov. 2024.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas linguísticas**: o que falar e o que dizer. São Paulo: USP, 1996.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (org).; **Sociologia**. Trad. Paulo Montero e Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983. p. 46-81.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. **Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em 12 set. 2023.

BRUSCHINI, M. Cristina; ROSEMBERG, Fúlvia. **Trabalhadoras do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BUSS, Paulo. Lutero no contexto do luteranismo brasileiro. In: HEIMANN, Leopoldo (org.). **Lutero, o educador**. Canoas: Ed. ULBRA, 2005, p.39-79.

BUSS, Paulo Wille. **Um grão de mostarda**: A história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. v. 2. Porto Alegre: Concórdia, 2006.

CALVINI, Carlos Eduardo. Anglicanismo no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n.67, p. 36-47, setembro/novembro 2005.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo, SP: UNESP, 1999.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. 4º ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 295-316.

CERQUEIRA, F. V. **Serra dos Tapes**: mosaico de tradições étnicas e paisagens culturais. In: Anais do IV Seminário Internacional em Memória e Patrimônio. Universidade Federal de Pelotas, 872-962, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHERVEL, André. **L'histoire des disciplines scolaires**. Paris: *Histoire de L'éducation*, n. 38, 1988, p. 59-119.

COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais**: a construção do corpo feminino na história. Dourados: Ed. UFGD, 2014. 114p.

COMÊNIO, João Amós. **Didática Magna**. 4 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

CORDEIRO, A. B. FRANÇA, F. F. As palavras dos professores e as coisas da escola: materialidade escolar, mobília e fazeres docentes entre os séculos XIX e XX. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 13, n. 3, set./dez. 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo, Boitempo, 2016.

DEWEY, John. **A escola e a sociedade e a criança e o currículo**. Tradução Paulo Faria. Lisboa, Portugal: Relógio D'água, 2002.

DREHER, Scheila dos Santos. **“O pontinho da Balança”**: História do Cotidiano de Mulheres Teuto-brasileiras evangélicas no Sul do Brasil, na Perspectiva do Privado e do Público. Dissertação (Mestrado em Teologia). Escola Superior de Teologia (EST), São Leopoldo, 2007.

DREHER, Martin Norberto. **Igreja e Germanidade**: Estudo Crítico da História da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Porto Alegre, EST, 1984.

DUSKA, Roland. WHELAN, Mariellen. **O Desenvolvimento Moral na Idade Evolutiva**: um guia a Piaget e Kohlberg. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. vol. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ESCOLANO BENITO, Agustín. **A Escola como Cultura**: experiência, memória e arqueologia. Campinas: Alínea, 2017.

ESCOLANO BENITO, Agustín. O ofício de Mestre, entre a tradición e o cambio. **Revista Galega do Ensino. Especial**: A educación no século XX. nº24, p. 63-79, setembro, 1999.

ESCOLANO BENITO, Agustín. Patrimonio material de la escuela e historia cultural. **Revista Linhas**, v. 11, n. 2, p. 13-28, 2010.

EVANGELISTA, O. Apontamentos para o trabalho com documentos de política educacional. In: ARAUJO, R. M. L.; RODRIGUES, D. S. (Orgs.). **A pesquisa em trabalho, educação e políticas educacionais**. Campinas, SP: Alínea, 2012. p. 52-71.

FABRIL, F. R. CALSA, G. C. A Obra Piagetiana no Brasil: Fecundidade e Distorções na Educação. **Rev. Teoria e Prática da Educação**, v.12, n.2, p. 243-250, maio/ago. 2009.

FARIA FILHO, Luciano; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Número Especial, p. 19-34, 2000.

FARIAS, Marcilene Nascimento de. **Feminismo e Religião**: as representações sobre o feminismo na revista Servas do Senhor (1960-2000). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados. 2011. 186 f.

FARIAS, M. N.; TEDESCHI, L. A. Quando mulheres se olham ao espelho: representações da mulher ideal na Revista Servas do Senhor. **INTERthesis** (Florianópolis), p. 143-164, 2010.

FERNANDES, R. A. N.; COSTA, J. C. O. História da Imigração (1830 – 1880). In: REZNIK, Luis (org.). **História da Imigração no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV editora, 2020.

FERREIRA, Dieison Gross. **Música na IECLB**: dialogando sobre a prática musical na Comunidade Evangélica Luterana Scharlau e teologia de Lutero. 2015. 123 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdades EST, São Leopoldo, 2015.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro, **Fundação Getúlio Vargas**, 2006.

FERRO, Maria da Glória Duarte. PAIXÃO, Maria do Socorro Santos Leal. **Psicologia da aprendizagem**: fundamentos teórico-metodológicos dos processos de construção do conhecimento. Teresina: EDUFPI, 2017.

FRANÇA, Franciele F. **Um inventário de saberes, um repertório de fazeres**: modos e práticas do ofício de ensinar na escola primária durante a segunda metade do Séc. XIX (1856-1892). Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná. Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Curitiba, 2019.

FREITAS, Jorge Wagner de Campos. **Adolescência, Escola Dominical e Educação**: Perspectivas de um Novo Processo. Dissertação de Mestrado Pós-Graduação em Ciências da Religião, São Bernardo do Campo, 2006, 196p.

GARCEZ, Priscila de Araujo. **“O que tem o dom do ensino, busque aperfeiçoá-lo”**: circulação de sujeitos, modelos e práticas pedagógicas na preparação dos professores protestantes das Escolas Dominicais (1915-1949). Tese (Doutorado em Educação). 2022. 282f.

GASMAN, Lydinéia. Possibilidade de uma Didática Não-Diretiva: Teoria de Rogers e Didática. **Curriculum**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 29 a 46, jan./mar. 1971.

GOBBATO C.; BARBOSA, M. C. S. A *Artesania*, o Diálogo e a Cooperação: Uma Perspectiva para a Didática na Educação Infantil. **Poiésis**, v.13, n.24, p.350-365, Jul/Dez 2019. Disponível em <<https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poiesis/article/view/8254/4633>> Acesso em 23 abr. 2024.

GONÇALVES, Sílvia Nilcéia. **A docência como artesanato**: por um pensar e agir hermenêutico. 2022. 421f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2022.

GOULART, Iris Barbosa. **Piaget**: Experiências básicas para utilização pelo professor. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi S; ALMEIDA, Dóris. **Romagem do tempo e recantos da memória: reflexões metodológicas sobre História Oral.** São Leopoldo, Oikos, 2012.

GRIFFIN, Dale. **Administrando a Sua Escola Dominical.** Porto Alegre: Concórdia, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo, Vértice Editora, 1990.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

JARDILINO, José Rubens Lima. **Lutero e a Educação.** Belo Horizonte: autêntica editora, 2009 (Pensadores e Educação).

HOBOLD, Márcia de Souza; SIMIONATO, Margareth Fadanelli. Diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial de professores: padronizar para controlar? **Revista Práxis Educacional.** v. 17, n.46, p. 72-88, Jul./Set. 2021.

JUNGE, Letícia Bencke. **Cânticos no Culto Infantil e na Escola Dominical: experiências nas comunidades da IECLB de Cianorte e Joinville (1968-1981).** (Dissertação de Mestrado) São Leopoldo: EST/IEPG, 2004.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, nº 1, jan/jul, 2001.

KERSCH, Dorotea Frank. SILVA, Michele Otto. Meu modo de falar mudou bastante, as pessoas notaram a diferença em mim: quando o letramento é desenvolvido fora do contexto escolar. **Trab. Ling. Aplic.** Campinas, n.51, p.389-408, jul/dez, 2012.

KLEIMAM, Ângela. **Preciso “ensinar” o letramento?** Não basta ensinar a ler e a escrever. Cefiel/ IEL/ Unicamp, 2005.

KLEIMAN, A. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 15-61.

KNOBLAUCH, A.; MONDARDO, G. C.; CAPPONI, L. A. M. Algumas considerações sobre formação de professores e o habitus docente. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 17, n. 54, p. 1335-1351, jul./set. 2017. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/de/v17n54/1981-416X-rde-17-54-1335.pdf>> Acesso em 10 mar. 2024.

KREUTZ, L. A representação de identidade nacional em escolas da imigração alemã no Rio Grande do Sul. **Revista História da Educação**, Pelotas, p.141-164, 1999.

KREUTZ, L. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. **Revista Brasileira de Educação**, n.15, p. 159-176, set/dez, 2000.

KREUTZ, Lúcio. Escolas de imigração alemã no Rio Grande do Sul: perspectiva histórica. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira. (org.). **Os Alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história**. Canoas: ULBRA, 1994.

KUHN, M.; BAYER, A. A trajetória educacional das escolas paroquiais luteranas missourianas durante a primeira metade do século XX no Rio Grande do Sul. **Revista brasileira história da educação**, Maringá-PR, v. 17, n. 1 (44), p. 234-265, Janeiro/Março, 2017.

KUHN, Malcus; BAYER, Arno. **O contexto histórico das escolas paroquiais luteranas gaúchas do século XX**. Canoas: Ed ULBRA, 2017.

LAGE, Ana Cristina Pereira. **Letramento religioso e cultura escrita: as Clarissas em Portugal e no Brasil (século XVIII)**. Artigo apresentado no XXVII simpósio nacional de história: conhecimento histórico e diálogo social; 2013.

LA TAILLE, Yves de. Desenvolvimento do juízo moral e afetividade na teoria de Jean Piaget. In: LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. (Org.). **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

LAWN, M. A materialidade dinâmica da educação escolar: professores, tecnologias, rotinas e trabalho. In: GASPAR DA SILVA, V. L.; SOUZA, G. de; CASTRO, C. A. (org.). **Cultura material escolar em perspectiva histórica: escritas e possibilidades**. Vitória: EDUFES, 2018, p. 341-366.

LEMKE, Marli Dockhorn. **Os princípios da educação cristã luterana e a gestão de escolas confessionárias no contexto das ideias pedagógicas no sul do Brasil (1824-1997)**. Canoas: ULBRA, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2017.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LIVRO DE CONCÓRDIA: As confissões da Igreja Luterana. Editado por: Yedo Brandenburg. São Leopoldo; Porto Alegre: Sinodal; Concórdia; Comissão Interluterana de Literatura, 2021.

LOPES, Eliane; GALVÃO, Ana Maria. **Território Plural**. São Paulo: Ática, 2010.

LOPES, Conceição. Design de ludicidade. **Revista Entreideias**, Salvador, v. 3, n. 2, p. 25 - 46, jul./dez. 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary. (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo - SP: Contexto, 1997.

LUCA, Tânia Regina de. História dos nós, e por meio dos periódicos. In: PÍNSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**, 2.ed., São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-153.

LUCA, Tania Regina de. **Práticas de pesquisa em história**. São Paulo: contexto, 2021.

LUCHESE, T. Â. Modos de Fazer História da Educação: Pensando a Operação Historiográfica em Temas Regionais. **Hist. Educ. [Online]**, Porto Alegre v. 18 n. 43 Maio/ago. 2014 p. 145-161.

LUTERO, Martim. **Educação e reforma**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000.

LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**. São Leopoldo: Comissão Interluterana de Literatura, 1995, v. 5.

LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas - Ética**: fundamentos; oração. Sexualidade, educação e economia v. 5. 2ª ed. Tradução de Martin Dreher, Editora Sinodal, São Leopoldo, 2011. 516 p.

MAGALHÃES, Justino Pereira. **Contributo para a História das Instituições Educativas**: Entre a Memória e o Arquivo. Braga: Universidade do Minho, 1996.

MAGALHÃES, Priscila Deomara Assunção. **Letramento religioso**: uma análise das práticas educativas na comunidade São Francisco Xavier em Belém. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2020.

MAGALHÃES, Izabel. **Discursos e práticas de letramento**: pesquisa etnográfica e formação de professores / Izabel Magalhães (org.). –Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

MANSKE, Cione Marta Raasch. **Educação e Religião**: Representação na História e na Identidade Pomerana em Santa Maria de Jetibá. 2013. 185f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade de Vila Velha, Vila Velha, 2013.

MASKE, W. Imperialismo e Luteranismo: o embate entre missionários alemães e americanos pelas comunidades luteranas no Brasil (1899-1938). **Carta Internacional**, v. 8, n. 2, p. 157-170, 2013.

MANUAL DE EVANGELIZAÇÃO. Porto Alegre: Concórdia, 2000.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Trabalho: Espaço Feminino No Mercado Produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (org) **Nova História das mulheres no Brasil** - 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2014.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990.

MILLS, Charles Wrigth. **A imaginação sociológica**. 6ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

MONARCHA, C. História Da Educação (Brasileira): Formação do Campo, Tendências e Vertentes Investigativas. **História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel**, Pelotas, n. 21, p. 51-77, jan/abr 2007.

MONKS, Joseane Cruz. **As táticas de uma professora-artesã: em jogo o patrimônio profissional docente e a constituição da cultura material escolar artesanal (1972-2019)**. Orientadora: Vania Grim Thies. 2024. 195 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024.

MONKS, Joseane Cruz. **Do artesanal ao digital: uma genealogia dos meios de produção e reprodução de folhinhas de atividades em cadernos de alunos**. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

MORAIS, Sincler Nei. (org.). **Conhecendo Canguçu, um novo olhar**. Canguçu: Hofstatter, 2007.

NADALIN, Sergio Odilon. **Imigrantes de Origem Germânica no Brasil: ciclos matrimoniais e etnicidade**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2001. 249p. 2ª ed.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. BERTINATTI, Nicole. A Escola Dominical Presbiteriana: disseminação de saberes e práticas educativas. IN: **Revista da FAEBA: educação e contemporaneidade** / Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação I – v. 1, n. 1, jan./jun, 1992 - Salvador: UNEB, 1992.

NASCIMENTO, F, L, C. MORAES, M, A, C. Representações da docência feminina no início do século XX. **Bagoas**, n. 19, 2018, p. 39-62.

NUNES, César. **A Pedagogia Luterana: dois olhares**. Canoas: Editora ULBRA; Porto Alegre: Editora Concórdia, 2018.

OLIARI, Gilberto. **Ofício de professor/a: artesanias da relação pedagógica escolar**. 2021. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021.

OLIVEIRA, L. C. ASSIS, J. H. V. P. A formação do habitus religioso e os estabelecimentos de ensino confessionais conveniados com o Estado: questões e conflitos. **Pro-Posições**, v. 34, p. 1-26, 2023.

OSWALD, Tamara. **As igrejas Evangélicas Livres e independentes em São Lourenço do Sul**. 2014. 118 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pelotas/UFPel, Pelotas, 2014.

PEREIRA DE DEUS, Jean Érique. **Educação cristã nas Assembleias de Deus: Uma análise da escola dominical a partir da pedagogia de Paulo Freire.** Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2018. 79 f.

PEREIRA, Walter Nei. **Temas Bíblicos na Escola Dominical da Igreja Assembleia de Deus (2000 – 2009):** Avaliação Teológica e Perspectivas. Mestrado em Teologia -Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, 2011.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** Tradução Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação.** Perspectivas sociológicas, 2ª ed. Lisboa, Publicações D. Quixote, 1997.

PETRY, Diego Ernesto. **A inclusão do feminino no território da produção teológica oficial da Igreja Evangélica Luterana do Brasil:** uma perspectiva de gênero. 2020. 116 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação, Faculdades EST, São Leopoldo, 2020.

PIAGET, Jean. **A psicologia da inteligência.** Petrópolis, RJ: VOZES, 2013.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de Psicologia.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991. 146 p.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança:** imitação, jogo, sonho e representação. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PILETTI, Nelson; ROSSATO, Solange Marques. **Psicologia da Aprendizagem:** da teoria do condicionamento ao construtivismo. São Paulo: Contexto, 2011.

PIMENTEL, Jéferson Polidoro Ruaro. **Desenvolvimento da fé e educação cristã na infância para a formação cidadã da criança.** 2014. 125 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdades EST, São Leopoldo, 2014.

PINTASSILGO, Joaquim. O mestre como artesão/prático e como intelectual. In: MAGALHÃES, Justino; BENITO, Augustin Escolano. **Os professores na história.** Porto, PT: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1999. p. 83-99.

PIRES, R. L. AMORIM, S. R. M. O livro enquanto artefato da cultura material escolar e elemento de profissionalização da docência. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 23, e. 274, p.1-22, 2023.

PONTES, Rafaela Batista Domingues. **Formação Moral e aprendizagem de valores na escola:** uma análise da teoria do desenvolvimento moral de Piaget e Kohlberg à luz de perspectivas divergentes. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2010.

PRIETO, Benita. **Contadores de Histórias**: um exercício para muitas vozes. Ed. 1. Rio de Janeiro: Prieto Produções Artísticas, 2011.

RANGEL, Anamaria Píffero. **Construtivismo**: apontando falsas verdades. Porto Alegre: Mediação, 2002.

REHFELDT, Mario L. **Um grão de mostarda**: A História da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. v.1. Porto Alegre: Concórdia, 2003.

RIETH, Ricardo Willy. Dois modelos de Igreja Luterana: IECLB e IELB. In: DREHER, Martin (org). **Populações Rio-Grandenses e Modelos de Igreja**. Porto Alegre, São Leopoldo, EST- Sinodal, p. 256-267, 1990.

ROCHA, E. L. S. S. Letramento Religioso numa Comunidade Rural Tradicional. **Revista Anthesis**. v. 9, n. 17, p. 37-52, (jan/jul.), 2021.

RODRIGUES, Marilze Wischral. **Formação continuada de educadores cristãos**: Vivendo a fé cristã no Culto Infantil. 2007, 115 f. Dissertação de Mestrado Profissionalizante (Mestrado em Teologia) Instituto Ecumênico de Pós-Graduação Religião e Educação, São Leopoldo, 2007.

RODRIGUES, Marilze W. A experiência da fé em cada fase do desenvolvimento humano. **Vox Scripturae – Revista Teológica Brasileira**, São Bento do Sul/SC, v. XVIII, n. 2, p.131-137, dez. 2010.

ROHRER, Norman. **O Obstinado Mr. O**. 1ª ed. - São Paulo: Aliança pró evangelização de crianças, 2011.

ROIZ, D. S.; SCHERWINSKI, M. "O leitor pergunta": o jornal Mensageiro Luterano e o ideal missionário da Igreja Evangélica Luterana do Brasil entre 1980 – 1989. **História: Debates e Tendências**, v. 8, n. 1, 2008, p. 226-244.

RÖLKE, Helmar Reinhard. **Descobrimos raízes, Aspectos Geográficos, Históricos e Culturais da Pomerânia**. Vitória: UFES. Secretaria de Produção e Difusão Cultural, 1996.

ROMIG, K. L. K.; PITANO, S. C. As Bases Teóricas e Empíricas para a definição de uma Região Cultural Pomerana no sul do Rio Grande do Sul. **Geografar Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRP**, v. 15, p. 142-160, 2020.

ROMIG, Karen Laiz Krause. **O Rito da Confirmação Luterana e o Processo Escolar dos Pomeranos na Serra dos Tapes – RS (1938-1971)**. 2021. 226 f. Dissertação de Mestrado – Mestrado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

ROMIG, K. L. K.; WEIDUSCHADT, P. Escolas particulares luteranas da Serra dos Tapes - RS (1938 - 1971): aspectos de uma cultura material. **História da Educação**, v. 27, p. 1-24, 2023.

ROSADO-NUNES, Maria José. Gênero e religião. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v.13, n.2, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104026X200500020010/7836>> Acesso em 12 dez. 2023.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, São Leopoldo, RS, Ano 1, n.1, jul. 2009.

SALAMONI (*et al*). **A Geografia da Serra dos Tapes**: natureza, sociedade e paisagem. Pelotas: Editora UFPel, 2021.

SALAMONI, G. ACEVEDO, H. ESTRELA, L. **Os Pomeranos**: Valores Culturais da Família de Origem Pomerana no Rio Grande do Sul – Pelotas e São Lourenço do Sul. Pelotas: Editora Universitária, 1995.

SALAMONI, Giancarla; WASKIEVICZ, Carmen Aparecida. Serra dos Tapes: espaço, sociedade e natureza. **Tessituras**, Pelotas, v. 1, n. 1, p. 73-100, jul./dez. 2013.

SAMPAIO, Leonardo Rodrigues. A Psicologia e a Educação Moral. **Psicologia, ciência e educação**. v. 27, p. 584-595, 2007.

SANFELICE, José Luís. História das Instituições Escolares. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura; SANDANO, Wilson; LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval (Org.). **Instituições Escolares no Brasil**: conceito e reconstrução histórica. Campinas: Autores Associados, 2007. p. 75-93.

SAVIANI, D. As Concepções Pedagógicas na História da Educação Brasileira. “**projeto 20 anos do Histedbr**”. Campinas, 25 de agosto de 2005. Disponível em: <https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Dermeval_Saviani_artigo.pdf> Acesso em 15 set. 2023.

SAVIANI, Dermavel. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas, Editora Autores Associados, 2007.

SENNETT, Richard. **O artífice**. 9ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

SENNETT, Richard. **Artesanía, tecnología y nuevas formas de trabajo**. Barcelona: Katz/CCCB, 2013.

SEVERO, J. L. R. L. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Estudos pedagógicos (online)**. Brasília, v. 96, n. 244, p. 561-576, set./dez. 2015.

SILVA, A. V. M. A Pedagogia Tecnicista e a Organização do Sistema De Ensino Brasileiro. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, nº 70, p. 197-209, dez. 2016.

SILVA, Antonio Valbert Alves. “[...] **Será essa prática de leitura e escrita relacionada aos conhecimentos da Bíblia? [...]**”: Características e contribuições

do letramento religioso na Escola Dominical. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos – Doutorado em linguística. São Leopoldo, 2020.

SILVA, E. As mulheres protestantes: educação e sociabilidades. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano VII, n. 21, p. 161-190. 2015.

SILVA, Eliane Moura da. Fundamentalismo evangélico e questões de gênero. In: SOUZA, Sandra Duarte (Org.) **Gênero e religião no Brasil**: ensaios feministas. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006a, p. 11-28.

SILVA, F. C. T. Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. **Educar em revista**, Curitiba, n. 28, p. 201-206, 2006b.

SILVA, Maria Eliane Azevedo da. **O processo de desenvolvimento da fé e a constituição do self na primeira infância, a partir de James William Fowler**. 2011. 182 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2011.

SILVA, Rosimeire de Souza Vieira. **Educação como Agente de Transformação: Trajetórias na Formação de Missionários**. Dissertação (Mestrado em comportamento do Consumidor). São Paulo, 2021. 67f.

Site da APEC. Disponível em: <<https://www.apec.com.br/site/>> Acesso em 31 jul. 2022.

Site do IBGE. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/cangucu> > Acesso em 02 mar. 2024.

Site da IELB. Disponível em: <<https://www.ielb.org.br/downloads/conteudo/19/logo-colorido-jpg>> Acesso em 20 jan. 2022.

SOARES, M. Novas Práticas de Leitura e Escrita: Letramento na Cibercultura. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

SOUZA, J. E.; GRAZZIOTIN, L. S. S. Narrativas de “memorização” na escola normal de Porto Alegre/RS (1882). **Revista História: Debates e Tendências (Online)**, v. 18, n. 1, jan./jun. 2018, p. 155-167.

SOUZA, J. E. Práticas docentes e a educação religiosa em escolas no meio rural (Novo Hamburgo/RS). **Conhecimento & Diversidade**. Niterói, v.7, n. 14, p. 73–84 jul./dez. 2015.

SOUZA, S. D. Revista Mandrágora: Gênero e Religião nos Estudos Feministas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 2004. p.122-130.

SOUZA, Adriana de. A dominação masculina: apontamentos a partir de Pierre Bourdieu. **Netmal in revista**, v.1, p. 3-17, 2007a.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007b, p. 163-189.

STEYER, Walter. **Os imigrantes alemães no Rio grande do Sul e o Luteranismo: a fundação da Igreja Evangélica Luterana do Brasil e o confronto com o Sínodo Rio-Grandense, 1900-1904**. Porto Alegre: Singular, 1999.

STRECK, Danilo. (Org.). **Educação e igrejas no Brasil: um ensaio ecumênico**. São Leopoldo: CELADEC, IEPG, São Bernardo do Campo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 1995.

STRECK, G. I. W. Panorama histórico das escolas comunitárias do Sínodo Rio-Grandense/IECLB e da Rede Sinodal de Educação. **Revista Educação do Cogeime**, [S.L], v. 25, n. 48, p. 63-73, jan./jun. 2016.

STREET, Brian. Políticas e práticas de letramento na Inglaterra: uma perspectiva de letramentos sociais como base para uma comparação com o Brasil. **Cad. Cedes**. Campinas. v. 33, n.89, p.71-91, jan-abr, 2013.

TANURI, L. M. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, p. 61-88, maio/ago. 2000.

TAMBARA, Elomar. Profissionalização, escola normal, e feminilização: Magistério sul-rio-grandense de instrução pública no século XIX. In: HYPOLITO, Álvaro Moreira; VIEIRA, Jarbas Santos; GARCIA, Maria Manuela (orgs.). **Trabalho docente: formação e identidades**. Pelotas: Seiva, 2002. p.67-97.

TAMBARA, Elomar. **Escolas Formadoras de Professores das séries iniciais no Rio Grande do Sul: notas introdutórias**. In: TAMBARA, Elomar; CORSETTI, Berenice. Instituições formadoras de professores no Rio Grande do Sul. Editora e Gráfica da UFPel, 2008.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **História das mulheres e as representações do feminino**. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2008.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **As mulheres e a história: uma introdução teórico-metodológica**. Dourados: Ed. UFGD, 2012.144p.

TEICHMANN, Eliseu. **Imigração e Igreja: As comunidades - Livres no Contexto da Estruturação do Luteranismo no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Dissertação de Mestrado, 1996.

VINUTO, Juliana. A amostragem em Bola de Neve na Pesquisa Qualitativa: Um Debate em Aberto. **Temáticas**, Campinas, 22, (44): 203-220, ago/dez. 2014.

VYGOTSKY, L. S. **Do ato ao pensamento**. Lisboa: Moraes, 1979.

WARTH, C. H. **Crônicas da igreja: Fatos Históricos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (1900 a 1974)**. Porto Alegre: Concórdia, 1979.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEIDUSCHADT, P.; TAMBARA, E.; Cultura escolar através da memória dos pomeranos na cidade de Pelotas, RS (1920-1930). **Cadernos de História da Educação**. Pelotas. v. 13, n. 2, p.687- 704. 2014.

WEIDUSCHADT, P; CASTRO, R. B. TEIXEIRA, V. B. Acervos étnicos: preservando a história da imigração alemã e italiana no Rio Grande do Sul. **História Unicap**, v. 6, n. 11, jan./jun. de 2019.

WEIDUSCHADT, P.; AMARAL, G. L. Memórias escolares: narrativas de professores leigos no contexto rural das escolas étnicas do município de Pelotas, RS (1940-1960). **Cadernos de História da Educação (Online)**, v. 25, p. 1006-1030, 2016.

WEIDUSCHADT, Patrícia. A revista *O Pequeno Luterano* e a circulação nas escolas paroquiais luteranas no Rio Grande do Sul (1930-1966). **Pro-Posições**, v. 25, n. 3, p. 163-184, set/dez. 2014.

WEIDUSCHADT, Patrícia. **A revista "O Pequeno Luterano" e a formação educativa religiosa luterana no contexto pomerano em Pelotas - RS (1931 - 1966)**. 2012. 275 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo/RS, 2012.

WEIDUSCHADT, Patrícia. **O Sínodo de Missouri e a educação pomerana em Pelotas e São Lourenço do Sul nas primeiras décadas do século XX**: identidade e cultura escolar. 2007. 256 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2007.

WITT, Osmar Luiz. Igreja na Imigração - o Sínodo Riograndense e o acompanhamento de imigrantes. In: DREHER, Martin (org). **Populações Rio-Grandenses e Modelos de Igreja**. Porto Alegre, São Leopoldo, EST-Sinodal, 1990, p. 281-294.

APÊNDICES



ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Projeto de Doutorado em Educação: Escolas Dominicais da IELB

- 1) Como foi a tua trajetória na Escola Dominical da IELB?
- 1) Quando que a Escola Dominical surge com mais intensidade dentro das práticas da IELB?
- 2) Quais materiais você utilizava nas aulas da Escola Dominical?
- 3) Como surgiu e qual o papel da Comissão da Escola Dominical?
- 4) Qual a tua trajetória dentro da Comissão da Escola Dominical?
- 5) Como se estruturou a formação de professores da Escola Dominical da IELB?
- 6) Fale sobre os congressos e sobre os materiais destinados para os professores da Escola Dominical.
- 7) Fale sobre os cursos/congressos para professores de Escola Dominical.
- 8) Você lembra de temas e autores estudados nos cursos

Apêndice B – Lista dos documentos doados por uma professora aposentada da Escola Dominical da IELB.

TÍTULO / CARACTERIZAÇÃO	EDITORA	ANO
El Niño Moises: Uma História Gráfica de la Biblia para el franelógrafo	Adiciones Las Americas a.c.	México, 1959.
Clippled Tom – And Illustrated Gospel Story Booklet	Living Stories, Inc. (Aliança Pró Evangelização das Crianças – São Paulo)	1967
Alguns Cooperadores de Deus – Livro 31 - Professor	Edições Luz do Evangelho	1969
Livro O sementeiro – Série B	Sociedade Bíblica do Brasil	1974
Preciso Falar – Subsídios práticos para o pastor – Volume II	Departamento De Educação Paroquial da Igreja Evangélica Luterana do Brasil	Porto Alegre, 1976
Creemos por isso também Falamos – Preciso Falar – Volume III	Departamento De Educação Paroquial da Igreja Evangélica Luterana do Brasil	Porto Alegre, 1978
Livro: Ensina a criança, volume 2 – Novo Testamento	Editora Concórdia	Porto Alegre, 1979.
Livro: Ensina a Criança – Volume 3 – Antigo testamento – livro de atividades 3ª ano	Concórdia S.A	1979
Livro: Ensina a Criança – Volume 4 – Novo testamento – livro de atividades 4ª ano	Concórdia S.A	1979
Álbum Bíblico para Colorir – Jesus Meu salvador	Concórdia S.A	1979
Lições bíblicas para crianças sobre: A vida do Profeta Eliseu.	Aliança - Pró-evangelização das crianças	São Paulo, 1979.
Ensina a Criança – Livro – Texto	Concórdia S.A	1979
Falemos de Cristo aos Pequenininos – Volume H	Redijo – gráfica e Editora LTDA	1980
Manual para professora de Escola Dominical	Departamento de Educação Paroquial - IELB	1983
Lições Concórdia. Ano 1, Caderno Nº 3, lições 27 – 39 – pentecostes e Missão	Concórdia Editora Ltda	1984
Livro: O cultinho – 7 a 10 anos	Redijo – gráfica e Editora LTDA	Atibaia, SP, 1987.
O Jornalzinho do Professor da Escola Dominical – IELB	-	Nº 9 – 3º Trim. 1987
Falemos de Cristo aos Pequenininos – Volume G	Redijo – gráfica e Editora LTDA	1988
Falemos de Cristo aos pequenininos – 4ª Edição	Redijo – gráfica e Editora LTDA	1990
Livrinho: Atividades no Ensino Religioso – Trabalhos de Fixação	Redijo – gráfica e Editora LTDA	1992
Livro: Uma variedade de Ideias para o Leigo Cristão – Volume 1	Redijo – gráfica e Editora LTDA	1992
O Jornalzinho do Professor da Escola Dominical – IELB	-	Ano 8 – Nº 27 – 1º Trim. 1992
O Jornalzinho do Professor da Escola Dominical – IELB	-	Ano 8 – Nº 28 – 2º Trim. 1992
O Cultinho – Volume 6 (7 a 10 anos)	Redijo – Gráfica e Editora	1993

	LTDA	
O Jornalzinho do Professor da Escola Dominical – IELB	-	Ano 9 – Nº 33 – 3º Trim. 1993
O Jornalzinho do Professor da Escola Dominical – IELB	-	Ano 9 – Nº 32 – 2º Trim. 1993
É Fácil Fazer – Transparências para retroprojeto – slides, cartazes, letras, fantoches, tintas (Elizabeth Pereira Dancuart)	Redijo – gráfica e Editora LTDA	1993
Histórias da Bíblia – Volume 2	Editora Concórdia / Editora da ULBRA	2000
Com Jesus - Auxílios para Escola Dominical – Datas Festivas 5	Editora Concórdia	2000
Conhecendo a Vida de Jesus – A infância e o ministério de Jesus	Sociedade Bíblica do Brasil	2001
Com Jesus – Datas Festivas 1	Concórdia Editora	Porto Alegre, 2002.
Apostila do Encontro de Professora de Escola Dominical – Promoção Distrital – Comissão Nacional – IELB	Local cidade de Canguçu	2002
Livro: Com Jesus auxílios para a Escola Dominical – Manual do Professor.	Editora Concórdia	Porto Alegre, 2002.
Livro Com Jesus – Parábolas e Milagres Livro do Professora	Concórdia Editora	2003
Livro: Com Jesus Auxílios para a Escola Dominical – Datas Festivas 2	Editora Concórdia	2003
Livro: Com Jesus Parábolas e Milagres – Livro do Professor	Concórdia Editora	2003
Com Jesus - Auxílios para Escola Dominical – Datas Festivas 3	Editora Concórdia	2004
Com Jesus – auxílio para a Escola Dominical – Datas Festivas 5	Editora Concórdia	Porto Alegre, 2005.
Livro: Com Jesus auxílios para a Escola Dominical – Antigos Testamento – Volume 1 – De Gênesis a Rute. Atividades de crianças de 9 a 12 anos.	Editora Concórdia	Porto Alegre, 2005.
Com Jesus - Auxílios para Escola Dominical – Datas Festivas 4	Editora Concórdia	2005
Livro O professor em Ação 2 – Célia Mariza Bündchen (org)	Escola Dominical - IELB Editora Concórdia	Porto Alegre, 2006
Com Jesus – Auxílios para Escola Dominical – Antigo Testamento – Volume II – De I Samuel até Período Intertestamentário – Atividades para crianças de 5 anos	Editora Concórdia	2006
Livro: Com Jesus Auxílios para a Escola Dominical – Datas Festivas 5	Editora Concórdia	2006
Com Jesus – Auxílios para Escola Dominical – Antigo Testamento – Volume II – De I Samuel até Período Intertestamentário – Manual do professor	Editora Concórdia	2006
Com Jesus – Auxílios para Escola Dominical – Antigo Testamento – Volume II – De I Samuel até Período Intertestamentário – Atividades para crianças de 6 a 8 anos	Editora Concórdia	2006

Com Jesus – Auxílios para Escola Dominical – Antigo Testamento – Volume II – De Samuel até Período Intertestamentário – Atividades para crianças de 9 a 12 anos	Editora Concórdia	2006
Apostila do Encontro de Professores da Escola Dominical – Distrito Sul II/2008	-	2008
Livro O professor em Ação 3 – Célia Mariza Bündchen (org)	Escola Dominical - IELB Editora Concórdia	Porto Alegre, 2008
Livro O professor em Ação – Célia Mariza Bündchen (org)	Escola Dominical - IELB Editora Concórdia	Porto Alegre, 2010
Com Jesus – Auxílios para Escola Dominical – Trienal A – Caderno de atividades Nível 3	Editora Concórdia	2010
Auxílios para Escolas Dominical “Com Jesus” Manual do Professor	Editora Concórdia	2016
Auxílios para a Escola Dominical Com Jesus – Manual do Professor – Livro 2- Série Permanente	Editora Concórdia	2018
Livro: Crescer em Cristo, volume 1.	-	Sem data.
Livro: Crescer em Cristo, volume 2.	-	Sem data.
Livro: Crescer em Cristo, volume 4.	-	Sem data.
A Vida Cristã. Série: A fé Cristã.	Edições Luz do Evangelho.	Direitos autorais de Glendale. USA.
Livro: Com Jesus Parábolas e Milagres – Para Crianças com menos de 8 anos de idade – Livro de atividades	Concórdia Editora	Sem data
Livro Figuras e Trabalhos Manuais (Suplemento de Falemos de Cristo aos pequeninos – Volume G)	Redijo – gráfica e Editora LTDA	Sem data
Apostila com diferentes orientações e histórias bíblicas	Organização da professora	Sem data
Métodos e planos de Ensino de Histórias Bíblicas, com ordens de Culto Infantil.	-	-
Livro Crescer com Cristo (Ensino Religioso)	-	-
Auxílios para Escola Dominical Com Jesus – Lições destacáveis Caderno de atividades Nível 2	Editora Concórdia	-
Auxílios para Escola Dominical Com Jesus – Lições destacáveis Caderno de atividades Nível 1	Editora Concórdia	-
Livro Com Jesus – Parábolas e Milagres para crianças com menos de 8 anos	Concórdia Editora	-
Livro Com Jesus – Parábolas e Milagres para crianças com mais de 8 anos – Livro de atividades	Concórdia Editora	
Livro Com Jesus – Parábolas e Milagres para crianças com menos de 8 anos – Livro de atividades	Editora Concórdia	-

Organização: autora, 2022.

APÊNDICE C - Lista de materiais documentais doados por uma professora aposentada da Escola Dominical da IELB – Materiais entre 1970 e 1999.

TÍTULO / CARACTERIZAÇÃO	EDITORA	ANO
Clippled Tom – And Illustrated Gospel Story Booklet	Living Stories, Inc. (Aliança Pró Evangelização das Crianças – São Paulo)	1967
Alguns Cooperadores de Deus – Livro 31 - Professor	Edições Luz do Evangelho	1969
Livro O semeador – Série B	Sociedade Bíblica do Brasil	1974
Preciso Falar – Subsídios práticos para o pastor – Volume II	Departamento De Educação Paroquial da Igreja Evangélica Luterana do Brasil	Porto Alegre, 1976
Cremos por isso também Falamos – Preciso Falar – Volume III	Departamento De Educação Paroquial da Igreja Evangélica Luterana do Brasil	Porto Alegre, 1978
Ensina a Criança – Livro – Texto	Concórdia S.A	1979
Livro: Ensina a Criança – Volume 3 – Antigo testamento – livro de atividades 3ª ano	Concórdia S.A	1979
Livro: Ensina a Criança – Volume 4 – Novo testamento – livro de atividades 4ª ano	Concórdia S.A	1979
Álbum Bíblico para Colorir – Jesus Meu salvador	Concórdia S.A	1979
Lições bíblicas para crianças sobre: A vida do Profeta Eliseu.	Aliança - Pró-evangelização das crianças	São Paulo, 1979.
Livro: Ensina a criança, volume 2 – Novo Testamento	Editora Concórdia	Porto Alegre, 1979.
Falemos de Cristo aos Pequenininos – Volume H	Redijo ⁹¹ – gráfica e Editora LTDA	1980
Manual para professores de Escola Dominical	Departamento de Educação Paroquial - IELB	1983
Lições Concórdia. Ano 1, Caderno Nº 3, lições 27 – 39 – pentecostes e Missão	Concórdia Editora Ltda	1984
O Jornalzinho do Professor da Escola Dominical – IELB	-	Nº 9 – 3º Trim. 1987
Livro: O cultinho – 7 a 10 anos	Redijo – gráfica e Editora LTDA	Atibaia, SP, 1987.
Falemos de Cristo aos Pequenininos – Volume G	Redijo – gráfica e Editora LTDA	1988
Falemos de Cristo aos pequenininos – 4ª Edição	Redijo – gráfica e Editora LTDA	1990
Livrinho: Atividades no Ensino Religioso – Trabalhos de Fixação	Redijo – gráfica e Editora LTDA	1992
Livro: Uma variedade de Ideias para o Leigo Cristão – Volume 1	Redijo – gráfica e Editora LTDA	1992
O Jornalzinho do Professor da Escola Dominical – IELB	-	Ano 8 – Nº 28 – 2º Trim. 1992
O Jornalzinho do Professor da Escola Dominical – IELB	-	Ano 8 – Nº 27 – 1º Trim. 1992
O Cultinho – Volume 6 (7 a 10 anos)	Redijo – Gráfica e Editora	1993

⁹¹ Redijo – gráfica e Editora LTDA foi uma gráfica que chamou a atenção pelo volume expressivo de materiais impressos, teve origem no estado de São Paulo, Brasil. Em buscas feitas na Web, percebeu-se que ela não existe mais e nas entrevistas-piloto, foi citado que esse material foi de outra denominação religiosa e/ou foi uma gráfica que pode ter sido contratada pela IELB para a publicação de materiais.

	LTDA	
É Fácil Fazer – Transparências para retroprojeter – slides, cartazes, letras, fantoches, tintas (Elizabeth Pereira Dancuart)	Redijo – gráfica e Editora LTDA	1993
O Jornalzinho do Professor da Escola Dominical – IELB	-	Ano 9 – Nº 32 – 2º Trim. 1993
O Jornalzinho do Professor da Escola Dominical – IELB	-	Ano 9 – Nº 33 – 3º Trim. 1993
Apostila com diferentes orientações e histórias bíblicas	Organização da professora	Sem data
Livro Figuras e Trabalhos Manuais (Suplemento de Falemos de Cristo aos pequeninos – Volume G)	Redijo – gráfica e Editora LTDA	Sem data

Organização: autora, 2022.

Apêndice D – Materiais documentais da Escola Dominical disponíveis no Instituto Histórico da IELB.

TÍTULO / CARACTERIZAÇÃO	EDITORA	ANO
Boletim: 11ª convenção mundial de Escola Dominical	-	1932
Revista da Escola Dominical	Ano 1 – nº 1	1950 - 1º trimestre -
Caderno com diferentes exemplares da revista “Story Time” (Material em inglês)	Printed in U.S.A	1959 - 1960
O Jornalzinho do Professor da Escola Dominical – IELB	Todos os exemplares	1985 - 1994
Lições Concórdia para Escola Dominical – diferentes exemplares – Nº 1 – 20	Casa Publicadora Concórdia S.A.	1964
Revista “ensinemos”: A revista de ajuda prática para a Escola Dominical – nº 14 (outubro, novembro e dezembro)	Editora Luz do Evangelho	1974
Manual Escola Bíblica Dominical – Edição para líderes – Cathryn Smith	JUERP	1984
Lições Concórdia para Escola Dominical – Título original “Life in Christ” – tradução de Elmer Roll	Concordia Publishing House	1984
Livro Ensina a Criança – volume 2 – Novo Testamento – Bertha Wilbretch Tradução Irma Flor.	Concórdia Editora	1986
Livro: Filosofia Luterana da Educação – Allan Hart Jashmann – Tradução Martinho Hoffmann	Concórdia Editora Ltda	1987
Guia de Currículo para Ensino Religioso e Escola Dominical – 1ª a 8ª série do primeiro grau - tradução de Elmer Roll	Concórdia Editora Ltda	1990 - 1ª edição
Auxílios para educação cristã Nº 6 – Encontros com Jesus – Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil	Editora Gráfica Metrópole S.A	1990
Apostila: Socorro, Eu não sei desenhar! Modelos que ajudam a ilustrar os templos bíblicos – Sheila Pigrem	Augsburg Publishing House, Minnesota, USA. (material traduzido)	1991
Livro: Amor em Ação – Manual do Professor – DaleGriffin	Concórdia Editora	1992
Apostila do Seminário de Líderes da Escola Dominical	-	1998 - Linhares, ES.
Livro: Com Jesus auxílios para a Escola Dominical – diferentes exemplares	Concórdia Editora	2000 (anos 2000)
Apostila: A Igreja Cristã	-	-
Apostila: O material didático na Escola Dominical – autora Silvana Lehenbauer	-	
Apostila: Como ensiná-los Manual para Escola Dominical – autoria de Oscar e Silvana Lehenbauer	-	-
Edições Luz do Evangelho	-	-
Livro: o bom professor: curso de treinamento para professores da Escola Dominical – Bill Keyes	-	-
Livro: Administrando a sua Escola Dominical: para pastores, supervisores e líderes de em educação cristã. Dale Griffin – Tradução de Irving Hoppe	Concordia Publishing House	-
Diferentes materiais em inglês – sem tradução	-	-

Organização: autora, 2022.

Apêndice E – Quadros dos Blocos temáticos de trabalhos encontrados no momento da Revisão de Literatura.

Escola Dominical na Assembleia de Deus					
Site de Busca	Tipo de documento	Título do trabalho	Autor(a)	Ano de publicação	Área de estudo
Revista Brasileira de História das Religiões – Portal de Periódicos da Capes (artigo)	Artigo	RELIGIÃO E NEGAÇÃO DA MODERNIDADE: A LEITURA FUNDAMENTALISTA DA BÍBLIA NAS REVISTAS DE ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL DA ASSEMBLÉIA DE DEUS	Bertone de Oliveira Sousa.	2010	Religião
Banco de Teses e Dissertações da Capes	Dissertação	TEMAS BÍBLICOS NA ESCOLA DOMINICAL DA IGREJA ASSEMBLÉIA DE DEUS (2000 – 2009): AVALIAÇÃO TEOLÓGICA E PERSPECTIVAS'	Walter Nei Pereira.	2011	Teologia / Faculdades EST.
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Dissertação	PRÁTICAS DE LEITURA EM RELIGIÃO: A ARTICULAÇÃO ENTRE O CONSUMO DA “PALAVRA” E A PRODUÇÃO DE SUJEITOS LEITORES ASSEMBLEIANOS	Daniela Medeiros de Azevedo.	2008	Educação
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Dissertação	A ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL ATUANDO NA PROEVENÇÃO DO HIV/AIDS: UM ESTUDO A PARTIR DA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS	Sonia Carvalho de Santana.	2012	Teologia
Google acadêmico	Dissertação	EDUCAÇÃO CRISTÃ NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS: UMA ANÁLISE DA ESCOLA DOMINICAL A PARTIR DA PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE	Jean Érique Pereira De Deus	2018	Ciências da Religião.
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Tese	“[...] SERÁ ESSA PRÁTICA DE LEITURA E ESCRITA RELACIONADA AOS CONHECIMENTOS DA BÍBLIA? [...]”: CARACTERÍSTICAS E CONTRIBUIÇÕES DO LETRAMENTO	Antonio Valbert Alves Silva.	2020	Linguística aplicada

		RELIGIOSO NA ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL			
--	--	---	--	--	--

Escola Dominical na Igreja Metodista					
Site de busca	Tipo de documento	Título	Autor (a)	Ano de publicação	Área de estudo
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Dissertação	EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E O MOVIMENTO METODISTA: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DA ESCOLA DOMINICAL	Rute Bertoldo Vieira Moraes.	2012	Educação
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Dissertação	RELIGIÃO E SEXUALIDADE: ESTUDO DE CASO SOBRE A PRESENÇA OU AUSÊNCIA DE PRÁTICAS EDUCACIONAIS VOLTADAS PARA A SEXUALIDADE INFANTIL NAS IGREJAS METODISTAS DO ABC	Kelly Bueno de Aquino.	2012	Ciências da Religião
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Dissertação	A LEITURA E A ESCRITA COMO PRÁTICA RELIGIOSA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE CRIANÇAS E ADULTOS PERTENCENTES À IGREJA METODISTA	Fabio Fetz de Almeida.	2009	Educação
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Dissertação	ADOLESCÊNCIA, ESCOLA DOMINICAL E EDUCAÇÃO: PERSPECTIVAS DE UM NOVO PROCESSO	Jorge Wagner de Campos Freitas.	2006	Ciências da Religião

Abordagens sobre Escola Dominical no Luteranismo					
Site de busca	Tipo de documento	Título	Autor (a)	Ano de publicação	Área de estudo
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Tese	A REVISTA "O PEQUENO LUTERANO" E A FORMAÇÃO EDUCATIVA	Patrícia Weiduschadt	2012	Doutorado em Educação

		RELIGIOSA LUTERANA NO CONTEXTO POMERANO EM PELOTAS- RS (1931-1966)			
Revista de Teologia do Seminário Concórdia	Artigo	O ENSINO CRISTÃO PARA CRIANÇAS DE 3 A 7 ANOS NA ESCOLA BÍBLICA UM DIÁLOGO ENTRE A TEOLOGIA E A PEDAGOGIA À LUZ DAS FASES DO DESENVOLVIMENTO HUMANO	Anselmo Ernesto Graff, Dion Albach,	2020	Revista Luterana
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Dissertação	FORMAÇÃO CONTINUADA DE EDUCADORES CRISTÃOS VIVENDO A FÉ CRISTÃ NO CULTO INFANTIL	Marilze Wischral Rodrigues	2007	Teologia

Escola Dominical em outras igrejas protestantes					
Site de busca	Tipo de documento	Título	Autor (a)	Ano de publicação	Área de estudo
Google acadêmico - Revista da FAEEDBA	Artigo	A ESCOLA DOMINICAL PRESBITERIANA: DISSEMINAÇÃO DE SABERES E PRÁTICAS EDUCATIVAS	Ester Fraga Vilas-Bôas, Carvalho do Nascimento, Nicole Bertinatti.	2011	Educação
Revista Brasileira de História das Religiões	Artigo	AS MULHERES PROTESTANTES: EDUCAÇÃO E SOCIABILIDADES	Elizete da Silva,	2015	História das Religiões
Banco de Teses e Dissertações da Capes	Dissertação	ESCOLA DOMINICAL: HISTÓRIA E SITUAÇÃO ATUAL	André Luiz Ramos	2013	Ciências da Religião